

UNIVERSIDADE DA REGIÃO DE JOINVILLE - UNIVILLE
MESTRADO EM PATRIMÔNIO CULTURAL E SOCIEDADE

“UMA PROFESSORA COMO EU”: NARRATIVAS SÁFICAS EM SALAS DE AULA
COMO PATRIMÔNIO CULTURAL

“A TEACHER LIKE ME”: SAPPHICS CLASSROOM NARRATIVES AS CULTURAL
HERITAGE

“UNA PROFESORA COMO YO”: NARRATIVAS SÁFICAS EN EL AULA COMO
PATRIMONIO CULTURAL

BIANCA BEATRIZ LOURENÇO MELATTO

ORIENTADORA: PROFESSORA Dra. RAQUEL ALVARENGA SENA VENERA

COORIENTADOR: PROFESSOR Dr. DIEGO FINDER MACHADO

JOINVILLE - SC

2024

BIANCA BEATRIZ LOURENÇO MELATTO

“UMA PROFESSORA COMO EU”: NARRATIVAS SÁFICAS EM SALA DE AULA
COMO PATRIMÔNIO CULTURAL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Patrimônio Cultural e Sociedade da Universidade da Região de Joinville, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Patrimônio Cultural e Sociedade, sob orientação da professora Dra. Raquel Alvarenga Sena Venera e coorientação do professor Dr. Diego Finder Machado.

Joinville - SC
2024

Catalogação na publicação pela Biblioteca Universitária da Univille

M517p	Melatto, Bianca Beatriz Lourenço “Uma professora como eu”: narrativas sáficas em sala de aula como patrimônio cultural / Bianca Beatriz Lourenço Melatto; orientadora Dra. Raquel Alvarenga Sena Venera; coorientador Dr. Diego Finder Machado. – Joinville: Univille, 2024. 202 f. : il. Dissertação (Mestrado em Educação – Universidade da Região de Joinville) 1. Patrimônio cultural. 2. História oral. 3. Professoras lésbicas. 4. Educação I. Venera, Raquel Alvarenga Sena (orient.). II. Machado, Diego Finder (coorient.). III. Título. CDD 363.69
-------	--

Termo de Aprovação

“Uma professora como eu”: narrativas sáficas em salas de aula como Patrimônio Cultural”

por

Bianca Beatriz Lourenço Melatto

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Raquel Alvarenga Sena Venera
Orientadora (UNIVILLE)

Prof. Dr. Diego Finder Machado
Coorientador (UNIVILLE)

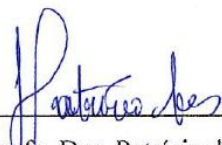
Profa. Dra. Solange Mostafa
(USP)

Prof. Dr. Vinícius Armiliato
(UNIVILLE)

Dissertação julgada para a obtenção do título de Mestre em Patrimônio Cultural e Sociedade, área de concentração Patrimônio Cultural, Identidade e Cidadania e aprovado em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade.



Profa. Dra. Raquel Alvarenga Sena Venera
Orientadora (UNIVILLE)



Profa. Dra. Patrícia de Oliveira Areas
Vice- Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade

Joinville, 24 de julho de 2024.

Dedico este escrito a queers que, assim como eu, não se encaixam na norma. Para as professoras sáficas. Para as que nunca foram ouvidas e para as que ainda serão.

Agradecimentos

Agradeço a Desire Rabello, minha esposa, que já esteve nos agradecimentos do meu TCE da graduação e permanece. E que assim seja, pois os próximos 80 anos ainda será pouco tempo ao teu lado. Agradeço-te por uma coisa (na verdade, muito mais): aguentar tanto por tanto. Noites, finais de semana e feriados, você esteve lá, ao meu lado enquanto eu digitava sem parar ou parava para divagar sobre o parágrafo que estava escrevendo. Nem mil "obrigadas" seriam suficientes.

Agradeço às minhas famílias, tanto meus pais pelo incansável estímulo para os estudos, como meus sogros pelo incansável cuidado com esta produção que segue. Sou a primeira a conquistar o título de mestra, mas sem a maestria deles, nada seria possível.

Agradeço a todas professoras que concederam-me a honra de ouvir as suas narrativas e dedicaram o seu tempo à minha pesquisa. Dedico-lhes esta dissertação. Escrevo para e sobre nós. Aliuscha Martins, Graziela de Sousa, Cintia Soares, Barbara Bublitz e Gabriela Alves: vocês são professoras inspiradoras, esses escritos são de vocês também e carrego um pouco de cada uma a cada vez que entro em sala de aula. Vocês são excelentes no ofício, tanto que me ensinaram muito em minutos de entrevistas. Sem vocês, tampouco seria possível essa dissertação.

Agradeço às minhas amigas que MUITAS vezes ouviram: "não posso, tenho que fazer coisas do mestrado" e mesmo assim continuavam me convidando para sair. Todos os momentos com vocês me davam mais energia para terminar esse texto. Então, "fourmigas": Ana, Evelyn, Lari e Yohanna: obrigada! Agradeço também ao mais amigo da minha esposa do que meu, Pedro Odainai, pelas diversas discussões não tão acadêmicas, porém essenciais, entre copos, risadas e palavrões.

Agradeço aos colegas das turmas, tanto a XV quanto a XVI. Ingressar na seleção de julho, dá o privilégio de participar de duas turmas. Mas oficialmente, Roberto, ingressante comigo, obrigada pelos conselhos, pela ajuda e pelas certezas que você trouxe.

Agradeço aos professores do programa por compartilharem admiráveis conhecimento e didática. Em especial, meus orientadores Raquel e Diego, pelas

sugestões e pelo cuidado ao lerem meus escritos, apresentando apontamentos sinceros, diretos mas respeitosos e cautelosos.

Agradeço aos integrantes da banca qualificadora professora Sirlei de Souza e professor Vinicius Armiliato, pela quase orientação coletiva e pelos apontamentos cruciais para que eu chegasse até aqui. Igualmente, aos professores da banca avaliadora, professora Solange P. Mostafa e professor Vinicius Armiliato, pela honra de avaliarem meu trabalho e experiência.

Agradeço a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, pela possibilidade de ser bolsista parcial, oferecendo um ensino gratuito em um curso *stricto sensu* e a oportunidade de uma professora (sáfica) assalariada concluir mais uma etapa da vida acadêmica.

Devemos olhar para nossas vidas e enxergar o que nelas há de melhor, o que há de torto (queer) e o que há de norma (straight) e mandar a norma à merda.

Manifesto Queer Nation

RESUMO

Esta dissertação está vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade na linha de pesquisa “Patrimônio, Memória e Linguagens”, alinhada também ao Grupo de estudos e Pesquisa “Subjetividades e (auto)biografias”. O objetivo da pesquisa foi investigar como as histórias de vida de professoras sáficas e suas identificações de gênero e sexualidade podem ser vetores de patrimônio cultural de um grupo, e dessa forma, investigar o patrimônio como vetor de memória e identificação. A metodologia utilizada nesta pesquisa se baseou-se na história oral de vida, com a criação de acervo empírico e estudo das narrativas dessas professoras. Para os documentos curriculares, a análise do discurso de Michel Foucault (1987) foi operada com fundamentação na teorias *queer* de Guacira Lopes Louro (2004) e Judith Butler (2015; 2019). A partir das reflexões sobre o currículo de Sandra Corazza (2001) e Tomas Tadeu da Silva (2011), buscou-se “estranhar o currículo” naquilo que se apresenta no documento. A pesquisa pode oferecer uma perspectiva a respeito da socialização das sexualidades e das identificações de gênero como algo comum às mulheres sáficas por meio do que foi narrado por cada uma delas e, da mesma forma, as diversas formas de expressar a sexualidade foram notadas. Buscou-se, por fim, entender as narrativas de professoras sáficas em salas de aula como patrimônio cultural deste grupo.

Palavras-chaves: patrimonialidades *queer*; currículo; patrimônio cultural; história oral; educação.

ABSTRACT

This dissertation is part of Master's Degree in Cultural Heritage and Society and is linked to the line of research entitled "Heritage, Memory and Languages", also aligned with the study and research group "Subjectivities and (auto)biographies". Part of a project that began during undergraduate degree in History and aims, in this work that follows, to investigate how the life stories of sapphic teachers and their identifications can be vectors of the cultural heritage of a group, and thus, in second instance, investigate heritage as a vector of memory and identification. As a second thematic axis, it is proposed to investigate the inclusion of the topic of sexuality in the policies of Curriculum Framework of Catarinense Territory. The methodology used in this research is based on oral life history, with the creation of an empirical collection and study of the narratives of these teachers. For the documents, the discourse analysis of Michel Foucault (1987) will be operated with the help of the queer theory of Guacira Lopes Louro (2004) and Judith Butler (2019). Based on reflections on the curriculum by Sandra Corazza (2001) and Tomas Tadeu da Silva (2011), the idea is to "queer the curriculum" in terms of what is presented in the document. The research can offer a perspective regarding the socialization of sexualities as something common to sapphic women through what was narrated by each of them and, in the same way, the different ways of expressing sexuality were noted. Finally, it's sought to understand the narratives of sapphic teachers in classrooms as a common heritage of this group.

Keywords: queer heritage; framework; cultural heritage, oral history, education.

RESUMEN

Esta disertación se enmarca en el Programa de Maestría en Patrimonio Cultural y Sociedad y está vinculada a la línea de investigación “Patrimonio, Memoria y Lenguas”, alineada también con el grupo de estudio e investigación “Subjetividades y (auto)biografías”. Parte de un proyecto que inició durante mi carrera de Licenciatura en Historia y que pretende, en el presente trabajo que sigue, investigar cómo las historias de vida de maestras sáficas y sus identificaciones pueden ser vectores del patrimonio cultural de un grupo, y así, en segunda instancia, investigan el patrimonio como vector de memoria e identificación. Como segundo eje temático, se propone investigar la inclusión del tema de la sexualidad en las políticas del Currículo Base del Territorio Catarinense. La metodología utilizada en esta investigación se basa en la historia de vida oral, con la creación de una recopilación y estudio empírico de las narrativas de estos docentes. Para los documentos, se operará el análisis del discurso de Michel Foucault (1987) con ayuda de la teoría *queer* de Guacira Lopes Louro (2004) y Judith Butler (2015; 2019). A partir de reflexiones sobre el currículo de Sandra Corazza (2001) y Tomas Tadeu da Silva (2011), la idea es “provocar el currículo” en términos de lo que se presenta en el documento. La investigación puede ofrecer una perspectiva respecto a la socialización de las sexualidades como algo común a las mujeres sáficas a través de lo narrado por cada una de ellas y, de igual manera, se notaron las diferentes formas de expresar la sexualidad. Finalmente, buscamos comprender las narrativas de docentes sáficas en las aulas como patrimonio común de este grupo.

Palabras-clave: patrimonio *queer*; currículo; patrimonio cultural; Historia oral; educación.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Primeira noite de rebelião em StoneWall.....	34
Figura 2 - Fachada do Ferro's Bar no dia da invasão.....	35
Figura 3 - Capa do folhetim ChanacomChana n. 3.....	35
Figura 4 - Primeira “Parada Gay” de São Paulo.....	36
Figura 5 - Banda da Maria Giriza.....	37
Figura 6 - Decreto 6192/2020 de Uberaba - MG.....	38

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	15
2. VETORES DE MEMÓRIAS: PATRIMÔNIOS <i>QUEER</i>.....	27
2.1. Uma professora como eu: identificações sáficas.....	27
2.2. Patrimonialidades queer e suas existências.....	32
2.2.1. Stonewall Inn.....	33
2.2.2. Ferro's Bar.....	34
2.2.3. Parada do Orgulho LGBT de São Paulo.....	35
2.2.4. Carnaval de Uberaba Patrimônio Cultural.....	37
2.3. O que dizem as patrimonialidades queer.....	38
3. CRIANDO PATRIMONIALIDADES <i>QUEER</i>: AS NARRATIVAS.....	40
3.1. Aliuscha Martins.....	41
3.2. Graziela de Sousa.....	42
3.3. Cintia Soares.....	43
3.4. Barbara Bublitz.....	44
3.5. Gabriela Alves.....	45
3.6. Patrimônio cultural das professoras sáficas.....	46
3.6.1. Viver na cidade.....	46
3.6.2. Viver a sexualidade.....	49
3.6.3. Por que professora?.....	53
3.6.4. A sala de aula.....	56
4. CONSTRUÇÃO DE MEMÓRIAS SOCIAIS EM UM CURRÍCULO DE ENSINO FUNDAMENTAL.....	59
4.1. Currículo e Cultura escolar: uma aproximação possível.....	59
4.2. A ordem do discurso na cultura escolar.....	68
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	76
REFERÊNCIAS.....	80
APÊNDICE A - Roteiro semiestruturado de Entrevista Oral.....	88
APÊNDICE B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido de Aliuscha Martins.....	90
APÊNDICE C - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido de Graziela de Sousa.....	92

APÊNDICE D - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido de Cintia Soares.....	94
APÊNDICE E - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido de Barbara Bublitz.....	96
APÊNDICE F - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido de Gabriela Alves.....	98
APÊNDICE G - Entrevista com Aliuscha Martins.....	100
APÊNDICE H - Entrevista com Graziela de Sousa.....	123
APÊNDICE I - Entrevista com Cintia Soares.....	149
APÊNDICE J - Entrevista com Barbara Bublitz.....	167
APÊNDICE K - Entrevista com Gabriela Alves.....	182
ANEXO 1 - Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa....	199
ANEXO 2 - Termo de Autorização para Publicação de Teses e Dissertações.....	202

1. INTRODUÇÃO

Essa dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade, da Universidade da Região de Joinville, está vinculada à linha de pesquisa Patrimônio, Memória e Linguagens e surge a partir de um projeto desenvolvido na disciplina História e História Oral, ministrada pelas professoras Ilanil Coelho, Sirlei de Souza e Daniela Pistorello na Universidade da Região de Joinville - Univille, durante o quinto ano da graduação em História. A proposta em questão se debruçou nos estudos das histórias de professoras, mulheres, sáficas, que atuam em sala de aula e como se dão as interações no ambiente escolar, bem como a interação entre todos os sujeitos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem. Interdisciplinarmente, é notório como as histórias de vida são parte da vivência humana, transformando-a em algo comum a todos, o que aponta para a necessidade de um estudo continuado devido aos novos problemas que a pesquisa apresentou durante o estudo da disciplina. Por se tratar de um aprofundamento desse projeto, a dissertação aqui apresentada teve seu início marcado pela doação de uma entrevista oral de história de vida, transcrita e sistematizada pela autora. As aspas no título fazem menção a uma situação vivenciada e relatada pela professora entrevistada, quando uma aluna disse jamais ter imaginado que teria como professora uma mulher sáfica, da mesma forma como ela se entende. Houve uma identificação com o posicionamento dessa professora em sala de aula, o que promoveu um espaço seguro para que houvesse esse diálogo. Então reflete-se: se partindo dessa identificação, essa aluna se apropria desse lugar, de mulher sáfica, gerando uma identificação em outra mulher sáfica, com referência a essa professora – em sua memória – cria-se então um ciclo de identificação e memória. Ainda, é na narrativa de memórias que pode-se ter o início da discussão democrática sobre uma comunidade, pois apresenta diálogo com todos os grupos, sejam eles *queer* ou não. O processo identificatório torna essa professora uma referência e mostra a ocupação desses espaços e posições por mulheres sáficas.

Isso mostra a potência de identificação que uma professora pode ter em relação aos estudantes que, de alguma forma, divergem das normas de gênero e sexualidade. Assim, as narrativas se tornam potências de memórias e identidades. A

história oral se apresenta como uma metodologia capaz de evidenciar justamente esses conceitos pois dá atenção aos “silenciados” da história e suas maneiras de ver e sentir (FRANÇOIS, 2006, p.4).

De acordo com Delory-Momberger (2014, p. 276):

Os arquivos orais, que a gravação dessas palavras vivas permitia construir, contribuíram para reforçar a noção de memória coletiva, entendida não mais como memória nacional, mas como memória de um grupo, de uma categoria determinada.

Então pode-se afirmar que quando as memórias são organizadas nessas narrativas, se desdobram em patrimônios. Para Hartog (2006), “o patrimônio se encontra ligado ao território e à memória, que operam um e outro como vetores da identidade [...]”.(HARTOG, 2006, p. 266). Aqui entende-se o uso da metodologia de história oral de vida como forma de articular esses conceitos, partindo da narrativa, elaborada por meio de uma entrevista, para estabelecer a ligação com a identidade e, por fim, como essas narrativas se constituem como patrimônios. Nesta pesquisa, a entrevista se divide em eixos temáticos para facilitar a compreensão das narrativas. Apresentam-se os seguintes eixos: formação educacional; sexualidade: processos de descoberta e socialização; ambiente de trabalho; relacionamento interpessoal com colegas de sala, responsáveis e comunidade escolar em geral. Considera-se importante também citar que as percepções e reflexões adquiridas e descritas a respeito da metodologia são oriundas de pesquisas de iniciação científica realizadas nos três primeiros anos da graduação, onde utilizou-se da história oral de vida como principal fonte de interpretação. Atuação de suma importância que impacta diretamente na forma como se trabalhou na proposta apresentada, uma vez que há um conhecimento prévio sobre a metodologia abordada¹.

Por fim, destaca-se que o potencial que histórias de vida têm enquanto patrimônio não se inicia no que aqui é discorrido, impossibilita uma conclusão e, então, abre novos caminhos para novas pesquisas. Desta forma, nesta dissertação buscou-se desenvolver mais profundamente partindo da perspectiva de como histórias de vidas de professoras sáficas podem se expressar como patrimônio da sociedade, com base nas memórias e identificações. É necessário pontuar que o

¹ As pesquisas de iniciação científica mencionadas se referem aos estudos elaborados pela autora em 2018 e 2019, também surgiram dos estudos do Grupo de Pesquisa Subjetividades e (auto)biografias. Se intitulam, respectivamente: Histórias de Vida, auto formação e busca pelo conhecimento; e Histórias de Vida, subjetividade e autoconhecimento.

patrimônio cultural está na possibilidade de apresentar-se disponível em múltiplas dimensões sociais, políticas e culturais.

As sujeitas das entrevistas são professoras sáficas, para isso, se faz válido conceituar o termo “sáficas”. Laura Doan e Jane Garrity (2006) afirmam que “o termo ‘sáfica’, de acordo com o Dicionário Oxford de Inglês denota que são mulheres que ‘têm interesse sexual em outras mulheres’ ou quem se envolve em ‘relações homossexuais entre mulheres’.”. O vocábulo remonta à região e época da Grécia Antiga, especialmente ao que se refere a Ilha de Lesbos (que origina o termo “lésbica”) onde viveu a poetisa Safo conhecida pelos poemas eróticos e suas relações com outras mulheres:

Sobre Sappho

Sappho, pelo nascimento, era lesbiana, da cidade de Mitylene; seu pai foi Scammáandro, ou, segundo outros, Skamandronymos; ela teve três irmãos, Erýgios e Lárikhos, o mais velho, Kháraxos, que partiu para o Egito ligando-se a uma certa de Dórikha, gastando largas somas com ela. Preferia o jovem Lárikhos. Teve uma filha, Kleís, que levava o nome de sua mãe. Foi acusada, por alguns, de ser irregular em seus caminhos e amante de mulheres. Parece que tinha um físico ordinário e muito feio, de tez escura e de estatura muito pequena. (Tradução: Fontes, 2003: 121-122.) (LEITE, p. 566, 2017).

A opção por esse termo se deu tendo em vista a abrangência e diversidade da pesquisa, não limitando apenas a um público, apesar de apresentarem demandas divergentes. A escolha da categoria professoras da educação básica dialoga diretamente com a forma como as educadoras são vistas perante à sociedade, como referências ou exemplos, e, eventualmente, agentes de identificação. Da mesma forma, entende-se a escola como um espaço que é responsável por abrigar diversidades, o que não é diferente quanto ao corpo docente. Há de se pontuar que vive-se em uma sociedade onde a heterossexualidade é atribuída à norma, que supõe-se a sexualidade, identidade de gênero e desejo, onde as minorias *queer* são silenciadas e segregadas do espaço comum, o que fundamenta, mais uma vez, a existência dessa pesquisa.

Por fim, levanta-se o silenciamento de existências *queer*. Há uma ausência de fontes históricas de pessoas *queer*, pois socialmente são vidas encobertas. Devido a esse fato, as narrativas têm sido sempre contadas como minorias e exceções. Como consequência desse processo de exclusão, surge uma ausência de naturalidade social, de estar conforme a norma, para essa existência e, portanto, ausência de

patrimônios, que materializam e sirvam de vetores para essas memórias e identidades. As pesquisas que se desdobram sobre o tema que aqui se apresenta encontram-se principalmente no campo da educação, voltadas especialmente para as experiências de professores *queer* em salas de aula e subjetivação dos corpos desses profissionais.

Nesta dissertação, opta-se por usar a palavra *queer* em detrimento do acrônimo LGBTQIAP+², tendo em vista as críticas vindas da teoria escolhida, afirmando que por seu tratamento de várias identidades; - outro conceito criticado - traz vivências distintas porém agrupadas na mesma sigla, inviabilizando as diferenças. Dessa forma, opta-se pelo uso da palavra *queer*. Os conceitos que esbarram nas teorias *queer* são os que dizem respeito a noção de identidade natural do que é “homem” e do que é “mulher” e no que está atrelado às práticas sexuais. O termo “*queer*” é uma forma de subverter os limites que dada identidade impõe ao um corpo, questionar o que é posto dentro de categorias e avançar sobre as barreiras que impedem a sexualidade de ser exercida livremente. Ainda que passível de crítica³, Butler afirma que: “Não se trata de um argumento contra o uso de categorias identitárias, mas de um lembrete dos riscos de cada um de seus usos.” (BUTLER, 2019, p. 374.).

Este termo, *queer*, que foi anteriormente usado como uma forma de insulto, para designar o estranho, excêntrico, foi subvertido pelo movimento homossexual, na década de 1980, como sinônimo dos questionamentos sobre as imposições das performatividades de gênero como: o homem, a mulher, o homossexual, o idoso, o jovem, a travesti etc; e as dualidades normativas, ou isso ou aquilo como: gênero/sexo; masculino/feminino; hetero/homo; normal/patológico; natureza/cultura, etc. Durante a “Parada Gay de Nova Iorque” em 1990, a organização *Queer Nation*⁴ elaborou e colocou em circulação um manifesto *queer*. Esse manifesto foi traduzido e publicado no Brasil no Festival do Filme Documentário e Etnográfico - Fórum de

² Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Transgêneros, Travestis, *Queer*, Intersexo, Assexuais, Panssexuais. O símbolo “+” inclui sexualidades que não se incluem na narrativa heterossexual pré-estabelecida. Ainda que criticado, é válido ressaltar que a existência do acrônimo é importante pois traz reconhecimento das diversas formas de se expressar a sexualidade, garantindo direitos até então negados a esta parcela da população.

³ Butler entende a identidade como um processo contínuo que expressa a forma como o indivíduo se expressa no mundo, diferente do caráter determinista e construído com começo, meio e fim.

⁴ Essa organização foi fundada com apoio da ACT UP, organização que tem objetivo de combater o vírus HIV e a pandemia da AIDS. Visa lutar pelos direitos de pessoas *queer* especialmente devido à alta violência que a população vinha sofrendo nas décadas de 1980 e 90 nas ruas estadunidenses.

Antropologia e Cinema de Belo Horizonte, MG, em 2016. Justifica-se, então, o uso do termo *queer*:

E para algumas, “queer” evoca aquelas terríveis memórias do sofrimento vivido na adolescência. Queer. Na melhor das hipóteses, a palavra é agridoce e extravagante, na pior, frustrante e dolorosa. “Não poderíamos simplesmente dizer ‘gay’? A palavra é muito mais radiante.” [...] Usar “queer” é uma maneira de lembrarmos como somos percebidas pelo resto do mundo. É uma maneira de dizermos que não precisamos ser pessoas empolgadas e charmosas, que levam suas vidas discretamente e à margem do mundo hétero. Usamos queer como homens gays que amam lésbicas e lésbicas que amam ser queer. Queer, ao contrário de gay, não significa macho. (FORUMDOCBH, 2016, p. 10)

A ideia de que *queer* não significa “gay” é reforçar que não se trata de uma identidade, e sim da forma como a norma é posta em cheque por um grupo que, em essência, busca subverter as normas. A existência de pessoas que provocam os limites do binarismo de gênero revela que somente a presença em certos espaços pode ser entendida como uma forma de resistência. Para Butler (2019), gênero se trata de uma denominação que nos é dada imperativamente ao nascer. Por exemplo: a exclamação “é uma menina!” precede qualquer ato performativo, mas é responsável pela forma corporal que uma feminilidade é construída, ainda que nunca seja inteiramente alinhada à norma.

Para associar as histórias de vida ao valor patrimonial cultural que as narrativas denotam, os estudos especialmente de Michael Pollak (1989) e Paul Thompson (2006) se fazem altamente necessários, onde os autores defenderam as histórias de vidas como patrimônio da humanidade e conceituando as memórias subterrâneas, dessa forma, o valor patrimonial passa então a residir no que é comum a todos os sujeitos; – a experiência humana, como a capacidade de linguagem, de adquirir conhecimentos –, e identificar-se num grupo, que cria uma cultura através da transmissão de memórias, estas que se mostram narradas na metodologia. Narrativas representam pessoas, grupos, lugares e escolhas, isso oferece às fontes orais um grau de complexidade pois lidam com subjetividades e ficam à mercê da memória e do esquecimento, bem como compreensão de vivências, experiências e disputas. Utilizar essas narrativas como fonte principal para pesquisa abre espaço para muitas possibilidades de compreensão. Partindo desse ideal, é necessário pensar que quando narradas, as histórias de vida passam, propositalmente ou não, por uma seleção. O que lembrar? O que esquecer? O que

privilegiar? E por quê?

É ainda sob a perspectiva de narrativas como memórias que Pollak (1989) e Benjamin (2012) fundamentam a pesquisa em questão. Eles apontam que ao experienciar situações traumáticas, a arte de narrar se acaba, perde-se a voz. Então pode-se dizer que há memórias que são passíveis de serem acionadas por determinados grupos e sujeitos de acordo com determinadas situações. Conforme disse Benjamin (2012): “Não existem, nas vozes a que agora damos ouvidos, ecos de vozes que emudeceram?” (BENJAMIN, 2012, p. 141). Entrevistar mulheres que se relacionam com outras é uma das formas de ouvir os ecos das vozes destas que se emudeceram, ou melhor, foram emudecidas, em outros contextos. Essa perspectiva se aproxima com as produções de Michael Pollak (1989), principalmente no contexto de memória subterrânea. Segundo o autor, “A memória entra em disputa. Os objetos de pesquisa são escolhidos de preferência onde existe conflito e competição entre memórias concorrentes” (POLLAK, 1989, p. 03), isso torna possível uma pesquisa seguindo pela metodologia da história oral. É necessário ressaltar que essa disputa se dá entre os grupos dos vencidos, memória coletiva subterrânea da sociedade civil dominada e dos vencedores, uma sociedade majoritária que o Estado deseja impor, à caráter de exemplo nessa pesquisa, heteronormatividade. Para tratar das memórias subterrâneas e que relacionam-se com temáticas da sexualidade, Pollak (1989) apresenta um caso específico que remonta aos anos pós-guerra:

Uma pesquisa de história oral feita na Alemanha junto aos sobreviventes homossexuais dos campos comprova tragicamente o silêncio coletivo daqueles que, depois da guerra, muitas vezes temeram. que a revelação das razões de seu internamento pudesse provocar denúncia, perda de emprego ou revogação de um contrato de locação. Compreende-se por que certas vítimas da máquina de repressão do Estado-SS - os criminosos, as prostitutas, os "associais", os vagabundos, os ciganos e os homossexuais - tenham sido conscienciosamente evitadas na maioria das "memórias enquadradas" e não tenham praticamente tido voz na historiografia. (POLLAK, 1989, p. 11).

A pesquisa apresentada pretende apontar inicialmente a seguinte problemática: de que forma as histórias de vida de professoras sáficas podem indicar uma expressão de patrimonialidades a partir da narrativa de memórias subterrâneas (POLLAK, 1989)? A relação que se estabelece com Benjamin (2012) e sua tese das vozes emudecidas justifica como a história oral pode ser a metodologia que melhor

se aplica ao tema estudado, pois usa das memórias subterrâneas, característica presente nas narrativas, tendo em vista a disputa que a mobilização de memórias e narrativas se põe, principalmente como oposição ao oficial. Isso é fundamental pois apresenta possibilidades para que a disputa da memória se faça presente também pelos sujeitos que não possuem o mesmo poder.

Busca-se, também, entender a relação nos ambientes escolares e nas salas de aulas, sendo parte de uma cultura de grupo construído por meio de memórias que geram reconhecimento e identificação. Ainda, questiona-se: as identificações que professoras sáficas podem apresentar em sala de aula representa parte de uma cadeia de identificações culturais de um grupo? De forma geral, as memórias desse grupo são silenciadas, esse silêncio impede que haja representações e existência entre outros grupos, se tornam memórias subterrâneas (POLLAK, 1989). Há de se pontuar que a ausência de memórias surge na ausência de fontes, a ausência de fontes se pauta na falta de narrativas de memórias desse grupo. Portanto, busca-se problematizar, partindo da noção de patrimônio como vetor de memória e identificação, a ausência ou a presença de patrimonialidades *queer* em representações institucionais ou não.

Ainda, o Estado busca passar e impor a imagem de uma memória coletiva organizada e então busca estabelecer fronteiras, o indizível e o inconfessável, separando grupos minoritários, em específico nesta pesquisa mulheres que se entendem parte da comunidade *queer*, em memórias coletivas subterrâneas da sociedade civil dominada. Dessa forma, trabalhar com história oral é necessário devido ao enquadramento de memórias, uma vez que o sujeito pesquisado busca controlar as memórias, contradições e tensões entre lembranças pessoais e imagem oficial. Faz-se necessário estudar como as memórias coletivas são construídas, reconstruídas e desconstruídas, de cima para baixo. Partindo das memórias individuais, se mostram os limites do enquadramento, deixando claro que um trabalho que se dedica aos estudos da memória, é também um estudo da organização social da vida. Contudo, há um problema: as memórias clandestinas inaudíveis, quando invadem o espaço público e saem do “não-dito”, questionam a credibilidade, aceitação e organização das memórias oficiais. O narrar da comunidade *queer* pode ser visto como uma forma de ameaça? Como a narrativa torna-se disputa no momento que se busca legitimar o discurso?

Quanto ao narrar, Butler alerta que o ato de relatar a si mesmo é, intrinsecamente ligado à construção social dos sujeitos:

Quando o 'eu' busca fazer um relato de si mesmo, pode começar consigo, mas descobrirá que esse 'si mesmo' já está implicado numa temporalidade social que excede suas próprias capacidades de narração; na verdade, quando o 'eu' busca fazer um relato de si mesmo sem deixar de incluir as condições de seu próprio surgimento, deve, por necessidade, torna-se um teórico social. (BUTLER, 2015, p. 18).

Desde a infância são impostos papéis de gênero altamente influenciadores que partem, em sua maioria, do binarismo considerado natural que, embora por vezes não pareça, foi construído. A cobrança por feminilidade surge desde a infância, o que passa a gerar um desconforto que só é relacionado anos depois. Grande parte das referências sociais que se apresentam nas mídias se voltam a norma heterossexual também, portanto a metodologia utilizada de história oral de vida se justifica, uma vez entendendo o eixo sexualidade como presente na vida humana, que pode ser construído, desconstruído, reconstruído, afastando-se da história temática, onde o foco se daria em apenas na abordagem dos momentos em que a entrevistada entra em sala de aula. As imposições sobre um corpo antecede qualquer possibilidade de memória, o corpo pode ter recordações que não são narráveis, traduzindo dessa forma a imposição de papéis de gênero na infância. É necessário também levantar o processo de identificação, que se mostra sob as memórias que são selecionadas pela narradora.

Parte da problemática da pesquisa se debruça sobre os estudos de investigação em como essas histórias de vida de professoras sáficas se mostram como forma de valor patrimonial cotidiano ao invés de excepcional. Como há algo que perpassa as sujeitas dessa pesquisa: a experiência de ser uma mulher, professora, atuante na educação básica e que se relaciona com outra mulher, sendo possível ser narrada através da metodologia da história oral de vida.

Outra parte que busca-se compreender é o pressuposto indicador de que há uma espécie de cadeia de identificações. Esses reconhecimentos se concebem ao mesmo tempo que a memória desses processos os fundamenta. Em um segundo momento, considera-se possível que a posição apropriada pela professora possa gerar um movimento de identificação nos estudantes, que gere mais justiça, indiferente das identificações, sexualidades e desejos. Trata-se de expandir a visão

para futuras existências para todos. A ocupação deste lugar por essa professora, é sinal de resistência, transforma e naturaliza socialmente as existências semelhantes. Cogita-se que surge dessa forma uma cultura de um grupo, composto a partir da memória em comum, o que torna os estudos sobre identificação e memória indispensáveis.

De forma geral, a pesquisa pretende desenvolver-se em variadas esferas que transitem entre noções de patrimônio e memória. A utilização da metodologia da história oral proporciona um potencial amplo de investigação quanto ao se tratar de individualidade, uma vez que cada sujeito narra a si próprio. No entanto, é de suma importância explicitar que este mesmo processo pode se manifestar como o valor cultural que o patrimônio evidencia e é sob esta perspectiva que o problema da pesquisa se desenvolve. Uma narrativa de vida mesmo que individual está sempre articulada a seus vínculos sociais coletivos.

Quanto ao que se refere à identificação, é válido ressaltar que a identidade se refere a um grupo de pessoas que, através de semelhanças e coisas em comum, se identificam entre si e se diferenciam de outros. Para tal, Cláudia Costa (1998), estudiosa feminista, aponta que é a partir da construção dessas identidades que, concomitantemente, aumenta-se o consumo e a demanda pelas diferenciações, também promovido pelas identificações.

Além disso, à luz da expansão e difusão do consumo e de suas demandas por diferenciação e por marcadores estilísticos da diversidade, as identidades *drags*, lésbicas e homossexuais se tornaram mercados potencialmente lucrativos. Nesse contexto, o “corpo, resistente ou não, é mais frequentemente subvertido pelo sexismo e pelo racismo do que subversor destes”. (COSTA, 1998, p. 72).

Isso expõe a mercantilização das diferenças, ou seja, há uma versão neoliberal do multiculturalismo, em que as diferenças viram mercadorias a serem consumidas

Memórias são vivências e experiências, a narração é o ato de dar voz e evocar os ecos para invadir o espaço público e assim, legitimar as vivências *queer* das professoras. A pesquisa visa investigar como as histórias de vida de professoras sáficas e suas identificações podem ser vetores de patrimonialidades e como isso se relaciona dentro nas salas de aulas com uma cultura construída através de memórias que geram, ou não, identificações, ou aversões de acordo com o grupo

em que se fala, levando em consideração que a sala de aula é lugar de mediação, sendo a existência e lugar de atuação dessa professora o que oportuniza situações para reflexões sobre a temática.

Sugere-se ainda a hipótese de que a ausência de patrimônios fortalece a ausência de visibilidade de existências, sendo assim, a construção das narrativas das memórias, juntamente com o estudo dos usos não-institucionais dos espaços da cidade, surge neste projeto visando dar visibilidade para as vozes e memórias, para que posteriormente seja possível a criação dessas patrimonialidades *queer*. Dessa forma, alguns passos são fundamentais para que se chegue ao que foi argumentado acima, buscando realizar uma investigação sobre o patrimônio como vetor de memória e identificação dentro da temática da pesquisa, sendo assim problematizar as patrimonialidades *queer* que se mostram presentes. Para justificar uma vez mais:

- Entender ausência de existências (nas fontes) *queer*;
- Investigar a inclusão da temática sexualidade nas políticas de currículos (Base Nacional Comum Curricular e Currículo Base do Território Catarinense);
- Elaborar, armazenar e estudar histórias de vida de professoras sáficas através da metodologia da história oral;

Butler (2015) ainda sugere que “a exposição como operação da norma, constitui as condições de meu próprio surgimento como ser reflexivo, um ser dotado de memória [...]” (BUTLER, 2015, P. 55). Busca-se então pensar a memória como algo múltiplo, que se constrói no espaço social, comum, que promove identificação entre sujeitos de grupos, com a intenção de reconhecer nas narrativas os pontos de encontro que evidenciam o valor patrimonial residente no comum, no compartilhado, especialmente a identificação e vivência de professoras da educação básica que se relacionam com outras mulheres.

Esse espaço ocupado por elas é permeado por documentos oficiais que regem os conteúdos a serem ensinados. Como se tratam de professoras atuantes no estado de Santa Catarina, o objeto analisado é o Currículo Base da Educação Infantil e do Ensino Fundamental do Território Catarinense e aqui cabe contextualizá-lo. É um documento que se fundamenta na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) de 2017. O currículo foi aprovado por meio do parecer CNE/CP nº15/2017 e através da Resolução CNE/CP nº 2/2017 onde se institui e orienta a

implantação da Base Nacional Comum Curricular que passa a vigorar a nível nacional. A BNCC para ensino fundamental é um documento normativo, responsável pelo conjunto de aprendizagens essenciais a serem desenvolvidas durante as etapas da Educação Básica, dividida em: educação infantil, ensino fundamental e ensino médio; as áreas do conhecimento linguagens, matemática, ciências da natureza, ciências humanas e ensino religioso; os componentes curriculares língua portuguesa, arte, educação física, língua inglesa, matemática, ciências, geografia, história, ensino religioso. Com objetivo de desenvolver as competências específicas de cada componente curricular, é apresentado um conjunto de habilidades que por sua vez, estão relacionadas aos objetos de conhecimento – conteúdos, conceitos e processos –, organizados em unidades temáticas. A mesma resolução (CNE/CP nº 2/2017) também prevê que as instituições e redes de ensino alinhem seus currículos à BNCC, permitindo e orientando que cada unidade federativa possa adaptar o currículo de acordo com a história/geografia local. Desta forma, será analisado como os temas relacionados à sexualidade são apresentados e devem ser trabalhados nas escolas.

Torna-se essencial pensar em uma teoria do currículo que abranja também fundamentos da crítica. Ao tratar de teoria *queer*, pensa-se sobre a influência desta sobre o currículo, não como constituinte da temática da sexualidade, mas como epistemologia que obriga considerar o impensável, pensar de forma subversiva e irreverente, questionando os processos que definam o que é “normal” e “anormal”. Portanto, a utilização da teoria *queer* vai além da inserção dos conteúdos referentes à sexualidade. A pedagogia *queer* evita cair em mais um binarismo de heterossexual tolerante e homossexual tolerado, pois o objetivo é questionar estruturas do que considera-se correto e incorreto, moral e imoral, normal e anormal, buscando forçar os limites da epistemes dominantes, sendo o “desvio” que quer fazer a diferença no currículo.

De forma a conectar os conceitos de patrimonialidades com a vertente teórica *queer*, pensa-se que justamente por se tratar de uma corrente pós-identitária, a teoria *queer* questiona e tensiona as nomeações, pois são um campo de disputa e de exercício do poder, especialmente no contexto de negação do assujeitamento da heteronormativa compulsória e do binarismo de gênero. Nas palavras do teórico da educação Tomaz Tadeu da Silva (2001), “o termo *queer* funciona como uma

declaração política de que o objetivo da teoria queer é o de complicar a questão da identidade sexual e, indiretamente, também a questão da identidade cultural e social” (Silva, 2001, p. 105).

Os conceitos mobilizados sobre patrimônio se correlacionam com a redação do artigo 216, da Constituição federal de 1988, que dispõe sobre o patrimônio cultural brasileiro:

Art. 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

I - as formas de expressão;

II - os modos de criar, fazer e viver;

III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas;

IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;

V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico,

arqueológico, paleontológico, ecológico e científico. (BRASIL, 1988)

Especialmente no inciso primeiro, que trata das formas de expressão e no caso desta dissertação, da comunidade *queer*. É uma forma de identidade e memória de um grupo, que se insere no social. Este escrito tem como público alvo qualquer indivíduo que se interesse pelo tema, especialmente professoras sáficas.

Essa dissertação se organiza em três capítulos. No capítulo um, conceitos são apresentados e como seus significados serão mobilizados durante a escrita, relacionando com as noções de patrimônio e patrimonialidades *queer*, suas existências e memórias. O segundo capítulo se debruça sobre os estudos de currículos e construção de memórias a partir destes, como se formam, o que interessa ao currículo e a ordem do discurso que há nesse espaço. É reservado ao terceiro capítulo uma breve apresentação sobre as mulheres entrevistadas, a compreensão das narrativas advindas das entrevistas orais e seus desdobramentos, contando, também, em responder às questões e hipóteses levantadas durante a introdução e os capítulos anteriores, especialmente quanto ao valor comum dessas narrativas. O texto finaliza com algumas considerações finais que não intencionam concluir e encerrar o debate, mas proporcionar novas problematizações a partir do que foi produzido.

2. VETORES DE MEMÓRIAS: PATRIMÔNIOS *QUEER*

2.1. Uma professora como eu: identificações sáficas

É necessário contextualizar e conceituar alguns termos utilizados durante a escrita desse trabalho, visando atingir um maior grupo para que contribua efetivamente. Desta forma, como enunciado na introdução, o foco da pesquisa é em professoras mulheres sáficas que atuam nas escolas da educação básica catarinense. Portanto, utiliza-se do conceito de “mulher” a partir de Judith Butler (2019) com o conceito de performatividade. A mobilização do termo faz necessário compreender o que a filósofa entende por gênero e como os termos são pensados nos próximos capítulos. Primeiramente, “gênero” não se trata de uma característica inata, é parte de uma construção social e cultural, realizada por meio de atos repetidos e performativos. A Teoria *Queer* se baseia a partir destes conceitos e se apresenta como uma corrente pós-identitária, dessa forma, o gênero não é algo essencializado, é um constituir a identidade do que pretende ser, um fazer, um repetir de atos. Atos estes que foram, inicialmente, impostos culturalmente por uma série de atitudes regulatórias. Uma vez que o termo carece de uma definição inata, aproxima-se, portanto, o conceito de identidade de gênero à uma sequência de atos praticados, performados, ainda que não exista um ator (um performer) preexistente que os pratique. É nisto que performance e performatividade diferem, algo que pressupõe a existência de um sujeito, e performatividade (que não o faz).

Dito isso, as matrizes de inteligibilidade de gênero são as práticas culturalmente impostas como “masculinas” ou “femininas”. Aquelas práticas que porventura não se enquadram nesses comportamentos estabelecidos, são excluídas do que Butler chamou de “binarismo de gênero” (Butler, 2018). Esse termo designa como pessoas que seguem o modelo heterossexual se comportam e organizam suas vidas, numa perspectiva linear entre sexo e gênero, se definindo exclusivamente de acordo com o seu sexo biológico. De forma a fundamentar os conceitos mobilizados nesta dissertação, pensa-se a categoria de “mulher” como algo não predefinido, mas sim uma construção das ações e representações sociais. Para Butler, as normas de gênero são impostas pela sociedade e as pessoas desempenham papéis de gênero de acordo com essas normas, repetindo-os ao longo do tempo, se afastando da noção biológica de mulher cuja essência reside no conceito biológico.

Portanto, cabe também ressaltar a fluidez que as performatividades de gênero assumem. Justamente por não reconhecer uma essência no termo “mulher”, há um afastamento das categorias tradicionais em que o feminino e o masculino se encontram de forma binária, são construções performativas moldadas pelas normas de gênero da sociedade através de ações, comportamentos e expressões, variáveis em diferentes contextos e lugares. Judith Butler (2018) em “Problemas de Gênero” e com a teoria *queer* desafiou as noções tradicionais de identidade de gênero e de orientação sexual. Faz-se necessário pensar que esses construtos são essenciais para os debates que visam promover a aceitação da diversidade e a luta contra a discriminação, especialmente quanto às normas de gênero e sexualidade, questionando a imposição de uma heterossexualidade obrigatória e de identidades de gênero enquadradas em uma lógica binária.

Por não ser uma característica inata, mas sim uma série de atos repetidos que constroem a identidade de gênero, ela questiona a ideia de que existem apenas dois: o masculino e o feminino, destacando também a multiplicidade de identidades possíveis. Elabora a crítica sobre a suposição de que a heterossexualidade é a norma e todas as outras orientações sexuais são desvios. Devido a sua fluidez, essas categorias podem ser contestadas e subvertidas, evidenciando a importância da desconstrução das normas de gênero tradicionais e da abertura para uma variedade de identidades que vão além das categorias binárias tradicionais de masculino e feminino. Portanto, de acordo com Judith Butler (2018), a noção de “mulher” é uma construção performativa moldada pelas normas de gênero da sociedade

Para Judith Butler (2019), o conceito de “performatividade” é fundamental em sua teoria de gênero e identidade. Ela argumenta que essa identidade não é algo inato ou biologicamente determinado, mas sim uma construção social e cultural que é realizada através de atos repetidos de “performatividade”. Em outras palavras, as pessoas não nascem com uma identidade de gênero fixa, mas sim a constroem através de suas ações, comportamentos e expressões. Enfatiza, ainda, que a sociedade impõe normas e que as pessoas são socializadas desde cedo para se conformarem a elas. Essa perspectiva de “performatividade de gênero” desafia as noções tradicionais de identidade de gênero como algo fixo e natural, abrindo espaço para uma compreensão mais complexa e fluida das identidades e destacando a importância da liberdade de escolha e expressão de gênero.

Por aproximação, a partir de Jacques Lacan (1985), como semblante. Lacan aborda a questão da identidade de gênero e o papel da mulher em sua teoria psicanalítica fundamentando que a identidade de gênero é algo construído socialmente e que a mulher é definida em relação ao homem no contexto da linguagem e da cultura. Dessa forma, o conceito de "falo" é introduzido como um símbolo central na teoria, representativo do poder simbólico que é associado ao homem na sociedade. Por consequência, as mulheres são privadas do falo simbólico, gerando uma sensação de falta e uma busca pelo reconhecimento e validação desse "falo" nos relacionamentos com os homens. Além disso, Lacan (1985) explora a ideia do "Outro" como uma figura central na construção da identidade, conforme seus escritos a respeito do estágio do espelho, onde a identificação nasce no outro. De forma sucinta, afirma que uma criança de 6 meses passa a reconhecer seu corpo no espelho como sendo o de outra criança, a consciência de que se trata do seu próprio reflexo separa o Eu do Outro, porém esta certeza, para psicanálise lacaniana, é um engano. Trata-se de uma identificação com o ideal que está muito afastado da realidade e com o lugar de ser desejado por esse outro que impõe os parâmetros para o desejo. Associa-se a teoria apresentada com o tema pesquisado de duas formas: o reconhecimento parte de uma aluna para uma professora, ou seja, há uma identificação do próprio corpo e/ou ações no outro; em segundo momento, existem critérios determinados pelo grupo majoritário (os que se adequam bem à heteronormatividade e ao binarismo de gênero), padrões que são seguidos por pessoas *queer* visando suprir o desejo do outro.

No contexto em que essa pesquisa se insere e se desenvolve, a professora é entendida como a profissional da educação que está em sala de aula da educação básica, compreendendo desde o primeiro ano do ensino fundamental até o terceiro ano do ensino médio, especialmente das escolas públicas (estaduais e/ou municipais). É válido ressaltar que a figura da educadora é de suma importância para o desenvolvimento das habilidades dos estudantes e conquista do conhecimento, mas, sobretudo, parte desse grupo de pessoas balizar as problematizações despontadas nas interações sociais do ambiente escolar, comum e relativo aos debates de gênero, sexualidade e diversidade.

Ao citar ambiente escolar é referido neste contexto a instituição formal que é criada com objetivo de educar e ensinar, que seguem as normas do Currículo Base do Território Catarinense (2019), onde atuam os professores e outros profissionais

da educação, os quais se relacionam diretamente com estes. Este documento é analisado à luz da análise do discurso a partir de Foucault (1987) e a ideia de genealogia do poder, pois parte-se do princípio de que, primeiramente, trata-se de uma prática de poder. Analisa-se a forma como os temas são apresentados, pois isso denota a maneira que se busca afirmar o poder. O currículo molda normas e valores em uma escola, a forma como ele é escrito denota como o poder é exercido por meio do controle das palavras e da linguagem, promovendo certas práticas discursivas que contribuem para a construção de identidades. O discurso também se encontra em um conjunto de regras e convenções que determinam o que pode ser dito, como pode ser dito e quem pode dizê-lo em um determinado contexto histórico e social. Isso está intrinsecamente relacionado ao contexto escolar. O currículo dita o que deve e não deve ser dito. Ele molda identidades e não age como “agente neutro”, cujo objetivo reside em simplesmente apontar o que deve ser estudado. A partir de Tomas Tadeu da Silva, entende-se o currículo como:

[...] um dos locais privilegiados onde se entrecruzam saber e poder, representação e domínio, discurso e regulação. É também no currículo que se condensam relações de poder que são cruciais para o processo de formação de subjetividades sociais. Em suma, currículo, poder e identidades sociais estão mutuamente implicados. O currículo corporifica relações sociais. (SILVA, 1996, p. 23).

Dessa forma, é visível que há, no currículo escolar, uma vontade de verdade, de uma base comum que espera-se que todos os brasileiros escolarizados possam acessar. Essa verdade é que causará efeito nas subjetividades cidadãs empreendidas. Essa base é fundamentada na produção científica, no discurso que a ciência enuncia, mas também nas crenças de grupos que politicamente têm força de fazer valer verdades morais. A teoria *queer* tem como princípio questionar e “estranhar” (Louro, 2004) essas verdades. Outro questionamento levantado por Silva (2011) se pauta nas noções de tolerância e respeito, que não consideram a forma como a homossexualidade tem sido definida: forma anormal. É como se as categorias agora se resumissem em “heterossexual tolerante” e “homossexual tolerado”. (SILVA, 2011, p. 108). O currículo também está associado à cultura e de sua produção, sendo então, passíveis de conflitos e contestações.

Quanto às questões patrimoniais, elas não estão dissociadas do conceito de poder. É um campo que está em disputa. Embora “patrimônio” seja uma palavra passível de definição, não é apenas um conceito que possa ser aplicado a esmo.

Faz-se necessário ressaltar que há diferentes categorias que abrangem o patrimônio, desde a forma, seja ela material ou imaterial, até a sua constituição, em nível ambiental, cultural. O patrimônio não é algo intrínseco, algo que por essência representa um bem necessário de ser preservado, ele por si só não fala, é interpretado, interpelado pela sociedade, pelo tempo, pelo espaço. Isso o transforma em um bem a ser mantido (ou a ser perdido. Mais uma vez, as pessoas inseridas em tempo-espacos diferentes que assim o qualificam. Isso se denota pela afirmação de que patrimônio e passado não são sinônimos, já que a finalidade do patrimônio, segundo Poulot (2009) é “certificar a identidade e afirmar valores, além da celebração de sentimentos, se necessário, contra a verdade histórica” (POULOT, 2009, p. 12). Um outro conceito que dialoga com mais amplitude com o recorte desta pesquisa é cunhado por Dominique Poulot (2009): “patrimonialidade”. Esse termo designa a potencialidade de bens culturais, únicos de uma determinada população, serem passíveis de preservação. Dessa forma, quanto aos debates sobre patrimônios *queer*, Neto e Soliva (2022) afirmam que:

Chamamos de patrimônio LGBTQIA+ materialidades guardadas em instituições ou em espaços domésticos que produzem narrativas, sentidos e valores intersubjetivos acerca da experiência social das pessoas LGBTQIA+, desse modo, conformando ainda uma dimensão imaterial e memorial. (NETO, H. SOLIVA, T. 2022, p. 20).

Pensando em patrimônio como um conceito que representa uma disputa de poder e a população que não se adequa a heterossexualidade identificada como minoria (cerca de 12% da população de acordo com dados do IBGE, 2022), compreende-se o motivo pelo qual edificações e monumentos raramente constituem em patrimônios *queer*. As patrimonialidades *queer* residem nas memórias.

Partindo de um conceito de Michael Pollak (1989), memórias subterrâneas dizem respeito àquilo que não está na superfície, ou seja, àquilo que não se manifesta como memória oficial, memória da sociedade englobante. Então as memórias restantes que compõem este emaranhado de grupos minoritários, incluindo a comunidade *queer* (incluindo todas as formas de sexualidade que a heterossexualidade não compreende), disputam pelo poder. Entretanto, como se

pôde observar, existe uma hegemonia quanto aos patrimônios protegidos, excluindo essas memórias não superficiais. Isso ocasiona um apagamento e um silenciamento das existências. Se o patrimônio existe para que se faça lembrar a memória e existência de algo ou alguém, quando não há patrimônios queer, insiste-se na ideia de que não existem pessoas que possam se sentir representados por aquele patrimônio, sendo assim, esquecidos.

Pode-se dizer que a interpretação do que está ao redor de cada indivíduo no mundo é única e exclusiva de cada indivíduo, portanto, aquilo que escapa como patrimônio é necessariamente negado enquanto patrimônio. É a ideia de que não ser patrimônio é uma categoria. Pensa-se que talvez não seja necessário para uma determinada parcela da população (*queer* nesse caso) um patrimônio chancelado pelas instituições que detém de equipes técnicas para determinar o que é ou não patrimônio.

2.2. Patrimonialidades queer e suas existências

O termo escolhido e que melhor se encaixa para tratar do conjunto patrimonial queer é patrimonialidades devido à amplitude que o termo alcança. Se trata de um conceito desenvolvido por Dominique Poulot (2009), afirmando que patrimonialidade é a potencialidade dos bens culturais se tornarem patrimônios. Isso escapa dos critérios já estabelecidos e das aprovações institucionais, abrindo espaço para culturas normalmente excluídas alcançarem lugares que as coloquem como referências. Faz parte de relações complexas que envolvem diversas representações de um grupo, sensibilidades e experiências, se articulando com uma organização do saber (identificações, atribuições de valores) que são capazes de conferir-lhe autenticidade, ou ao menos, para aquele grupo.

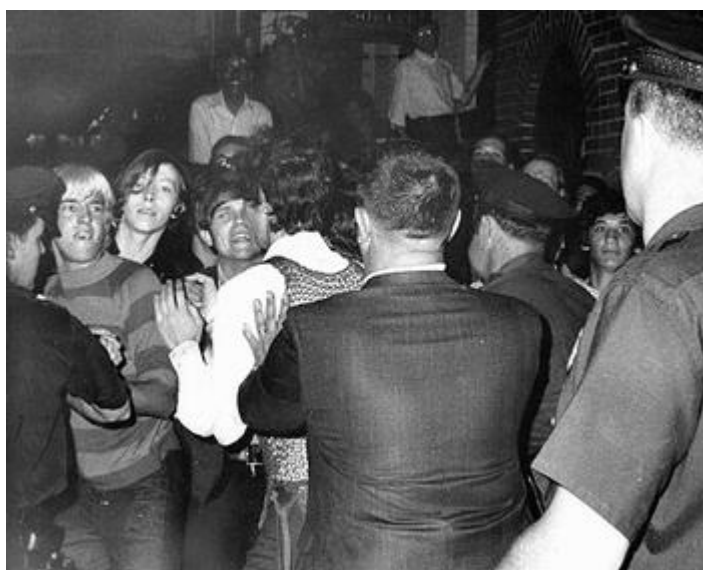
Para além da aposta nas histórias de vida como patrimônio cultural, se faz necessário elencar alguns patrimônios já institucionalizados, outros em processo, bem como alguns bens potenciais de patrimonialização. É importante também ressaltar que apesar das diferenças dos conceitos de patrimônios e patrimonialidades, são termos que, para os bens inseridos na cultura *queer*, se complementam, como referência para novas possibilidades de institucionalização *queer* não como diferente ou separado dos conjuntos patrimoniais, mas sim como parte integral da sociedade que os envolve. A fim de explorar experiências patrimoniais que trouxeram uma visibilidade para as identidades e memórias,

algumas patrimonialidades serão abordadas neste capítulo são: Stonewall Inn, em Nova Iorque, o primeiro movimento de resistência na cidade e que conquista o reconhecimento de alguns direitos da população *queer*; a versão que ocorre no Brasil, Ferro's Bar e as publicações do boletim “ChanacomChana”; em seguida, a Parada LGBT de São Paulo que se tornou o maior evento *queer* da América Latina; e finaliza com o Carnaval de Uberaba, decretado patrimônio cultural imaterial da cidade, em 2020.

2.2.1 Stonewall Inn:

Um dos primeiros casos a ser levantado foi o de Stonewall Inn, na cidade de Nova Iorque. Até 1962, a “homossexualidade” era considerada crime em todo o território estadunidense, em especial, até 1980 no estado de Nova Iorque. Em 1990 a Organização Mundial da Saúde retirou a homossexualidade da Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID), já a transsexualidade teve seu caráter de “transtorno mental” mantido até 2018. Stonewall Inn era um bar localizado na Rua Christopher no bairro de Greenwich Village, na cidade de Nova Iorque. Havia, no entanto, uma lei que proibia a venda de bebidas alcoólicas em estabelecimentos considerados “desordenados”. Como Stonewall era conhecido por ser frequentado majoritariamente por gays e drag queens e, em proporções menores, outras pessoas *queers*, era comum que a polícia realizasse ataques ao espaço, tendo em vista a posição que essas pessoas ocupavam na sociedade. Em 28 de junho de 1969, policiais resolvem entrar no bar sob alegação de venda ilegal de bebidas alcoólicas, como de costume, porém treze pessoas foram detidas. Entre os motivos, estava a “falta de adequação da roupa ao gênero”. Algumas pessoas resistiram à voz de prisão, gerando um confronto entre os frequentadores do bar e os policiais que terminou em um incêndio no Stonewall. Nos dias que se seguiram ao atentado, multidões se reuniam em torno do bar para protestar por direitos das populações dissidentes da heteronormatividade. No ano de 2015, o local onde se localizava o bar foi registrado como Marco Histórico Nacional (National Historic Landmark) de Nova Iorque, dentro do critério 1 - Eventos e Padrões Amplos (tradução livre. Originalmente: Broad Events and Pattern), em sinal de referência à luta pelos direitos da população *queer*.

Figura 1 - Primeira noite de rebelião em Stonewall

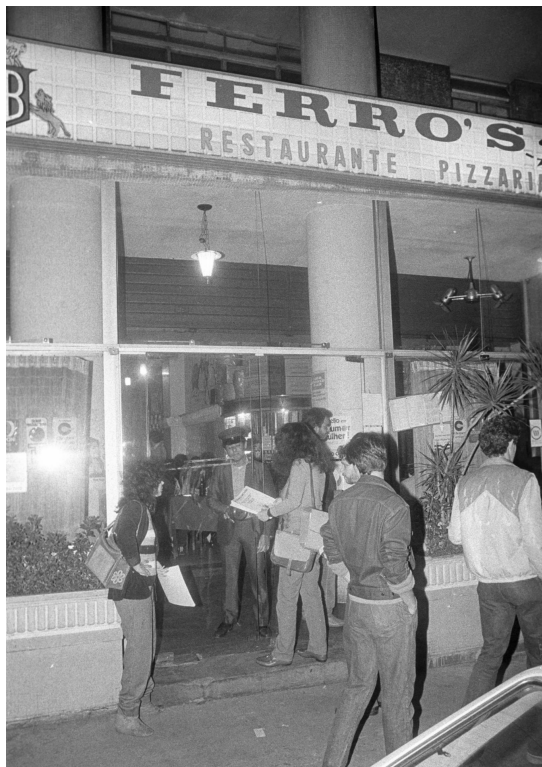


Fonte: Joseph Ambrosini, 1969.

2.2.2 Ferro's Bar

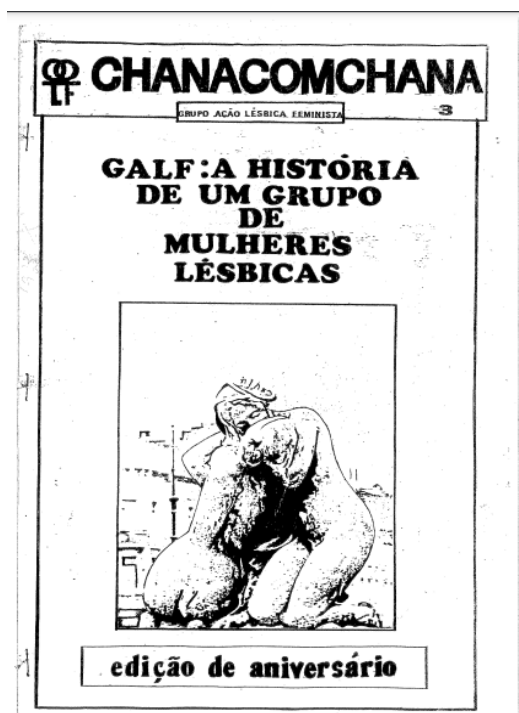
Um fenômeno semelhante se passa no Brasil. Ferro's Bar era um local que também era conhecido especialmente devido ao grande público se constituir de mulheres lésbicas que muitas vezes buscavam um local para se encontrarem, durante as décadas de 1960 a 1990. Os grupos Lésbico-Feminista – LF (1979-1981) e Ação Lésbica-Feminista – GALF (1981-1989) costumavam se organizar politicamente como movimento homossexual feminino e passam a produzir e veicular, neste espaço, o boletim intitulado “ChanacomChana” que apenas assumiu uma edição como tabloide, geralmente circulado como fanzine, contando com colagens consideradas revolucionárias, focando nas questões femininas, especialmente lésbicas. Entretanto, o dono do estabelecimento, descontente com o teor das publicações organizadas pelos movimentos, impediu a distribuição dos panfletos, houve resistência lésbica até que a entrada dessas mulheres no bar foi impedida, em 1983. No dia 19 de agosto - data em que, atualmente, celebra-se o Dia do Orgulho Lésbico - as mulheres lésbicas que foram expulsas do lugar que já frequentavam desde os meados de 1960, se reúnem com outros grupos ativistas “LGBTs” e feministas, fizeram a leitura manifesto contra a repressão e pelos direitos das mulheres lésbicas. O resultado foi a volta da circulação dos boletins do “ChanacomChana”.

Figura 2 - Fachada do Ferro's Bar no dia 19 de agosto de 1983, quando ocorreu a "Invasão do Ferro's Bar".



Fonte: Acervo Folha de São Paulo, 1983.

Figura 3 - Capa do folhetim ChanacomChana n. 3



Fonte: Coleção Chanacomchana. Miriam Martinho, 1983.

2.2.3 Parada do Orgulho LGBT de São Paulo

Como referência à rebelião de Stonewall, a tradição da “Parada Gay” em São Paulo iniciou em 1997 e se tornou o maior evento da América Latina. É a partir de 1999 que passa a integrar o calendário oficial da cidade de São Paulo devido ao crescente aumento de mortes por homofobia na década de 1990. Em 2019, houve um movimento dentro da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo cujo objetivo era, através do Projeto de Lei nº 139, declarar a “Parada do Orgulho LGBT de São Paulo” como Patrimônio Cultural Imaterial do Estado de São Paulo. A justificativa se baseia no conceito elaborado pela UNESCO durante a Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural (2003), que estabelece como patrimônio imaterial:

As práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas - junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados - que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. (UNESCO, 2003, p. 4).

Há uma busca pelo registro dos patrimônios, evidenciando a necessidade de incorporar as patrimonialidades *queer* ao conjunto imaterial da cultura, não só brasileira como mundial. O projeto de lei foi arquivado.

Figura 4 - Primeira “Parada Gay” de São Paulo



Fonte: Memorial da Democracia, 2017.

2.2.4. Carnaval de Uberaba - Minas Gerais

Na cidade de Uberaba, Minas Gerais, o Decreto nº 6.192, de 21 de outubro de 2020, avança na discussão patrimonial pois reconhece como patrimônio cultural imaterial da cidade a “cultura LGBT+”. A narrativa é de pertencimento social de um grupo que integra não só nacionalmente como também mundialmente a cultura específica, por meio de símbolos e signos. Apesar da Parada do Orgulho de São Paulo assumir o lugar de maior evento da América Latina, desde 1989, a "Parada do Orgulho LGBT+" envolve toda a comunidade, não somente os que não participam ativamente dos movimentos por direitos, pois, segundo a cidade de Uberaba ela, a parada, “significa a União de todos os corpos.” Exemplificando o patrimônio cultural imaterial através de um ideal de humanidade em que se une o povo em um só saber. A justificativa recai no conceito que a “Cultura LGBT+” abrange “todxs e todes” os movimentos. Está nas diferentes faixas etárias, raças, sexualidades, se mostrando transversal, de todos para todos. O processo de mantê-la como cultura imaterial é uma forma de reconhecer sua dignidade, e sua referência na e para a humanidade.

Figura 5 - Banda da Maria Giriza



Fonte: Sandra Satiko Kikuchi, 1986.

Figura 6 - Decreto 6192/2020 de Uberaba - MG

CONSIDERANDO que, em Uberaba, desde 1950, existem as Drag Queens. Famosas personas que transitam o imaginário e o real do povo uberabense. Em Uberaba tivemos ícones Drags que trouxeram o sentido da "persona", o "além dê", que instigou e instiga a comunidade para uma arte corporal transitória. Hoje, Independente de sexualidades, as Drags se tornaram fonte de renda e sobrevivência tanto para o heterossexual, quanto para a população LGBTQ+. Além de um processo cultural irreverente e disseminador de cultura; As Drags são personas carregadas de signos políticos e culturais.

CONSIDERANDO que, a Cultura LGBTQ+ abrange todxs e todes os movimentos. Ela é transversal, perpassando por idades, raça, sexualidades, situação econômica e social. Enfim, ela é de todxs para todxs. Transformá-la em cultura imaterial, é reconhecer sua dignidade, e sua referência na humanidade.

DECRETA:

Art. 1º - FICA REGISTRADA A CULTURA LGBTQ+PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL, DE UBERABA.

Art. 2º - O Registro da Cultura LGBTQ+ deverá ser inscrito no livro de Tombo do Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural de Uberaba.

Parágrafo Único – A Cultura LGBTQ+ deve ser preservada e salvaguardada pela sua importância nos aspectos socioculturais e econômicos de Uberaba.

Art. 3º - Revogados os atos em contrário, este decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Fonte: Leis Municipais de Uberaba - Minas Gerais, 2020.

2.3. O que dizem as patrimonialidades *queer*

O conceito amplo de patrimonialidades permite enxergar o potencial patrimonial de todo e qualquer bem cultural único de uma determinada população, sem a necessidade da chancela de um órgão institucional para que seja passível de preservação. Patrimônios *queer*, por vezes, acabam sendo empurrados para a categoria de "patrimonialidades" ou "bens culturais" pois se tratam justamente de um grupo específico, afastados da cultura da "norma". Há sempre uma intencionalidade.

É claro que a população *queer* ainda é minoria, porém, quando se vê bens culturais pertencentes ao grupo tomando espaços que não haviam sido utilizados, se tem uma quebra no processo de expor as múltiplas formas da sexualidade como dissidentes da heteronormatividade. Caminha-se longe, ainda, de uma ruptura significativa frente às reduções de um complexo e denso grupo de pessoas a uma fórmula estereotipada, contudo já se deu um passo em direção à integração e inclusão da cultura *queer* na sociedade.

A patrimonialização das histórias de vida é a materialização dos patrimônios *queer*. De acordo com o já citado artigo 216 da Constituição Federal (1988), as formas de expressões culturais constituem patrimônio cultural brasileiro e dessa forma, são passíveis de proteção e salvaguarda. Por se tratar de um grupo muitas vezes excluído e tratado à margem, justifica-se a necessidade das histórias serem cuidadas, uma vez que as vidas não são. O patrimônio é sobre preservação, devido a isso, surge o movimento de patrimonializar as histórias de vida. Ainda no mesmo artigo é mencionado as identificações e memórias de grupos formadores da sociedade brasileira, ou seja, se tratam de memórias comuns que um determinado

grupo compartilha. Na pesquisa em tela, pode-se apontar, através das narrativas, alguns pontos em comum entre as professoras: da perspectiva lacaniana são as imposições de parâmetros que regem o desejo do outro e a tentativa de corresponder a ele; a heteronormatividade que as afeta e as coloca na performatividade de gênero; a obrigatoriedade de seguir um currículo que impõe à população *queer* o local de revoltado e vítima. Os patrimônios *queer*, em sua maioria, são os culturais, que consistem em ser parte de um coletivo que partilha coisas em comum e está sempre em mudança, se faz necessário preservá-los por serem parte da cultura da minoria, especialmente por meio das narrativas de histórias vida.

Os patrimônios e bens culturais que foram citados nos itens 2.2.1, 2.2.2 e 2.2.3 estão incluídos em memórias traumáticas (Pollak, 1989) pois envolvem ataques policiais, invasões a estabelecimentos, prisões, censuras à comunicação e gerando inclusive mortes. São essas patrimonialidades *queer*. É necessário enxergar o *queer* de uma nova forma, sendo possível através das narrativas de história de vida dessas professoras, partilhando o comum entre elas: ocupar um lugar de referência sendo uma mulher sáfica.

3. CRIANDO PATRIMONIALIDADES *QUEER*: AS NARRATIVAS

Partindo das narrativas como fonte para atingir os objetivos desta dissertação que recaem sobre o questionamento a respeito de como as histórias de vida de professoras sáficas podem ser expressão de patrimonialidades, foram selecionadas cinco professoras da educação básica de Santa Catarina para serem entrevistadas. Esse recorte oferece a possibilidade de entender as relações estabelecidas nos ambientes escolares e nas salas de aulas, por meio de memórias que geram reconhecimento e identificação. As entrevistas seguiram um roteiro semiestruturado que tinha por objetivo orientar os eixos temáticos que abordam a formação educacional; a sexualidade: processos de descoberta e socialização; ambiente de trabalho; os relacionamentos interpessoais com colegas de sala, responsáveis e comunidade escolar em geral. Esses elementos serão observados no capítulo que se segue.

É válido ressaltar que a pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade da Região de Joinville - Univille e foi aprovada conforme o Parecer Consubstanciado nº 6.177.090, de 12 de julho de 2023 (ANEXO A). Após aprovação, iniciou-se o processo de seleção para as entrevistas através da técnica de bola de neve, partindo de um indivíduo que indica o próximo para a pesquisa, com base na ligação entre os membros de um determinado grupo, com objetivo de, partindo de alguns membros da população, alcançar uma amostra dela. Essa técnica, inicialmente pensada por Coleman (1958) e Goodman (1961), é baseada na indicação por parte de algum indivíduo da população, previamente selecionado, de outros também participantes da mesma população, tomando uma forma cada vez maior.

As participantes tiveram a opção de seguir no anonimato, ou assumir suas reais identidades, partindo disso, as entrevistas ocorreram de forma online com uso da plataforma *Microsoft Teams* e presencialmente, visando uma melhor acomodação para as entrevistadas, entre os meses de janeiro e fevereiro de 2024. As transcrições e o material digital encontram-se no computador pessoal da pesquisadora, como banco de dados e serão submetidos ao comitê de acervo para avaliação e possível acolhimento ao Laboratório de História Oral da Univille (LHO), integrando ao acervo. Utilizando do potencial narrativo que a história oral

proporciona, as entrevistadas serão apresentadas nos subcapítulos que seguem, em ordem de realização das entrevistas.

3.1. Aliuscha Martins:

“Hoje eu sinto que uma das coisas mais importantes que eu faço na sala de aula é levar a referência de um mundo que exista para além do óbvio.”

Aliuscha de Jesus Martins, nascida e forjada no metal da Tupy, é professora de história da Rede Municipal de Ensino de Joinville, atuando na região onde cresceu. Filha da classe trabalhadora em uma das maiores indústrias da cidade, amante de goiaba madura e não tão boa jogadora de futebol, cresceu em uma realidade sem visitar museus e galerias de arte, hoje faz questão de trazê-los à realidade dos estudantes. Desde pequena, teve suas brincadeiras delimitadas pelas fronteiras do binarismo de gênero e durante a adolescência, sua vida social também. A vontade de sair à noite era grande, a preocupação familiar também. A menina livre que brincava de taco⁵ e mata soldado na rua agora se viu adolescente presa, pelo medo do mundo lá fora. A feminilidade também foi um enfrentamento, além da sexualidade. Na relação familiar, o maior conflito era sobre seu próprio corpo, a falta de depilação e decisões enfáticas de saídas à noite. Ser bissexual era algo a mais.

Ser professora não estava nos planos. O interesse pela história era puramente intelectual, porém a sala de aula a cativou de uma maneira surpreendente que hoje é o que ela sabe, gosta e quer fazer. Ainda que ela seja a professora, a sala de aula lhe ensinou muito sobre o mundo e sobre diálogo, algo que faltou, no início da carreira, com os colegas de profissão. Talvez por ser mulher, por ser jovem, ou as duas coisas. Entretanto, com a estabilidade de um concurso público, tudo mudou e agora ela não deve satisfação a ninguém e pode ser exatamente quem é. Ser mulher, de acordo com Aliuscha, é um desconforto diário, uma eterna reafirmação de ter direito a uma opinião, a uma contestação e a ser ouvida. Muitas das vezes, não são direitos oferecidos para as mulheres.

⁵ Taco ou bets é um jogo cujo objetivo é derrubar o alvo do lado oposto do campo através do lançamento da bola. É jogado em duplas, uma das pessoas defende a base (tripé de madeira), utilizando um taco. Outra pessoa se posiciona atrás do alvo e tem o papel de arremessar a bola para derrubar a base adversária. Enquanto a dupla corre atrás da bola arremessada, os rebatedores cruzam o campo, batendo os tacos e encostando na base oposta para marcar pontos até que o arremessador volte a sua posição.

Apesar de enfrentar alguns embates com famílias, essa professora afirma que é comum dentro da escola a protagonização do professor somente quando ele precisa assumir a responsabilidade sobre o que é considerado um problema na visão dos gestores escolares. Isso reforça o imaginário de que o professor exerce tamanho controle sobre a vida do aluno que é capaz de transformar completamente sua personalidade, incluindo sua sexualidade. Ao mesmo tempo, é a mesma professora que é requisitada pelos estudantes, em seus momentos mais necessitados, para pedir ajuda. Como socializar a sexualidade para a mãe? Ao fim, restam não somente as aversões, mas também as identificações.

A escola muda o tempo todo. Para quem está inserido no contexto, é mais fácil de ver e falar. São muitas as mudanças que Aliuscha viu nos 10 anos de chão de sala, mas acredita que há mais por vir, que as bagagens podem sempre assumir novas formas e as experiências devem refletir sobre a complexidade do que se é.

3.2. Graziela de Sousa

“A minha presença não faz grande diferença, mas é uma presença que vai dizer: o jeito que você é, é o melhor jeito de ser, porque é o seu jeito e acabou. Nisso eu acho importante a minha presença.”

Graziela de Sousa, a mais nova e única menina de 4 irmãos. Nascida e criada por pais migrantes na cidade que gosta de ser chamada de “cidade do trabalho”, motivo que os fez morar em Joinville. Na periferia onde cresceu, era inventora de brincadeiras e excelente jogadora de taco, mas a brincadeira favorita era escolinha e claro, ela era a professora. Nasce aí a vontade de seguir uma carreira docente. Aos 8 anos de idade já estava consolidado o desejo de ser professora, aluna de 3º ano que sempre frequentava o contraturno para ajudar a professora do 1º ano. Porém, a carreira de fato se mostrou diferente na prática. Participava de todo grupo que a escola oferecia, do teatro aos estudos sobre reciclagem. Era o espaço de carinho e atenção que a vida dos pais trabalhadores impedia de dar.

A criança exibida perdeu a espontaneidade quando a adolescência mostrou a importância de pertencer a um grupo. A juventude trouxe o desenvolvimento da sexualidade e o primeiro namorado e, logo em seguida, uma gravidez. Seus relacionamentos com homens foram poucos, pois ser mãe era impedimento para ser

namorada, e também não eram muito longos. Aos 26 anos, em sofrimento após o fim de um relacionamento, frequentava um grupo de teatro para tentar esquecer o namorado, onde lhe foi apresentada, pela primeira vez, uma referência de mulher lésbica. Até Grazi entender que se tratava de uma paixão, foram muitas pedaladas até o trabalho. A compreensão do significado disso, foi a magia do primeiro beijo sáfico.

Grazi é professora da educação infantil, lugar difícil de aceitar a diversidade. Não tarda a sentir a solidão e a culpa de viver uma mentira. Não falava sobre sua vida, tinha medo de se colocar no mundo, queria ser gostada até por quem ela nem gostava. A decepção e experiências traumáticas acirraram o sentimento de estar só. A educação especial deu novas possibilidades, afinal trabalhar com o que não é a norma, é ficar em sintonia.

Assim, a solidão que tanto a perturbava, aos poucos é preenchida com as boas experiências de providenciar brincadeiras não reguladas por papéis de gênero, por elogios que na sintaxe dizem “você”, porém semanticamente dizem “nós somos bonitas”.

3.2.3. Cintia Soares

“Eu quero que fiquem sabendo mesmo, eu não quero esconder quem eu sou, nunca mais.”

Cintia Soares Stoltenberg Gili, hoje moradora de Vidal Ramos (SC), mas nascida em Guarapuava (PR), passou parte da infância em Rio Negrinho (SC). Teve uma infância difícil em comunidade carente, onde a brincadeira favorita era uma saia preta que se transformava em tudo que a criatividade permitia. Brincava na rua e como uma criança da década de 90, taco era uma brincadeira quase obrigatória. Filha de pai ausente, mas presente com extrema violência até seus 6 anos de idade.

Na adolescência, buscava pertencer a um grupo, o que foi complicado em uma sociedade regida por papéis binários de gênero. Não queria usar uniforme “feminino” da escola, pois a calça larga de *tactel* era muito mais confortável. Seu primeiro beijo foi uma forma de se encaixar nessa realidade, aos 14 anos, com um menino. A possibilidade de se interessar por meninas não passava pela mente de Cintia, que aguardava a feminilidade brotar.

Aos 17 anos, quando entrou na faculdade, se aproximou de uma mulher sáfica e ao perceber que talvez se tratava de algo além da amizade, se afastou. Buscando a feminilidade que faltava, resolve engravidar. Em seu primeiro ano de docência, se apaixonou perdidamente por uma professora. Foi chutada para fora do armário. Acabou se relacionando com essa mulher e seu ex-marido descobriu, surtou e contou para todos. Sua mãe acreditava que ela deveria ser exorcizada. Ninguém a aceitou, foi expulsa, excluída e teve seu filho retirado pela própria mãe.

Artista que não queria ser professora, assumiu um compromisso com a professora Nadja de Carvalho Lamas, professora no Departamento de Artes Visuais, no Departamento de Publicidade e Propaganda e no Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade: tentaria a carreira docente por um ano. Primeiro como contratada, um ano depois, efetiva na Prefeitura Municipal de Joinville. A docência escolheu Cintia. Foi ameaçada, recebeu críticas, ouvidorias, trocou de escola, sempre sendo questionada sobre seu trabalho, precisando se provar. Superou, hoje resgatou a paixão e o que faz brilhar o olho, atuando em uma cidade menor, sendo a referência que nunca teve.

3.2.4. Barbara Bublitz

“A gente vê o mundo com uma lente que só a gente vê”

Barbara Mariah Retzlaff Bublitz, nascida em Guaramirim na década de 90, de mãe jovem e pai não muito afetivo. A fonte de afeto e carinho era a avó, através da comida e o levar-buscar na escola. Barbara não era criança de ficar dentro de casa, somente quando estava chovendo, com sol a brincadeira era no mato, na rua e andando de bicicleta.

De criança feliz, confiante e apaixonada perdidamente pelas professoras a adolescente deprimida e envergonhada. Foi vítima de *bullying* e o computador se tornou a forma de fazer amigos. Madrugadas adentro ouvindo músicas, vendo vídeos e conversando com outros adolescentes espalhados pelo Brasil. Dos estereótipos juvenis, ela escolheu o de intelectual, pois vivia submersa nos livros.

O primeiro beijo aos 11 anos de idade não foi nada mágico, talvez fosse a imaturidade. Aos 14, suas ídolos eram cantoras que ela com certeza beijaria, mas porque eram maravilhosas. Em uma festa, sentiu, pela primeira vez, vontade de

beijar uma menina e... não foi dessa vez. Suas amigas, no entanto, já o haviam feito, então a socialização da bissexualidade foi tranquila. 15 anos fez e fez-se a mágica, beijar mulheres pareceu simplesmente natural. Desse dia em diante, no coração de Barbara, meninos não tiveram mais lugar.

A escolha pela profissão foi influenciada pela mestre dos carinhos, sua avó. Ela produzia artesanatos e trabalhos manuais. Fazer arte era parte da família. A primeira experiência em sala de aula foi carregada por dúvidas: o que ensinar? Como ensinar? Ter apenas 19 anos só complicou ainda mais as coisas. Após terminar a faculdade, ingressou no ensino municipal e assim como na 3ª série, se apaixonou por uma professora.

3.2.5. Gabriela Alves

“Eu me orgulho em falar lésbica, em falar sapatão e tudo mais. Só que quando as pessoas ouvem isso, elas esperam que você amenize aquilo que é uma parte de você.”

Filha única por parte de mãe, Gabriela nasceu e cresceu em Jaraguá do Sul (SC). De mãe dedicada e pai, segundo ela, “efusivo porém doce”, teve muito contato com a avó paterna na primeira infância, todos moravam juntos. O bairro grande e a rua principal fizeram sua imaginação ser sua melhor amiga. Aos 9 anos, muitas mudanças: a morte da avó e um bairro menor, o que era imaginação, virou realidade. Brincava de boneca mas também de jogar bola. Morava perto da escola e criou-se assim o vínculo com esse espaço, monitoria na biblioteca, futebol e vôlei.

A escola era levada a sério, com cobranças da mãe. Iniciou estágio na delegacia da cidade, passou a estudar à noite, já tinha rotina de trabalhadora. Assim foi até metade do ensino médio. A adolescência chegou com a clareza da sexualidade, estava presente desde a infância, o que faltava era o olhar para ela.

As redes sociais ajudaram no processo de entendimento e Gabriela foi só a primeira do grupo de amigas a socializar seus desejos. Inclusive, passou pelo evento canônico de se apaixonar pela melhor amiga. Depois de um beijo e outro, viram que não era recíproco. Aos 15 anos, conheceu sua primeira namorada, em Blumenau (SC), família homofóbica, namoro escondido, à distância e o primeiro término. Traumático e difícil, um ano sem se interessar por ninguém.

O interesse pela história era intelectual. Durante o primeiro ano, veio a

pergunta: o que eu estou fazendo aqui? A resposta chegou um ano depois, durante o PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência). Se formando para ser professora.

O início da carreira foi árduo, 21 anos, os alunos com 18 e agora amigos há 6 anos. Os indícios que os colegas dão, fazem a amizade se iniciar e aos poucos, a sexualidade era socializada. As “piadas” homofóbicas continuaram acontecendo e Gabriela sentiu a necessidade de ensinar também a como se retratar. A prática docente é impactada pela forma como a sexualidade é socializada.

3.6. Patrimônio cultural das professoras sáficas

A proposta do escrito que segue é de estabelecer um diálogo entre as falas das entrevistadas, evidenciando as experiências semelhantes na vida dessas mulheres que serão organizadas em categorias apresentadas neste capítulo. O modo que se elabora isso é graças à metodologia da história oral, que permite criar um roteiro semi-estruturado com objetivos de investigar a vida dessas sujeitas. Ao final, as respostas mostram que há algo semelhante, indicando que há o que se preservar dessas narrativas e que as patrimonialidades *queer* estão presentes.

O capítulo se desenvolve em cima de eixos temáticos que são abordados ao longo da dissertação. O primeiro diz respeito a vida social na cidade, desde a infância até a juventude, sendo atravessado pelas normas de gênero. Em seguida, trata-se da descoberta da sexualidade e como esse processo perpassou a vida dessas mulheres, tanto nas relações familiares, profissionais ou nas amizades. Parte-se então para a formação enquanto professoras, os motivos da escolha da profissão e a relação com a escola. Por último, desafios e experiências enquanto docentes e sáficas nas salas de aula da educação básica catarinense.

3.6.1. Viver na cidade

Desde a infância, o binarismo de gênero fez-se presente nas vidas das sujeitas entrevistadas, desde as brincadeiras até as divisões de trabalho na vida familiar. Butler (1990) afirma que sexo e a sexualidade são construídos ao longo do tempo, mediados pelas culturas e discursos e afirma que não há relação natural entre sexo e gênero, sendo este um eterno fazer, ao invés de “ser”, portanto ser

“mulher” é algo que se “faz”. Para Aliuscha, as demarcações vêm especialmente após o nascimento do irmão mais novo, ela passa a ter outras responsabilidades que o mais velho não assume:

As minhas atividades foram bem demarcadas por gênero desde a primeira infância, desde muito cedo, com certeza. Na infância, eu acho que assim que meu irmão nasceu, o meu irmão menor, por exemplo, eu passei a ter mais obrigações domésticas do que o meu outro irmão, por exemplo. (MARTINS, Aliuscha. Entrevista cedida a Bianca Beatriz Lourenço Melatto, 2024).

Grazi partilhou de uma realidade muito semelhante, pois, diferente dos irmãos, acumulou papéis que envolviam todos os trabalhos domésticos. Há uma situação em que seu irmão a atribui uma função de limpeza, porém devido à pouca idade que tinha, Grazi não compreendeu completamente o que deveria ser feito. No entanto, seu irmão, já sabia o que deveria ter sido feito.

Chegar em casa, preparar o almoço, fazer a comida e também os trabalhos domésticos, de cuidado de casa e tal, também já muito cedo já eram me designados. Então, estudava, brincava, nunca era tirado essas coisas de mim, mas diferente dos meus irmãos, já existia um papel ali de cuidado, de casa, de alimento, de fazer a comida, que eu desempenhava já na família já sim. “Não é para fazer isso!” Então, veja, ele me designou. Ele sabia o que deveria ser feito, no entanto, quem tinha que fazer era eu, né? (SOUZA, Graziela. Entrevista cedida a Bianca Beatriz Lourenço Melatto, 2024).

Os conceitos de “homem”, “mulher”, “macho”, “fêmea” são construídos a partir de um matriz heterossexual de poder. As narrativas, portanto, demonstram como a lógica binária designa papéis domésticos para as mulheres, enquanto os homens são liberados desses mesmos papéis. Isso demonstra como os papéis de gênero se apresentam de forma naturalizada, reforçando a ideia de que o mundo doméstico está alinhado com a feminilidade, de forma que as normas, expectativas e convenções associadas ao feminino sejam praticadas por mulheres. Entretanto, conforme Butler (2013), esses não são inerentes ou naturais, mas sim produtos de normas sociais e históricas que podem ser desafiadas e transformadas.

A mãe de Cintia, por sua vez e rigidez, já exigia uma série de atividades que perpassam a divisão por gênero, embora fossem três filhas.

Eu acordava cedo, ia para escola, sempre estudei de manhã e depois retornava para casa e fazia as atividades de casa, limpava, varria, o que cabia para idade, talvez até mais, eu chegava a limpar banheiro, limpar a janela, varrer calçada, então tudo isso eu fiz durante a infância. Então a minha mãe, ela batia na gente se a gente

não fizesse as tarefas domésticas. (GILI, Cintia. Entrevista cedida a Bianca Beatriz Lourenço Melatto, 2024).

Gabriela enxerga a questão de gênero mas também por ser filha única por parte de mãe e então responsável pelas questões de manutenção da casa:

Como eu sou filha única de criação porque meu irmão nunca morou com a gente, morava com a mãe dele, e por ser mulher, menina, desde cedo aprendi a ajudar, a me virar, fazer as coisas, seja comida, seja limpeza de casa, estava sempre ali ajudando, sempre sendo proativa nesse sentido. (SILVA, Gabriela. Entrevista cedida a Bianca Beatriz Lourenço Melatto, 2024).

A realidade de Barbara difere das outras mulheres. Conforme narra, sua família não oferecia uma estrutura completa, isso ficava claro quando ela afirma que os serviços domésticos não eram realizados nem por ela, nem por sua mãe. A limpeza da casa surge quando se torna uma maneira de agradá-la:

Não, ninguém fazia. A minha casa de certo... meu Deus. Ah, a mãe tinha uma diarista que às vezes ia limpar, só que a mãe não cozinhava, então não tinha coisa de cozinha. Se tinha, a gente lavava. E eu era muito desorganizada. Eu lembro que ela sempre brigava comigo por causa do guarda roupa. Tipo, era bem, bem desorganizado, estava sempre um fuzuê no meu quarto e ela brigava comigo por causa disso, mas aí tinha um rolê de às vezes eu limpar a casa, mas porque era só eu e ela. Mas eu era maiorzinha, já adolescente, aí eu fazia para agradar, mas não que ela obrigasse.- BUBLITZ, Barbara. (Entrevista cedida a Bianca Beatriz Lourenço Melatto, 2024).

A construção de gênero passa pelos papéis sociais. Os trechos selecionados acima mostram que são elas, as filhas, que devem se encarregar do trabalho doméstico, mesmo sendo mais novas. Mary Del Priore (2004) argumenta que esse padrão foi construído e é tratado como uma extensão natural das mulheres em referência às responsabilidades familiares e sociais, de forma que as tarefas designadas a elas são as de cuidado, limpeza e preparo de alimentos.

Nas entrevistas realizadas, as questões de construção de gênero são visíveis a partir das falas retratando as atividades domésticas. A performatividade do feminino é expressada pela execução das tarefas, seja das mulheres protagonistas das narrativas ou de empregadas, como citada por Bárbara. A associação intrínseca do feminino e da limpeza e cuidado foi limitante para infância e adolescência,

impondo uma realidade desigual entre os irmãos.

3.6.2. Viver a sexualidade

As questões que se referem à sexualidade são variadas entre as sujeitas, entretanto o que perpassa todas as narrativas apoia-se nas vivências em um mundo heteronormativo, ou seja, onde a heterossexualidade é considerada a norma. As entrevistadas foram submetidas a essa ordem dominante de ser forçadas a heterossexualidade, também chamada de “heterossexualidade compulsória” (BUTLER, 2018, p. 53). O desejo por homens aparece também como ação que performatiza o gênero, buscando exhibir interpretar normas que, socialmente, cabem ao feminino.

Para Grazi e Cintia, essa busca se desenvolveu durante a juventude e a vida adulta.

Desse primeiro namorado, perdi virgindade em um relacionamento todo atravessando, em seguida, fiquei grávida, então a minha descoberta de sexualidade foi muito difícil e mesmo lá de namoricos era. (SOUSA, Graziela. Entrevista cedida a Bianca Beatriz Lourenço Melatto, 2024).

Outro fato para Grazi, devido a gravidez durante a adolescência, o lugar de mulher ocupado por ela, foi mudando para o papel de “mãe” e a busca passou a ser mais pela aceitação da sociedade do que de fato um desejo orientado para o masculino:

Então, teve um momento em que eu: nossa, seria muito importante e bom que eu fosse um casal, né? Porque para ser aceita mesmo na sociedade, então obviamente o meu foco era me relacionar com homens nesse momento pra ser esse casal, já que fui a mãe solteira, adolescente. Eu tive poucos relacionamentos. Primeiro porque relacionamento com homens, você sendo mãe, ele já te coloca num lugar de, por exemplo, da mulher que não é a mulher que você vai querer se relacionar, então eu tive relacionamentos com homens, pra você ter uma ideia, o mais longo que eu tive foi um ano e, sei lá, um ano e alguns meses. (SOUSA, Graziela. Entrevista cedida a Bianca Beatriz Lourenço Melatto, 2024).

Para Cintia, o processo se deu de forma semelhante. Durante a adolescência, o desejo não era orientado para o masculino, entretanto a necessidade de pertencer a um grupo, acabou levando-a a interpretar muitas normas de gênero:

Só que eu dizia para as minhas amigas que eu estava gostando de alguém, eu mentia dizendo que eu gostava de alguém para não ser estranha. 'Ai, tu tá gostando do fulano, né?'. Falei: 'Tô!'. Nem aqui, ó (*gesticula com as mãos*) para o fulaninho, mas: 'Estou, aham. Nossa, como ele é lindo'. Primeiro beijo foi com 14 anos, porque já tinha passado da hora, porque minhas amigas já tinham beijado com 11 e como assim eu não tinha ainda, então foi com um menino e que foi imposto. 'Ai, porque você é bv, porque não sei o quê' então eu acabei sofrendo dentro do meu grupo de amigas e me vi na obrigação de: beleza, vamos fazer isso aí para acabar logo de uma vez com essa história. GILI, Cintia. (Entrevista cedida a Bianca Beatriz Lourenço Melatto, 2024).

Postas lado a lado, as falas de Cintia e Grazi se sobrepõem com semelhanças quanto ao período vivenciado e a situação. O fato de ambas não enxergarem a possibilidade fora da norma heterossexual está relacionado a heterossexualidade compulsória e a falta de referência de uma mulher sáfica.

Eu nunca identifiquei: nossa, estou apaixonada por uma menina. Isso não aconteceu na minha adolescência, foi acontecer eu mais velha e talvez porque eu nem entendia como possível na época, e eu hoje eu relaciono muito com isso. (SOUSA, Graziela. Entrevista cedida a Bianca Beatriz Lourenço Melatto, 2024).

Eu jamais pensei que eu poderia me relacionar com uma menina na adolescência, ali na pré-adolescência, adolescência, eu achava que eu era estranha por não gostar de meninos por não me apaixonar GILI, Cintia. (Entrevista cedida a Bianca Beatriz Lourenço Melatto, 2024).

Cintia se sentia fora da norma em relação à feminilidade e das imposições sobre o feminino. A gravidez foi uma forma que encontrou para performatizar o gênero:

E aí eu tive a brilhante ideia de engravidar. Olha só! Se eu tiver um filho, essa feminilidade vai brotar dentro de mim, isso que nunca brotou a vida toda, mas vai brotar quando eu for mãe, não é?. (GILI, Cintia. Entrevista cedida a Bianca Beatriz Lourenço Melatto, 2024).

Judith Butler (2013) afirma que o gênero não é uma essência fixa, mas sim uma performatividade, ou seja, ações, comportamentos e expressões repetidas e reforçadas através de práticas sociais. Dessa forma, a gravidez se mostra como um ato biológico mas também como uma performatividade de gênero, uma vez que ela representa uma regulamentação do corpo feminino dentro do padrão imposto. Cintia não se sentia em conformidade com as práticas sociais construídas e impostas a

ela, portanto a decisão de engravidar e assumir o papel de mãe, pareceu-lhe uma forma possível de se adequar às normas de gênero.

Os relacionamentos heterossexuais das duas últimas entrevistadas perduraram pela vida adulta, mas nos casos de Barbara, Aliuscha e Gabriela esse processo durou menos tempo, e já durante a adolescência a possibilidade de relacionamentos com outras meninas. Entretanto, há na pré-adolescência, uma manifestação da heterossexualidade compulsória:

Daí depois com, sei lá, 11 ou 12, que eu beijei o primeiro menino, o segundo, eu pensei: cara, mas acho que tem alguma coisa errada. Eu ainda não estou madura porque eu não sinto absolutamente nenhuma atração e eu não sinto nada. Isso que as minhas amigas sentem, que elas iam ver os meninos jogando futebol e: “que gostoso, que delícia.” Eu olhava e tipo: porra, tá, né? Um dia eu vou sentir isso, mas não é a hora. (BUBLITZ, Barbara. Entrevista cedida a Bianca Beatriz Lourenço Melatto, 2024).

Nem de gostar, se falava ali que gostava, mas era algo bem forçado para se encaixar ali, eu escolhia um menino que eu achava que era menos chato, menos bobaquinha, para falar que tava gostando, por exemplo, ali 12, 13 anos, perder o bv, essas coisas, também não foi com o menino, e por mais que você tenha insistência ali das coleguinhas, não rolou desse jeito. Mas eu tinha uns 14 anos, porque até ali os 14 anos, acho que eu não sentia vontade de ficar com alguém, as coleguinhas já namoravam, mas eu não tinha essa vontade, porque o padrão era menina e menino, então, como eu fugia desse padrão, acabava não sentindo essa vontade. (SILVA, Gabriela. Entrevista cedida a Bianca Beatriz Lourenço Melatto, 2024).

Mas eu não cresci num ambiente, eu acho tão assim, sei lá restritivo, não sei explicar. Eu não tinha... Eu experimentei assim beijar menina cedo também, né? Eu já lembro assim de verdade ou consequência, dar selinho nas meninas também, nas amigas, né? Muito disso tinha a ver também com chamar atenção dos caras, né? Eu hoje percebo isso também, parecer livre e tal. (MARTINS, Aliuscha. Entrevista cedida a Bianca Beatriz Lourenço Melatto, 2024).

As questões que envolvem a performatividade de gênero são evidentes desde o nascimento, quando o médico, investido de poder e saber, denomina: “é uma menina!” ou “é um menino!” e, então, os atos de performatividade passam a ser construídos, sobre aquilo que se considera “masculino” ou “feminino”. Contudo, durante a juventude, as demandas mudam um pouco e as questões tornam-se ainda mais claras, especialmente na relação familiar para Aliuscha e na escola para Cintia:

Eu tive mais conflitos na minha adolescência com a minha feminilidade, por exemplo assim: eu não vou me depilar e eu vou sair por mais que seja perigoso, isso foram conflitos muito maiores do que eu me relacionar com uma mulher, sabe? eu tinha muito mais conflito de chamar meu pai de machista e tretar muito com ele por causa disso, sabe? Por conta das atividades domésticas e cuidado com meu irmão. (MARTINS, Aliuscha. Entrevista cedida a Bianca Beatriz Lourenço Melatto, 2024).

Essas coisas dentro da escola, para mim foi muito difícil por conta do recorte de gênero. A menina tem que vir com tal uniforme. Eu não queria ir com o uniforme coladinho, com a saia, porque tinha saia no meu uniforme. Não queria ir, eu queria ir com a calça de tãtel que era muito mais confortável, eu queria ir com a camiseta mais larga porque era mais confortável, eu não me encaixava naquele padrão de gênero, que para mim era péssimo, eu fui muito sufocada na adolescência por causa disso. Só que na época, jamais imaginei que estava sendo sufocada, eu não tive nenhum contato com o feminismo ou com o movimento LGBT na adolescência. Nossa, acho que seria outra pessoa hoje se eu tivesse tido, não é? (GILI, Cintia. Entrevista cedida a Bianca Beatriz Lourenço Melatto, 2024).

A feminilidade é vista por meio dos hábitos que se inserem em um padrão de performatividade esperado de uma mulher, como por exemplo, a depilação e as tarefas domésticas. Isso se mostra como um conflito que foi maior do que relacionar-se com mulheres.

Para as nascidas a partir da década de 90, os debates já estavam mais consolidados e as experiências mais amplas. Dessa forma, para Barbara e Gabriela, as perspectivas foram diferentes:

Foi muito rápido, foi essa menina que eu fiquei com 15 anos, mas a gente não teve um relacionamento assim, certo? Então eu vou falar da segunda que foi, que ia lá em casa: mãe, essa é a minha namorada. Que a gente deve passou perrengue total, que foi com 17 anos. Ah, foi muito massa, eu tive muita sorte com namoradas, eu só tive uma namorada escrota, mas a minha primeira namorada foi uma pessoa muito especial. A mãe dela era evangélica, então a gente namorava escondido. Mas eu ia toda hora, todo dia, todo minuto, todo segundo, e a filha dela era uma caminhoneira, mas tudo bem. (BUBLITZ, Barbara. Entrevista cedida a Bianca Beatriz Lourenço Melatto, 2024).

Primeiro relacionamento de colocar aliança no dedo, sabe aquela expectativa de adolescente? Foi com uma menina que eu conheci em Blumenau, jogando futebol, ela morava com a avó dela e aí quando os pais ela descobriram, chamaram ela pra morar de novo na casa deles, que era lá em Itanhaém, em São Paulo, então mais uma vez, mais um checkpoint aí, relacionamento a distância, que foi

ali por um ano por aí, mas foi bem traumático. (SILVA, Gabriela. Entrevista cedida a Bianca Beatriz Lourenço Melatto, 2024).

A forma como a sexualidade é levantada durante a entrevista não está deslocada da perspectiva de gênero. Apesar da diversidade entre as indivíduos, todas elas são influenciadas pelas experiências dentro de um contexto heteronormativo predominante, onde a heterossexualidade é vista como padrão. As entrevistadas compartilharam histórias de como foram submetidas a essa ordem social dominante, sendo compelidas à heterossexualidade, chamado de "heterossexualidade compulsória" por Butler (2018). O desejo por homens é frequentemente apresentado como uma maneira de realizar o gênero, conformando-se às normas sociais associadas ao feminino.

3.6.3. Por que professora?

A escolha pela profissão vem muitas vezes pelo exemplo recebido durante o período escolar, o professor torna-se referência para formação de outros professores. A escolha desse ofício não foi algo tão consciente entre todas as entrevistadas. Estudos recentes indicam que os professores são responsáveis pelo ensino além da disciplina específica. É uma forma de tornar-se referência e espelho para futuros estudantes de licenciaturas, por meio do jeito de ser professor. Para Cruz e Marcel (2014), essa referência que é escolhida, é o professor cuja prática docente é entendida como exemplo a ser seguido no futuro. Cruz e Marcel (2014) afirmam que o professor formador, que é referência para os futuros professores, é aquele que os alunos consideram ser exemplo de prática docente e referência para a futura prática profissional.

Graziela brincava que era professora enquanto criança. Tinha um quadro na porta do seu armário e ali dava sua aula, brincava de escolinha. Era uma aluna que participava de todas as atividades propostas pela escola, era um ambiente onde ela recebia a atenção que faltava em casa de uma rotina agitada de trabalho. O cuidado das professoras passava por Grazi nos convites para ajudar os mais novos durante as aulas, para participar das oficinas de dança e teatro, estar presente na escola a influenciou no amor pela profissão: “A escola do bairro teve um papel bem importante na minha infância. Acho que não à toa que eu me tornei professora

depois, porque enfim, né?” (SOUSA, Graziela. Entrevista cedida a Bianca Beatriz Lourenço Melatto, 2024).

Para Gabriela, da mesma forma, a escola era um espaço importante de sociabilidades e atividades:

Foi nesse momento que eu acho que me veio o vínculo tão forte com a escola. Estudava de manhã, fazia monitoria na biblioteca de tarde a semana inteira, fazia vôlei, fazia futebol, tudo que dava para fazer na escola eu queria estar fazendo. (SILVA, Gabriela. Entrevista cedida a Bianca Beatriz Lourenço Melatto, 2024).

Assim como Grazi e Gabriela, Aliuscha também costumava passar o tempo com a brincadeira de escola: “Então eu tinha boneca, eu brincava muito de escola, estudava de manhã e brincava de escolinha tarde, essas coisas assim também, né?” (MARTINS, Aliuscha. Entrevista cedida a Bianca Beatriz Lourenço Melatto, 2024).

Para Barbara, a escola era um espaço de admiração de professores, especialmente das mulheres. Quando criança, Barbara relata sentir-se apaixonada pelas professoras. Ainda sem entender as questões a respeito da sexualidade por conta da idade, porém já na vida adulta, sua interpretação muda e percebe que foi fundamental para o entendimento da sua sexualidade:

Mas eu sentia que eu era apaixonada pelas minhas professoras, apaixonada, mas apaixonada de chorar. Eu ligava para casa dela, porque na época... eu tinha uma professora que eu era apaixonada, e ela deu para a gente o endereço para mandar carta, telefone. Aí eu ligava para ela, foda que ela nunca estava em casa, mas eu era bem pequena, sei lá, terceira série, bem pequenininha. E foi isso, fui percebendo que eu tinha essa atração. (BUBLITZ, Barbara. Entrevista cedida a Bianca Beatriz Lourenço Melatto, 2024).

Cintia foi atravessada pela questão das normas de gênero na escola, o que não resultou em um bom relacionamento com esse espaço. Ela não se via incluída naquele ambiente. As atividades que gostaria de exercer eram consideradas “masculinas” demais para ela, os uniformes a deixavam desconfortável. O trecho narrado por ela, citado no subcapítulo acima (3.6.2) relaciona-se com este, o gênero e a experiência escolar estudantil não estão desconectados. Ainda que gênero não tenha um ator que o performe, as normas se fazem presentes na escola, um espaço que subjetiva corpos operando através de um currículo.

Então, adolescência foi bem difícil por causa disso, eu não conseguia me ver inclusa ou na escola, ia fazer um trabalho que tinha que fazer voltado para sei lá, para uma coisa feminina, bonita, bem acabada, só que sempre fui mais criativa, então eu não podia ir jogar bola com os meninos, tinha que jogar vôlei. (GILI, Cintia. Entrevista cedida a Bianca Beatriz Lourenço Melatto, 2024).

A escola é um espaço que reproduz normas. Os alunos são separados em filas femininas e masculinas, distribuídos em carteiras alinhadas, devem pedir autorização para retirar-se das salas de aulas. A figura do professor, por sua vez, é vista como sendo necessária dar ordens e ensinar-lhe somente o que dispõe o conteúdo específico. Entretanto, nas narrativas, se observa no espaço escolar a resistência aos comportamentos que fogem da norma, como não se depilar ou o uso de determinadas vestimentas. Dessa forma, é possível ver que há uma disciplina que controla o discurso, que, por sua vez, subjetiva os corpos. Quando perguntada a respeito de comentários maldosos que a ofenderam, Aliuscha relata:

De certa maneira, sim, então, desde comentários sobre ser casada com mulher, como sobre eu não me depilar, sobre a maneira como eu me visto. (MARTINS, Aliuscha. Entrevista cedida a Bianca Beatriz Lourenço Melatto, 2024).

Para Graziela, as normas se apresentaram também em relação a performatividade do feminino, com comentários a respeito do seu cabelo: curto e grisalho.

As pessoas falam sobre: “Deus me livre, eu ter meu cabelo... como é? grisalho, Deus me livre deixar meu cabelo branco”. [...] ‘eu queria tanto deixar meu cabelo assim, mas o meu marido não deixa, mas a minha filha não deixa, mas a minha mãe não deixa’. De criança dizer: “você devia ser assim, seu cabelo devia ser comprido.” Daí eu digo: por que? Tem tantas maneiras de ser, eu gosto do meu cabelo assim. “Ah, mas eu não gosto”, então você não corta o seu. (DE SOUSA, Graziela. Entrevista cedida a Bianca Beatriz Lourenço Melatto, 2024).

Assim, é evidente que a escolha pela profissão docente muitas vezes é influenciada pelo exemplo recebido durante o período escolar, onde os professores se tornam modelos a serem seguidos ou referências quanto a seus posicionamentos. Esta decisão, embora não seja sempre consciente, pode ser profundamente impactada pela figura do professor que não apenas ensina sua

disciplina, mas também inspira através do seu modo de ser e de ensinar. Estudos recentes destacam que os professores desempenham um papel crucial não apenas no ensino de conteúdos, mas também na formação de identidades profissionais futuras.

3.6.4. A sala de aula

Por primeiro impulso, a sala de aula é um espaço para educação e ensino dos estudantes. Para Aliuscha não só isso. Foi atuante como professora que ela aprendeu como dialogar com opiniões diferentes, uma vez que sua relação com outros colegas não era muito boa devido a falta de entendimento:

Não era considerada, ninguém perguntava minha opinião para porra nenhuma, conselho de classe era muito difícil falar, tudo gerava uma falta de comunicação gigante. Eu conseguia me comunicar na sala de aula, eu conseguia estar no mundo, eu sentia que era meu lugar e era fora dali que a coisa era difícil e tal. (MARTINS, Aliuscha. Entrevista cedida a Bianca Beatriz Lourenço Melatto, 2024).

O desafio de não ser ouvida que Aliuscha enfrentou pode estar relacionado às performatividades de gênero.

A experiência de Graziela com os primeiros contatos foi um pouco frustrante para ela:

Eu queria escolher boas histórias para contar para as crianças, não queria me fantasiar para contar para a criança, porque eram menos importantes para mim, mas para direção... então até isso eu era cobrada, teve um momento super... tem umas coisas assim que você tem que revitalizar o espaço, na educação infantil tem muito isso, eu ficava: cara, eu não sou arquiteto, eu não sou... eu posso dizer... e minimamente que eu ia me colocando assim, eu já ia criando alguns pontos de divergência, mas também um ambiente tipo: cara, ou a gente trabalha coletivamente ou nada dá certo, então é isso, a gente se ajuda. (SOUSA, Graziela. Entrevista cedida a Bianca Beatriz Lourenço Melatto, 2024).

Para Cintia, o relato é semelhante sobre o ingresso e início em sala de aula. A conexão com os alunos estava em primeiro lugar:

Eu dava aula na periferia de Joinville, então comecei a me conectar muito com os alunos e comecei a perceber que eles me escutava, que no meio da aula de arte eles estavam realmente conseguindo se expressar. Eles estavam realmente conseguindo se conectar com as

coisas, mesmo assim, tem o tráfico, tem não sei o que, ‘meu, mas a minha professora disse que eu posso outra coisa, que eu posso, que eu tenho potencial para outra coisa e tudo mais’. Então foi nisso que eu comecei a me envolver, daí no ano seguinte, eu passei no concurso em Joinville, então me concurrei e comecei a trabalhar em outra escola de periferia, do outro lado da cidade e de novo, começou acontecer a mesma coisa, dessa conexão, então eu digo assim, que não fui eu que escolhi a docência, foi a docência que me escolheu e hoje eu não posso e não tenho nem palavras pra dizer o quanto me pegou. (GILI, Cintia. Entrevista cedida a Bianca Beatriz Lourenço Melatto, 2024).

Para Barbara, a experiência teve a interferência direta da administração da escola:

Nesse retorno, os primeiros anos também eu acho que foram uma bosta, né? Aí, depois de alguns anos de experiência que eu fui entender o que era escola e o que que funcionava e o que não funcionava, tomando muito no cu, porque também pouca gente ensina, pouca gente auxilia pelo menos no início. [...] Quando eu comecei depois da faculdade, eu comecei numa escola e daí lá eu conheci a minha companheira. Ela era professora de história e a gente se conheceu na escola e a gente se envolveu. Mas nada de cabuloso, sabe, só que ela era casada, mas a gente não teve um caso, foi tipo assim: a gente era amiga e daí eu me apaixonei por ela e eu falei: óh, seguinte: estou apaixonada, tá? E daí ela falou: “poxa, eu também”. *(Risos)* Daí eu falei: tá, mas eu não quero ser amante de ninguém, se resolve e tal. Acho que deu uma semana, ela conversou com o cara, com o marido dela, que era professor também, que ela queria separar e tal, daí foi e a gente assumiu o relacionamento porque não tinha nada de errado. Só que aí o diretor chamou a gente para falar que estava tudo bem e não sei o quê, mas eles se meteram de uma forma que era para não ser homofóbico mas chegou a ser. Ele é casado com uma mulher que eu acho que já se envolveu com mulheres no passado. Eu não sei se ela é bissexual, se ela é lésbica, mas eu sei que ela é muito católica e ele também, e daí ele falou para a gente assim: “ah, porque a minha esposa, você sabe que ela também já foi sapatão, né? E eu que tirei ela dessa vida”, um negócio assim, daí eu fiquei tipo: Hmm, está tudo bem. “Mas está tudo bem para gente, tá?” Daí eu: tá, né? Mas esse cara, nossa, é muito pirado. Ele me assediou muito moralmente assim, tanto que eu saí dessa escola depois, não sei se era algo dele reprimido de homofobia ou se ele realmente não gostava de mim. (BUBLITZ, Barbara. Entrevista cedida a Bianca Beatriz Lourenço Melatto, 2024)

As dificuldades enfrentadas por Gabriela residiam nas burocracias da profissão e menos na atuação da profissão:

Foi um perrengue a questão de locomoção e em relação às metodologias, acho que o primeiro ano a gente sofre muito para

conseguir pensar em dinâmica de sala de aula, o tempo, todo o teu planejamento, às vezes a gente coloca, meu, colocava muitas coisas para trabalhar em uma aula que não dava certo, primeiro ano foi de você aprender a lidar com a sala de aula. [...] Fiz amizades que eu tenho até hoje do círculo de professores, que querendo ou não, quando a gente quer se unir, a gente consegue, foi bem positivo nesse sentido. (ALVES, Gabriela. Entrevista cedida a Bianca Beatriz Lourenço Melatto, 2024)

As experiências são recorrentes, as narrativas dessas professoras apontam que as histórias podem ser vetores de memórias. Da mesma forma, não há como dissociar poder e disciplina das instituições escolares que são atravessadas pelas falas dessas sujeitas de pesquisa. A necessidade de colocar-se como parte essencial na escola é uma forma de colocar-se como mulher sáfica que atua em sociedade, pois assim torna-se uma referência para um grupo onde o foco não é a sexualidade, mas sim que há uma construção de identificações entre elas. Esse assunto será melhor discutido no próximo capítulo.

4. CONSTRUÇÃO DE MEMÓRIAS SOCIAIS EM UM CURRÍCULO DE ENSINO FUNDAMENTAL

As falas das sujeitas da pesquisa evidenciaram a importância da presença sáfica em uma sala de aula. São mulheres que experimentaram a vida privada, na família, mas também nos espaços públicos, como as escolas e na cidade sob uma perspectiva das diferenças de suas sexualidades. Que, em grande medida, determinaram uma desigualdade. Assim, ao ocuparem o espaço na sala de aula – espaço de referência tanto para identificações como para negações identitárias –, se performam como mulheres sáficas/professoras e, neste lugar interseccionado não são apenas mulheres sáficas, mas mulheres sáficas que ocupam um lugar social de reconhecimento. Essa experiência existencial narrada nas entrevistas, oferece a elas um lócus de reflexividade sobre si mesmas e os significados do seu fazer docente.

Elas narram sobre ser parte essencial na escola e seus fazeres como mulher sáfica atuante na sociedade, que as tornam referências para um grupo onde o foco não é a sexualidade, mas sim que há uma construção de identificações e negações entre elas. Essa pesquisa se interessa por essa variável na cultura escolar, e, neste capítulo será discutido essas relações tanto no currículo quanto na cultura escolar.

É importante salientar que a cultura escolar é tomada aqui como uma categoria da História da Educação e o currículo assim como um conceito das Teorias do Currículo no campo da Educação. Consciente das diferenças epistemológicas entre eles, se propõe neste capítulo uma aproximação dos dois termos em uma aposta de ganhos para a reflexão acerca das memórias evidenciadas nas narrativas das sujeitas entrevistadas.

4.1. Currículo e Cultura escolar: uma aproximação possível

Embora o “currículo” seja carregado de sentidos de um documento que determina aos estudantes os seus conteúdos, organização destes e a distribuição do conhecimento em áreas e séries, ele pode ser pensado de forma mais ampla. Sacristán (2010) registra esse entendimento inicial de seu uso e que, em certa medida, ainda persiste no senso comum.

O conceito de currículo, desde seu uso inicial, representa a expressão e a proposta da organização dos segmentos e fragmentos dos conteúdos que o compõem; é uma espécie de ordenação ou partitura que articula os episódios isolados das ações, sem a qual esses ficariam desordenados, isolados entre si ou simplesmente justapostos, promovendo uma aprendizagem fragmentada (SACRISTÁN, 2010, p. 1017.)

No entanto, já não é novidade que o currículo pode ser interpretado como um dispositivo teórico, ou seja, um lócus privilegiado de produção de conhecimentos, verdade e, portanto, subjetividades. Quem traz esse estudo é Tomaz Tadeu da Silva (2007) no texto “Documentos de Identidade – uma introdução às teorias do currículo”. Neste texto, ele classifica em três grandes perspectivas teóricas que se pode entender e produzir currículos. Na primeira – a) teorias tradicionais – ele analisa os aspectos a que interessam os curriculistas, como: o ensino/aprendizagem nas disciplinas; a avaliação; a metodologia; a didática; a organização e planejamento da escola; os objetivos e a eficiência do fazer docente (SILVA, 2007, p. 17). São temas de importância no labor profissional dos professores, equivalente aos apontamentos de Sacristán (2020), no entanto, outras teorias do currículo apontam uma ampliação dessas temáticas.

A segunda perspectiva apontada por Silva (2007) fala sobre Teorias Críticas do currículo. São aquelas que se interessam por questionar um *status quo*. Referem-se a ideologia de uma proposta pedagógica; as representações culturais e sociais que um currículo pode reproduzir ou criar; o poder que existe nas decisões sobre o que aprender na escola; a reprodução da força produtiva que pode manter uma classe social; as relações de produção capitalistas ensinadas e aprendidas nas escolas; a força de emancipação e conscientização dos fazeres escolares; o currículo oculto e outras resistências. Essa perspectiva das teorias do currículo fez ver a escola sob uma dimensão fértil de rupturas sociais (SILVA, 2007, p. 17).

A última perspectiva, mas não menos importante as Teorias pós-críticas do currículo. Aqui a palavra “pós”, não significa um depois, mas sobretudo um pensar sobre as teorias críticas e aquilo que elas não dão conta. São aspectos por exemplo da identidade, alteridade, diferença que a classe social não permite ver. Na perspectiva da classe se vê os trabalhadores, no entanto, entre eles estão muitas

diferenças como as mulheres, as mulheres negras, as mulheres mães entre outras diferenças. Nessa perspectiva esses estudos se interessam pela forma como as subjetividades são construídas pelo currículo; como as coisas são significadas e como os discursos podem incorporar realidades. Articulações entre o saber e o poder são destaques, ou seja, o que se ensina na escola se mostra saberes poderosos que constroem identidades e lugares sociais. Nessa esteira de pensamento há também os estudos que pautam nas representações sobre o mundo, sobre como uma cultura pode ser significada. Gênero, raça, etnia e sexualidade são categorias privilegiadas nesses estudos, assim como o multiculturalismo, as políticas culturais e de identidades (SILVA, 2007, p. 17).

Esta pesquisa escolhe essa última perspectiva das teorias do currículo. Sandra Corazza (2010) estuda as Teorias do Currículo, nas palavras dela,

As teorias pós-críticas orientam a atenção do/a pesquisador/a para certas unidades analíticas, mas não lhe fornece nenhuma “solução” para os problemas que está considerando. O que elas fazem surgir são outros sentidos para um currículo, que, depois, vão ser cotejados com as outras teorias de sentido. (CORAZZA, 2010, p. 20)

O currículo, a partir da teoria pós-crítica, só pode ser pensado através da colaboração e do diálogo, reconhecendo as variadas perspectivas que grupos e comunidades apresentam. Especialmente em relação às realidades cotidianas das salas de aula, a teoria é algo que tomava muito espaço na perspectiva crítica, já para os pós-críticos, a prática não pode ser deixada de lado. Desta forma, a autora denomina de Pós-curriculo da diferença a possibilidade de considerar currículos todos os lugares em que os corpos se subjetivam. A ideia se apresenta como uma abordagem questionadora das premissas e práticas do currículo tradicional e crítico. A teoria pós-crítica questiona a ideia de uma verdade absoluta e universal para avaliar o currículo pois reconhece a complexidade e a diversidade das experiências educacionais, onde a abordagem mais plural ganha espaço frente ao desenvolvimento curricular. Essa abordagem não busca estabelecer novas verdades absolutas, mas antes, oferecer questionamentos e outros sentidos possíveis que “oferecer outros pensamentos, sonhos, emoções, humanidade diferentes” (CORAZZA, 2010, p. 112)

Mesmo que essa perspectiva não é orientadora de currículos pensados pelas escolas, constatou-se que na prática os gestores sabem da potência de construção

subjetiva e poderosa de um currículo. Cintia narrou um episódio em sua entrevista que deixa claro essa consciência dos curriculistas em questão.

Eu fui colocada dentro de uma sala pequenininha com a diretora, a vice-diretora, todo o corpo pedagógico, auxiliar, todas aquelas pessoas que ficam ali na direção, trancaram a porta, tiraram a chave, só que alguma coisa dentro de mim falava para gravar aquela conversa e eu estava com meu celular no bolso, e aí ela colocou o meu estágio probatório na frente dela e disse: “se você não parar o projeto que você está fazendo hoje, eu vou colocar no seu estágio probatório nota baixa, por que homossexualismo é igual ao aborto, você não pode dizer que é normal”, essa é uma das frases que eu lembro, mas teve várias, vários, vários, vários, então eles me coagiram de uma forma que eu nunca senti na minha vida, todo mundo falando ao meu redor, sabe, todas elas falando e eu ali no meio, com a minha vida ali na frente delas, que era o meu estágio probatório, então elas me coagiram, fizeram eu parar o projeto e a partir daquele momento, naquela escola eu nunca mais trabalhei nada na temática, mas eu fui até os meus alunos, falei para eles o que tinha acontecido, falei: olha, a diretora mandou parar o projeto, inclusive, eu falei: vocês lembram que a gente conversou sobre homofobia? Então, está acontecendo agora, é um momento histórico - eu falei para eles - estamos vivendo a história, ela mandou parar porque ela disse que não está dentro das crenças religiosas e que nem a sociedade não está pronta para esse tema, imagina se a nossa escola vai estar. (GILI, Cintia. Entrevista cedida a Bianca Beatriz Lourenço Melatto, 2024).

Essa narrativa evidencia que para além dos conteúdos que podem ser prescritivos em um currículo, existem aqueles que silenciosamente são ensinados e aprendidos.

Quando eu comecei depois da faculdade, eu comecei numa escola e daí lá eu conheci a minha companheira. Ela era professora de história e a gente se conheceu na escola e a gente se envolveu. Mas nada de cabuloso, só que ela era casada, mas a gente não teve um caso, foi tipo assim: a gente era amiga e daí eu me apaixonei por ela e eu falei: óh, seguinte: estou apaixonada, tá? E daí ela falou: “poxa, eu também”. (Risos) Daí eu falei: tá, mas eu não quero ser amante de ninguém, se resolve e tal. Acho que deu uma semana, ela conversou com o cara, com o marido dela, que era professor também, que ela queria separar e tal, daí foi e a gente assumiu o relacionamento porque não tinha nada de errado. Só que aí o diretor chamou a gente para falar que estava tudo bem e não sei o quê, mas eles se meteram de uma forma que era para não ser homofóbico mas chegou a ser. [...] daí ele falou para a gente assim: “ah, porque a minha esposa, você sabe que ela também já foi sapatão, né? E eu que tirei ela dessa vida”, um negócio assim. (BUBLITZ, Barbara. Entrevista cedida a Bianca Beatriz Lourenço Melatto, 2024).

Foi importante para o diretor dizer que estavam em seu radar. A chave que argumenta o pós-curriculo – que os corpos são subjetivados em consumos de verdades – é sabido nas práticas pedagógicas da escola. Como observado na fala da equipe gestora para Cíntia: “ela mandou parar porque ela disse que não está dentro das crenças religiosas e que nem a sociedade não está pronta para esse tema, imagina se a nossa escola vai estar.” (GILI, Cintia. Entrevista cedida a Bianca Beatriz Lourenço Melatto, 2024). Não existe ingenuidade nessas práticas. No entanto, saber disso de forma consciente pelo professor, potencializa a criação do que Corazza (2010) chama de pós-curriculo da diferença, ou seja, são possibilidades de resignificação de práticas homofóbicas, por exemplo.

Tomar a escola como um lugar de significação/ressignificação do mundo é um tema estudado pelos historiadores da Educação. O termo Cultura Escolar considera que essa cultura específica, forjada na escola, dialoga com outras culturas também específicas. Segundo Julia (2001),

[...] cultura escolar não pode ser estudada sem a análise precisa das relações conflituosas ou pacíficas que ela mantém com o conjunto das culturas que lhe são contemporâneas: cultura religiosa, cultura política ou cultura popular. (JULIA, 2001, p.10)

Significa dizer que as relações homofóbicas no interior da escola possuem raízes em outras culturas de onde vêm professores e grupos familiares.

Porém, é possível identificar em um sentido mais amplo, alguns modos de pensar e de agir que são largamente difundidos no interior de nossas sociedades, que são concebidos e ou adquiridos a partir de conhecimentos e de habilidades próprias dos processos formais de escolarização. A isso se confere a existência de uma cultura escolar. Existem um intercâmbio de significados entre essas culturas, mas é no interior da história das disciplinas escolares que se forja a cultura escolar, ou seja, são a partir de verdades ensinadas na escola e por práticas específicas mediadas por um corpo de profissionais especializados e por aplicação de técnicas como fragmentação do tempo, das séries e níveis escolares, que os escolares se subjetivam nesta cultura específica.

Eu passei a ter mais obrigações domésticas do que o meu outro irmão. [...] eu acho que tanto uma coisa de a mulher ficar mais em casa, tinha mais atividades domésticas, mas era também medo, não era só uma moralização do meu caráter, sabe?” (MARTINS, Aliuscha. Entrevista cedida a Bianca Beatriz Lourenço Melatto, 2024).

Para Graziela, “Então eu maiorzinha já tinha que me virar, né? Chegar em casa, preparar o almoço, fazer a comida e também os trabalhos domésticos, de cuidado de casa e tal, também já muito cedo já eram me designados.” (SOUSA, Graziela. Entrevista cedida a Bianca Beatriz Lourenço Melatto, 2024). e Gabriela “Por ser mulher, menina, desde cedo aprendi a ajudar, a me virar, fazer as coisas, seja comida, seja limpeza de casa, estava sempre ali ajudando, sempre sendo proativa nesse sentido.” (ALVES, Gabriela. Entrevista cedida a Bianca Beatriz Lourenço Melatto, 2024)

Eu acordava cedo, ia para escola, sempre estudei de manhã e depois retornava para casa e fazia as atividades de casa, limpava, varria, o que cabia para idade, talvez até mais, eu chegava a limpar banheiro, limpar a janela, varrer calçada, então tudo isso eu fiz durante a infância, nunca tive “ai meu Deus, é só criança, tem que só brincar”. Não, tinha que participar da vida né? Ia para a catequese também, então também fazia parte da rotina. (GILI, Cintia. Entrevista cedida a Bianca Beatriz Lourenço Melatto, 2024).

Nessas narrativas fica evidente que a cultura em que elas cresceram as informou sobre uma desigualdade justificada em suas diferenças de gênero e sexualidade. E as experiências delas nas escolas, já adultas e como professoras, reforça a ideia de que essas culturas se intercambiam. Embora a cultura escolar seja um espaço de possibilidades para saberes emancipatórios, como sugere Corazza (2010) ao falar do pós-curriculo da diferença, ela está repleta de reproduções e significações restritivas para essas mulheres. As disciplinas escolares podem ser lugares de saberes sobre o mundo que tanto reproduz o mundo como produz, cria e reinventa novas humanidades.

Aliuscha entende que pode ser referência para outros adolescentes, considerando que, durante sua vida escolar, não teve essa experiência. Isso não está escrito no currículo, mas é uma forma de dar importância ao trabalho dela para além da disciplina e saberes técnicos, se mostrando como agente de diferença.

Você percebe que vai abrindo porta para referência. Isso é importante, porque você perguntou da minha infância, né? Da minha adolescência, foi o que faltou pra mim no caso, né? Então eu acho que é muito importante. Hoje eu sinto que uma das coisas mais importantes que eu faço na escola de aula é levar a referência de um mundo que exista para além do óbvio. Para além de uma assim... um caleidoscópio de oportunidades, né? Trazer muitas coisas assim.

(MARTINS, Aliuscha. Entrevista cedida a Bianca Beatriz Lourenço Melatto, 2024).

Para Graziela, a importância da presença de professoras sáficas reside na forma de ser, buscando mostrar que as formas de ser que fogem da norma, assim como ela, também são válidas: “Então a minha presença não faz grande diferença, mas é uma presença que vai dizer: o jeito que você é o melhor jeito de ser, porque é o seu jeito e acabou. Nisso eu acho importante a minha presença assim” (SOUSA, Graziela. Entrevista cedida a Bianca Beatriz Lourenço Melatto, 2024).

É importante dizer que não se trata de resumir a atuação das professoras sáficas em sala de aula somente a sua orientação sexual, trata-se de naturalizar a existência desse grupo, bem como sua ocupação de espaços públicos e cargos de referência para um grupo. Gabriela aponta que, quando questionada sobre seu suposto noivo, responde:

“Ah, como que é o nome do teu noivo? Como é o nome?”, eu falo: é noiva, é a Ana, eu vou nomeando...Não minto, não abaixo, a bola em relação a isso, sabe? Mas não é algo que eu levante como causa principal e não resume quem eu sou, mas é uma parte muito importante que vai definir o que eu penso, como eu ajo, minhas condutas, mas não é somente isso. (ALVES, Gabriela. Entrevista cedida a Bianca Beatriz Lourenço Melatto, 2024)

De forma semelhante, a presença de Barbara pode representar, de acordo com o que foi expressado por ela em sua entrevista, uma força diferente de enxergar o mundo a partir da lente do “diferente”, aquele que não se adequa ao dito normal e típico, escapando da norma. Assim como Gabriela, a sexualidade de Barbara não é conteúdo para sala de aula, entretanto, as relações humanas que se estabelecem a partir de sua experiência enquanto mulher sáfica, são perceptíveis e fundamentais para tornar-se referência.

A prática pedagógica não. As estruturas da aula em si, mas a outra parte que está implícita no cotidiano e na lida com as diferenças e com a tolerância e com outro e com diálogo, aí sim, eu acho que é importante a parte mais humana da educação. Não que tenha uma parte não humana, mas essa parte do convívio, da interação, sim.(BUBLITZ, Barbara. Entrevista cedida a Bianca Beatriz Lourenço Melatto, 2024).

O pós-curriculo da diferença, aqui posto em diálogo com a cultura escolar, se mostra como potência para essa criação de saberes e memórias para um novo mundo. Apenas por existir mulheres sáficas neste lugar legítimo que é a docência,

elas interferem na significação dessa cultura. O que decidimos chamar aqui de memórias para um novo mundo.

Por memória, nesta pesquisa, optou-se por trabalhar com a perspectiva de por Ecléa Bosi (2003) que a concebe em sua complexidade individual e coletiva ao mesmo tempo. “Parece que há sempre uma narrativa coletiva privilegiada no interior de um mito ou de uma ideologia. E essa narrativa explicadora e legitimadora serve ao poder que a transmite e difunde.” (BOSI, 2003, p. 17). Há perspectivas que são legitimadas pois se encaixam dentro das normativas. Uma expressão disso são as normas de gênero - as performatividades referentes àquilo que se construiu como “masculino” e “feminino” - e normas de sexualidade - a heterossexualidade. Essas perspectivas foram consideradas legítimas pois foram privilegiadas por meio dos seus poderes de transmissão e difusão, uma vez que se adequam à norma. Entretanto, nesta dissertação, as narrativas de professoras sáficas carregam intenções e interesses que funcionam como referência para construção de memórias para um novo mundo pois são vivências experienciadas por um grupo posto à margem.

A memória não é apenas um fenômeno individual, mas também um fenômeno social, moldado e compartilhado por grupos e comunidade, uma vez que a classe ou grupo se alimenta de imagens, sentimentos, ideias e valores que dão identidade a eles. Dessa forma, a memória mostra-se como um conceito vital para construção de lócus identitários, promovendo a conexão entre as experiências vividas e o percepções presentes.

Bosi utiliza o texto “Matéria e Memória” de Henri Bergson (1959) para articular a ideia de memória. É importante que se diga que, a partir de Bergson, não há busca identitária sem memória, ou seja, se faz necessário que aquilo que é estabelecido como identidade seja atravessado pela memória. Também se faz verdadeira a busca guiada pela memória, esta traz sentimento de identidade. Os autores abordam o esquecimento como expressão de como fatos históricos incidiram no cotidiano das pessoas, tendo em vista que aquilo que um grupo decide lembrar ou esquecer é o que legitima - ou deslegitima -, discursos, atitudes, ações políticas e sociais. A escolha do que se lembra serve também para questionar as narrativas dominantes e a reconhecer as lacunas e os silêncios presentes na construção da memória coletiva.

Sobre o aspecto coletivo da memória é Candau (2011) que vai complementar os estudos de Halbwachs e conferir à memória coletiva um status político de arranjos socialmente criados e organizados mais ou menos em uma conformação. Em seu texto “Memória e Identidade”, Joël Candau (2011) traz os conceitos de memória divididos em três taxonomias. A primeira, memória de baixo nível e também chamada de protomemória, é a memória que abriga os saberes e experiências mais resistentes e bem compartilhadas pelos membros de uma sociedade. Classifica-se como uma memória social tão incorporada que os atos reproduzidos a partir dela tornam-se imperceptíveis. A segunda categoria corresponde às memórias de alto nível, relacionadas às lembranças e memórias dos saberes, crenças, sensações, sentimentos. A terceira e última divisão é chamada de metamemória, responsável pela representação de cada indivíduo de sua própria memória. É a partir desta concepção que a memória pode ser entendida como coletiva.

Portanto, por memória coletiva entende-se que é o enunciado de membros de um grupo, produzido sobre uma memória supostamente comum a todos os membros deste grupo. Não se trata da mesma memória, isso não seria possível pois elas são individuais, cada ser humano tem a sua. Tratam-se de representações compartilhadas que, obrigatoriamente, devem existir com o mesmo horizonte, uma descrição de um compartilhamento hipotético de lembranças:

Essa pesquisa nos mostra que não pode haver construção de uma memória coletiva se as memórias individuais não se abrem umas às outras visando objetivos comuns, tendo um mesmo horizonte de ação. (CANDAU, 2011, p. 48)

A partir disso, as discussões sobre identidade tomam espaço e a ideia defendida por Bergson (1959) é complementada por Candau (2011) quando ele afirma que a identidade é constituída de diferentes representações, ou seja, diferentes interpretações de suas próprias memórias, que, no coletivo, são as rememorações comuns a um grupo específico. Nesta dissertação, o grupo de que se fala são as professoras sáficas e, da mesma forma, a identidade coletiva também é uma representação, uma vez que identidade não existe sem a relação com o outro, o sentimento de ter um lugar no mundo se faz na relação estabelecida com o outro. “Nisso, toda memória é social, mas não necessariamente coletiva.” (CANDAU, 2011, p. 49).

Eu trabalho na educação especial agora e eu acho que trabalhar na educação especial já é um ponto que me coloca assim: ó cara, vamos trabalhar com o que é divergente, não com a norma, porque é o que eu sou, então me coloca em sintonia com isso. (SOUSA, Graziela. Entrevista cedida a Bianca Beatriz Lourenço Melatto. 2024.)

E então eu acho que é mais a minha perspectiva em sala que é a de não negligenciar esse aspecto da vida, do que eu ser uma mulher bissexual. É claro que isso vai ser interessante para um adolescente que vem de uma família que é heteronormativa, que faz questão que ele desempenhe esse papel, então vai ser diferente se eu sou a única pessoa que ele conhece, vai ser interessante, né? Mas também vai ser interessante se eu sou a única pessoa que fala sobre o que ele sente, que está disposto a ouvir, que está disposto a compreender, a aceitar que aquilo é importante também, né? (MARTINS, Aliuscha. Entrevista cedida a Bianca Beatriz Lourenço Melatto, 2024.

Elas constatarem as suas intenções políticas de criar vínculos, afetos com os estudantes para além da norma. Existe claramente em suas falas a importância de criar mundos em que as diferenças não sejam a justificativa para desigualdades. Dessa forma, afirma-se que as situações vividas por aqueles que integram o currículo, ou cultura escolar, podem se transformar em memória individual e coletiva se houver um indivíduo que sinta-se afetivamente ligado à experiência dessa escola.

Em um texto bastante conhecido sobre as complexas relações de identidades, Stuart Hall (2003) pergunta “Quem precisa de identidade?”. São nas relações de alteridade em que as diferenças funcionam como desigualdades que essas subjetividades anseiam por existir e acirram as ações ativistas de identidade. Aliuscha e Grazi apostam na construção de memórias para um novo mundo em que as pessoas naturalizem a existência dos “divergentes”.

4.2. A ordem do discurso na cultura escolar

Para Anne-Marie Chartier (2005), cultura é um termo com vários significados e que, portanto, deve-se ter atenção ao utilizá-lo. Fernando de Azevedo é uma das figuras evocadas por ela para explicar o conceito de cultura e que dialoga com os escritos desta dissertação, tendo em vista a perspectiva de intelectuais como Bastide e Humboldt de que a cultura é a elevação humana acima das utilidades sociais, é o estado moral, intelectual e artístico. É necessário uma tríade entre

cultura (obras de arte, formas de pensar, língua), identidade nacional (o que caracteriza e elabora uma consciência de pertencimento a uma nação) e, por fim, instituição escolar. A escola tem papel fundamental na construção de uma cultura, uma vez que ela é, de certa forma, responsável por difundir valores e ideais sociais estabelecidos por meio da cultura e identidade nacional. De forma alinhada à concepção de Émile Durkheim, Azevedo afirma que: "a educação consiste, em sua essência, na transmissão de uma civilização, numa pressão exercida pelas gerações adultas sobre as gerações jovens, a fim de que estas recolham e realizem os ideais que aquelas trazem consigo" (AZEVEDO, 1958, p. 45, apud CHARTIER, 2005, p. 37).

A partir da segunda metade do século XX, o mundo é palco de revoluções. A televisão passa a competir com a escola sobre comportamentos, costumes e aspirações, não é somente a escola que tem responsabilidade de regular a cultura e prática social. As grandes estrelas do cinema passam a ser referência e impor normas e valores. O estudo sobre os clássicos provocava cada vez menos identificação e entusiasmo. Portanto, "esta crise, que é uma crise da escola, é também uma crise da cultura." (CHARTIER, 2005, p. 13). Surge uma instabilidade na instituição que, até então, era referência central e incontestável, pois ainda que a presença dos estudantes tenha aumentado, devido ao acesso dos mais pobres, isso não significa que a influência da escola também aumentou.

Por muitos anos, a cultura e a incultura eram considerados opostos, da mesma forma que o escuro e as luzes. Essa visão foi sustentada pelos antropólogos do século XIX devido à realização de uma pesquisa que inventariou os saberes transmitidos por gerações em sociedades sem escrita e sem escolas. Qualquer saber que fosse proveniente de tradições, de "ver fazer, ouvir dizer" (CHARTIER, 2005, p. 14), que fossem escritos ou ditos em línguas vernaculares, era considerado ilegítimo ou mitológico. Essa separação entre científico e supersticioso embasou a cultura e valor do modelo escolar.

O crescimento econômico e o acelerado desenvolvimento dos meios audiovisuais, surge a chamada "cultura de massa" nos anos 1950. Os pedagogos apostaram que a democratização do ensino seria a difusão do conhecimento e obras-primas através do crescimento econômico e livro de bolso, no entanto, são os discos de rock e revistas em quadrinhos que ocupam o mercado. Alguns professores logo assumem que a democratização cultural viria pela televisão, pois

ela é capaz de levar a domicílio a cultura clássica de peças de teatro, pinturas e concertos de música. Porém, não é a intenção dela. Seu objetivo é somente seduzir o grande público.

Por cultura de massa entende-se aquilo que é veiculado pelos grandes meios de comunicação em massa e, usualmente, produz duas reações: a primeira dela é o desprezo. É vista como uma forma de alienar e afastar as camadas populares da realidade e daquilo que deve ser reivindicado. De outro lado, coloca em xeque a supremacia do impresso e afirma que não se pode ignorar a revolução cultural do século. Isso fortalece a dicotomia entre “cultura” e “incultura”, onde a escola se mostra como meio de reproduzir a cultura escrita e apegada ao passado, enquanto a televisão é apontada como forma de divertimento atual e que transmite a incultura. Ainda que as crianças do meio popular começam a ter acessos às literaturas clássicas nas escolas, são erroneamente tomadas como incapazes por não saberem interpretar textos literários, não ir ao teatro ou não falar a língua normativa. Isso se dá porque não faz parte da convivência cultural delas fora daquele ambiente, o que torna difícil a adaptação às formas da cultura escolar e aderir aos conteúdos na conquista do esperado diploma.

Para a esquerda, a cultura é burguesa e de classe, e tem por objetivo separar os que devem ter acesso, a elite e os herdeiros, e os que devem permanecer nas trevas, reprovados e desfavorecidos (Bourdieu, 1979). Essa cultura também estabelece que há obras atemporais que poderiam resolver os problemas da atualidade, entretanto isso esconde realidades sociais e históricas permeadas por conflitos e destinos singulares. Democratizar a escola se mostra um problema também, pois traz para ela a cultura burguesa e os grandes clássicos que não conseguem ser acompanhados por crianças populares, se revelando como uma ferramenta de seleção e apontando o fracasso dos populares. A educação que pensaram ser libertadora, na verdade, aumenta as desigualdades que pretendiam abolir.

A cultura burguesa não é válida pois acirra as desigualdades, a cultura popular tampouco devido à sua veiculação através da televisão. A partir de maio de 1968, é necessário rejeitar os ensinamentos e a crença neles dos antigos professores. Surge uma nova abordagem para a cultura: científica e sem ideologias. É a partir dessa perspectiva que as humanidades são separadas em ciências humanas nas universidades e separadas por departamentos independentes, que,

sua vez, geram mais carreiras e cargos. Entretanto, é no nascimento das novas ciências que surge uma oposição entre ensino literário e a neutralidade científica em desenvolvimento. O primeiro sugere tornar o leitor mais sábio, promovendo admiração e degustação das obras, enquanto o segundo espera que as novas disciplinas tenham o caráter descritivo e analítico. A cultura audiovisual fez a cultura escrita ser algo do passado, obrigando cada um a adaptar seus gostos e valores aos impostos pela escola e aos poucos, caminhar para o fim da oposição entre cultura e incultura.

Para os antropólogos, “cultura é o conjunto de ações e de produtos por meio dos quais um grupo social atribui sentido e valor a suas práticas sociais, das mais ordinárias às mais excepcionais, e caracteriza sua identidade de modo específico” (CHARTIER, 2005, p. 17). Um exemplo disso é a alimentação, todo ser humano precisa se alimentar para sobreviver, porém a forma que cada grupo se organiza, seja por proibições, rituais ou formas de armazenar o alimento, é variável e constitui a cultura dessas pessoas. Enquanto humanos, reproduzimos constantemente a transformação do alimento em cozinha, a reprodução em família e a morte em sepultura. Poesias, mitos e religião passam a ser relatos memoriais de experiências de vida e sobrevivência, finalizando com a ideia de cultura sendo objetos como livros e obras de arte da classe privilegiada e que salvariam os pobres da selvageria e os trariam para a humanidade civilizada. Há culturas dominadas e dominantes, explícito no contexto das colonizações americanas, africanas e asiáticas, mas um fenômeno francês nos anos 1970 e 1980 denota algo semelhante. Uma escola republicana teria imposto a cultura parisiense e eliminado violentamente a cultura e a língua regional que não estão escritas, não estão dispostas nos livros de cultura erudita, mas são vistas no cotidiano através de rituais, festas e comemorações. São mais aceitas pelo rádio, pelo cinema e pela televisão do que pela escola.

Alguns especialistas afirmam que vive-se então uma sociedade do espetáculo e consumo, onde indivíduos apenas consomem e alienam-se, a qualidade dos produtos já não é o que mais importa mas sim as marcas e embalagens, relacionando-se ao sistema capitalista de consumo e desejo inconsciente. O problema é que “[...] a cultura é tudo, isto é, qualquer coisa.” (CHARTIER, 2005, p. 20). A oposição agora é entre a cultura elitista e seletiva, que marca bem seus critérios de inclusão e o ecletismo das culturas plurais que vêm as críticas como intolerâncias etnocêntricas. O relativismo é ótimo para uma sociedade de consumo

que enxerga produções culturais como bens de consumo para agradar todos os clientes. Todas as minorias são bem-vindas, sem racismo, sem xenofobia.

Torna-se um problema quando o projeto escolar deve ser feito em conjunto e está inserido numa sociedade em que o conceito de cultura está associado ao "individualismo", porém se recusa a assumir. A questão que surge é: como escapar das microculturas que se fecham em grupos e que se opõem?

A escola é capaz de ultrapassar este mosaico identitário para propor uma formação compartilhada, uma razão de “viver junto” que transcenda as singularidades dos grupos de origem? Ou ela deve acolher com respeito todas as culturas de origem dos alunos, procurando evitar o diálogo de surdos ou os conflitos sem fim? Como pensar uma definição da cultural “no plural”, que tenta ultrapassar esta aporia, tanto prática como teórica? (CHARTIER, 2005, p. 20).

Adquirir um saber não significa entrar numa cultura, isso ficou claro com a escolarização em massa. Apesar da ideia da escola como lugar unificador de conhecimentos nunca ter existido, ela funcionava o suficiente para fazer acreditar coletivamente que ela era legítima. Como a escola pode então participar da tarefa sem negar-se ao que o termo cultura significa hoje? Segundo Anne-Marie Chartier, é necessário se desprender da representação escolar da cultura. Ela não está nos livros mas sim em gestos e ações, ela faz sentido através do “fazer” e, portanto, deve ser pensada a partir dos atores. Michel de Certeau afirma que as estratégias são sustentadas pelas instituições, as táticas são improvisadas pelos atores. Por estratégias entende-se o domínio do espaço de ação, uso de força e imposição de programas. A cultura localiza-se nas táticas, ou seja, cada ator coloca sua marca naquilo que faz, compreende ou vive.

Entendendo a cultura como práticas sociais, uma questão que surge é: qual cultura será definida e imposta autoritariamente pela escola? A cultura escolar está cada vez mais próxima do que é a cultura de massa, porque o que torna a cultura algo a ser transmitido é a crença partilhada e coletiva, não individual como mostram-se os bens de consumo. O que modifica, portanto, o fundo cultural da escola está no que se é possível crer, concordar e discordar. Passa a ser comum o sentimento da geração seguinte sobre a anterior: a evidência da última geração já não condiz com a realidade vivida. De outro lado, há também a esperança depositada numa inovação jamais imaginada pela geração passada. “As revoluções culturais estão assim do lado da queda das ilusões” (CHARTIER, 2005, p. 26), para

exemplificar, não se acredita que as escolas devam cristianizar e livrar a sociedade das ditaduras ou acabar o iletrismo. O que liga poder e palavra, está no centro das mudanças é a escola.

Associado às ideias de Foucault (1970), as normas, regras e padrões de comportamento são estabelecidas e mantidas por instituições sociais variadas, entre elas, está a escola. Partindo disso, o corpo e mente são submetidos a uma série de práticas e discursos para se encaixarem na dualidade da norma. O que não se encaixa é considerado o desviante. A identidade da escola é forjada pela cultura escolar. A exemplo: “A disciplina é um princípio de controle da produção do discurso. Ela lhe fixa os limites pelo jogo de uma identidade que tem a forma de uma reatualização permanente das regras.” (FOUCAULT, 1970, p. 36). A cultura escolar, por sua vez, é parcialmente forjada pelos componentes curriculares, que são capazes de elaborar os discursos que subjetivam corpos.

Para Michel Foucault (1970), há uma forma pela qual as sociedades constroem e mantêm uma narrativa coletiva sobre suas normas e valores. São construções complexas que refletem o poder e o controle exercidos pelas instituições dominantes. O poder está intrinsecamente ligado à produção e à manutenção dessas memórias sociais. As instituições de poder, como o governo, a escola, exercem influência sobre como o passado é lembrado e interpretado, moldando assim a identidade coletiva e as práticas sociais por meio de interesses políticos e ideológicos.

As memórias sociais, representadas pelas narrativas das professoras, ao serem analisadas, podem servir para compreender como o poder é exercido e contestado em uma sociedade. Pode-se associar com a realidade escolar as práticas de vigilância, normalização e controle dos corpos e comportamentos dos alunos e professores. Isso é notório quando as sujeitas de pesquisa narram sobre acontecimentos onde são questionadas a respeito da forma como se expressam e se posicionam. Para Aliuscha Martins, a questão de gênero é um problema:

Mas eu ser mulher é um desconforto diário, alguma coisa muito louca assim todo dia tem que ficar pregando a palavra do: eu tenho direito a uma opinião, tenho direito a contestação, sabe? Tenho que ser ouvida, enfim. (MARTINS, Aliuscha. Entrevista cedida a Bianca Beatriz Lourenço Melatto, 2024.

Dessa forma, a “sociedade disciplinar” (Foucault, 1970) representa uma forma de poder que se baseia na vigilância e controle meticolosos dos corpos e comportamentos dos indivíduos, caracterizada por formas de opressão e dominação que devem ser contestadas e resistidas. Na cultura escolar, as práticas de padronização do currículo, a classificação dos alunos com base no desempenho acadêmico e o monitoramento constante do comportamento dentro e fora da sala de aula são exemplos de disciplina que submetem indivíduos. Nisso, se enxerga a performatividade de gênero, algo que não é essencializado, mas sim construído e, neste caso, apresentado por meio do vestuário, da linguagem, das interações sociais e da expressão da identidade de gênero e sexualidade dos alunos. São exemplos do controle exercido sobre eles.

O exercício de controle e disciplina nas escolas são observados por essas professoras e que narram situações onde isso fica visível. Para Graziela de Sousa, a escola tem tamanha força que as determinações desse lugar acabam cruzando os portões e chegam na vida pessoal. Entretanto, não faz sentido para ela continuar e reforçar as normas impostas:

Mas a escola ainda é o lugar que diz que as meninas têm que sentar de determinado jeito, a gente cria elas de um de um jeito e os meninos de outro, a gente dá papéis a elas e eu quero cada vez menos fazer isso. (SOUSA, Graziela. Entrevista cedida a Bianca Beatriz Lourenço Melatto. 2024.)

Para Foucault, o discurso não é algo neutro, ou seja, todo discurso é político. Tem uma ou várias intencionalidades e que manifesta (ou oculta) o desejo ou a vontade, é objeto de desejo e de vontade, ele torna as coisas presentes, torna as coisas ausentes, ocultas e silenciosas. "O discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual queremos nos apoderar." (FOUCAULT, 1970, p. 10).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Sim, eu sou um deles
E gosto muito muito de sê-lo
Porque faço coleção
De lacinhos cor-de-rosa
E também de sapatão”

Rita Lee

O sentido dado ao conceito de patrimônio é múltiplo e enfrenta diferentes contextos, tornando-o complexo de utilizar. Durante a pesquisa, a ideia das histórias de vida como patrimônios culturais surge alinhado com a perspectiva de preservação que o termo carrega em sua história, especialmente no início. O patrimônio emerge como símbolo de poder e influência. Para a comunidade *queer*, o que é fisicamente preservado são os vestígios do passado, os resquícios do que um dia foi construído. Contudo, a ênfase não recai apenas no aspecto físico do patrimônio, mas sim no seu significado cultural, ou seja, pensa-se que para essa minoria, a preservação reside nos blocos de carnaval, nas paradas LGBTQIAP+, e nas narrativas de vida que se entrelaçam devido às experiências compartilhadas. São as narrativas das professoras sáficas que trazem à luz experiências únicas, essenciais para compreender a diversidade e a complexidade desse grupo. Se a cultura material é o resto e a ruína, se não as histórias de vidas não forem preservadas, o que restará da cultura dessa comunidade? A preservação das histórias de vida ocorre por meio da elaboração de uma entrevista fundamentada na metodologia da história oral. É uma forma de preservar a história das mulheres sáficas.

É da mesma forma que a história oral ganha espaço no pós-ssegunda guerra mundial. Era necessário que as experiências vividas por ex-combatentes, familiares e vítimas da guerra fossem ouvidas, conhecidas e isso só seria possível através dos relatos orais dos que por lá estiveram. De forma progressiva, a história oral deixa de ser complementar à fonte considerada oficial por historiadores historicistas e passa a ser metodologia própria de construção de acervo, especialmente das minorias (raciais, sexuais), os marginalizados, os vencidos, os que não tiveram voz no cenário das metodologias tradicionais anteriormente utilizadas pela história. Das noções de patrimônio, a que mais importa é de preservação. Há a defesa da preservação das histórias de vida como patrimônios, pois representam o que existe

sobre a comunidade.

Apesar dos avanços, ainda encontram-se à margem das normas. Caso contrário, o patrimônio através do exercício de poder e influência poderia ter escolhido preservar os bens materiais dessa população. Ainda são os menos ouvidos, com menos espaço, poder ou influência para moldar a narrativa histórica convencional. Aqueles que a moldaram, relegaram-os à periferia, rotularam-os como errados, estranhos, anormais, doentes, forçaram-os a ocupar os espaços de dualidades normativas limitantes, gênero/sexo, masculino/feminino, hetero/homo, normal/patológico, natureza/cultura.

Stuart Hall, em seu texto “Quem precisa da identidade?” (2003) apresenta uma alternativa à perspectiva conceitual essencialista da identidade. Em diversas áreas, já é criticada a noção de identidade como algo concreto, integral, originário, em vistas das reconceitualizações, inclusive do sujeito (FOUCAULT, 1970). Portanto, a identificação é entendida, a partir da abordagem discursiva, como uma construção, como um processo infundável e nunca completado. Dessa forma, há muita fragmentação e fraturas nas identidades, o que as torna o oposto de “singulares”, mas construídas de forma múltipla conforme discursos, práticas e posições.

Além disso, as questões como “quem nós somos” ou “de onde nós viemos” já não cabem muito bem nos estudos recentes sobre identidade, busca-se muito mais explorar “quem nós podemos nos tomar”, “como nós temos sido representados” e “como essa representação afeta a forma como nós podemos representar a nós próprios”. (HALL, 2003, p. 90). Essa afirmação corrobora ao que foi apresentado nas entrevistas das sujeitas dessa pesquisa. As narrativas mostraram que lutar por identidades é justificável na vida de pessoas que experimentam a diferença como desigualdades.

Toda identidade tem necessidade daquilo que lhe “falta” - mesmo que esse outro que lhe falta seja um outro silenciado e inarticulado. Laclau (1990) argumenta, de forma persuasiva, que “a constituição de uma identidade social é um ato de poder”, pois se uma identidade consegue se afirmar é apenas por meio da repressão daquilo que a ameaça. (HALL, 2003, p. 92).

A identidade social que foi construída, normatizada e, portanto, a representação de um ato de poder, é a heterossexualidade. Entretanto, conforme Hall (2003), é a existência das sexualidades dissidentes que a afirma como social. É devido a isso que se faz necessário afirmar-se sáfica,

[aqui eu queria dizer que as professoras podem “assumir” suas sexualidades pois é esse “assumir” que as coloca dentro do jogo, é o fato de isso não ser escondido, é algo que faz parte e pronto, não é o foco de tudo. Porém, estou com dificuldade em elaborar isso de forma acadêmica... poderiam me dar uma luz?]

Porque cada vez mais a tendência me parece é tão novamente de uma homogeneização da diferença, que é bem louco, mas enfim... eu acho que a sociedade vem caminhando para aceitar a diferença e até monetizar diferença em certos aspectos e isso faz com que a gente caia numa tendência de normalizar de novo. (MARTINS, Aliuscha. Entrevista cedida a Bianca Beatriz Lourenço Melatto, 2024).

A pesquisa construiu um acervo de fontes orais sobre professoras sáficas e organizou de forma sistematizada. O objetivo é justamente manter preservada a memória dessas professoras sáficas que são postas às margens. Durante o processo de entrevistas, percebeu-se que os relatos e narrativas eram semelhantes entre as professoras e que suas experiências em sala de aula, da mesma forma, foram vivências comuns. A docência mostrou-se também fundamental para a construção dessas mulheres, pois possibilitou diálogos entre colegas, criou ambientes mais seguros, menos seguros, permitiu a descoberta ou a encobriu.

Os usos dessas fontes orais tomados pela pesquisa foram de compreensão da narrativa, buscando promover um espaço de compartilhamento de vivências e experiências com vistas a formar o acervo previamente citado. A intencionalidade de análise recai sobre os documentos referentes à organização dos conteúdos de ensino (Currículo Base do Território Catarinense - Ensino Fundamental II). A análise se deu sob a perspectiva das construções de memórias sociais que foram construídas complexamente através das relações de poder e controle.

A problemática da pesquisa foi pensada partindo do questionamento a respeito dos patrimônios existentes dessa população e como pode-se preservar a cultura e história *queer*. Aos poucos, com o desenvolvimento da pesquisa, as perguntas se desdobraram em entender as narrativas e histórias de vida como algo comum entre as sujeitas e, portanto, chegou-se ao que mobilizou as páginas deste escrito: como as narrativas podem ser expressões de patrimônio cultural?

Não são apenas os monumentos que se expressam como patrimônios. As histórias de vida dessas professoras também se expressam como vetores de

memórias e identidades desse grupo. Partindo do título dessa dissertação: “uma professora como eu”. É a representação verbalizada da identificação. Uma aluna reconhece a professora dela como mulher sáfica, e, portanto, se reconhece como uma semelhante a ela. Isso é um exemplo de como um vetor de memória e identificação funciona. A memória e a identificação não possuem sentidos inatos, são imbuídas de atribuições e interpretações concebidas ao longo do percurso de cada indivíduo e, para que sejam compartilhadas, precisam ser carregadas. Dessa forma, o conceito de “vetores” se mostra adequado, pois refere-se aquilo que transmite algo.

O espaço ocupado por professoras é um lócus de referência para um grupo de estudantes, que por ela pode sentir identificação, estabelecendo uma relação positiva. Pode sentir aversão a forma como ela está (ou não) inserida na performatividade de gênero. O título da dissertação se conecta a esse lugar de identificação. As professoras que foram entrevistadas relataram que não tiveram esse tipo de referência durante suas vidas, portanto, se empenham em ser para seus estudantes.

Segundo o autor Reinhart Koselleck (2006): “todas as histórias foram constituídas pelas experiências vividas e pelas expectativas das pessoas que atuam ou que sofrem.” (p. 306). Pode-se pensar, a partir da citação, que o horizonte de expectativa é aquilo que se “prevê” que irá acontecer, com base no passado. No presente, se constroem interpretações, horizontes de expectativa, para que, no futuro, sejam memórias para novos mundo possíveis, através das narrativas das professoras sáficas.

A escrita, por fim, é (inter)biográfica. São escritos que se relacionam com a sexualidade e profissão da pesquisadora, o interesse pelo tema é o interesse pela vivência e experiência própria também. Daqui em diante, espera-se que haja mais espaço, mais possibilidades patrimoniais para as professoras sáficas e toda comunidade que se identifique como *queer*. A pesquisa ainda busca reforçar que existir é um ato de resistência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Regina. Patrimonialização das diferenças e os novos sujeitos de direito coletivo no Brasil. In _____ TARDY, C. (Org.) ; DODEBEI, Vera (Org.) . Memória e novos patrimônios. 1. ed. Marseille: OpenEdition Press, 2015. v. 1, p. 67-93. Edição: 2015;

BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e história da cultura. 8ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2012;

BOSI, Ecléa. O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003;

BRAGA, Denise da Silva. Heteronormatividade e sexualidades LGBT: repercussões dos discursos escolares sobre sexualidade na constituição das sexualidades não normativas. 2012. 174 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UERJ_3313972e63945c959943468327da7414>. Acesso em 12 ago 2023;

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. 2017. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/a-base>>. Acesso em 12 ago 2023;

BRITTO, Clovis Carvalho; MACHADO, Rafael dos Santos. Informação e patrimônio cultural LGBT: as mobilizações em torno da patrimonialização da parada do orgulho LGBT de São Paulo. Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, Florianópolis, v. 25, p. 01-21, 2020. Universidade Federal de Santa Catarina. ISSN 1518-2924. DOI: <https://doi.org/10.5007/1518-2924.2020.e709642>. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2020.e70964>>. Acesso em 4 out. 2023;

BUBLITZ, Barbara Mariah Retzlaff. Entrevista oral [17 fev. 2024, Joinville]. Entrevistadora: Bianca Beatriz Lourenço Melatto. Entrevista concedida ao projeto de

pesquisa "Uma professora como eu": narrativas sáficas em salas de aula como patrimônio cultural. Disponível em: acervo pessoal da autora. Joinville, 2024;

BUTLER, Judith. *Corpos que importam: os limites discursivos do "sexo"*. 1ª ed. Crocodilo: São Paulo. Novembro, 2019;

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão de identidade*. 6 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018;

CANDAU, Joël. *Memória e Identidade*. São Paulo: Contexto, 2011;

CHARTIER, Anne-Marie. *Escola, culturas e saberes*. In: XAVIER, L. N. et al. (Org.). *Escola, culturas e saberes*. Rio de Janeiro: FGV, 2005. p. 9-28;

COLEMAN, James S. Relational analysis: The study of social organizations with survey methods. *Human Organization* (1958) 17 (4): 28–36. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/i40172608>>. Acesso em 29 abr 2023;

CORAZZA, Sandra Mara. *O que quer um currículo? Pesquisas pós-críticas em educação*. Rio de Janeiro: Vozes, 2001;

CORAZZA, Sandra Mara. *Diferença pura de um pós-curriculo*. In: _____. *Curriculo: debates contemporâneos*. LOPES, Alice Casimiro; MACEDO, Elizabeth (orgs.). 3 ed. São Paulo: Cortez, 2010;

COSTA, Claudia de Lima. *O feminismo e o pós-modernismo/pós-estruturalismo: as (in)determinações da identidade nas (entre)linhas do (con)texto*. In: _____. *Masculino, feminino, plural*. PEDRO, Joana Maria; GROSSI, Miriam Pillar. (org.). Florianópolis: Ed. Mulheres, 1998;

CRUZ, Giseli Barreto; MARCEL, Jules. *A Didática de Professores Referenciais e suas Contribuições para a Formação Docente*. *Est. Aval. Educ.*, São Paulo, v. 25, n. 57, p. 56-82 jan./abr. 2014.

DA SILVA, Tomaz Tadeu. Documentos de identidade: Uma introdução às teorias do currículo. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007;

DAVALLON, Jean. Memória e patrimônio: por uma abordagem dos regimes de patrimonialização. In: Memória e novos patrimônios. Cécile Tardy et Vera Dodebei (dir.). OpenEdition Press: 2015;

DECRETO Nº 6.192, DE 21 DE OUTUBRO DE 2020. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a1/mg/u/uberaba/decreto/2020/619/6192/decreto-n-6192-2020-declara-a-cultura-lgbt-como-patrimonio-imaterial-cultural-de-uberaba-e-da-outras-providencias>>. Acesso em 17 un 2023;

DELORY-MOMBERGER, Christine. As histórias de vida: da invenção de sia ao projeto de formação. Natal: EDUFRN; Porto Alegre: EDIPUCRS; Brasília: EDUNEB, 2014;

DEL PRIORE, Mary. História das mulheres no Brasil. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004;

DE MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra. O campo do patrimônio cultural: uma revisão de premissas. Fórum Nacional do Patrimônio Cultural, vol. 01;

FESTIVAL do filme documentário e etnográfico - fórum de antropologia e cinema. Belo Horizonte, 2016. Disponível em: <https://issuu.com/forumdoc/docs/catalogo_forumdoc2016>. Acesso em 21 dez. 2023;

FOUCAULT, Michel. (1987). A arqueologia do saber (L. F. B. Neves, trans.). Rio de Janeiro: Forense-universitária. (Trabalho original publicado em 1969);

FRANÇOIS, Etienne. A fecundidade da história oral. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (orgs.). Usos & abusos da história oral. Rio de Janeiro: FGV, 2006;

GILI, Cintia Soares Stoltenberg. Entrevista oral [15 fev. 2024, Joinville]. Entrevistadora: Bianca Beatriz Lourenço Melatto. Entrevista concedida ao projeto de pesquisa "Uma professora como eu": narrativas sáficas em salas de aula como patrimônio cultural. Disponível em: acervo pessoal da autora. Joinville, 2024;

GOODMAN, Leo. Snowball sampling. *Annals of Mathematical Statistics*. 1961. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/38366497_Snowball_Sampling. Acesso em 29 abr 2023;

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Revista dos Tribunais LTDA, 1990;

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: _____ SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e Diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais*. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003;

IMMONEN, Visa. What is Queer Heritage? Queercache and the Epistemology of the Closet. *Lambda nordica* 2/2022. Disponível em: <https://www.lambdanordica.org/index.php/lambdanordica/article/view/788>. Acesso em 4 out. 2023;

JULIA, Dominique. A Cultura Escolar como Objeto Histórico. *revista brasileira de história da educação* n 1. Maringá. Jan/jun. 2001. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/38749/20279>. Acesso em 07 jun. 2024;

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC - Rio, 2006;

LACAN, J. *O Seminário: Livro 20: Mais Ainda* (1975). Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro, 1985;

LAGO, Mara Coelho de Souza. *Identidade: a fragmentação do conceito*. In: _____

Falas de Gênero: Teorias, análises e leituras. DA SILVA, Alcione Leite; LAGO, Mara Coelho de Souza; RAMOS, Tânia Regina Oliveira (org.). Florianópolis: Editora Mulheres, 1999;

LEITE, Lettícia Batista Rodrigues. Heródoto, Unifesp, Guarulhos, v. 2, n. 2, Dezembro, 2017. p. 564-578 - 567;

LOPES, Alice Casimiro; MACEDO, Elizabeth. Teorias de currículo. 1 ed. São Paulo: Cortez, 2013;

LOURO, Guacira Lopes. Um corpo estranho: Ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004;

MARTINS, Aliuscha de Jesus. Entrevista oral [23 jan. 2024, Joinville]. Entrevistadora: Bianca Beatriz Lourenço Melatto. Entrevista concedida ao projeto de pesquisa "Uma professora como eu": narrativas sáficas em salas de aula como patrimônio cultural. Disponível em: acervo pessoal da autora. Joinville, 2024;

NETO, Hugo Menezes; SOLIVA, Thiago Barcelos. Patrimônios LGBTQIA+: tensões e disputas no campo patrimonial. ACENO, 9 (19): 17-32, janeiro a abril de 2022. ISSN: 2358-5587. Dossiê Temático: Patrimônio, Diversidade Sexual e de Gênero e Poder;

NITO, Mariana Kimie. (Org.). Inventário participativo Arouche LGBTQIA+ [recurso eletrônico] - São Paulo : FFLCH/USP, 2023. Disponível em: <https://www.mpsp.mp.br/portal/page/portal/documentacao_e_divulgacao/doc_biblioteca/bibli_servicos_produtos/BibliotecaDigital/BibDigitalLivros/TodosOsLivros/Inventario-participativo-Arouche-LGBTQIA%2B.pdf>. Acesso em 4 out 2023;

NOVO, Arthur Leonardo Costa. O armário na escola: regimes de visibilidade de professores lésbicas e gays. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Florianópolis, 2015. Disponível em: <https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFSC_b11522ede6341fbc147529311bb0c481>. Acesso em 12 ago 2023;

OLIVEIRA, José Marcelo Domingos de; MOTT, Luiz. (Org.) Mortes violentas de LGBTQ+ no Brasil – 2019: Relatório do Grupo Gay da Bahia – 1. ed. – Salvador: Editora Grupo Gay da Bahia, 2020. Disponível em: <<https://observatoriomorteseviolenciaslgbtbrasil.org/wp-content/uploads/2022/05/Relatorio-2019.pdf>>. Acesso em 11 nov 2022;

POLLAK, Memória, Esquecimento, Silêncio. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15;

POULOT, Dominique. Uma história do patrimônio no Ocidente, séculos XVIII - XXI: do monumento aos valores. São Paulo: Estação Liberdade, 2009;

PRIDE of Place: England's LGBTQ Heritage. Historic England, 2023. Disponível em: <<https://historicengland.org.uk/research/inclusive-heritage/lgbtq-heritage-project/>>. Acesso em 4 out. 2023;

RAGO, Margareth. Epistemologia feminista, gênero e história. In: _____ Masculino, feminino, plural. PEDRO, Joana Maria; GROSSI, Miriam Pillar. (org.). Florianópolis: Ed. Mulheres, 1998;

RODRIGUES, Cássia Colaço; VERAS, Elias Ferreira; SCHMIDT, Benito Bisso (orgs.). Clio sai do armário: historiografia LGBTQIA+. São Paulo: Letra e Voz, 2021;
SÁ, Beatriz Yolanda Pontes de Gusmão. Corpo, gênero, sexualidade e a construção social dos indivíduos. REIA - Revista de Estudos e Investigações Antropológicas, ano 3, volume 3(2):10-19, 2016;

SACRISTÁN, José Gimeno. Saberes e Incertezas sobre o currículo. Morata S.I., 2010;

SARLO, Beatriz. Tempo passado. Cultura da memória e guinada subjetiva. Belo Horizonte: UFMG, 2007;

SANTA CATARINA (Estado). Conselho Estadual de Educação de Santa Catarina.

Comissão especial para análise do currículo base da educação infantil e do ensino fundamental do território catarinense. Florianópolis, 2019. Disponível em: <<https://www.cee.sc.gov.br/index.php/downloads/documentos-diversos/curriculo-base-do-territorio-catarinense/1621-parecer-cee-sc-117-2019-curriculo-territorio-catarinense/file>>. Acesso em 12 ago 2023;

SANTA CATARINA (Estado). Secretaria do Estado de Educação. Currículo Base da Educação Infantil e do Ensino Fundamental do Território Catarinense. Florianópolis, 2019. Disponível em: <<https://uaw.com.br/pagflip/pdf.php?pag=portifolio&cod=35>>. Acesso em 12 ago 2023;

SILVA, Gabriela Lennert Alves. Entrevista oral [05 mar. 2024, Joinville]. Entrevistadora: Bianca Beatriz Lourenço Melatto. Entrevista concedida ao projeto de pesquisa "Uma professora como eu": narrativas sáficas em salas de aula como patrimônio cultural. Disponível em: acervo pessoal da autora. Joinville, 2024;

SOUSA, Graziela. Entrevista oral [03 fev. 2024, Joinville]. Entrevistadora: Bianca Beatriz Lourenço Melatto. Entrevista concedida ao projeto de pesquisa "Uma professora como eu": narrativas sáficas em salas de aula como patrimônio cultural. Disponível em: acervo pessoal da autora. Joinville, 2024;

SZYMCZAK, Maureen Bartz. Histórias de vidas e patrimônio cultural: desafios do Museu da Pessoa. Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade—Universidade da Região de Joinville). Joinville, p. 189. 2018;

THOMPSON, Paul. "História oral: patrimônio passado e espírito do futuro". In: WORCMAN, Karen; PEREIRA, Jesus Vasquez (Coord.). História falada: memória, rede e mudança social. São Paulo: SescSP/Museu da Pessoa/Imprensa Oficial do Estado, 2006;

UNESCO. Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial, 2003. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000132540_por/PDF/132540por.pdf.mult> . Acesso em: 07 nov. 2023;

VENERA, Raquel Alvarenga Sena; SZYMCZAK, Maureen Bartz. A ativação valorativa das histórias de vidas no Museu da Pessoa. Anais do Museu Histórico Nacional, Rio de Janeiro, vol. 51,174-190, 2019.

APÊNDICE A - Roteiro semiestruturado de entrevista:

1. Para começar, gostaria que você dissesse seu nome completo, data e local de nascimento.
2. Como você se identifica e gostaria de ser chamada durante essa entrevista?
3. Você tem irmãos? Quantos?
4. Como você descreveria seu pai? E sua mãe?
5. Como está a sua família atualmente? Com quem você mora?
6. Poderia descrever um pouco a rua e o bairro que marcou mais a sua infância?
7. Quais eram suas brincadeiras favoritas?
8. E, dentro de casa, como era a rotina?
9. Você passou sua juventude na mesma cidade?
10. Como você costumava/costuma se divertir?
11. Quando você começou a perceber sua sexualidade?
12. Como foi o processo de descoberta?
13. E o de socialização dessa descoberta?
14. Você quer contar da primeira namorada?
15. Você teve abertura para falar sobre isso com a família?
16. Como sua família reagiu?
17. Como seu grupo de amigos reagiu a isso?
18. Qual foi seu primeiro trabalho?
19. E a respeito da sua formação? O que motivou a sua escolha?
20. Continuou estudando depois da graduação?
21. Como você começou na sala de aula?
22. Quais foram as principais dificuldades no início?
23. Como era a escola nessa época? E os alunos?
24. Os outros professores sabiam sobre sua sexualidade e identidade de gênero? Eles comentavam algo sobre?
25. E atualmente? Mudou algo?
26. Algum responsável pelos estudantes já fez algum comentário sobre isso? De que tipo?
27. Você já teve problema com alguma direção de escola por causa da sua identificação?

28. Algum aluno já fez algum comentário maldoso?
29. E positivo? Algo como identificação?
30. Você acha que seu gênero e sexualidade influenciam em algo na sua prática docente?
31. E você acha que algo da sua prática docente influencia na forma como você percebe e age com sua sexualidade e gênero?
32. Você percebe, entre seus alunos, crianças *queer*/LGBT+? E qual a sensação de reconhecer essas crianças?
33. Você se considera uma boa professora? Isso de alguma forma está relacionado à sua sexualidade?
34. E na cidade? Na sua opinião, é possível identificar mudanças na sociabilidades em relação à comunidade LGBT+?
35. Que perspectivas para o tema e as pessoas LBGT+ têm em relação à cidade?
36. E à educação e à docência?
37. Se você pudesse mudar alguma coisa em sua vida, o que seria?
38. O que você achou de contar um pouco da sua história?

APÊNDICE B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido de Aliuscha Martins:

UNIVERSIDADE DA REGIÃO DE JOINVILLE - UNIVILLE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Você está sendo convidada a participar, como voluntária, de uma pesquisa desenvolvida por Bianca Beatriz Lourenço Melatto, mestranda no Programa de Pós-Graduação *Strictu Sensu* em Patrimônio Cultural e Sociedade, que tem por título “Uma professora como eu”: narrativas sáficas em salas de aula como patrimônio (em) comum.”. Este termo se encontra em duas páginas, sendo necessário a participante rubricar a primeira página e assinar ao final da segunda. A História narrada por você será fundamental para a elaboração de uma rede de histórias semelhantes à sua, que serão de grande relevância para o alcance dos objetivos propostos. O objetivo geral da pesquisa é “compreender a memória, identidades/identificações a partir das narrativas e dessa forma, problematizar os currículos escolares através de uma pedagogia *queer*”, tendo como objetivo específico para a metodologia “coletar, armazenar e estudar histórias de vida de professoras sáficas através da metodologia da história oral”. Uma vez aceito o convite para a participação voluntária na pesquisa, você responderá perguntas a respeito das relações entre sexualidade e ambiente escolar. Sua história será muito importante para compor esse acervo de histórias que ficará em formato digital no Laboratório de História Oral (LHO), da Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE). Os materiais gerados no ato de entrevista serão disponibilizados à livre consulta nos endereços dessa instituição. Você terá a liberdade de se recusar a responder perguntas que lhe ocasionem constrangimento de alguma natureza e, também, poderá desistir da pesquisa a qualquer momento, sem que a recusa ou a desistência lhe acarrete qualquer prejuízo, bem como, caso seja do seu interesse e mencionado à pesquisadora, terá livre acesso aos resultados do estudo. Destacamos que a sua participação nesta pesquisa é opcional e representa riscos mínimos, e que caso ocorram desconfortos, é garantido o direito a uma pausa no processo, ou o direito de recusa à resposta ou encerramento da participação na pesquisa, sem penalização alguma. A sua participação constituirá de suma importância para o cumprimento do objetivo da pesquisa e o benefício proporcionado é o da escuta, sua história será ouvida e armazenada, contribuindo para maior visibilidade e conhecimento sobre a comunidade LGBTQIA+ e sua história. Você será esclarecida sobre a pesquisa em qualquer aspecto que desejar e trataremos da sua identidade com padrões profissionais, ou seja, você será sempre ouvida. As entrevistas serão gravadas em áudio e posteriormente transcritas observando as orientações técnicas do método da História Oral. Os resultados deste estudo poderão ser apresentados por escrito, oralmente ou ainda em forma audiovisual em congressos, periódicos científicos e eventos promovidos nas áreas de ciências humanas e sociais ou ainda em atividades culturais. Em caso de dúvida, você poderá procurar a pesquisadora responsável por esta pesquisa, Bianca Beatriz Lourenço Melatto pelo telefone (47) 9 9812-4909 ou pelo e-mail biancabmelatto@gmail.com. Se preferir, você também pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) pelo telefone: (47) 3461-9235 ou no endereço: Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE, Bloco B, sala 17, sendo que o CEP deverá ser acionado somente em relação a qualquer dúvida que você tenha sobre a ética da pesquisa. Após ser esclarecido sobre a pesquisa, no caso de você aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é da pesquisadora responsável.



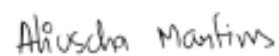
CONSENTIMENTO

Eu, Aliuscha Martins, acredito ter sido suficientemente informada e concordo em participar como voluntária da pesquisa descrita acima.

Joinville, 23 de janeiro de 2024.



Pesquisadora Bianca Beatriz Lourenço Melatto



Participante

APÊNDICE C - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido de Graziela de Sousa**UNIVERSIDADE DA REGIÃO DE JOINVILLE - UNIVILLE****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE**

Você está sendo convidada a participar, como voluntária, de uma pesquisa desenvolvida por Bianca Beatriz Lourenço Melatto, mestranda no Programa de Pós-Graduação *Strictu Sensu* em Patrimônio Cultural e Sociedade, que tem por título "Uma professora como eu: narrativas sáficas em salas de aula como patrimônio (em) comum.". Este termo se encontra em duas páginas, sendo necessário a participante rubricar a primeira página e assinar ao final da segunda. A História narrada por você será fundamental para a elaboração de uma rede de histórias semelhantes à sua, que serão de grande relevância para o alcance dos objetivos propostos. O objetivo geral da pesquisa é "compreender a memória, identidades/identificações a partir das narrativas e dessa forma, problematizar os currículos escolares através de uma pedagogia *queer*", tendo como objetivo específico para a metodologia "coletar, armazenar e estudar histórias de vida de professoras sáficas através da metodologia da história oral". Uma vez aceito o convite para a participação voluntária na pesquisa, você responderá perguntas a respeito das relações entre sexualidade e ambiente escolar. Sua história será muito importante para compor esse acervo de histórias que ficará em formato digital no Laboratório de História Oral (LHO), da Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE). Os materiais gerados no ato de entrevista serão disponibilizados à livre consulta nos endereços dessa instituição. Você terá a liberdade de se recusar a responder perguntas que lhe ocasionem constrangimento de alguma natureza e, também, poderá desistir da pesquisa a qualquer momento, sem que a recusa ou a desistência lhe acarrete qualquer prejuízo, bem como, caso seja do seu interesse e mencionado à pesquisadora, terá livre acesso aos resultados do estudo. Destacamos que a sua participação nesta pesquisa é opcional e representa riscos mínimos, e que caso ocorram desconfortos, é garantido o direito a uma pausa no processo, ou o direito de recusa à resposta ou encerramento da participação na pesquisa, sem penalização alguma. A sua participação constituirá de suma importância para o cumprimento do objetivo da pesquisa e o benefício proporcionado é o da escuta, sua história será ouvida e armazenada, contribuindo para maior visibilidade e conhecimento sobre a comunidade LGBTQIA+ e sua história. Você será esclarecida sobre a pesquisa em qualquer aspecto que desejar e trataremos da sua identidade com padrões profissionais, ou seja, você será sempre ouvida. As entrevistas serão gravadas em áudio e posteriormente transcritas observando as orientações técnicas do método da História Oral. Os resultados deste estudo poderão ser apresentados por escrito, oralmente ou ainda em forma audiovisual em congressos, periódicos científicos e eventos promovidos nas áreas de ciências humanas e sociais ou ainda em atividades culturais. Em caso de dúvida, você poderá procurar a pesquisadora responsável por esta pesquisa, Bianca Beatriz Lourenço Melatto pelo telefone (47) 9 9812-4909 ou pelo e-mail biancabmelatto@gmail.com. Se preferir, você também pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) pelo telefone: (47) 3461-9235 ou no endereço: Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE, Bloco B, sala 17, sendo que o CEP deverá ser acionado somente em relação a qualquer dúvida que você tenha sobre a ética da pesquisa. Após ser esclarecido sobre a pesquisa, no caso de você aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é da pesquisadora responsável.

CONSENTIMENTO

Eu, Graziela de Sousa, acredito ter sido suficientemente informada e concordo em participar como voluntária da pesquisa descrita acima.

Joinville, 03 de fevereiro de 2024.

Bianca B.L. Melatto
Pesquisadora Bianca Beatriz Lourenço Melatto

Graziela de Sousa
Participante

APÊNDICE D - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido de Cintia Soares:

UNIVERSIDADE DA REGIÃO DE JOINVILLE - UNIVILLE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Você está sendo convidada a participar, como voluntária, de uma pesquisa desenvolvida por Bianca Beatriz Lourenço Melatto, mestranda no Programa de Pós-Graduação *Strictu Sensu* em Patrimônio Cultural e Sociedade, que tem por título "Uma professora como eu": narrativas sáficas em salas de aula como patrimônio (em) comum.". Este termo se encontra em duas páginas, sendo necessário a participante rubricar a primeira página e assinar ao final da segunda. A História narrada por você será fundamental para a elaboração de uma rede de histórias semelhantes à sua, que serão de grande relevância para o alcance dos objetivos propostos. O objetivo geral da pesquisa é "compreender a memória, identidades/identificações a partir das narrativas e dessa forma, problematizar os currículos escolares através de uma pedagogia *queer*", tendo como objetivo específico para a metodologia "coletar, armazenar e estudar histórias de vida de professoras sáficas através da metodologia da história oral". Uma vez aceito o convite para a participação voluntária na pesquisa, você responderá perguntas a respeito das relações entre sexualidade e ambiente escolar. Sua história será muito importante para compor esse acervo de histórias que ficará em formato digital no Laboratório de História Oral (LHO), da Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE). Os materiais gerados no ato de entrevista serão disponibilizados à livre consulta nos endereços dessa instituição. Você terá a liberdade de se recusar a responder perguntas que lhe ocasionem constrangimento de alguma natureza e, também, poderá desistir da pesquisa a qualquer momento, sem que a recusa ou a desistência lhe acarrete qualquer prejuízo, bem como, caso seja do seu interesse e mencionado à pesquisadora, terá livre acesso aos resultados do estudo. Destacamos que a sua participação nesta pesquisa é opcional e representa riscos mínimos, e que caso ocorram desconfortos, é garantido o direito a uma pausa no processo, ou o direito de recusa à resposta ou encerramento da participação na pesquisa, sem penalização alguma. A sua participação constituirá de suma importância para o cumprimento do objetivo da pesquisa e o benefício proporcionado é o da escuta, sua história será ouvida e armazenada, contribuindo para maior visibilidade e conhecimento sobre a comunidade LGBTQIA+ e sua história. Você será esclarecida sobre a pesquisa em qualquer aspecto que desejar e trataremos da sua identidade com padrões profissionais, ou seja, você será sempre ouvida. As entrevistas serão gravadas em áudio e posteriormente transcritas observando as orientações técnicas do método da História Oral. Os resultados deste estudo poderão ser apresentados por escrito, oralmente ou ainda em forma audiovisual em congressos, periódicos científicos e eventos promovidos nas áreas de ciências humanas e sociais ou ainda em atividades culturais. Em caso de dúvida, você poderá procurar a pesquisadora responsável por esta pesquisa, Bianca Beatriz Lourenço Melatto pelo telefone (47) 9 9812-4909 ou pelo e-mail biancabmelatto@gmail.com. Se preferir, você também pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) pelo telefone: (47) 3461-9235 ou no endereço: Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE, Bloco B, sala 17, sendo que o CEP deverá ser acionado somente em relação a qualquer dúvida que você tenha sobre a ética da pesquisa. Após ser esclarecido sobre a pesquisa, no caso de você aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é da pesquisadora responsável.



CONSENTIMENTO

Eu, Cintia Soares Stoltkenberg Gili, acredito ter sido suficientemente informada e concordo em participar como voluntária da pesquisa descrita acima.

Joinville, 15 de fevereiro de 2024.

Bianca B.L. Melatto
Pesquisadora Bianca Beatriz Lourenço Melatto

Cintia Soares Stoltkenberg Gili
Participante

APÊNDICE E - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido de Barbara Bublitz

UNIVERSIDADE DA REGIÃO DE JOINVILLE - UNIVILLE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Você está sendo convidada a participar, como voluntária, de uma pesquisa desenvolvida por Bianca Beatriz Lourenço Melatto, mestranda no Programa de Pós-Graduação *Strictu Sensu* em Patrimônio Cultural e Sociedade, que tem por título “Uma professora como eu”: narrativas sáficas em salas de aula como patrimônio (em) comum.”. Este termo se encontra em duas páginas, sendo necessário a participante rubricar a primeira página e assinar ao final da segunda. A História narrada por você será fundamental para a elaboração de uma rede de histórias semelhantes à sua, que serão de grande relevância para o alcance dos objetivos propostos. O objetivo geral da pesquisa é “compreender a memória, identidades/identificações a partir das narrativas e dessa forma, problematizar os currículos escolares através de uma pedagogia *queer*”, tendo como objetivo específico para a metodologia “coletar, armazenar e estudar histórias de vida de professoras sáficas através da metodologia da história oral”. Uma vez aceito o convite para a participação voluntária na pesquisa, você responderá perguntas a respeito das relações entre sexualidade e ambiente escolar. Sua história será muito importante para compor esse acervo de histórias que ficará em formato digital no Laboratório de História Oral (LHO), da Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE). Os materiais gerados no ato de entrevista serão disponibilizados à livre consulta nos endereços dessa instituição. Você terá a liberdade de se recusar a responder perguntas que lhe ocasionem constrangimento de alguma natureza e, também, poderá desistir da pesquisa a qualquer momento, sem que a recusa ou a desistência lhe acarrete qualquer prejuízo, bem como, caso seja do seu interesse e mencionado à pesquisadora, terá livre acesso aos resultados do estudo. Destacamos que a sua participação nesta pesquisa é opcional e representa riscos mínimos, e que caso ocorram desconfortos, é garantido o direito a uma pausa no processo, ou o direito de recusa à resposta ou encerramento da participação na pesquisa, sem penalização alguma. A sua participação constituirá de suma importância para o cumprimento do objetivo da pesquisa e o benefício proporcionado é o da escuta, sua história será ouvida e armazenada, contribuindo para maior visibilidade e conhecimento sobre a comunidade LGBTQIA+ e sua história. Você será esclarecida sobre a pesquisa em qualquer aspecto que desejar e trataremos da sua identidade com padrões profissionais, ou seja, você será sempre ouvida. As entrevistas serão gravadas em áudio e posteriormente transcritas observando as orientações técnicas do método da História Oral. Os resultados deste estudo poderão ser apresentados por escrito, oralmente ou ainda em forma audiovisual em congressos, periódicos científicos e eventos promovidos nas áreas de ciências humanas e sociais ou ainda em atividades culturais. Em caso de dúvida, você poderá procurar a pesquisadora responsável por esta pesquisa, Bianca Beatriz Lourenço Melatto pelo telefone (47) 9 9812-4909 ou pelo e-mail biancabmelatto@gmail.com. Se preferir, você também pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) pelo telefone: (47) 3461-9235 ou no endereço: Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE, Bloco B, sala 17, sendo que o CEP deverá ser acionado somente em relação a qualquer dúvida que você tenha sobre a ética da pesquisa. Após ser esclarecido sobre a pesquisa, no caso de você aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é da pesquisadora responsável.

CONSENTIMENTO

CONSENTIMENTO

Eu, Barbara Mariah Retzlaff Bublitz, acredito ter sido suficientemente informada e concordo em participar como voluntária da pesquisa descrita acima.

Joinville, 17 de fevereiro de 2024.



Pesquisadora Bianca Beatriz Lourenço Melatto

Documento assinado digitalmente
gov.br BARBARA MARIAH RETZLAFF BUBLITZ
Data: 17/02/2024 09:55:40-0300
Verifique em <https://validar.js.gov.br>

Participante

APÊNDICE F - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido de Gabriela Alves**UNIVERSIDADE DA REGIÃO DE JOINVILLE - UNIVILLE****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE**

Você está sendo convidada a participar, como voluntária, de uma pesquisa desenvolvida por Bianca Beatriz Lourenço Melatto, mestranda no Programa de Pós-Graduação *Strictu Sensu* em Patrimônio Cultural e Sociedade, que tem por título “Uma professora como eu: narrativas sáficas em salas de aula como patrimônio (em) comum.”. Este termo se encontra em duas páginas, sendo necessário a participante rubricar a primeira página e assinar ao final da segunda. A História narrada por você será fundamental para a elaboração de uma rede de histórias semelhantes à sua, que serão de grande relevância para o alcance dos objetivos propostos. O objetivo geral da pesquisa é “compreender a memória, identidades/identificações a partir das narrativas e dessa forma, problematizar os currículos escolares através de uma pedagogia *queer*”, tendo como objetivo específico para a metodologia “coletar, armazenar e estudar histórias de vida de professoras sáficas através da metodologia da história oral”. Uma vez aceito o convite para a participação voluntária na pesquisa, você responderá perguntas a respeito das relações entre sexualidade e ambiente escolar. Sua história será muito importante para compor esse acervo de histórias que ficará em formato digital no Laboratório de História Oral (LHO), da Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE). Os materiais gerados no ato de entrevista serão disponibilizados à livre consulta nos endereços dessa instituição. Você terá a liberdade de se recusar a responder perguntas que lhe ocasionem constrangimento de alguma natureza e, também, poderá desistir da pesquisa a qualquer momento, sem que a recusa ou a desistência lhe acarrete qualquer prejuízo, bem como, caso seja do seu interesse e mencionado à pesquisadora, terá livre acesso aos resultados do estudo. Destacamos que a sua participação nesta pesquisa é opcional e representa riscos mínimos, e que caso ocorram desconfortos, é garantido o direito a uma pausa no processo, ou o direito de recusa à resposta ou encerramento da participação na pesquisa, sem penalização alguma. A sua participação constituirá de suma importância para o cumprimento do objetivo da pesquisa e o benefício proporcionado é o da escuta, sua história será ouvida e armazenada, contribuindo para maior visibilidade e conhecimento sobre a comunidade LGBTQIA+ e sua história. Você será esclarecida sobre a pesquisa em qualquer aspecto que desejar e trataremos da sua identidade com padrões profissionais, ou seja, você será sempre ouvida. As entrevistas serão gravadas em áudio e posteriormente transcritas observando as orientações técnicas do método da História Oral. Os resultados deste estudo poderão ser apresentados por escrito, oralmente ou ainda em forma audiovisual em congressos, periódicos científicos e eventos promovidos nas áreas de ciências humanas e sociais ou ainda em atividades culturais. Em caso de dúvida, você poderá procurar a pesquisadora responsável por esta pesquisa, Bianca Beatriz Lourenço Melatto pelo telefone (47) 9 9812-4909 ou pelo e-mail biancabmelatto@gmail.com. Se preferir, você também pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) pelo telefone: (47) 3461-9235 ou no endereço: Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE, Bloco B, sala 17, sendo que o CEP deverá ser acionado somente em relação a qualquer dúvida que você tenha sobre a ética da pesquisa. Após ser esclarecido sobre a pesquisa, no caso de você aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é da pesquisadora responsável.



CONSENTIMENTO

Eu, Gabriela Henriques da Silva, acredito ter sido suficientemente informada e concordo em participar como voluntária da pesquisa descrita acima.

Joinville, 02 de março de 2024.

Bianca B.L. Melatto
Pesquisadora Bianca Beatriz Lourenço Melatto


Participante

APÊNDICE G - Entrevista com Aliuscha Martins:

ENTREVISTA CEDIDA À PESQUISA EM ANDAMENTO “‘UMA PROFESSORA COMO EU’: NARRATIVAS SÁFICAS EM SALAS DE AULA COMO PATRIMÔNIO CULTURAL”.

Entrevista com Aliuscha Martins em 23/01/2024. O encontro foi realizado *online* pela plataforma Microsoft Teams. Estavam presentes:

- Aliuscha Martins;
- Bianca Beatriz Lourenço Melatto.

Edições:

1. A transcrição foi realizada por Bianca Beatriz Lourenço Melatto;
2. Os símbolos utilizados representam:
 - a. E – Bianca Beatriz Lourenço Melatto;
 - b. R - Aliuscha Martins
 - c. (?) – Incerteza sobre a grafia.
3. *Itálico*: Contextos fora do desenvolvimento da entrevista;
4. Revisão feita por Bianca Beatriz Lourenço Melatto. Nesse momento, realizou-se uma limpeza dos cacoetes da fala, um acréscimo de palavras entre parênteses que ajudam no entendimento do contexto, e a formatação do texto. Foi optado por fazer algumas pequenas correções, especialmente nas palavras como: tá-está; pra-para, pro-para o, né-não é?, tava-estava, tavam-estavam, num-em um. Em alguns casos os cacoetes foram mantidos como o ‘né’ (em algumas ocasiões), ‘aí’, ‘é’, ou ‘daí’. Foram mantidas também as construções das frases e o estilo da oralidade.

Introdução

Antes de iniciar a gravação, a entrevistadora explica sobre os termos de doação e de esclarecimento sobre a entrevista. A entrevistada concorda em iniciar a gravação.

Desenvolvimento da entrevista:

E - Pronto, então. Vamos lá, então iniciando a nossa entrevista, então eu queria começar, então essa, essa parte aqui que você me fale um pouquinho aí sobre quando você estava na sua infância, então iniciando aí. Você é de onde? Daqui de Joinville mesmo? Como é que é essa parte da tua infância?

R - Eu sou de Joinville, nascida e forjada no metal da Tupy, porque eu nasci na zona leste e me criei na zona leste, que é também a comunidade onde eu trabalho. Então, tem bastante identificação com esse território, né? Que é o território da Baía da Babitonga, que é o território de sambaquis, que é o território do mangue. É, então, tem bastante identificação. Criei num morro da me criei no morro da Paquetá, que é uma rua no Boa Vista, assim eu morro também. E estudei em escola pública, estudei no conselheiro Mafra. Minha infância, na verdade, comecei no Heriberto Hülse que é uma escola do município, os primeiros anos da alfabetização. Depois eu fiz o ensino fundamental 2 na escola estadual Conselheiro Mafra, que era lá no Centro, uma escola que já não existe mais. Enfim, e não sei exatamente que aspecto abordar, esse é o meu lugar, esse é o lugar de onde eu venho, né? Então eu trabalho com escola pública e me formei na escola pública, isso tem bastante relação com a minha identidade também e, claro, com a minha infância. E assim, rua de Terra, morro, me criei mais na rua mesmo, uma infância um pouco mais diferente do que a gente tem hoje, né?

E - Sim, entendi.

R - Eu nasci no final de 1980, ainda não tinha internet, ainda não tinha essas coisas e tal.

E - Mas é importante, é legal, legal e me diz uma coisa, você tem irmãos? Como é a sua família assim?

R - Eu sou a filha mais velha de 3 filhos. Eu tenho 2 irmãos mais novos, um irmão que é 3 anos mais novo que eu e um irmão que é 12 anos mais novo que eu.

E - Nossa.

R - Então isso também fez parte da minha infância. Ter um bebê assim, cuidar de um irmão e tal.

E - Sim, legal. E em relação a teus pais, como é que você descreveria eles assim? O teu pai e tua mãe.

R - Meus pais são da classe operária, a classe trabalhadora, né? Minha mãe trabalhou naquele tempo a gente chamava do lar, né?

E - Aham.

R - Mas ela sempre complementou renda, vendeu salgadinho, bolo, cuca, vendeu produto de limpeza, etc. E meu pai é trabalhador autônomo, assim então, uma família que vem da classe trabalhadora também com essa identidade, né? E aí, tudo o que significa em relação ao acesso, bens culturais, né? Assim, tipo, a gente não tinha carro essas paradas assim, rua de terra, não tinha casa própria, né? Meus pais não têm casa própria até hoje, então essa é essa infância, essa configuração, né? Meus pais mantêm o seu relacionamento até hoje, então são casados e tal e essa é a configuração.

E - Uhum, você mora com eles atualmente ou não mais?

R - Não, não. Eu moro com a minha companheira, já não moro com eles, tem muito tempo assim.

E - É?

R - Não lembro exatamente isso, mas já não moro com ele há bastante tempo, mas na vida adulta, eu saí de casa na vida adulta.

E - Aham.

R - Primeiro morar com amigas e tal, mas hoje eu moro com a minha esposa, com a minha companheira.

E - Uhum, legal e assim, se tivesse que me dizer uma coisa que te marcou mais assim da tua infância, talvez alguma história, algum momento, o que seria?

R - Que me marcou mais?

E - Uhum.

R - Uau, eu não sei exatamente assim, sei lá, se eu for pensar no sentidos primários, eu vou falar “goiaba madura”, eu vou falar “terra” (*risos*), essas coisas assim, se eu for pensar experiências, eu acho que eu vou no nascimento do meu irmão, na minha primeira infância, ali 6 anos, o falecimento da minha avó, depois nascimento do meu irmão. Então tem essas etapas que acho que marcam uma criança e sei lá, brincar no quintal de casa. Assim não era muito, mas meu universo era ali.

E - Uhum, legal, bacana e essa parte de brincar no quintal de casa, qual que era assim a tua brincadeira favorita que tu gostava de brincar?

R - Eu acho que era mata soldado, taco, pega bandeira, assim, brincadeira de rua não é?

E - Aham.

R - Gostava de jogar futebol um pouco também, mas isso lá no começo, depois não me interessava mais, virou uma coisa que tinha que ter muito talento para jogar futebol na rua. *(risos)*. Não é o meu caso, mas era muito isso. Também brinquei muito de boneca, assim, as brincadeiras bem demarcadas por gênero, né? Fez parte da infância dos anos 90 também.

E - Aham.

R - Então eu tinha boneca, eu brincava muito de escola, estudava de manhã e brincava de escolinha tarde, essas coisas assim também, né?

E - Sim, e falando nisso, como era a rotina dentro de casa? Tinha essa divisão de tarefas por gênero, já que você tem outros irmãos?

R - Sim, por gênero, principalmente também por eu ser mais velha, claro, acumulei mais função, mas principalmente por gênero. Assim, na infância, eu acho que assim que meu irmão nasceu, o meu irmão menor, por exemplo, eu passei a ter mais obrigações domésticas do que o meu outro irmão, por exemplo, né? Então *(inaudível)*, foi uma etapa bem de ruptura dessa fase da infância, né? E que de fato é, né? Ali, bem perto da puberdade, já. Sim, eu já menstruei aos 13, então já comecei a ter um outro lugar familiar assim, né?

E - Uhum.

R - Uma outra, uma outra identidade, eu acho, e daí? Sim, então as minhas atividades foram bem demarcadas por gênero desde a primeira infância. Assim, desde muito cedo, com certeza.

E - Uhum, interessante e em relação a parte mais adolescência ali da juventude, como é que foi? A partir do momento que você parou de se ver, assim como uma criança e iniciou adolescência, o que mudou? Quais eram as atividades que você começou a fazer daí?

R - Mudou que na minha infância o que me interessava era mais acessível pra mim, né? Porque o meu universo era universo da minha casa, do meu quintal, a minha escola era perto e a pé, né? Então, com a adolescência, eu queria ir a outros espaços, conhecer outros lugares e era tudo muito inacessível assim. Tinha essa coisa de não transitar sozinha, era uma preocupação familiar, por ser uma mulher, por ser menina, por ser nova, por ser jovem, né?

E - Claro.

R - Então eu me lembro assim, de ficar pedindo muito para sair, né? E aí eu não ter grana, porque daí isso também ou não ter a coragem de se lançar no mundo,

porque era muito perigoso assim, né? Essa ideia de perigo era muito. Eu cresci na minha infância... Você é de Joinville, Bianca?

E - Eu sou.

R - Eu não sei a sua idade também, mas quando eu era criança, tinha o maníaco da bicicleta. Teve em Joinville e ainda muito na minha primeira infância, o do Opala, o do Opala preto.

E - Uhum, sim.

R - Então, essas histórias eram bem fortes no meu imaginário. Assim, o maníaco da bicicleta, eu acho que eu tinha uns 11 ou 12 anos assim, então quando eu avancei para adolescência 14 e 15 assim, eu tinha muito medo, sabe?

E - Aham.

R - Isso era uma coisa muito marcante assim pra mim. Então, adolescência, eu me lembro de ser um período em que eu me senti mais presa, diferente da infância, que foi uma coisa muito livre, sei lá, eu acho que na adolescência já foi muito cerceada. Foi uma oposição drástica, foi bem bruto.

E - Sim, aham. Esse cerceamento que você está me dizendo também por conta do medo. Mas existia uma preocupação, uma proteção da sua família também, né?

R - Principalmente da minha família. Assim, eu acho que tanto uma coisa de a mulher ficar mais em casa, tinha mais atividades domésticas, mas era também medo, não era só uma moralização do meu caráter, sabe?

E - Aham.

R - Era também um medo real. Mesmo assim, eu acho que essas histórias não eram só histórias, né? O maníaco da bicicleta não era só uma história, né?

E - Claro.

R - Na verdade, eram (inaudível) reais e tal, né? Então, também é isso?

E - Certo.

E - E no meio dessa confusão toda de querer sair e tal, como você fazia para se divertir então na tua adolescência, já que você não tinha tantos acessos quanto na infância? Qual era a tua forma de se divertir?

R - Nossa! Exato, essa é a maior dificuldade, a questão de se divertir mesmo, né? Eu tinha amigas próximas assim, vizinhas, né? Então isso era o mais fácil, ficar conversando com elas na rua, sábado, na frente de casa, mas as amigas do colégio, porque daí quando eu comecei a estudar no ensino fundamental 2, eu fui estudar numa escola do Centro, porque era mais fácil para o trabalho do meu pai, a

acessibilidade tal para me deixar na escola e aí fui estudar lá. Então as minhas amigas da escola não moravam perto de mim, moravam em outros bairros, então a gente se via bem menos e aí também não tinha celular, essas coisas que facilitavam a comunicação. Meus pais não tinham telefone em casa, então eu lembro que eu ia pro orelhão, dava um toque a cobrar na casa das amigas delas, ligavam pro orelhão. A gente ficava às vezes conversando no orelhão.

(Risos).

R - Ou quando eu comecei a sair de fato assim, o lance da carona ou ônibus, né? Joinville até hoje assim, o transporte de madrugada é super difícil, né? Então, daí se não tinha ônibus pra voltar, se ia dormir na casa de alguém, se alguma mãe ia buscar, daí eram várias condições para poder se divertir, né?

E - Uhum, e essas condições, elas se mostravam reais? Às vezes tinha esses momentos que você dormia na casa delas, que vocês saiam para algum lugar?

R - Sim, é sim, tinha isso assim. Acho que ali, com uns 16 e 17 anos, comecei a poder sair para bar, dar esses rolês assim, daí podia dormir na casa de uma amiga, comecei a poder experimentar um pouco mais o mundo assim.

E - Uhum e tinha algum lugar que vocês iam assim, tipo, com frequência que vocês gostavam?

R - Olha, era início dos anos 2000, 2004 por aí, então eu acho que a gente ia muito... Deixa eu tentar lembrar, eu lembro de um bar que a gente ia muito, que era o Cais 90, que era um casal de sapatão que eram donas do bar, inclusive. A gente foi a shows ali e tal. Teve a Double Phase, isso tudo perto da minha casa ali, né? Rua Aubé, início do Centro, morava no Boa Vista, então acessível e depois assim o rolê era muito ir a show também. A gente gostava muito de show de reggae, banda, assim, aí sei lá, Big Bowling, que tinha show.

E - Aham, que massa, que legal, né? E é mais ou menos nesse período que você começa a entender a tua sexualidade? Ou foi mais tardio?

R - Eu acho que mais cedo até na verdade, é... eu me lembro de criança assim... é a coisa do cinema, né? Então, assim, no cinema, a representação da mulher, ela é mais objetificada geralmente assim, né?

E - Aham.

R - Isso é péssimo. Enfim, podemos problematizar isso muito tempo, mas em certa medida, eu me lembro que eu me sentia muito mais atraída pela figura feminina, pelo corpo da mulher no cinema, do que pelo homem, assim que geralmente se

aparecia, não achava tão bonito assim, né? Mas eu me lembro que eu tinha muito medo de ser uma sapatão, eu achava que isso era (*risos*) uma coisa absurda, então eu tinha um medo pavoroso disso. E aí, ali na adolescência, quando começa a se beijar, começa a se interessar por alguém e tal, e por ser uma mulher bissexual, era mais fácil que eu tentasse sempre me interessar pelos meninos. E aí eu conseguia não me sentir tão criminosa, não é? Mas eu não cresci num ambiente, eu acho tão assim, sei lá restritivo, não sei explicar. Eu não tinha... Eu experimentei assim beijar menina cedo também, né? E eu lembro de uma amiga assim, que era mais preconceituosa, e daí a gente até ficava dando esporro nela, que era um absurdo, mas eu já lembro assim de verdade ou consequência, dar selinho nas meninas também, nas amigas, né? Muito disso tinha a ver também com chamar atenção dos caras, né? Eu hoje percebo isso também, parecer livre e tal. Eu acho que a gente vai entendendo o próprio desejo adulta, sei lá, na adolescência a gente não pensa. Eu não pensava muito sobre, né? Não achava que era uma coisa para se discutir, se eu achava que era uma coisa para viver, experimentar e tal, acho que se problematiza mais tarde.

E - Sim, claro. E esse processo todo dessa descoberta, assim, foi tranquilo pra ti? Tirando essa parte que você tem um medo assim, a partir do momento que você começa a entender o desejo e tal, foi de boa?

R - Foi, eu acho que sim, no sentido de que eu não venho de uma família religiosa, meu tio era gay, falecido já, faleceu quando eu tinha 12 anos. Mas eu sempre soube disso, na minha família falava sobre isso, né? Ele teve o vírus HIV, isso foi bem mais dramático, claro, mais do que a sexualidade em si. Então eu tive quem batalhou antes, né? Quem abriu espaço antes para mim, assim. Eu acho que foi mais eu comigo mesma do que minha família. Assim, não se falava muito sobre isso na minha família. Não falava assim: “ai, tô gostando de alguém”. Eu mantinha isso muito comigo, né? Mas a minha família, quando falava de alguém homossexual, ou os artistas da TV, ou falava de cantores, etc, nunca foi uma coisa de ataque. E a gente sabe que a homofobia perpassava as narrativas porque às vezes um sentimento de compaixão: “coitado, ele é gay, deve sofrer, né?”. Então, isso também é péssimo, mas nunca uma coisa agressiva de: “ai, que absurdo, né?” Enfim. Então minha família gostava muito assim, sei lá, galera da MPB, Cazuza, Cássia Eller, meus pais gostavam dessas músicas e a gente falava sobre isso, né? Essas pessoas. Eu sabia que elas eram gays, que elas eram lésbicas, que enfim, que

tinham uma sexualidade diferente do que era norma (*gesticula aspas com as mãos*), mas isso não era uma coisa rechaçada na minha família. Eu acho que o que foi mais difícil para mim, perguntando das dificuldades, era a heteronormatividade compulsória do cinema, das histórias que eu lia, dos livros que eu lia, das coisas que chegavam para mim, principalmente produtos da indústria do entretenimento do que qualquer outra coisa, sabe? Eu não tive isso assim, eu fui saber que existia “The L Word” quando eu era adulta, por mais que é desse desse período, não tinha TV a cabo. Então para mim era a TV aberta e a TV aberta era heteronormativa o tempo todo, né?

E - Uhum, sim. Então imagino, assim que essa socialização, contar para a tua família, como tu se entendia foi um processo tranquilo. Ou teve alguma, algum conflito, alguma coisa?

R - Foi, não, foi tranquilo. Assim com a minha família pelo menos foi tranquilo. Eu acho que os conflitos em torno desse tema já eram... Eu tive mais conflitos na minha adolescência com a minha feminilidade, por exemplo assim: eu não vou me depilar e eu vou sair por mais que seja perigoso, isso foram conflitos muito maiores do que eu me relacionar com uma mulher, sabe?

E - Uhum.

R - Eu acho que eu já, por exemplo, eu tinha muito mais conflito de chamar meu pai de machista e tretar muito com ele por causa disso, sabe? Por conta das atividades domésticas e cuidado com meu irmão, então quando chegou isso da sexualidade eu já era assim considerada radical, feminista, então já se esperava, eu acho, sabe? Ninguém ficou: “Uau! Sério isso?” Sei lá.

(*Risos*).

E - Entendi, entendi. Legal. É importante como a gente se posiciona desde cedo e acaba criando meio que uma expectativa até, né?

R - Sim.

E - Pra que as coisas aconteçam de certa forma e em relação aos seus amigos, como é que eles reagiram quando descobriram? Eles também esperavam assim?

R - Sim, aham. Eu acho que eu só na ali na adolescência, aquela amiga da escola que eu citei, né? Que era uma pessoa que vinha de uma família muito evangélica (inaudível). Quando eu comecei a namorar, na verdade, eu já estava na faculdade, né? Eu já era mais velha também, e aí as pessoas que eu andava já tinham uma

total relação comigo assim, né? Com que eu acreditava, pensava e vivia, então também fez parte do meu ciclo mesmo, né?

E - Aham, sim.

R - Muitos amigos gays, já é uma outra, e enfim

E - E as suas primeiras experiências, assim namorando uma mulher, foram todas na graduação? Ou começou antes?

R - Sim, já na vida adulta, já na graduação, eu entrei na graduação com 19 para 20 (anos), então por isso que eu digo já na vida adulta, não entrei logo depois que eu terminei o terceiro, não entrei juvenzinha, daí sim. Minha primeira experiência ficando com mulher de fato, e assim, me assumindo como uma pessoa bissexual, etc, já na graduação.

E - Aham. Você quer falar um pouquinho sobre essa primeira namorada? Um evento canônico na vida de toda mulher sáfica.

R - Na verdade, a primeira namorada é a minha atual companheira, assim, primeira namorada, né? Na verdade, eu tive poucos namoros e o meu primeiro namoro foi com um boy. Foi com um homem e foi um relacionamento bem longo, a gente namorou 8 anos, então daí depois disso eu fiquei com mulheres, mas eu não tinha um namoro assim e agora é a minha atual companheira, que é a minha primeira namorada. Mas um evento canônico assim é engraçado.

E - Mas normalmente é, normalmente é.

R - Sim.

E - E em relação à graduação, como foi esse processo de você pensar: meu, vou ser professora? O que te motivou?

R - Na verdade, eu entrei na graduação não querendo ser professora, assim eu tinha bem certo que eu não seria professora. Eu queria fazer história pelo interesse de estudar história, e esse era um interesse intelectual mesmo. E aí foi só fazendo o TCC, TCE, na verdade, não é? Experimentando como a gente se forma no curso de licenciatura, daí a parte do processo de conclusão do curso, experimentar sala de aula e que eu de fato me interessei, que eu pensei na possibilidade, eu ainda não achei que seria minha profissão, mas eu pensei: eu acho que até eu decidir o que eu vou fazer, né? Porque agora é isso: me formei, tenho uma dívida imensa com a Univille porque tive, né? E aí, eu preciso pagar a isso e preciso pensar o que fazer da minha vida agora? Eu pensei: vou dar aula, que é o que eu tenho fácil, mas até eu decidir o que eu quero, mas aí eu enfim, eu curti um monte e fiquei até então.

E - Uhum.

R - E aí, hoje é o que de fato eu sei fazer, o que eu gosto de fazer e quero fazer.

E - Aham, legal. E em relação à sala de aula, fala um pouquinho sobre essa parte agora, né? Como é que foram essas primeiras experiências na sala de aula, já que não era algo que você estava pensando em atuar? Foi algo que aconteceu, né?

R - A primeira experiência foi uma total decepção assim, né? Porque foi encarar de frente a escola pública e como de fato as coisas funcionavam, né? Muito diferentes de como imaginei que elas eram, enquanto eu me tornava professora, na Univille.

E - Aham.

R - Na Univille, eu tinha muita vontade de continuar como uma pesquisadora, trabalhar no campo da história, assim de produzir história, né? Então eu não vislumbrava esse espaço da sala de aula, então eu também fiquei de cara assim, quando eu encontrei a sala de aula como ela de fato é. Minha primeira experiência foi em 2011, me formei em 2010, no estado, eu trabalhava à noite, com turma de ensino médio, e aí eu não consegui aula de história, eu consegui aula de filosofia, eu trabalhei com filosofia e assim, tinham dois retroprojetores para a escola inteira que você tinha que dividir com outros professores e aí xerox era super limitado a quantidade de folhas que você tinha que basicamente só dava para as avaliações, que era obrigado a fazer uma avaliação no formato prova, né? Como ainda é. Aí eu fiquei totalmente limitada sobre como trabalhar assim, né? Me formei na Univille, então sempre fazia slide, para apresentar um tema, um trabalho, um seminário, recursos disponíveis. Aí eu chego na sala de aula e zero recursos disponíveis, né? Então foi percebendo que eu tinha que depender só da minha oratória e, principalmente, de estabelecer relação com as pessoas, né? Eu fui perceber como isso foi desenvolvendo habilidade em mim, porque eu não sou uma pessoa boa, de se relacionar sim. Então a escola de aula foi me trazendo muito chão, muita experiência, muita instrumentalização para lidar com o mundo lá fora assim, né? Eu achei que era a história que ia fazer isso por mim, o conhecimento de como o mundo funciona, a história ia me trazer, me desvendar. Na verdade, foi a sala de aula porque aprendi a ouvir, a me comunicar, a tentar entender o que interessa aquela pessoa para falar a língua dela e assim construir alguma coisa, né? A partir da filosofia, a partir da história, enfim.

E - Nossa, que interessante, muito bonito te ouvir falar assim dessa forma, como a sala de aula te transformou nesse sentido e algo que me chamou muito atenção foi

você dizer que o que te fez realmente desenvolver essas habilidades, foi estar na sala de aula, foi estabelecer essa relação e como é que era a relação com os alunos? Assim, de primeiro momento, como é que você estabelecia essa relação?

R - Muito tranquila, assim muito eu era super novinha também, né? Tinha dread no cabelo, então era muito massa me comunicar com a galera, o difícil era com a direção, com os outros professores, não tinha nenhuma paciência, não conseguia dialogar com aquelas pessoas e tudo que eu evitava na sala dos professores era não falar com ninguém e aí na sala de aula (inaudível). Não era considerada, ninguém perguntava minha opinião para porra nenhuma, conselho de classe era muito difícil falar, tudo gerava uma falta de comunicação gigante. Era um contraste pra mim gigante, né? Na sala de aula, eu conseguia me comunicar na sala de aula, eu conseguia estar no mundo, eu sentia que era meu lugar e era fora dali que a coisa era difícil e tal. Por isso que eu digo (inaudível), usando aquela música do Gil, esse contato com a galera vai me ajudando a conseguir conversar com as pessoas que são para mim tão diferentes, né? Ou às vezes, tão assustadores?

(Risos).

E - Entendi. E os professores ou administrativo ali que você falou que teve mais dificuldade por conta dessa falta de comunicação e tal, eles sabiam da tua sexualidade já, como é que era isso?

R - Não, não, eu deixava isso bem escondido. Professora concursada, eu trabalho esse ano, vou fazer 10 anos na escola que eu trabalho. Assim, até eu ter esse nível de estabilidade, nada da minha vida pessoal eu compartilhava com ninguém, absolutamente nada, nem a minha experiência política, né? Eu participava de vários movimentos sociais e eu deixava isso bem quieto. Nem a minha sexualidade, nada, nenhum aspecto da minha vida social. Assim eu evitava, aliás, ao máximo conversar com as pessoas justamente porque eu achava que nenhuma daquelas pessoas ia compreender, também imaturidade da minha parte, né? E falta de formação mesmo, essa formação que a escola te dá mesmo de aprender que você tem condição e capacidade de se comunicar com qualquer um, né? Uma questão de estar aberto e de não ter medo nem insegurança de se colocar, mas isso demorou muito para eu ter.

E - Aham. E como é que foi quando isso mudou? Aí você passou a ter essa estabilidade, o que mudou? Como é que é hoje?

R - O que mudou foi eu ser concursada numa escola, passar num estágio probatório e daí dizer: bom, agora não devo mais satisfação a ninguém. Então, a partir de agora eu vou ser exatamente quem eu sou assim, e também o fato de você estar na mesma escola, escola, assim (inaudível) que eu trabalho, né? Então eu começo a dar aula para os irmãos, então aquelas famílias já me conhecem: ai, irmão dele gostava muito de você, o meu filho gosta muito de você, então as pessoas falam bem de você e aí a direção percebe que você tem... você já começa a construir um legado, né? Assim, a gente faz legado na escola, isso é muito importante para que as pessoas te respeitem e aprendam também a te ouvir. Infelizmente, é muito louco, porque a escola é um lugar prioritariamente feito por mulheres da limpeza a direção, né? No entanto, se tem um ou dois homens assim, nossa, o bagulho já fica difícil demais. E aí eu numa escola em que um homem é um diretor... os meus enfrentamentos passam mais pelo lugar de ser uma mulher e o que se espera de uma mulher, do que a minha sexualidade, assim. Eu acho que as pessoas jamais teriam coragem de dizer qualquer coisa para mim, entende? No ambiente em que eu trabalho, todo mundo sabe que eu sou casada com uma mulher, a Mari vai nas Festas Juninas da escola, né? E já ajudou em festa, já foi me buscar, já foi em jantar de professor, já aconteceu tudo isso, mas ninguém vai tratá-la mal, ninguém vai falar nada disso na minha frente, tenho certeza. Se existir algum desconforto, isso vai ficar entre as pessoas, né?

E - Uhum.

R - Mas eu ser mulher é um desconforto diário, alguma coisa muito louca assim todo dia tem que ficar pregando a palavra do: eu tenho direito a uma opinião, tenho direito a contestação, sabe? Tenho que ser ouvida, enfim.

E - Sim, então em relação a tua sexualidade, você não enfrentou muitos problemas com a direção em relação a isso com administrativo.

R - Mais pelos alunos do que por mim, entende? Mais pelos alunos, assim, eu me lembro do primeiro casal de meninas da escola, que aí tinha toda uma coisa assim da direção ficar super preocupada e querer vigiar (inaudível) no banheiro. Então as pessoas falam: nossa, mas uma tem cara de sapatão, mas a outra não é, né? Eu acho que ela só está confusa, porque daí ela não tem o cabelo curto, e aí essas coisas assim, né? Gênero e sexualidade são coisas muito intrínsecas e aí as duas coisas, elas começam a trazer questões simultaneamente, e não separadamente,

então tudo isso, performance de feminilidade e tal, então é mais pelos alunos que eu enfrento do que por mim.

E - Aham. E em algum momento, algum aluno fez algum tipo de comentário, alguma coisa maldosa assim que te deixou ofendida?

R - O tempo todo. O tempo todo, mas eu já sei lidar com isso, né? O adulto sou eu. A criança tem o direito de estranhar. Ela traz uma bagagem, ela vem de uma família que fala mal, que odeia e etc. Então isso é natural, isso é normal. E o meu trabalho é justamente lidar com isso. Não é transformar essa realidade, e aí é tanto com minha minhas narrativas quanto com a minha experiência assim, né? Porque é muito louco quando a gente se entende bissexual, enfim, a gente já é homofóbica né? É muito maluco isso. Assim vem antes, né? Então eu entendo a criança, eu entendo qual é a questão que passa pela cabeça, por mais que eu não venho de uma família evangélica, religiosa, eu conheço pessoas assim e eu sei muito como é que isso funciona, então eu aprendi a lidar com isso também, né? De certa maneira, sim, então, desde comentários sobre ser casada com mulher, como sobre eu não me depilar, sobre a maneira como eu me visto. Enfim... Ai, eu não estou te ouvindo.

E - Desculpa, estava com o microfone desligado, fui engatando... e teve alguma situação dessas assim que te marcou mais? Que te deixou mais chateada assim que tu queiras compartilhar?

R - Assim, que eu vou dar conta de lembrar agora é o mais recente, né? Porque eu já tenho um tempo aí de caminhada, vou me lembrar, claro, do último período eleitoral que com certeza foi o mais difícil. E aí eu me lembro de conflito com os pais, que foi a primeira vez que eu tive em relação a esse tema, né? Desde que eu entrei na sala de aula, todas as vezes que eu tive algum conflito com família, sempre foi porque eu trabalhei com religião de matriz africana. Muito doido isso, né? Mas isso era assim: tudo que eu falava sobre política, sobre sexualidade, não reverberava como reverberava a questão da religiosidade, então era mais tenso do que falar sobre certas coisas. E aí veio o governo Bolsonaro, as eleições e aí tudo se tornou tenso. Foi a primeira vez, assim que eu me lembre pelo menos, que eu tive vários conflitos simultâneos e maiores em relação a isso. Então me lembro de atender assim, famílias trajadas, de verde amarelo dos pés à cabeça e questionando tudo, né? Que eu falei que todes, que eu falei da minha vida pessoal, que eu não posso falar isso, que eu não devo, enfim, essas coisas assim. A direção da escola não soube lidar e aí sobrou pro professor. Acho importante dizer isso. É muito a

estrutura da escola, ela só protagoniza o professor quando é para que ele assuma a responsabilidade sobre o que eles consideram um problema, né? Isso é muito louco assim. Tudo bem pronto, se o aluno vai ser aprovado, que atividades ele vai fazer, como que a gente vai medir o seu desempenho, tudo isso é uma estrutura pré-fabricada que o professor no máximo escolhe a cor da parede. E aí, quando um problema acontece, o que é considerado um problema, porque não deveria ser um problema uma família questionar e estar próximo da escola, mesmo que seja dessa forma. Mas aí é o professor que tem que lidar com aquilo, né? Então eu me lembro disso, de o tempo inteiro a direção me tirar da sala porque tem um pai querendo falar comigo, me cobrar, dar de dedo e gritaria. E essas coisas assim que eu nunca tinha vivido e que foi quando eu me senti mais ameaçada, quando eu me senti mais solitária, eu acho também, eu acho que foram as crises maiores assim em torno disso.

E - E você sente, não sei se você enxerga dessa forma, mas você enxerga que essas ameaças, esses questionamentos frequentes que você sofreu, também são por conta da sua sexualidade, das coisas que você e a forma como você age, você entende dessa forma?

R - Sim, sim, sim, sim, também foi uma questão, claro, eu acho que por agir com naturalidade, né? Porque não é como se eu fosse usar da sala de aula como palco para minha história de amor, de modo algum, né? É claro que não. Assim, né?

Mas eu sou uma pessoa que vivo na comunidade na qual eu trabalho, então quando eu vou à verdureira com a minha esposa, eu vou encontrar um aluno, quando eu vou à sorveteria. E aí as pessoas me vêem vivendo livremente a minha vida, sabem da minha vida, porque eu trabalho ali há muitos anos e também se um aluno me pergunta, eu não vou esconder e todo o aluno quer saber da vida pessoal do professor em alguma medida assim, tem curiosidade sobre a vida, né? É próprio de uma criança e de um adolescente ter curiosidade sobre a vida, é o adulto que se fecha para a vida. Então eu nunca deixei de falar se o aluno pergunta, não vou criar metáforas, eu não vou. Eu vou falar o que é próprio para aquele ambiente assim. Então, sim, eu sou casada, o nome dela é Mariana, ela é publicitária, ela é isso, ela é marceneira e eu vou falar dessa pessoa que eles também vêem às vezes comigo e aí sim, isso começou a se tornar um problema no sentido de que é público, né? Então não é porque eu... isso é uma coisa muito contestada, de que o professor vai ideologizar um ano e de que se eu sou gay, então os meus alunos vão ser gays, né?

Eu nunca tive nenhuma professora sapatão, no entanto, eu me formei sem kit gay no caso, na minha geração não teve kit gay e estamos aí. Então assim, essa ideia de que o professor tenha esse controle sobre o aluno só pode vir de alguém que não conhece um aluno, uma criança, um adolescente porque não existe isso, não é?

Existe uma troca gigante, não existe eu impor ou de eu, sei lá, abrir portas de um mundo desconhecido, não é desconhecido. Enfim, uma criança ela acessa o mundo dos adultos, da sexualidade, muito antes dela estar na escola às vezes. E claro também porque são questões da vida. É... eu não sei, acho que eu já até me alonguei, mas é isso assim, eu acho que começou a se tornar um problema nessa última eleição e porque eu vivo na comunidade que eu trabalho.

E - Aham, claro. Não se preocupa em relação às suas respostas, tá? Vai fluindo, quanto mais melhor, sem problema. E sobre isso, até acho interessante agora te fazer uma pergunta semelhante à que eu fiz antes. Assim, só que um pouco diferente: em relação a comentário positivo, já recebeu algum? Ou algum tipo de identificação? Talvez de alguma menina ou de algum menino.

R - Também o tempo todo, também o tempo todo. *(risos)*

E - E como é que é isso?

R - Na mesma medida em que eu recebo contestação, recebo críticas, eu recebo amor, carinho e cuidado de todas as formas. Desenho, desenhar eu e minha companheira ou desenhar bandeirinhas no caderno e falar sobre isso. Seguir no Instagram, curtir todas as fotos e mandar beijo para ela. Enfim, né? Eu falo sempre para Mari, minha esposa, é muito engraçado: olha, sempre que você sai de casa eu sei porque eles chegam na sala e falam: olha, encontrei ela no mercado, encontrei ela não sei aonde, aí eu vi ela saindo do casqueiro indo não sei aonde, daí sempre, inclusive sei, tenho essa rádio assim no bairro, né? Então isso também é uma forma de carinho, e sempre assim, me sinto uma referência para várias meninas, para várias e vários deles. E aí conheço as histórias pessoais, então isso é o tempo todo mesmo.

E - E alguma vez já verbalizaram isso pra ti do tipo: nossa professora, é tão bom... ou se identificaram assim contigo de forma que verbalizaram isso assim pra ti?

R - Sim, aham, verbalizaram, escreveram, sim, sim, várias vezes. Isso é muito bonito, é muito bom, é combustível para caramba assim, né? E às vezes nem é verbal. A gente vem de um mundo muito verbal, a gente que vem da academia e tal *(risos)*, precisa dessa afirmação do texto, mas às vezes é gestual também assim,

né? Você começa a ver que começa a querer se vestir da mesma maneira, começa a se interessar pela banda que você estava ouvindo, que você trouxe a música, começa a querer saber os lugares que você vai, o que está assistindo, porque quer se inserir nesse mesmo mundo das referências assim, te tem como uma referência portanto ou você sente que você vira trampolim para... Eu gosto de trabalhar muito com música, que é uma coisa muito acessível na sala de aula assim, né? E eu percebo isso assim: Ah, eu passei a ouvir samba, passei a ouvir rap, fui ver o artista que (profes)sora compartilhou ali no Instagram, fui atrás, enfim, então às vezes não é necessariamente verbal, mas é gestual também que você percebe que vai abrindo porta para referência. Isso é importante, porque você perguntou da minha infância, né? Da minha adolescência, foi o que faltou pra mim no caso, né? Então eu acho que é muito importante. Hoje eu sinto que uma das coisas mais importantes que eu faço na escola de aula é levar a referência de um mundo que exista para além do óbvio. Para além de uma assim... um caleidoscópio de oportunidades, né? Trazer muitas coisas assim.

E - Legal, interessante, e você acha que a forma como você...

R - Posso...

E - Pode falar.

R - Não, eu ia contar uma história só que acho que foi uma das mais marcantes nesse aspecto da sexualidade que foi: eu dava aula para filha da orientadora da minha escola e daí ela me pediu ajuda, pediu para estar junto para ela contar para mãe dela que ela estava apaixonada por uma menina. Então, essas histórias assim, né? Você vai se envolvendo tanto na vida das pessoas que (*risos*) e aí quando você está, trabalha na mesma comunidade a muito tempo, né? Isso acontece assim.

E - É interessante, legal, né? E essa parte assim de você atuar como professora dessa forma, você acha que tem influência pelo fato de você se considerar uma mulher bissexual? Você acha que a sua identidade de gênero, orientação sexual, elas influenciam? Elas impactam de alguma forma na tua prática docente?

R - A minha identidade, e daí a minha identidade é composta do aspecto da sexualidade também. Mas eu acho que é mais uma postura em relação à sala de aula, entende? Porque se eu estivesse num relacionamento heterossexual, também seria interessante saber dele para quem é heterossexual em sala, entende o que eu quero dizer assim?

E - Uhum.

R - Eu conheço muitos professores, isso não é uma crítica nem nenhum ataque, é só uma análise, que preferem manter sua vida pessoal distante do trabalho. Tem uma frase que as pessoas usam muito e que eu detesto, que é: não leva para o lado pessoal. Enfim, quando se trata de sentimento, quando se trata... eu já tenho uma prática oposta a isso, que é aquilo que é da minha vida, do meu universo pessoal, é a única coisa que importa, sabe? No sentido de uma criança, principalmente na faixa etária que eu trabalho, que é dos 11 aos 14 (anos). É um momento muito importante que você precisa ser alfabetizado sentimentalmente também. Você precisa aprender o nome daquilo que você sente, o que é ira, o que é frustração, o que é tédio, o que é raiva, né? O que a raiva é capaz? O que o ódio é capaz? E você precisa entender melhor esse universo, porque ele é muito negligenciado hoje na sociedade atual. Então a gente diz, por exemplo, que uma pessoa, para que ela tenha um bom desempenho em sociedade, ela precisa deixar de lado sua vida pessoal (*risos*) e ser uma personalidade, uma persona que seja adequada para o trabalho que ela exerce ou para o espaço em que ela está. Se ela está na família, se ela está na igreja, se ela está... eu já tenho uma perspectiva de que não existe essa separação. Isso resulta em você ter relações cada vez menos íntimas, isso aumenta a sua solidão, isso te deixa mais sem rede de apoio, te deixa mais solitário no mundo assim, te enfraquece. Então eu acho, por exemplo, que eu falei muito das últimas eleições, porque elas marcaram a prática em sala de aula no Brasil, enfim. E elas foram extremamente emocionais, né? As pessoas ficaram extremamente emocionais, eu não via nenhum aspecto da razão envolvido ali naquela eleição, naquela votação. Então cada vez mais, há necessidade da gente falar com honestidade do que a gente sente, do que a gente é. E então eu acho que é mais a minha perspectiva em sala que é a de não negligenciar esse aspecto da vida, do que eu ser uma mulher bissexual. É claro que isso vai ser interessante para um adolescente que vem de uma família que é heteronormativa, que faz questão que ele desempenhe esse papel, então vai ser diferente se eu sou a única pessoa que ele conhece, vai ser interessante, né? Mas também vai ser interessante se eu sou a única pessoa que fala sobre o que ele sente, que está disposto a ouvir, que está disposto a compreender, a aceitar que aquilo é importante também, né? E não só a nota que tirou, não só a capacidade que tem de assimilar a informação, de falar sobre ela, mas (também) que se importa com o por que que você tratou seu amigo assim? Eu conheço vocês desde o sexto ano, vocês são amigos desde então, por que agora

vocês estão tretados, não estão fazendo um trabalho juntos? O que aconteceu? Eu acho que isso também e... é nesse sentido que eu digo que a sala de aula me ajuda, sabe? Enquanto as pessoas romantizam, eu tenho uma coisa bem vaidosa com a sala de aula, que eu dou aula porque isso me faz bem, sabe? Uma coisa vaidosa comigo também. E é por isso que me faz uma pessoa melhor, porque se não, eu seria muito isolada nos meus próprios valores, nas minhas próprias verdades, muito mais fundamentalista. Então eu acho que é assim que me ajuda, sabe? A entender que todo mundo tem particularidades e as particularidades, somadas são o que a sociedade é.

E - Interessante essa tua visão de como organizar esse pensamento, eu acho muito legal. E aí me surgiu uma questão, até queria ver se você pode falar um pouco mais sobre justamente ver essas crianças que se identificam, estão começando a se descobrir, a se identificar como LGBTQs, como é a tua relação? Tu identifica eles, tu percebe? E qual é a sensação disso pra ti?

R - Sim, eu identifico (*risos*) muita gente eu identifico, mas eu também identifico um processo de mudança bem grande na sociedade. Assim já como professora, né? Então comecei a lecionar em 2011, estamos em 2024, tenho um tempo de sala de aula já, né? E cada vez mais cedo, as crianças sabem o que significa a sigla LGBTQ, elas têm referências de youtubers, de influencers, de personagens do BBB (*risos*), de uma série de coisas que já trazem isso. Então eu tive um momento no início da minha profissão, em que era dizer que isso existe, que a sigla existia, dizer o que ela significava, diferenças, falar sobre isso, e acho que eu reconheço que hoje o papel tem sido um pouco mais diferente, talvez. Eu sinto que tudo vem muito num aspecto de caixinha, assim vem muito de fora para dentro, sabe? Eu tive um momento da minha profissão que era instrumentalizar, fortalecer aquela pessoa para que o que ela sente pudesse vir à tona. E agora eu sinto que a galera está fazendo um movimento contrário. Então, se você não é uma pessoa LGBTQ, você é uma pessoa conservadora, então. Então é porque você é um evangélico, então é porque você... e aí eu fico tentando dissolver isso assim, do tipo você pode ser muitas coisas, você não vai ser sempre a mesma coisa, o que você é hoje, você não necessariamente vai ser quando você tiver minha idade, enfim, e tentar aprofundar melhor a experiência, deixar que a experiência seja complexa, deixar que livremente elas possam ser complexas, porque cada vez mais a tendência me parece é tão novamente de uma homogeneização da diferença, que é bem louco, mas enfim...

eu acho que a sociedade vem caminhando para aceitar a diferença e até monetizar diferença em certos aspectos e isso faz com que a gente caia numa tendência de normalizar de novo. Então hoje eu vejo meu trabalho mais desta maneira assim, eu identifico também quando uma criança é LGBT, mas eu identifico também quando ela já tem um discurso tão pronto, tão pré-moldado assim, tão pasteurizado sobre isso que daí também é de dar outros nomes, falar mais de sentimento, mesmo assim, o que é uma... o que é você se interessar por alguém? O que que faz parte disso, né? É só sedução por um corpo, pela materialidade de um corpo, é uma personalidade que te interessa? O que que faz parte do jogo da sedução, falar disso também, para que não seja só um discurso raso, sabe?

E - Claro, sim, e deixa eu te perguntar, você se considera uma boa professora?

R - (*Risos*) Puts, baita crise isso, não sei responder. (*Risos*) É, eu acho que eu sou a professora que eu dou conta de ser. Então, há momentos em que eu me orgulho da professora que eu sou, há momentos que eu não me orgulho e acho que o processo é esse, porque o processo é lento assim. Eu sou neta de uma professora e eu trago muito dela na minha personalidade professorinha (*risos*) e eu acho que ser professor hoje é uma coisa muito de postura, do que só uma profissão só, sabe? Se a gente for pensar pelo aspecto da profissão, é cada vez mais difícil ser professor, eu acho e cada vez mais cansativo, cada vez mais burocrático, cada vez mais tenso. Então tem um 0800 pra te denunciar, tem um vereador que vai engajar conteúdo na página dele se ele te expor, se ele falar da tua rede social. A gente teve isso em Joinville, um vereador abriu a rede social de uma professora na Tribuna, então essa pessoa é minha amiga, essa professora exposta, então é um lugar muito, nossa, é super injusto para alguém ocupar, né? Porque também você se sente julgado o tempo todo, não ser um bom professor também é uma coisa que pesa sobre o professor, sabe? Porra, você é professor e você não educa com amor, você não é revolucionário, você não é marcante, você não é especial. Às vezes eu também só quero ser alguém que bate ponto como todo mundo, cumpre um horário, eu vou pra casa e não penso na minha profissão, sabe? E ter lazer e conseguir também não ser professora, não ser essa personalidade quase imaculada. Eu acho que eu sou a professora que eu dou conta de ser.

E - Bom, tá bom. E em relação a isso que você estava dizendo, dessa diferença que você sente no momento que você inicia a tua carreira docente e agora que você percebe essas diferenças. Fora da sala de aula, você também enxerga essas

diferenças? Você acha que ultimamente, atualmente, existem aí umas mudanças na sociedade em relação a essa comunidade LGBT?

R - Acho que sim. Acho que a minha geração, não sei se isso é um pouco arrogância etária assim, mas parece que é a geração que mais testemunhou, eu acho, as mudanças, posso estar bem enganada, na verdade. Mas enfim, eu me lembro do meu tio gay somente nas paredes do seu lar e penso em mim hoje, de mão dada com a minha gata, dando rolê e falando sobre isso o tempo todo e expondo na internet, podendo viver isso com tranquilidade, inclusive na família você falou, perguntou como foi tal para mim, então eu vejo essas possibilidades. Isso são vitórias, são conquistas. Mas também vejo uma coisa muito... eu acho que as coisas se transformam, a gente fica o tempo inteiro tentando avaliar se para melhor ou para pior. Enfim, acho que as duas coisas são simultâneas, a gente tem conquistas e a gente tem também um universo que me incomoda, esse pink money, me incomoda o quanto isso às vezes é apropriado pela indústria do entretenimento. Como é, sabe? De maneira banalizado, normatizado também. Então, também (inaudível), fico um pouco de olho assim e me sinto um pouco perdida também nesse momento.

E - Certo e agora já encaminhando um pouco mais aí para o fim da nossa entrevista, queria saber assim, de forma geral na tua trajetória, especialmente na tua trajetória docente, teria algo que tu teria feito diferente? Agora com mais experiência, com mais chão de sala de aula.

R - Sim, sim, com certeza, com certeza. Eu acho que de imediato eu venho aprendendo e pensando sobre a sala de aula, é a partir desse movimento de polarização no Brasil. A gente vai falar disso, fica mais nítido nas eleições, mas isso também fica para mim um pouco evidente sobre como eu não soube me comunicar no início, principalmente como eu me enraizei em certo momento sim, você percebe pessoas que não tinham a mesma experiência que eu, sabe? Então que eu imediatamente pensei: homofóbica, conservadora, jamais vai me entender, não adianta eu... eu falei isso no início da entrevista, de que quando eu comecei a dar aula, eu me sentia livre e bem em sala de aula e fazia o possível para não falar com ninguém na sala de professores. Então, hoje eu tenho tentado fazer diferente, tenho tentado também enxergar como iguais, mesmo que pense tão diferente, mesmo que às vezes eu acho um absurdo, mesmo que às vezes eu acho violento, é importante que eu saiba dialogar, que eu saiba lidar com isso, que eu não fique tempo inteiro me evadindo assim, eu acho que muitas vezes eu tive medo da responsabilidade de

ser professor, de assumir a bronca, de ir para cima, às vezes cansaço, às vezes falta de instrumentalização, às vezes falta de apoio, às vezes falta de segurança, mas enfim, eu acho que eu principalmente hoje, me sinto pronta para não mais precisar assumir essa postura assim, de fugir de uma discussão, de fugir de uma necessidade, de contestar, de enfim... mas fazer isso de uma maneira coletiva, sabe? E não só sob minha perspectiva, sobre o que eu considero importante. Por exemplo, vou dar um exemplo na prática, que eu acho mais fácil: eu sempre fiz de tudo para não participar das celebrações de Natal, porque eu não sou cristã, porque eu acho que a escola é laica e porque aquelas celebrações são horríveis, na minha avaliação, desde o teatro, a música que se escolhe, o roteiro, tudo para mim é péssimo. Então, o que eu sempre fiz foi: eu faço qualquer coisa pra não ter que participar desse dia. Hoje eu já acho que eu tenho que participar, entende? Mas eu tenho que ter uma proposta, eu tenho que dar jeito de que minha proposta se encaixe, então eu fiz isso ano passado, ano passado, na verdade, eu não cheguei a fazer porque fui atropelada e não terminei o ano letivo (*risos*). Mas, enfim, a proposta era fazer o festival do solstício ao invés de Natal, então eu ia fazer uma apresentação a respeito disso, falar sobre isso, tentar também participar da vida, não o tempo inteiro me evadir, porque eu não concordo, porque aquele ambiente não é pra mim. Eu vejo muito isso, eu não me sinto representada, nem tudo tem que me representar, nem tudo tem que ter a minha cara, eu acho. E acho que isso também vale para a comunidade LGBT, nem tudo tem que ser para mim. Um movimento LGBT não tem importância se ele também não for um movimento de classe, se ele não for utilizado, se ele não for... se todas essas coisas não estiverem perpassadas, perdem a sua força justamente porque toda a experiência é complexa e tem que refletir a complexidade que a gente é. Então eu acho que é isso, hoje eu me sinto mais apaziguada. Isso é ruim porque eu me orgulhava de ser uma pessoa mais radical na minha juventude, mas eu acho que isso é bom, isso foi uma coisa que a sala de aula me trouxe, faz parte desse legado, que é o de saber construído do lugar em que a gente está, eu trabalho onde eu trabalho, porque eu vivo na comunidade que eu vivo e porque eu estabeleci essa relação, sabe?

E - Sim. Para finalizar, a última pergunta é: como é que você se sentiu contando um pouco da tua história, compartilhando um pouco das suas práticas docentes? Como que foi pra ti isso?

R - Ah, eu gosto desse papo, eu acho que a gente fala pouco sobre a sala de aula. As pessoas têm muito uma narrativa de que a escola não muda, a escola é um lugar horrível, na escola a gente sofre bullying, a escola doutrina, escola é uma vilã em tempo integral, para a esquerda, para a direita, para a extrema direita (*risos*), e eu acho que, na verdade, a escola muda muito. A escola muda o tempo todo, só quem não está lá não vê, sabe? Ou quem não quer ver assim, e acho que daí a gente fala pouco sobre ela. Por exemplo, o período da pandemia fez falta pra caramba, quem está trabalhando com ensino fundamental, está vendo a criançada que ficou em casa ali, sofreu muito com isso, porque a escola é um espaço de socializar, a escola é o espaço de correr, de brincar, de curtir, de fazer amizade, de gostar de alguém. Então, também é um espaço importantíssimo e eu gosto de falar sobre a escola, não necessariamente uma coisa vaidosa, mas eu acho que a gente fala muito pouco sobre escola, sabe? A gente professora, a gente sociedade, a gente familiares, a gente sociedade principalmente. Então eu acho que a gente precisa falar da escola mais e a gente precisa falar também sobre a escola não só do ponto de vista de como podemos melhorar a escola, como que a escola vai ser uma coisa que a gente precisa só da forma utilitarista, a escola tem que servir para, mas também não é que a escola é mesmo de fato. As narrativas são muito importantes, não é? E estudantes e professores falam pouco sobre escola, eu acho, tem pouco espaço para falar disso.

E - Tem mais alguma coisa que você gostaria de acrescentar?

R - Olha, Bianca, eu acho que quando eu ouvir isso, ou quando eu terminar, eu vou pensar em tanta coisa que eu não disse que eu queria ter, de que eu pensei: puta, não falei disso. Nossa, que bosta que foi, mas eu acho que é isso, né? Assim, a gente foi tendo essa... você me mostrou as perguntas antes, eu não quis ficar fritando elas.

E - Uhum.

R - Ficar ensaiando nada para falar, porque eu acho que eu faço cada vez menos isso, eu cada vez ensaio menos assim na escola, claro por conta da minha experiência já, mas também porque eu acho que tem que ser real, sabe? E essa é a minha experiência real, é um pouco da minha experiência real. Espero que ela tenha contribuído com a sua pesquisa. A gente fala pouco sobre isso, né? Eu também não queria trazer aqui algo que fosse para (*gesticula aspas com as mãos*) a sua

pesquisa, como se eu fosse falar exatamente aquilo que você quisesse ouvir, eu acho que também não era nem o teu interesse, né?

E - Óbvio.

R - Então espero que tenha sido produtivo para ti também, para mim foi massa. Eu acho que a gente tem que falar mais mesmo, fico feliz que alguém esteja interessado em falar sobre, você é professora também, então melhor ainda, melhor que seja a gente falando sobre a gente. E é isso, que massa que você está fazendo esse trampo aí, parabéns.

E - Obrigada. Eu vou encerrar aqui a gravação, aí eu quero conversar um pouquinho contigo aqui.

R - Fechou.

E - Só parar a gravação.

(A gravação é encerrada pela entrevistadora após o consentimento da entrevistada. Após esse momento, há uma conversa entre a pesquisadora e a participante, onde agradecimentos pela participação são feitos e há um compartilhamento de experiências relacionadas à sala de aula. Por fim, a pesquisadora pede a entrevista que, se possível, ela indique uma próxima entrevistada para a pesquisa decorrer.)

APÊNDICE H - Entrevista com Graziela de Sousa:

ENTREVISTA CEDIDA À PESQUISA EM ANDAMENTO “‘UMA PROFESSORA COMO EU’: NARRATIVAS SÁFICAS EM SALAS DE AULA COMO PATRIMÔNIO CULTURAL”.

Entrevista com Graziela de Sousa em 03/02/2024. O encontro foi realizado *online* pela plataforma Microsoft Teams. Estavam presentes:

- Graziela de Sousa;
- Bianca Beatriz Lourenço Melatto.

Edições:

1. A transcrição foi realizada por Bianca Beatriz Lourenço Melatto;
2. Os símbolos utilizados representam:
 - a. E – Bianca Beatriz Lourenço Melatto;
 - b. R - Graziela de Sousa
 - c. (?) – Incerteza sobre a grafia.
3. *Itálico*: Contextos fora do desenvolvimento da entrevista;
4. Revisão feita por Bianca Beatriz Lourenço Melatto. Nesse momento, realizou-se uma limpeza dos cacoetes da fala, um acréscimo de palavras entre parênteses que ajudam no entendimento do contexto, e a formatação do texto. Foi optado por fazer algumas pequenas correções, especialmente nas palavras como: tá-está; pra-para, pro-para o, né-não é?, tava-estava, tavam-estavam, num-em um. Em alguns casos os cacoetes foram mantidos como o ‘né’ (em algumas ocasiões), ‘aí’, ‘é’, ou ‘daí’. Foram mantidas também as construções das frases e o estilo da oralidade.

Introdução

Antes de iniciar a gravação, a entrevistadora explica sobre os termos de doação, esclarecimento sobre a entrevista e contextualização da pesquisa. A entrevistada concorda em iniciar a gravação.

Desenvolvimento da entrevista:

E - Beleza, então a minha primeira pergunta, para a gente iniciar mesmo a essa entrevista é que você me dissesse um pouquinho, seu nome completo, sua data de nascimento e o local onde você nasceu.

R - Tá, meu nome completo é Graziela de Sousa. Eu tenho 39 anos, é, eu nasci aqui em Joinville mesmo, sou natural de Joinville, moro aqui desde então, 39 anos.

E - Certo, muito bem e deixa eu perguntar um pouco sobre a tua infância, sobre a tua família, você tem irmãos?

R - Tenho. Eu sou a mais nova de uma família com 4 filhos e os 3 mais velhos são todos homens e eu sou 7 anos depois do último, então atemporal como chama assim, eu tenho 3 irmãos mais velhos.

E- Certo, entendi. E como era a relação quando você era mais nova, quando você era criança, como era a relação assim com a sua família, seu pai, sua mãe?

R - Olha, nós éramos... nós somos de periferia, né? Meus pais ainda moram ali no Comasa, ali meio perto do Espinheiros também, naquela região. Foi uma infância assim: um pouco só, porque eles já eram mais velhos e meninos, eu até tentava me inserir um pouco com eles, mas eu tive uma criação muito... era uma casa de quintal, de árvores, então eu subia em muro, árvores. Eu não me sentia sozinha não, eu era uma criança que brincava bastante e a escola do bairro teve um papel bem importante na minha infância. Acho que não à toa que eu me tornei professora depois, porque enfim, né? Periferia está todo mundo correndo atrás de sobrevivência, pais trabalhando muito, década de 80/90, então situações não super adversas assim, mas correndo atrás, né? Então ninguém parava para ficar contando história para criança, dando atenção. E a escola foi um espaço onde eu: “nossa, isso aqui é legal” ou recebi mais atenção assim. Eu tenho a sensação que foi o primeiro espaço onde eu recebi um pouco mais de atenção do que em casa, porque em casa estava todo mundo correndo atrás do seu. Enfim, coitada da minha mãe, imagina 3 meninos e muita gente para dar conta e já naquela lógica bastante machista também, né? Do homem provedor que sai para trabalhar e volta, e a mulher fazendo todo o resto, que não é pouca coisa familiar. Então foi uma infância tranquila dentro dessa realidade, de um bairro periférico, os meus pais migrantes de cidades menores, tipo tentando a sorte aqui em Joinville, mais ou menos assim. O meu irmão mais velho teve um papel bem importante no sentido de educação também, porque ele foi... o último é 10 anos mais velho que eu, então ele era uma figura de

ler, tocar violão, ficar comigo. Era também de ficar bastante sozinho em casa para a mãe trabalhar. Tinha esse movimento todo assim, mas tinha também essa figura do meu irmão que também participava da minha educação, ele muito mais do que os outros, os outros eu até falo que eu lembro pouco de vê-los em casa, meninos vão, podiam ir mais pra rua, né? Nessa época aí e esse irmão era o que cuidava mais de mim, digamos assim.

E - Certo, entendi e assim, nessa época, como é que era o bairro onde você morava e a rua. Quais brincadeiras você brincava? Brincava na rua? Como é que era essa parte?

R - A gente era uma casa de esquina assim e era rua de barro, na época asfalto só lá na principal, eu brincava assim... de novo a escola. Quando eu fui para a escola tinha as amiguinhas da escola, então elas iam na minha casa, eu ia na casa delas, mas brincar na rua já era... tinha crianças, por exemplo, que brincavam de taco na minha rua, mas eu acabava não... eu acho também que elas eram um pouco mais velhas que eu, eu não me inseria muito nas brincadeiras da rua. Raras vezes, depois até mais, menos na rua, era mais de ir na casa de um ou de outro, inventava 1000 coisas, sei lá, batizado de cachorro, inventava festa, inventava, explorava o armário da minha mãe, brincava com a... era uma criança que brincava bastante. Eu tive uma infância gostosa de brincadeira assim, né? Então, mas era esse tipo. Tinha um valo aberto do lado da rua, então pula valo, sabe? Pulava do muro para o valo, não era para acertar o valor, né? (*risos*) mas pulava do muro para a rua e brincava muito com a vizinhança perto também tinha a vizinha, do outro lado da rua, que ia bastante lá, tinha essa relação assim com o entorno, com a vizinhança um pouco com família também, de ir na casa da prima e tal, mas nunca foi uma família grande de todo mundo se reunir, primos, isso era mais raro, mas brincava assim, e claro, brincava muito nos papéis sociais que nos eram dados, de comidinha, de casinha e muito de professora, abria os cadernos, eu me lembro que tinha uma porta de de armário que meu pai colocou para mim um quadro e ali eu dava minha aula, gritava com as crianças, eu sei que eu fazia (*risos*) reproduzia o que eu via na escola assim, então eu brincava muito de escolinha, às vezes com outras crianças, mas também bastante sozinha, usava bastante a imaginação para brincar, né? E de casinha com lama, com as coisas que tinham, plantas ao redor, brincava muito fazendo isso também e com as coisas da minha mãe (*risos*) e colocando as roupas da minha mãe.

E - Sim. É uma infância, pelo que tu me diz, muito gostosa mesmo, de vivenciar experiências muito boas. Então escolinha era a tua brincadeira favorita na infância?

R - Eu brincava bastante de escolinha, sim. Daí depois, lá com 9, 10 (anos), acho que já até com 8, eu ia no outro horário para a escola para ajudar a professora, eu estava na terceira série, ia ajudar as crianças do primeiro ano, da primeira série. Eu gostava. A escola foi um espaço que eu adorei, quando eu entrei como criança, eu pensei: meu, isso aqui é muito legal. Então tudo que a professora falasse, eu: sim, sim, vou fazer. e daí tinha esse incentivo do meu irmão, de livro também, então pegava o livro didático, já li todas as histórias antes, sabe? Foi um espaço que eu gostei de ir e daí eu brincava bastante em casa e às vezes ia pra isso e tudo que tinha. “Ah, tem um grupo de dança.” Vou participar. “Ah, tem um negócio de teatro”. Vou participar. “Ah, tem, sei lá, patrulha do verde”, que é um negócio que eu nem lembro direito. Eu queria participar, sabe tudo? Eu queria fazer tudo.

E - Que legal.

R - Tem um episódio, inclusive, que no pré tinha tipo, eu não sei o que inventaram. Era um desfile e tinha uma sala muito legal e tinha n coisas assim, roupas, fantasias, e eu fui pegando, fui pegando, fui pegando, fui pegando coisa. Eu já tava uma árvore de Natal, daí eu me lembro que alguém veio com uma cesta e perguntou: alguém quer levar esse? A professora, né? Aí eu: eu, eu, eu! Aí a professora: não, você já tem muita coisa!

(Risos)

Então tudo eu queria fazer. Eu não era uma criança tímida, eu era uma criança bastante expansiva, dançava e via muita TV. A TV tinha um papel bem importante na minha família, sabe? De a gente comer assistindo TV, não era uma família que sentava à mesa, então tudo que eu assistia, todas as danças e não sei o que, eu gravava, fazia e enfim, eu tinha isso também, assistia bastante TV.

E - Legal. Bem interessante, dá para ver que realmente a escola faz parte, desde a tua infância, primeira infância e bom, você continuou seguindo nesse espaço e virou professora, não é?

R - Às vezes eu me arrependo um pouco, mas foi. (risos)

E - Sim, é verdade, e me conta um pouquinho sobre como era essa rotina dentro de casa, quais eram as suas funções enquanto filha, enquanto irmã, como funcionava essa parte?

R - Assim, como a minha mãe, em alguns períodos, precisava trabalhar fora, a minha mãe era empregada doméstica e o meu pai era pintor. Então, meu pai trabalhava numa empresa, ia de manhã cedo e voltava ao final do dia, mas teve alguns períodos em que a minha mãe precisou trabalhar também. Então eu maiorzinha já tinha que me virar, né? Chegar em casa, preparar o almoço, fazer a comida e também os trabalhos domésticos, de cuidado de casa e tal, também já muito cedo já eram me designados. Então, ali com 11/12 anos, já... não existia uma rotina rígida de lar, ao contrário, na minha família nunca teve rotina rígida de nada, era tudo até meio largado assim. Mas eu sabia já quais eram os meus papéis, né? Assim, ou tipo, eu precisava fazer e pronto, não tinha nem muito questionamento sobre na época assim, né? Então, estudava, brincava, nunca era tirado essas coisas de mim, mas diferente dos meus irmãos, já existia um papel ali de cuidado, de casa, de alimento, de fazer a comida, que eu desempenhava já na família já sim.

E - Mesmo sendo a mais nova, sendo em tese a que necessitava de mais cuidados, talvez até por uma questão de gênero, né? A gente sabe muito bem disso, né?

R - É, tem um episódio específico, eu até já falei na terapia, porque depois a gente carrega, né? Os resquícios das coisas, de um do meu irmão do meio, de um determinado momento, dizer: “você não vai limpar a casa?” Eu devia ter uns 12 anos, daí eu: ah, não sei, vou. E daí fui fazer, eu me lembro que tinha um armário assim com um monte de coisa e daí eu fui começar por aquele armário porque eu não tinha nem ideia o que significava aquilo que ele estava falando, né? O que eu deveria fazer

E - Sim.

R - E ele falou: “não é para fazer isso!” Então, veja, ele me designou. Ele sabia o que deveria ser feito, no entanto, quem tinha que fazer era eu, né?

E - Sim.

R - E isso, assim, na época a gente só vai... depois eu fui vendo assim o quanto eu fui carregando isso e depois ainda eu fui mãe muito jovem e daí isso se acentua muito, porque você tem que criar esse espaço para sua filha também.

E - Sim.

R - E daí eu fui carregando, carregando até chegar a um período que a gente tem contato com outros conteúdos que você vê: cara, isso é muito injusto. Por que sempre tinha que ser eu essa pessoa, né? Inclusive a tentar unir a família. Um Natal, enfim, todas essas coisas que você assume pra você e ao mesmo tempo,

você acha que você escolheu, mas escolheu porque os caminhos sempre te levaram para isso, sabe? Assim, a mulher é a pessoa que tem que fazer isso, então já tinha essa relação de uma família que carrega os traços do machismo, então a gente já tinha esses... e tem até hoje, inclusive algumas dificuldades por conta de apontar esses machismos assim, de tentar não querer mais assumir certos papéis, e ainda assim fica: meu, será que devo? Será que não devo? Não é tão simples, mas acontece.

E - Sim, e hoje em dia, atualmente, qual é a tua estrutura familiar? Com quem você mora?

R - Hoje moramos eu e a minha esposa. A minha filha tem 21 (anos). Ela morava com a gente, acho que a gente foi morar com ela quando minha filha tinha 14/15, se eu não me engano, e quando ela fez 18, ela foi estudar em Jaraguá e mora lá em Jaraguá atualmente.

E - Aham.

R - Então éramos nós 3, hoje somos eu, a esposa, gato, óbvio, tem que ter um gato, e os cachorros. Claro, o que também é bem óbvio, bem esperado já.

(Risos)

R - Os bichinhos, né?

E- Certo, como foi a tua juventude. Você me contou um pouco da tua infância. Aí você cresceu um pouquinho, como foi essa parte da pré adolescência e da adolescência?

R - Aí foi mais complicado. Aí, a adolescência já não foi então leve. Aí tem todo um processo de querer pertencer a grupos, querer muito ser amada, o que eu faço? E toda aquela espontaneidade da menina que era até chamada de exibida, foi se perdendo porque eu queria muito pertencer a algo. Eu acho que eu me perdi bastante na adolescência, de espontaneidade de e eu acho que é um resgate que eu tenho feito até hoje assim, de quem eu realmente sou ou de quem eu fui me moldando para que as pessoas gostassem de mim. Foi uma adolescência bem complicada e eu me lembro que o próprio de quem eu engravidei, era tipo um primeiro namorado, e foi tudo atravessado, de perder virgindade, de... eu tinha uma prima que eu considerava muito descolada e ela era muito espelho pra mim, eu queria ser igual ela e no grupo, inclusive, era assim: “ai, porque ela é virgem, não sei o quê, não pode dizer determinadas coisas para ela”, mas eram ditas, né? Então, tinha todo um ambiente que me colocava muito inadequada, e foi quando eu

comecei a me sentir inadequada... tanto que daí desse primeiro namorado, perdi virgindade em um relacionamento todo atravessando, em seguida, fiquei grávida, então a minha descoberta de sexualidade foi muito difícil e mesmo lá de namoricos, era, enfim... então, me entender como uma mulher lésbica demorou muito tempo porque não havia um na infância, adolescência, praticamente referências assim, não haviam mulheres lésbicas perto de mim ou que eu identificasse como lésbica para eu: nossa, eu acho que isso aqui tem a ver comigo, né? Então eu demorei muito, a minha esposa foi a primeira pessoa com quem eu me relacionei mulher, então eu demorei, eu tinha 32 anos, demorei muito tempo... depois eu já entendia que isso era possível, mais velha, isso é algo possível na minha vida, mas até eu realmente ter um relacionamento com uma mulher, demorou muitos anos. Eu imagino, assim depois, que eu teria me identificado como uma adolescente lésbica, se eu tivesse tido mais contato com o tema, daí de família católica, tem todo um ambiente extremamente repressor em relação a isso, né? Mas não havia nem assim... eu me lembro que a minha esposa me fala, que em alguns momentos ela: “nossa, eu queria ser homem”, então ela já identificava algo nela que tinha relação, né? Eu não conseguia nem identificar, era tão fora do meu, sei lá, do meu entendimento de vida que nem isso. Assim, eu demorei muito tempo... então na minha adolescência, eu não tive experiência com garotas, eu gostava muito das minhas amigas e tal, mas eu nunca identifiquei: nossa, estou apaixonada por uma menina. Isso não aconteceu na minha adolescência, foi acontecer eu mais velha e talvez porque eu nem entendia como possível na época, e eu hoje eu relaciono muito com isso assim, né? E eu vejo por exemplo, pela minha filha: ela já foi criada de uma outra perspectiva, vendo isso como possível. E como ela foi na adolescência descobrir, ter as primeiras experiências, ela nem pensou: ah, tem que ser só meninos. Ela vai ficar com meninos e vai ficar com meninas, então ela já foi mais livre para ela, enquanto para mim foi uma baita questão e quando eu entendi, foi uma baita: nossa, é mesmo? Então é isso, é essa que eu sou, então. E eu demorei muitos anos a perceber a possibilidade de.

E - Certo. E você comentou que você gostava muito dessas suas amigas, mas você nunca identificou isso como uma paixão. Hoje em dia, olhando para essas relações que você tinha com elas, com a visão de uma mulher, já adulta, já entendida da sua sexualidade. Você consegue perceber que talvez, fosse uma paixão e você que talvez não tivesse tido a abertura para isso?

R - Sabe no que que eu percebo? Nas relações com outras mulheres. Por exemplo, eu ia para a casa da vizinha, ela tinha um filho e tal assim, mas eu adorava conversar com a vizinha. Eu adorava, então o meu entretenimento... primeiro assim que as minhas relações eram basicamente só com as mulheres, de conversa e de amizade, eu quase não tive amigos homens ao longo da minha vida, eu me interessava muito pelas mulheres, então ela estava ali lavando a louça e era quase que uma observação dela, sabe? Eu conversando com ela, ia observando ela fazendo bolo. Estou falando pra ti, estou lembrando das cenas.

E - Sim, claro.

R - Dela fazendo bolo, dela conversando comigo e dessa atenção que eu recebia, das professoras, que eram figuras assim, maravilhosas, lindas, incríveis, professora era, meu Deus, não tinha defeito, né? Então, com amigas, com as pares assim eu não consigo identificar que era, mas eu olhava assim, eu tinha um interesse pelas mulheres. Quem me interessava de eu estar perto, de eu saber da vida, eu observava as mulheres. A professora é uma figura muito observada, né? Porque ela está ali na nossa frente, então claro, prestava atenção no que ela dizia, mas eu lembro: como ela é linda, como ela é cheirosa, olha o brinco dela, coisas assim, sabe?

(Risos)

R - Então, eu me interessava pelas mulheres, das amigas eu nunca, de adolescência, relatei. Talvez eu não tenha conseguido identificar só, eu não relatei... mas é isso, eu admirava muito mais, me interessava muito mais por qualquer coisa relacionada as meninas do que os meninos. Talvez eu não tenha dado conta de identificar na época que era alguma situação assim, né?

Mas eu, quando eu lembro, eu fico bem que pensando assim, o quanto eu me interessava... a secretária do lugar onde a minha mãe trabalhava, daí ela me levava pra dormir na casa dela e eu recebia atenção daquela mulher. E gostava muito e sempre uma figura feminina, né? Tinha saudades, eu relaciono mais com isso, assim como eu olhava para as mulheres e as admirava assim.

(Entrevistadora faz uma pausa para contextualizar algumas questões metodológicas em relação aos motivos que a levaram escolher essa categoria de análise, professoras, devido às últimas falas da entrevista terem ido ao encontro do estabelecido na pesquisa)

E - E esse processo da descoberta, mesmo da sexualidade, foi um pouco mais tardio, né? Você estava me dizendo, como é que foi esse processo mesmo? Em que momento você começa a perceber que talvez você estivesse interessada de fato em mulheres?

R - Então eu acho até que foi tardio por um ponto em específico, por eu ter sido mãe muito jovem. Então isso ocupou da minha energia mesmo, bastante assim. Então, teve um momento em que eu: nossa, seria muito importante e bom que eu fosse um casal, né? Porque para ser aceita mesmo na sociedade, então obviamente o meu foco era me relacionar com homens nesse momento pra ser esse casal, já que fui a mãe solteira, adolescente. Então, eu já tinha essa carga sobre mim, digamos assim, e que também eu colocava porque tinha sido apreendido no meu cotidiano que essa não era a maneira correta de ser no mundo, né?

E - Aham.

R - Começou ali, então eu falei que eu era muito espontânea, eu fiquei mais tímida, bem mais retraída, bastante dificuldade de se relacionar com outras pessoas, e por ser mãe muito jovem, eu fui estudar, fui trabalhar, eu tive muita ajuda dos meus pais, mas para me relacionar... eu tive poucos relacionamentos. Primeiro porque relacionamento com homens, você sendo mãe, ele já te coloca num lugar de, por exemplo, da mulher que não é a mulher que você vai querer se relacionar, então eu tive relacionamentos com homens, mas eram sempre... pra você ter uma ideia, o mais longo que eu tive foi um ano e, sei lá, um ano e alguns meses

E - Nossa.

R - E assim que eu fiquei com a minha esposa, a gente é casada há quase 8 anos, então pra tu ver o quanto não era, realmente não é a falta da descoberta, então eu já... E a minha filha foi crescendo, foi trabalhando, estudando e teve um momento em específico que foi muito... Eu terminei um namoro do qual eu era bem apaixonada por esse rapaz, e daí eu não queria mais pensar nisso assim porque doía, né? E eu fui fazer e ia assistir muito teatro, eu gostava de assistir, eu fui fazer teatro, tinha um curso livre assim de teatro porque naquelas três horas ali, eu não pensava sobre isso, porque você fica muito focado para fazer, então aquilo foi um alívio, então eu fui fazer, fiz um, fiz dois, fiz três desses cursos livres e ali eu vi a minha primeira referência lésbica. Eu encontrei alguém que me deu essa possibilidade na vida, então quando eu me lembro... é tão maravilhoso que ela, a pessoa do teatro que eu conheci, se relacionava com alguém que tem relação com a

minha família, mas eu até então não sabia, né? Então, assim era quase tipo uma das minhas, sabe?

(Risos)

R - Então abriu ali, eu acho: cara, isso é possível. Era como se... eu me lembro que na primeira vez que eu estava com elas, numa situação de encontro de pessoas, ela veio perguntar se tudo bem elas ficarem próximas, e eu fiquei tipo: por que que ela precisou perguntar? Eu fiquei muito mal, de ela não estar simplesmente livre para estar como elas, gostariam de estar, mas eu imagino que era porque ela sofreu muito preconceito. Então elas: “tem algum problema?” Eu me lembro que eu fiquei: olha, não queria que elas precisassem me perguntar, eu queria que as pessoas já soubessem que tudo bem pra mim. Começou ali, sabe? Então eu tive a primeira referência e o teatro te dá esse olhar de liberdade para a vida, um olhar de ser você mesmo, de que a sua forma de ser é importante, é uma forma bela, é uma forma válida, né?

E - Claro.

R - Então, ali tive a minha primeira referência, tendo essa primeira referência, já não era algo que eu descartava da minha vida, porém, continuava sendo uma pessoa ainda fechada, ainda com dificuldade. Eu tinha 26 anos, então foram alguns anos assim até... então eu já não era tão jovem, mas até realmente pensar assim: “nossa, eu estou apaixonada por ela” demorou, esse tempo, e assim eu acho que muito também pela postura que a minha esposa teve comigo assim, por ser uma mulher lésbica, com uma trajetória de vida já, de ter essa descoberta, de ter vivenciado com outras mulheres essa descoberta, ela já sabia, que tem que ir com calma, para ela entender, entender as situações e ela fez isso, então eu fui entendendo ao longo do caminho que havia... e daí tinha umas brincadeiras das pessoas, então e aquilo ali não me incomodava assim, ao contrário, eu ria junto. Sabe aquela coisa que vai construindo dentro de você? Eu me lembro que chegou um determinado momento que eu pensei: eu estou apaixonada por esta mulher. E eu ia trabalhar de bicicleta e ia pensando: meu, eu estou apaixonada por uma mulher, meu, eu estou apaixonada por uma mulher, é isso mesmo. Sabe assim, aquela coisa do tipo: não, é isso mesmo! Até então, você pensou que era uma possibilidade na sua vida, mas não sabia, como agora, de fato é e você quer que isso aconteça. Então, assim, às vezes tem algumas mulheres: ah, porque eu era só curiosa para saber como é relacionar com uma mulher. Não existe esse pensamento em mim, “ai eu sou curiosa para

saber”, até porque eu acho que as relações são sempre de uma pessoa com outra pessoa, não tem curiosidade com um grupo porque você...

E - Sim.

R - Você vai se relacionar com aquela pessoa, não com um grupo, né?

E - Claro.

R - Mas no universo das mulheres héteros: eu tenho curiosidade ou algumas... a Carlinha já falou que se relacionou com mulheres que disseram isso para ela, né?

A minha companheira, eu não tinha curiosidade, mas a partir do momento que eu entendi que eu sou apaixonada, eu queria viver isso. Eu me lembro que eu conversei com a minha filha antes de ficar com ela, falando: filha, estou muito querendo que isso aconteça e ela: “ai, mãe, que legal” porque ela já conhecia e já gostava dela, já achava uma pessoa legal e foi assim, foi muito, muito interessante, porque quando a gente deu o primeiro beijo assim existiu um processo corporal, assim que eu nunca tinha vivenciado, eu não sei explicar, mas é quase uma, sei lá, uma química do corpo que me colocou num lugar que era quase: é isso? isso que deveria sentir beijando homens até agora, é isso. Essa é a minha forma de me colocar no mundo e de me relacionar sexualmente, é essa, eu tenho certeza que é essa. É claro, entre descobertas e tal. Mas foi muito mágico pra mim beijar uma mulher, foi muito mágico para mim, porque foi tipo: caraca, então é assim!

(Risos)

R - Nossa! E a partir daquilo ali eu entendi assim: cara, eu gosto de mulheres. E tanto que a gente conversa sobre isso, se por algum motivo a gente terminar esse relacionamento, eu me relacionarei com outra mulher, eu tenho certeza que eu só me relacionei com homens antes porque era algo compulsório que estava ali. Mas a partir do momento que eu fiquei com uma mulher, eu entendi que é assim que eu me relaciono

R - Sim, e como foi a socialização dessa descoberta? Como foi contar para sua família, para os seus amigos, colegas de trabalho? Como foi esse momento de expor isso?

R - Quando... Então, a Carlinha já tinha vivenciado vários relacionamentos e várias formas de estar com uma mulher. No primeiro relacionamento, eu tenho a sensação que ela só não ficaram juntas, foi um grande amor da vida dela, porque o preconceito não deixou, de questões familiares, de dizer: “prefiro uma filha morta do que uma filha lésbica”, isso a pessoa com quem ela estava se relacionando. Então,

não foi um processo tranquilo, simples. De imediato, cara, eu quero andar com essa mulher de mão dada com ela em tudo quanto é lugar. E eu me lembro que ela um dia, me puxou o freio e eu fiquei super chateada, sei lá. “Então você vai ligar, é mais importante os outros do que a gente!” Mas era um processo até acho que de afirmação naquele momento. Eu não falei para minha família de imediato, eu fui levando ela aos poucos, a minha mãe viu que eu estava apaixonada e depois percebeu que era por uma mulher, mas a minha família nunca foi de diálogo, então não teve: gente, é o seguinte... não teve. A gente foi aos poucos, ela ia lá, tinha um aniversário do meu pai, ela aparecia e a gente entendeu assim que a gente ia inseri-la na minha família, sem dizer nada e quando eles percebessem, eles já estariam também apaixonados por ela e não ia ter solução.

(Risos)

R - A gente foi por esse caminho, eu tinha amigas de infância e a gente atravessou muitas coisas na vida e eu para elas, eu senti muita necessidade de contar, porque daí a gente fala sobre as nossas coisas, né?

E - Claro.

R - E todo mundo tem a vida muito parecida assim nesse grupo e eu sempre fui a que não teve a vida muito parecida e culminou nessa situação, eu contei para elas e não houve nenhum: “meu Deus, Grazi” não houve nenhuma... mas à medida que a gente foi convivendo, eu fui sentindo que o preconceito era uma coisa bem pesada entre nós e que ali foi se colocando uma barreira. Então, foi a primeira: não dá mais pra gente ser amiga, porque vocês não estão tão dispostas. Daí eu fui meio que peitando mais isso, vocês não estão tão dispostas a abrir mão do preconceito para me inserir. Eu fiquei magoada, sabe assim? Eu tive que explicar coisas assim: “ai, isso que você tá falando é mi mi mi”, sabe? Ou diminuindo a importância daquilo que eu estava... e eu não sou uma pessoa muito fácil de falar de sentimentos, eu nunca reivindiquei muita coisa assim:” cara, isso aqui que você falou me doeu” ao contrário, eu era a aquela que ouvia muito, então eu fiquei muito magoada e depois a gente vai entendendo que é o caminho de cada e tudo bem. As que eu era mais próxima até tentaram se aproximar mais tempo, mas a gente acaba criando... que assuntos nós vamos ter? Que se a gente está tão fora e depois teve uns posicionamentos políticos, ainda que eu fiquei: cara, isso aqui para você é só um posicionamento político, para mim é de alguém que diz que eu não deveria existir, então não vai dar. *(risos)*. E daí eu rompi assim com essas amigas, sabe? Eu me

distanciei e fica assim, eu quero que todas fiquem bem e tal, mas eu não quero no meu círculo e a gente foi claro, encontrando as nossas pares, outras mulheres lésbicas e tem mulheres héteros também, diferente do que ela falou eu tenho amigas hétero, eu só não tenho amigas preconceituosas.

(Risos)

R - Mas é processo e a escola foi o processo mais difícil, a escola foi o processo mais difícil porque eu sou da educação infantil. É um lugar com uma religião bastante arraigada, é um lugar difícil de aceitar a diversidade, então a escola... eu estou há... eu eu faço terapia há um bom tempo, sim, e a terapia que me ajudou a me colocar na escola, porque se não, eu não teria conseguido ainda. Eu não falava sobre mim, é horrível, porque eu sofria muito, eu falava só o necessário até pouco tempo atrás, muito fechada, as pessoas contavam sobre o seu final de semana, sobre suas famílias e eu não sentia que deveria e, claro, quando menos você se coloca, mais você ouve preconceito, então eu ouvia o preconceito, e daí que eu me fechava, não falava sobre mim. Raramente assim... mas ao mesmo tempo, vivi a minha vida, então as pessoas... eu me lembro que no CEI que eu estava antes, as pessoas identificavam que eu era uma mulher lésbica, mas não falavam sobre isso, as que davam conta, acolhiam e tal, enfim, mas eu não me colocava, isso me trazia muito sofrimento, porque em outros espaços... era como se assim: eu sou uma mentirosa, a minha vida na escola é uma mentira, porque eu não consigo me colocar e aí na terapia, eu entendi que há muito medo, ainda dos resquícios de querer ser gostado até por quem você nem gosta, mais um medo também de se colocar no mundo, eu sou assim, e eu fui entendendo e hoje eu já consigo falar mas não foi tão simples assim. Eu me lembro que no começo na escola, nessa escola que eu estou... e quando eu mudava de escola de tipo: não, agora eu vou chegar já... e daí aconteceu alguma coisa que: não, não posso, porque é um ambiente preconceituoso. E daí agora, na terapia, eu entendo. O ambiente é preconceituoso, mas eu vou me colocar, primeiro, para as pessoas saberem que eu existo, que a vida não é só isso que elas dizem, que elas imaginam e que a figura da mulher lésbica não é essa figura que elas também imaginam, que alguém que está aqui trabalhando com você, trabalha igual, paga a conta igual e, enfim, é um processo. A escola sempre foi um processo mais difícil, entre amigos não foi, com a família a gente foi dando um jeito, mas eu falei que assim: meu, se a minha família não me aceitar, cara, vou ficar muito chateada porque é sério que o preconceito deles é

maior do que o amor deles por mim? E não foi. Meus pais são pessoas com pouca instrução e com a religião extremamente aflorada e com todas as dificuldades deles nos aceitam assim, nos tratam bem. A Carlinha leva o meu pai e minha mãe no médico, sabe? É uma relação familiar mesmo estabelecida, mas a escola é um lugar de muita solidão, né? Você se sente sozinha, assim quando você falou que se identificou com a história, eu sinto muita falta de ter pares na escola, que se identifique, que são parecidas comigo, porque a gente conversa, mas há muito mais momentos em que eu me sinto muito fora daquilo do que momentos em que eu penso: ai eu pertença..., eu não me sinto pertencente àquele ambiente, ao contrário, eu me sinto uma pessoa estranha lá dentro, sabe? Eu sei que para as crianças é importante ter alguém como eu lá, porque como você falou, elas estão me vendo, elas estão me observando e as meninas que porventura, sejam meninas lésbicas de alguma maneira sabem que há uma identificação e que antes de mim vão ver que é possível, né? Mas é um lugar de solidão, tanto que eu estou num processo de tentar sair da rede pública, da educação infantil. Eu trabalho na educação especial agora e eu acho que trabalhar na educação especial já é um ponto que me coloca assim: ó cara, vamos trabalhar com o que é divergente, não com a norma, porque é o que eu sou, então me coloca em sintonia com isso. Também no processo terapêutico, entendi: cara, esse lugar te faz tão mal, né? Vamos buscar outras possibilidades e tenho tentado ir para outros lugares, estudar para outros concursos, porque primeiro, porque a estrutura não é uma estrutura com a qual eu me identifique, né? Mas também está relacionado a isso, sabe?

E - Sim.

R - Falei pra cacete. (*risos*)

E - Quanto mais informação, melhor, é assim mesmo. Essa ideia... eu fiquei te ouvindo aqui e muitas coisas me vieram à mente, me pergunto muito. Você foi vivenciando, experienciando uma realidade que provavelmente não foi aquela pela qual você imaginou quando ingressou numa licenciatura, né? Então, o que te motivou de fato entrar numa graduação imagino que foi o fato de você ter se sentido muito acolhida naquele espaço, na escola na infância. E aí entrar em sala de aula virou essa chave. Como foi esse primeiro contato com a escola como professora então?

R - Então, eu acho que tem muita coisa misturada também. Entrar na rede pública. Não foi nada fácil, ninguém para... Eu passei no concurso, eu entrei, eu não tive

contrato antes, para conhecer a estrutura, passei, entrei, tinha tido outras experiências de trabalho em escolas particulares, mas experiências menores. Então quando de cara quando eu entrei, mas eu ainda não me não tinha me identificado como uma mulher lésbica nesse processo, eu adorei. Tipo: meu Deus, eu estou realizando um sonho, uma ideia bem romântica até e pouco real da escola. Depois, quando eu entrei na rede pública, foi primeiro que a vaga mais nova, que era a minha, pegava horários, todos picados, então já tive assim um primeiro contato com uma hierarquia que existe de que a professora mais antiga tem os seus horários, tem uma sala, enfim, ela escolhe e você que chegou, vai ficar com o que sobrou e ninguém vai te dizer o que deve ser feito ou não.

R - Você só vai descobrir o que não deve ser feito quando você fizer e alguém disser: você não pode fazer isso, hein.

E - Exatamente.

(Risos)

R - Então foi bem traumático. Na verdade, assim, da realidade que eu venho, era a realização de um sonho, então ser uma professora... foi a primeira pessoa da minha família que fez um curso superior. Então, ser uma professora concursada tinha um valor pra mim. Era onde eu queria chegar dentro das minhas perspectivas de vida, é isso que eu quero, então foi um banho de realidade, o fato de ter contato com o teatro me colocava num papel totalmente atravessada nas primeiras avaliações: "aí, eu imaginei que você ia ser uma professora que ia chegar, ia tirar a fantasia", sabe? Ideias totalmente estereotipadas e eu lidava muito com isso, em alguns momentos eu sentia que cara, realmente eu não consigo e é claro que não ia conseguir, é uma estrutura que não te permite, você tem que dar conta de um monte de coisa, como querem que você seja uma artista, uma professora artista. E óbvio, estava ali, porque o que eu aprendi, mas a ideia do que eu tinha que fazer era totalmente diferente, inclusive do que eu queria me propor a fazer. Eu queria escolher boas histórias para contar para as crianças, não queria me fantasiar para contar para a criança, porque eram menos importantes para mim, mas para direção... então até isso eu era cobrada, teve um momento super... tem umas coisas assim que você tem que revitalizar o espaço, na educação infantil tem muito isso, eu ficava: cara, eu não sou arquiteto, eu não sou... eu posso dizer... e minimamente que eu ia me colocando assim, eu já ia criando alguns pontos de divergência, mas também um ambiente tipo: cara, ou a gente trabalha coletivamente ou nada dá certo, então é

isso, a gente se ajuda. Mas o primeiro contato com a escola... não foi um contato muito como professora... e daí foi meio que a destruição assim daquilo que eu vivenciei, na verdade eu pensei isso agora aqui, falando contigo, foi a daquele olhar, do qual era acolher, espaço acolhedor e que me colocou num lugar tão de importância quando eu era criança e que não foi assim na vida adulta, eu me senti estranha do começo ao fim, assim, eu cada vez me senti mais estranha e não pertencente àquele espaço, e a Aliuscha que você entrevistou, é um grande exemplo para mim, porque ela... e ela tem a relação com a comunidade, ela: “não, eu tenho que estar aqui. Sim, eu vou peitar isso”. Eu sinto ela uma força que eu às vezes não vejo em mim, não, eu só queria estar no lugar em que eu conseguisse ter mais pares e que a gente conseguisse pensar uma educação que tenha mais a ver com o que eu acredito, porque no que eu estou aqui, tudo que eu vejo, raramente eu acredito no que a gente está fazendo, sabe? Porque... eu queria acreditar mais e não estabeleci tanto assim essa relação de comunidade, não consegui, eu acho bacana assim quando consegue.

E - Sim, e querendo ou não, é um processo que a gente precisa dispor de muitas coisas, não é? Então, às vezes a gente não está disponível para estar ali, para se fazer presente, para ser referência, às vezes a gente quer bater o nosso ponto, ir embora para casa viver a nossa vida, só pagar nossas contas como qualquer outro, mas também existe essa perturbação que a gente tem de: poxa, mas eu podia, eu poderia ser uma referência. Eu poderia servir para isso, é um conflito interno que eu que eu também muitas vezes tenho, então eu acho que isso talvez seja uma coisa que permeia a nossa realidade, querendo ou não, faz parte da nossa da nossa vida, né?

R - Sim.

E - E aí você pontuou dizendo que quando você inicia na educação, você ainda não tinha se identificado como uma mulher lésbica, certo? E como foi, então, se identificar e socializar isso para os... não sei se você chegou a socializar na verdade, para os seus colegas de profissão e como eles reagiram, o pessoal administrativo, a gestão da escola, se teve algum tipo de reação, como foi essa parte?

R - Então, eu demorei para falar sobre isso abertamente. Demorei bastante, esse ano é que eu falo sobre isso abertamente na escola, então nas outras escolas, meio que as pessoas entendiam que era e ficava... não havia uma conversa sobre. Eu fui

me colocando muito devagar, mesmo assim, primeiro é esse ponto de estar na escola da infância, me dá um certo medo porque eu acho que é um ambiente onde tem mais preconceito. Eu nunca tive uma situação, de direção, nada assim, de que eu senti que era uma... sei lá, me dizendo para ser menos, não teve nada disso, mas também porque eu acho que eu me coloquei pouco assim na escola. Agora que eu tenho me posicionado mais e de forma mais enfática, mas ao mesmo tempo você vê as coisas... como as pessoas não têm referência, tem umas falas ainda atravessadas, e aí você tem que ter paciência de explicar, de falar sobre, de pontuar, eu acho que também é a minha figura também de... eu não sou uma mulher branca, então a escola também tem isso assim. Eu tenho usado o termo parda mesmo, mas eu não sei se seria correto dizer negra, de pele clara. Então, veja, são conceitos que eu também estou aprendendo, entendendo qual é o que se adequa, até isso eu tenho que descobrir quem eu sou, né? Porque eu não quero me identificar com uma mulher negra e sem entender que as mulheres negras de pele retinta sofrem muito mais do que eu, mas como a escola ainda é um lugar de preconceito, eu tenho a sensação que eu chego, ainda tenho que provar muito, tem que provar muito e isso chega primeiro, isso chega primeiro, então eu tenho que provar muito que eu sim, sou uma professora responsável, que eu sei fazer meu trabalho, que eu sou competente, que eu sei fazer as coisas, eu chego no lugar, eu primeiro tenho que provar quando as pessoas entendem que sim, ela sabe o que está fazendo... aí então o começo na escola geralmente é mais difícil para mim, porque primeiro você tem que provar muito e eu acho que isso chega primeiro por uma questão de racismo estrutural, de que não botam fé pela figura que eu represento e eu acho que para as crianças é legal ter porque às vezes, é tudo muito massificado, todo mundo tem a mesma cara, todo mundo... então, quando a criança tem outras referências, elas olham pra você e é muito legal assim, porque a noção de belo delas, não é só elas, né? Eu tinha um... agora eu raspei por uma questão... mas eu tinha um cabelo cacheado grisalho assim, não é um cabelo tido como belo, nossa sociedade, mas a criança: “ai, seu cabelo é bonito. Você é bonita prof”, então geralmente meninas com tom de pele que se parece com meu, às vezes não, mas então, tipo, ela está me dizendo que eu sou bonita, mas no fundo ela tá dizendo “nós somos, nós somos parecidas” e eu retribui esses elogios a essas meninas: “você também é linda, seu cabelo também é lindo.” Hoje eu já começo, tipo, por que você ser lindo ou não é tão importante? Porque não eu não acho que seja, sabe? Ou até o que é linda, mas

para essas meninas que não são tidas como lindas, ouvir isso é uma autoestima que eu gostaria que elas tivessem, então a minha presença na escola, porque eu estou consciente disso, então eu faço isso conscientemente, estou dizendo: você é linda, você é corajosa, você é capaz, porque eu quero que ela tenha autoestima e com os meninos negros eu faço muito mais, porque eu também quero que eles tenham autoestima, porque eu sei que viver em Joinville enquanto negro não é fácil, então a escola também tem isso, parece que isso chega até primeiro do que a questão da minha sexualidade, tá ali também, né? E eu acho que as crianças são muito sensíveis, elas devem perceber, mas, por exemplo, um menino afeminado, por exemplo, tido como uma criança afeminada, ele é extremamente reprimido dentro da escola, de pequeno ali já reprimido, uma menina que tem aquilo que elas identifiquem que não é do feminino, ela também é muito reprimida. Então a minha presença não faz grande diferença, mas é uma presença que vai dizer: o jeito que você é o melhor jeito de ser, porque o seu jeito acabou. Nisso eu acho importante a minha presença assim, mas eu acho que às vezes é como eu falei, eu queria estar num lugar em que pelo menos eu identificasse mais que é um lugar seguro, inclusive para mim assim, seguro de ser quem você é com tranquilidade, né? Porque eu tenho arduamente conquistado ser quem eu sou com tranquilidade. Eu queria que a escola ainda fosse um pouco mais fácil assim.

E - É um relato bem emocionante. No sentido que envolve muitas questões a não só a questão da sexualidade. E quando eu penso em fazer uma pesquisa sobre isso, qualquer pesquisa, a gente sempre pensa em uma fatia e eu acho que isso é o fundamental da história oral, essa é uma fatia, ela começa, abre, a gente tem uma perspectiva muito mais ampla, uma visão muito mais ampla, que é extremamente necessária para pesquisa. E você comentou ali sobre o fato dessas crianças que não performam o gênero que lhes foi designado, teve alguma situação que algum aluno, alguma criança fez algum tipo de comentário a teu respeito que foi ofensivo para ti?

R - Eu estava na escola, até bem pouco tempo atrás eu estava não na educação infantil, fui da educação especial na escola, então, com crianças um pouco maiores, do primeiro ao quinto (ano) e tinha uma situação muito interessante, que não cheguei a me sentir ofendida, mas eu achava muito interessante o olhar dela sobre mim. Ela fazia muitos comentários sobre a minha aparência e em um determinado momento a criança falou assim: “você é homem ou você é mulher?” E eu cheguei

em casa ainda, falei para minha companheira: meu, que gaydar afiado dessa menina porque ela ficou confusa.

(Risos)

R - Ela identificou: quem é você? Mas eu achei muito interessante ela me perguntar, inclusive eu nem estava de cabelo raspado, que para as crianças performa mais masculino do que o feminino. Eu estava... enfim, mas eu achei interessante que ela me fez essa e ela sempre, ela tinha uma curiosidade sobre mim, ela sempre me fazia perguntas: “por que seu cabelo é assim?” Então, houve um... na verdade, eu ouço das crianças muito mais elogios do que apontamentos assim, mas eu ainda... eu já tive o cabelo raspado na educação infantil, agora eu lembrei, não foi uma questão para as crianças, com muita naturalidade. Tem uma, só que fala: “seu cabelo é igual ao da minha avó”, “não sei o que” ou então coisas relacionando mais a questão da idade, que também tem essa questão, do envelhecer, então é mais... me colocando no lugar da pessoa que envelheceu, que também não é uma grande questão, mas para as mulheres nos é colocado que a gente não pode envelhecer, então não há muitas situações assim na educação, há mais acolhida das crianças, mesmo lá no primeiro ao quinto (ano), na educação infantil, há mais acolhida do que comentários preconceituosos ou algum comentário ofensivo delas. Ofensivo mesmo eu não lembro, de algo que me pegou, não teve. E quando é criança, até a gente tem um olhar diferente porque, primeiro o que ela está reproduzindo, espera aí, vamos com calma. De criança dizer: “você devia ser assim, seu cabelo devia ser comprido.” Daí eu digo: por que? Tem tantas maneiras de ser, eu gosto do meu cabelo assim. “Ah, mas eu não gosto”, então você não corta o seu. Ou de fazer algum comentário sobre o corpo, a gente não fala do corpo da pessoa, cada um tem o seu, então com a criança, talvez eu tenha mais paciência por isso que eu não vejo como ofensivo, quando ela faz algum comentário desse ou me diz alguma coisa, eu fico: vamos conversar sobre isso porque existem outras formas de pensar isso que você está falando. Eu acho que já teve alguma coisa da criança dizer: “ai você não devia ser assim”, isso a gente não fala... ah, eu acho que teve uma situação de que as crianças ficaram rindo: “é que você é gorda!” Teve uma situação assim, eu falei... claro, estão reproduzindo, e ficaram rindo, e eu me lembro que fiquei constrangida deles, sabe aquela coisa de ficar olhando pra você e rindo, que a gente sabe que é dolorido? Mas como eu sou a professora, eu tive a liberdade de chegar para eles e: olha, a gente olhar para uma pessoa e ficar rindo dela não é gostoso, imagina se

fosse com você. Eu fiquei, eu fiquei me sentindo mal, então com a criança, eu tenho mais a possibilidade de mesmo quando aquilo me pega um pouco... essa situação me pegou um pouco, porque essa coisa, de alguém rindo de você... e eram meninos de primeiro período, crianças pequenas, 5 anos. Aí eu falei: caraca, o que eles vivenciam para estarem reproduzindo isso? Mas me dá vontade de dialogar com eles, de falar de outras possibilidades, de... inclusive uma dessas crianças que eu conversei depois ficou super próxima a mim, então ele entendeu que, eu acho, até que: “nossa, eu fiz uma coisa que não é legal com ela, né?” Então ele foi mais simpático comigo. Com a criança, tenho mais esse olhar, sabe? Eles não me ofendem assim, quando pega: vamos conversar sobre isso? Não é legal fazer com as pessoas, eu vou mais por esse caminho assim. Então na escola o que me pega não é isso, o que me pega mesmo é com os adultos.

E - Sim, e já ouviu algum comentário negativo, maldoso, ou talvez até realmente ofensivo, vindo dos adultos, dos colegas, da gestão, alguma coisa assim?

R - Não, em alguns lugares, na verdade, as pessoas falam sobre elas, não é... “ah, Deus o livre”, não me pega tanto. “Deus me livre, eu ter meu cabelo... como é? grisalho, Deus me livre deixar meu cabelo branco” e eu ali, daí a pessoa: “não, mas para você ficar ótimo!”, “Deus me livre deixar meu cabelo, que era um cacheado”, então tem uma coisa muito louca com o que fazem com as mulheres que a sua forma natural de ser não é bem-vinda, você precisa se modificar, você precisa alisar seu cabelo, você precisa pintá-lo, mas às vezes eu tenho a sensação e eu ouço muito de mulheres assim: “eu queria tanto deixar meu cabelo assim, mas o meu marido não deixa, mas a minha filha não deixa, mas a minha mãe não deixa” o quanto o outro também diz para as mulheres como ela deve ser fisicamente, então é mais esses comentários de uma preocupação excessiva com o corpo, mas nunca é tão direto assim, é mais as pessoas que falam sobre ela e eu fico: tá... quanto mais eu me coloco como uma mulher lésbica, menos eu escuto preconceito. Essa é a parte boa, porque daí as pessoas sabem que você está ali, elas vão segurar um pouco, então mais a parte importante de eu me colocar, porque as pessoas vão pensar um pouco se vão falar. E eu tenho me preparado também com terapia para apontar, “olha, esse seu comentário é preconceituoso, esse comentário não é legal” então eu tenho feito para que eu cada vez consiga me colocar mais assim... Meu Deus, vai acabar a bateria não acaba. Pode ir, pode ir.

E - Certo? Tranquilo?

R - Acho que sim. Não sei se vai alcançar... vai dar, vai dar.

E - Que bom. E em relação a comentários positivos, talvez algum tipo de identificação, talvez alguma criança que já tenha meio que se identificado contigo, falado: “olha, também sou assim, também penso assim, queria ser assim” alguma coisa nesse sentido de identificação, já rolou alguma coisa assim?

R - É, eu trabalho mais com as crianças menores, na escola, meu trabalho direto é com as crianças com deficiência, talvez se eu trabalhasse com adolescentes, eu acho que possível... ah, eu acho que teve uma situação assim das meninas do quinto ano, foi interessante. Elas estavam conversando entre elas e uma veio e pediu um abraço, daí eu dei, ela ficava: “eu falei para elas que eu ia pedir, você ia me dar um abraço”, então provavelmente já eram meninas que tinham isso identificado, eu acho, entre elas, assim pensado, mas não estabeleci nenhum... eu não tinha contato com elas.

E - Aham.

R - Mas eu achei interessante elas brincando lá e: “duvido que você vai lá pedir um abraço para aquela prof” e contando a situação, foi uma delas que eu identifiquei assim, que eu acho que era uma questão que a situação tinha acontecido por elas terem identificado como alguém... como uma mulher lésbica, mas também não sei exatamente, me pareceu, algumas coisas a gente fica assim: “ah, isso aqui parece ser por isso”, mas eu acho que se eu lidasse com crianças maiores, teria ou dentro de sala de aula, porque eu não estou agora dentro de sala, talvez essas situações aconteceriam mais, como eu falei, existe mais a questão da aparência física mesmo assim, deles fazerem comentários disso, de relacionarem essa figura que não é tida como bela na nossa sociedade como bela, eu acho muito legal quando isso acontece com as crianças assim, que é uma forma delas saírem dessa caixinha, de de que não é só belo aquilo que tem que estar relacionada a modificar o quem é você é, não tem problema modificar, só não pode: “você tem que fazer isso”.

E - Entendi. Sim, é interessante, uma perspectiva interessante. E a gente vai caminhando para o último eixo da nossa entrevista que é pensar um pouco mais do presente para o futuro, e aí o que eu te pergunto agora é: você acha que a forma como você se vê, vê a sua sexualidade, ela tem algum impacto na tua prática docente?

R - Tem total. Acho que sim. Tem total. Porque primeiro porque a gente questiona papéis machistas também por ser mulher lésbica, não reproduz eles, ou tenta pelo

menos, porque a gente também está envolto nesse caldo aí, a gente não está isento dele, mas não das coisas que eu escolho fazer na escola, tento não fazer coisas que estão relacionadas a designar papéis para as meninas e para os meninos, ou de cercear a liberdade de uma criança que queira ter uma expressão que não é tida como aceitável na nossa sociedade, por exemplo, no sentido de: ah um menino está brincando... ao contrário, é boneca para todo mundo sim, todo mundo vai brincar de boneca, todo mundo vai fazer casinha e depois todo mundo vai brincar de carrinho e todo mundo... então a minha prática está aí, essas minhas escolhas, então acho que mais relacionadas aos nesses papéis que colocam, mas eu sinto sempre também que eu preciso sempre estudar mais, entender mais outras formas de se colocar no mundo, entender mais a questão das pessoas trans, para eu ter uma prática cada vez mais, também consciente, então eu acho que está totalmente relacionada, aquilo que eu escolho fazer, as histórias que eu escolho contar, daí vem todo um medo de que pessoas como eu estejam na escola porque as pessoas têm muito preconceito e acham que eu sei lá, vamos ensinar sexo para as crianças pequenas, quando na verdade a gente só tá dizendo para elas que a sua forma de ser, é válida, legítima, importante, você tem valor do jeito que você é. E então as minhas escolhas partem disso, e as pessoas têm uma ideia muito preconceituosa e que me assusta bastante dentro da escola.

E - Sim.

R - Então, eu trabalho pensando que as escolhas que eu faço é que as crianças se movimentem, porque a gente também tá numa sociedade de pouco movimento, as crianças já recebem tela e tal, então botá-las em movimento, é também dizer as meninas, que elas podem se movimentar dizendo a elas que elas podem se montar, que elas podem ser livres, as coisas andam... mas a escola ainda é o lugar que diz que as meninas têm que sentar de determinado jeito, a gente cria elas de um de um jeito e os meninos de outro, a gente dá papéis a elas e eu quero cada vez menos fazer isso. Eu quero cada vez entender mais das questões, principalmente das questões da minoria para eu ser aquilo que eu sou na vida... cada vez mais estar naquilo, na minha, no meu cotidiano, na escola em relação aos direitos humanos em relação a outras possibilidades, que a escola ainda peca um pouco por acolher e cuidar, então eu quero trabalhar nessa direção, quem eu sou, nunca está, nunca vai estar descolado daquilo que eu faço.

E - Claro. Muito interessante. E pensando numa perspectiva tentando comparar, claro que são momentos diferentes, mas você enxerga uma mudança de um tempo pra cá em relação às sociabilidades LGBTs? Tanto na cidade quanto na escola?

R - De ser mais aceito dentro da escola, ou da gente socializar com? Desculpa.

E - De ser mais fácil falar sobre isso.

R - Eu não sei se ficou mais fácil. Eu fui encontrando ferramentas para falar, porque me fazia muito mal não falar sobre coisas simples, de contar da sua vida ou de apontar situações, enfim, mas ainda é um espaço de muita solidão, estar na educação infantil, para mim, ainda é um lugar onde eu troco pouco na escola, e então é um lugar onde tem poucas mulheres lésbicas dentro da educação infantil e quando tem, acho que a gente ainda bastante reprimido ainda, mas é uma coisa mais diluída, não é tão assim evidente. Então eu acho que fica um pouco também de você não identificar muitas vezes também se isso é ou não, é porque você é uma mulher lésbica que está acontecendo.

E - Uhum.

R - E tem essa característica também assim, isso na sociedade, bom... eu fui encontrando os espaços, eu, na verdade, eu cheguei no espaço, entendi que aquele... a arte é um espaço onde a gente consegue ter um pouco mais de liberdade de ser quem é, sem... então é um espaço onde eu me sinto bastante segura de ser quem eu sou, inclusive, é libertador, às vezes, ter contato com momentos de arte, porque eu sei que ali eu tô tranquila, então é um eu acho que... é claro, tem os amigos que a gente... a gente tem um grupo de mulheres muito... que eu tenho muito orgulho e muito admiração por elas, então é muito gostoso... e são mulheres lésbicas na sua maioria ou bi, e são pessoas que se parecem comigo, que eu admiro, que eu gosto de ouvi-las, que a gente fala das nossas questões, dos nossos medos, das nossas relações familiares, acho saudável que elas existam. A escola, e as relações eu acho que não se aprofundam muito e talvez não se aprofundem por eu ser uma mulher lésbica, mas eu não sei até que ponto é por eu também me colocar mais, é mais difícil de identificar.

E - Sim. Bom e para finalizar, agora, duas perguntinhas, a primeira: quais são as tuas expectativas? Suas perspectivas para o futuro, falando sobre sexualidade, e a escola. Tem a tendência a melhorar? De que forma será que isso pode melhorar?

R - Ah, eu gosto de pensar um pouco otimista, mas com pezinho na realidade, assim, eu acho que tem que melhorar, tem que melhorar, porque não é justo! Mas

eu acho que a gente ainda tem forças contrárias muito fortes, questões políticas, questões religiosas, há um medo, há um... a gente passou agora por um período de muito... que foi dado muito espaço, voz à coisas que não deveriam ser dado espaço e voz, falar de... a ser preconceituoso mesmo, enfim os crimes contra mulheres, contra mulheres lésbicas, contra mulheres que não performam feminilidade acontecem, ainda acontecem, o tempo todo. Então tem esse... não está... não acho que... ao mesmo ponto que alguma coisa avança, existe tudo isso assim que está aí, a gente corre risco por ser quem é, eu lembro dessa menina jovem Ana Caroline, né que foi o crime cruel, bárbaro, possivelmente porque era uma menina lésbica que não performava feminilidade, então, ainda... ao mesmo tempo que as coisas avançam, ainda há muita repressão: “não seja você mesmo, não seja”. O mundo não quer que você seja e eu acho que há mais coisas assim, eu acho que as pessoas lucram muito com as pessoas não gostarem de como elas são, tem toda uma questão que eu acho que tem relação com o capitalismo, de uma individualidade de cada um, de você ser melhor que o outro, que está aí também e que coloca também as pessoas que divergem em um espaço para você não se sentir pertencente mesmo, não é? Eu não sei, eu tenho... eu quero acreditar que as coisas melhorem, que as pessoas se instrua mais, que a educação se instrua mais, que os professores tenham mais contato com temas da sexualidade. E há também, eu acho, que muito interesse de que não se tenha justamente porque há muito crime contra as crianças, então há uma ala aí que se beneficia com a gente não falar sobre isso, da dificuldade de identificarem que a criança está sendo... está tendo algum tipo de violência, mas eu quero sempre acreditar que a gente pode dar passos em direção a uma sociedade mais justa para todos. E a minha vida tem que girar em torno disso, o meu trabalho, então eu quero que seja assim, então eu tento andar nessa direção, mesmo sabendo que tem bastante coisa na direção contrária.

E - Sim, muito bom. E a nossa última pergunta para gente finalizar aqui a nossa gravação, depois ainda quero conversar contigo um pouquinho. E em relação ao processo da entrevista: como é que foi compartilhar um pouquinho da tua história, como é que foi essa narrativa?

R - Foi bem tranquilo. Eu acho que tem uma coisa assim que ao longo da vida, a gente é pouco ouvida, enquanto mulheres, enquanto... e foi uma coisa que me chamou muita atenção, justamente quando eu comecei o meu relacionamento com

a minha esposa, que a gente... que eu nunca me senti tão ouvida por um par romântico, digamos assim, que aquilo que eu falo tem importância. E nessa rede de mulheres que eu vivencio assim cada vez mais, nossa, que importante a gente falar sobre nós e eu sempre depois da adolescência tinha um lugar de: “nossa, que eu falei foi equivocado, que eu falei é torto, o que eu falei não devia ser dito” e eu tenho cada vez me conhecido mais para não pensar isso, que a minha expressão é a minha expressão, então para, na verdade, um falar assim me ajuda a entender e me ajuda também a pensar que aquilo que eu sou tem determinada importância, então para mim é muito bom poder ter o... E que exista uma pesquisa como essa que você está fazendo, para a gente perceber que não está tão só, e que tem pessoas pensando, inclusive, que a nossa vivência é digna de uma tese de mestrado, é de estar numa tese de mestrado, para mim foi... e eu sempre, primeiro que eu sempre tento assim, alguém está fazendo a pesquisa, eu vou ajudar, porque eu sei que é muito difícil fazer (*risos*), tem uma série de burocracias, você tem que ler muito, eu tenho consciência disso, então a minha, seja qual for, a minha primeira... vou participar sim, mas dessa, em específico, para mim é muito importante que exista uma pesquisa como essa que você está fazendo e que eu possa participar dela, porque é registrar a nossa existência que querem tanto que ela seja apagada ou invisível, eu já ouvi muitas vezes: “tudo bem, mas você não precisa ficar falando para as pessoas”. A gente precisa sim.

E - Precisa.

R - Então (inaudível) que você faça essa pesquisa e poder participar dela para mim é muito importante, fiquei muito feliz de saber que fui indicada por Aliuscha que também é uma figura que eu admiro muito, que eu tenho... tanto na vivência dela como escola, como pessoa e como artista que eu também a considero. Antes de ser amiga dela, eu: “eu quero muito ser amiga de Aliuscha” e que bom que hoje eu sou. Então é admirar essas... eu admiro essas mulheres com quem eu convivo e que essa em específico que também eu fico muito feliz, porque eu sei que ela tem coisas muito boas a serem ditas, importantes a serem ditas, que ela esteve também participando da sua pesquisa. Te desejo que seja tudo OK, que dê sucesso e depois se você puder... que a gente possa ver ia ser muito legal.

E - Claro, muito bem, posso encerrar a gravação?

R - Uhum.

(A gravação é encerrada pela entrevistadora após o consentimento da entrevistada. Após esse momento, há uma conversa entre a pesquisadora e a participante, onde agradecimentos pela participação são feitos e há um compartilhamento de experiências relacionadas à sala de aula. Por fim, a pesquisadora pede a entrevista que, se possível, ela indique uma próxima entrevistada para a pesquisa decorrer).

APÊNDICE I - Entrevista com Cintia Soares Stoltenberg Gili

ENTREVISTA CEDIDA À PESQUISA EM ANDAMENTO “‘UMA PROFESSORA COMO EU’: NARRATIVAS SÁFICAS EM SALAS DE AULA COMO PATRIMÔNIO CULTURAL”.

Entrevista com Cintia Soares Stoltenberg Gili em 15/02/2024. O encontro foi realizado *online* pela plataforma Microsoft Teams. Estavam presentes:

- Cintia Soares Stoltenberg Gili;
- Bianca Beatriz Lourenço Melatto.

Edições:

1. A transcrição foi realizada por Bianca Beatriz Lourenço Melatto;
2. Os símbolos utilizados representam:
 - a. E – Bianca Beatriz Lourenço Melatto;
 - b. R - Cintia Soares Stoltenberg Gili
 - c. (?) – Incerteza sobre a grafia.
3. *Itálico*: Contextos fora do desenvolvimento da entrevista;
4. Revisão feita por Bianca Beatriz Lourenço Melatto. Nesse momento, realizou-se uma limpeza dos cacoetes da fala, um acréscimo de palavras entre parênteses que ajudam no entendimento do contexto, e a formatação do texto. Foi optado por fazer algumas pequenas correções, especialmente nas palavras como: tá-está; pra-para, pro-para o, né-não é?, tava-estava, tavam-estavam, num-em um. Em alguns casos os cacoetes foram mantidos como o ‘né’ (em algumas ocasiões), ‘aí’, ‘é’, ou ‘daí’. Foram mantidas também as construções das frases e o estilo da oralidade.

Introdução

Antes de iniciar a gravação, a entrevistadora explica sobre os termos de doação e de esclarecimento sobre a entrevista. A entrevistada concorda em iniciar a gravação.

Desenvolvimento da entrevista:

E - Pronto, já iniciou, então vamos lá. Para começar, eu queria que você me dissesse seu nome completo, sua data de nascimento, e me falasse também o local de nascimento, OK?

R - Cintia Soares Stoltenberg Gili, nascida em 11/05/1990, e a minha cidade natural é Guarapuava, no Paraná.

E - Muito bem, e eu queria saber um pouquinho do início da tua infância, você tem irmãos?

R - Sim, eu tenho 2 irmãs.

E - Aham.

R - A nossa infância foi bem difícil, nós somos, éramos, de comunidade carente assim, então a nossa infância foi bem complicada, pai ausente, mais uma, foi bem difícil, assim, um em escala total da pergunta. Assim, foi bem complicado, então a minha mãe criou três filhas sozinha. E a gente se mudou do Paraná, eu tinha 6 anos, então foi uma mudança bem drástica para Santa Catarina, exatamente porque ela não tinha emprego e tudo mais. Então ela veio, fez essa mudança em busca de novas oportunidades e nesse início foi bastante complicado, mas foi melhorando ao longo do tempo, então, com relação a isso foi bem difícil. Aí eu não sei se tu quer que eu fale com relação à sexualidade, não sei.

E - Nesse primeiro momento não, mas um pouco como foi assim nesses primeiros anos de vida. E você comentou sobre a sua mãe, né? De procurar um lugar que tivesse mais possibilidades de trabalho, e como você descreveria a sua mãe, na sua infância? Como você via sua mãe?

R - A minha mãe era uma mulher muito rígida. A gente não teve muito afeto quando criança, ela sempre foi uma pessoa muito fechada, então ela trabalhava muito, hoje eu compreendo isso que ela estava sempre trabalhando, então eu a via pouco. Ela trabalhava à noite, ela era cozinheira industrial, quando ela conseguiu um emprego, e ela sempre batalhou muito, mas então ela era muito fechada com a gente assim e muito religiosa, então era esse duplo de religiosidade, com muito compromisso, e era muito severa com a gente assim.

E - Certo. E nessa infância tua, você costumava brincar na rua, brincava mais em casa, com as tuas irmãs? Como é que era essa parte das brincadeiras?

R - Então, nas brincadeiras, a gente teve, sempre tivemos que ser muito criativo, exatamente por não ter dinheiro, não ter condições, então essa parte era muito da

criatividade, então a gente tanto brincava na rua, quanto brincava em casa também, a gente brincava... eu lembro muito que a gente brincava de clube, clube das meninas, então eu chamava as meninas da rua para estar junto, para fazer brincadeiras e tudo mais. E também ficava muito em casa, então vidros de perfume eram bonecas, caixinhas... Eu sempre gostei muito de caixa e o meu brinquedo da infância foi uma saia.

E - Uma saia?

R - Uma saia, uma saia preta que ela se tornava várias coisas, ela se tornava nave espacial, ela se tornava um barco, um chapéu, vestido,

E - Várias coisas

R - Tudo que eu imaginava, ela se tornava, então meu brinquedo da infância foi uma saia.

E - Nossa, é interessante como a criatividade, ela leva a esses lugares.

R - Sim.

E - As necessidades. E essa parte de brincadeira na rua, qual era a tua brincadeira favorita?

R - Para jogar, bets. Que é o taco, não é?

E - É o taco, uhum.

R - Ai, adorava, aí já tinha, aquelas... óleo Soya de lata.

E - Sim.

R - Então a gente colocava atrás e nossa... e também o pique esconde de noite, no entardecer, a minha mãe às vezes levava a gente na casa de uma tia que era próximo e lá tinha meus primos, então a gente brincava muito de se esconder, sou de uma cidade mais no interior, quando a gente morava ali na infância, na Rio Negrinho, na Serra, cidade pequena, então tinha essa coisa de brincar muito na rua, mais no final do dia, com os primos.

E - Certo. E tem algum episódio que marcou muito a tua infância?

R - Hm, assim...

(Risos)

R - Eu brincava de mãe, mãe e pai com as minhas primas. Isso marcou muita a minha infância

(Risos)

R - Mas também, eu acho que a minha criatividade, então eu conseguia, dentro da minha infância, criar muita narrativa de tudo, até de momentos ruins. Porque o meu

pai ali até os 6 anos ele morou com a gente, ele era muito violento e eu tinha uma cômoda na lateral e eu fingia que ali era... eu ficava escondida, então eu me escondia lá, tipo, eu achava que ele não ia me ver... na verdade, é porque eu era muito pequenininha e ele não conseguia me pegar real, então eu sempre criei na minha cabeça essa narrativa de se esconder, eu acho que a criatividade sempre foi um viés para me esconder das coisas, para eu tentar me proteger.

E - Certo

R - Eu acho que foi a criatividade que me marca na minha infância. Eu ser criativa.

E - Certo, muito bem e de casa, como era a rotina, o que você costumava fazer?

R - Dentro de casa?

E - Isso, tarefas domésticas, enfim.

R - Fazia tudo. Acho que desde pequena, nós somos em 3, é uma diferença... 6 anos com uma e de quase 10 anos, 12 com outra irmã, então é bastante diferença de idade e a minha mãe sempre colocou, como era muito rígida, então tinha muitas regras, tinha que... eu acordava cedo, ia para escola, sempre estudei de manhã e depois retornava para casa e fazia as atividades de casa, limpava, varria, o que cabia para idade, talvez até mais, eu chegava a limpar banheiro, limpar a janela, varrer calçada, então tudo isso eu fiz durante a infância, nunca tive “ai meu Deus, é só criança, tem que só brincar”. Não, tinha que participar da vida né? Ia para a catequese também, então também fazia parte da rotina, uma vez na semana, uma vez na semana, a gente ia à missa que fazia parte da nossa rotina. E era muito tinha que ir, era uma coisa que era imposto, participar da igreja era imposto para gente, assim como fazer as tarefas de casa. Então a minha mãe, ela batia na gente se a gente não fizesse as tarefas domésticas, sempre foi muito imposto pra gente isso. E o tempo de tarefa em casa era bem pouco, eu lembro que era meio que corrido, ter que fazer a tarefa, tipo “ai, primeiro faz as coisas de casa para depois fazer coisas da escola”.

E - Aham, certo. E a tua juventude, como foi? Passou na mesma cidade? Como foi essa parte depois da infância e início da pré-adolescência, adolescência?

R - A minha pré-adolescência foi bem complicada também, mas não já por questões financeiras, porque a gente conseguiu, a minha mãe, na verdade, conseguiu se estabilizar, a minha irmã mais velha também começou a ajudar em casa. Com relação a isso, a gente melhorou muito, a nossa questão financeira, a gente saiu do limbo e começou a ter algumas coisas inclusive por conta do governo que a minha

mãe começou... teve a casa própria, então ela teve acesso por conta do governo que estava na época. Então a nossa vida, começou a dar uma guinada positiva. Na questão escola, já era mais complicado porque eu já não conseguia mais me ver naquele contexto, começa a se relacionar, eu já não entendia mais quem eu era, Então eu via todo mundo “ai se apaixonar. Ai, aquele menino é tão lindo. Ai, não sei o que” e eu ficava assim: “mas o que é isso que as pessoas falam? Eu não sinto”. Só que como a gente tinha essa questão de igreja, eu achava que não, que eu não podia gostar de menina, que era errado, que eu ia para o inferno. E como eu estava dentro da igreja, era muito colocado para mim, da igreja católica, então eu acabei achando que isso era verdade, eu jamais pensei que eu poderia me relacionar com uma menina na adolescência, ali na pré-adolescência, adolescência, eu achava que eu era estranha por não gostar de meninos por não me apaixonar. Só que eu dizia para as minhas amigas que eu estava gostando de alguém, eu mentia dizendo que eu gostava de alguém para não ser estranha. “Ai, tu tá gostando do fulano, né?”. Falei: “Tô!”. Nem aqui, ó (*gesticula com as mãos*) para o fulaninho, mas “Estou, aham. Nossa, como ele é lindo”. Primeiro beijo foi com 14 anos, porque já tinha passado da hora, porque minhas amigas já tinham beijado com 11 e como assim eu não tinha ainda, então foi com um menino e que foi imposto, “Não, meu Deus, você ainda é BV, não sei o que é”, aquela coisa bem milenar que sou que era esse termo. “Ai, porque você é bv, porque não sei o quê” então eu acabei sofrendo dentro do meu grupo de amigas e me vi na obrigação de: “beleza, vamos fazer isso aí para acabar logo de uma vez com essa história”. Então, adolescência foi bem difícil por causa disso, eu não conseguia me ver inclusive ou na escola, ia fazer um trabalho que tinha que fazer voltado para sei lá, para uma coisa feminina, bonita, bem acabada, só que sempre fui mais criativa, então eu não podia ir jogar bola com os meninos, tinha que jogar vôlei... então essas coisas, essas coisas dentro da escola, para mim foi muito difícil por conta do recorte de gênero. A menina tem que vir com tal uniforme. Eu não queria ir com o uniforme coladinho, com a saia, porque tinha saia no meu uniforme. Não queria ir, eu queria ir com a calça de tãtã que era muito mais confortável, eu queria ir com a camiseta mais larga porque era mais confortável, eu não me encaixava naquele padrão de gênero, que para mim era péssimo, eu fui muito sufocada na adolescência por causa disso. Só que na época, jamais imaginei que estava sendo sufocada, eu não tive nenhum contato com o feminismo ou com o movimento LGBT na adolescência. Nossa, acho que seria outra

pessoa hoje se eu tivesse tido, não é? Mas eu não tive, então foi muito complicado essa questão.

E - Certo, eu estava dando risada aqui porque eu me identifico muito com a tua história assim, sabe? Então, acho que é esse o ponto da pesquisa. Toda vez que eu faço uma entrevista e os relatos, eles acabam sendo semelhantes, é muito emocionante, porque realmente é isso. Essa é a pesquisa. Então é muito legal...

R - Uhum, se reconhecer, não é?

E - Muito legal que tenha trazido isso. E é nesse período aí que você disse que você estava achando... começando a se achar estranha, não estava se identificando muito bem que começa a surgir, talvez uma possibilidade de você perceber que pode ser por conta da sexualidade? Ou foi mais tardio essa noção de: “opa, talvez...” E como foi?

R - Foi mais tardio, eu... assim, eu entrei para a faculdade, eu tinha 17 anos, na verdade, dentro da faculdade, eu já comecei a me ler como uma outra pessoa assim, porque a faculdade de arte te dá esse espaço de expressão de tudo mais. Eu estava me relacionando com um homem na época que veio depois a se tornar meu marido. Sim, eu fui casada com um homem. Então na faculdade, eu conheci uma menina que tinha uma namorada e tudo mais. E aquilo me despertou alguma coisa. Como assim ela tem uma namorada e ela está aqui fazendo faculdade e está tudo bem? Comecei a achar aquilo ali... e ela começou a colocar questionamentos para mim sobre a minha relação que eu tinha na época. “Não, eu acho que... você tem certeza que você gosta de homem?”, porque diz que sapatão se reconhece, mulheres lésbicas se reconhecem. E eu falei assim: “não, nunca fiquei com mulher”. Então começou esse papo assim e a gente começou a sentar mais junto, ficar mais perto e quando eu percebi que eu estava me envolvendo mais com ela, já tinha alguma coisa mais, eu me afastei e ela também, até porque ela tinha um relacionamento e tudo mais, então ela saiu da faculdade, eu fiquei com aquilo dentro de mim: “Mas o que está acontecendo? Que sentimento é esse?” E tudo era novo, mas naquele momento era só uma coisa diferente que eu estava sentindo. Não, daí começa: “não, é só coisa da minha cabeça, não tem nada a ver”. E aí eu tive a brilhante ideia de engravidar. Olha só! Se eu tiver um filho, essa feminilidade vai brotar dentro de mim, isso que nunca brotou a vida toda, mas vai brotar quando eu for mãe, não é? Então eu termino o período da faculdade com filho, morando com

um cara, e aí na minha primeiro ano de docência, que eu já tinha me acostumado com a vida de que era uma bosta, desculpa o palavrão, mas era horrível, né?

E - Sem problema.

R - Que a vida era horrível. Eu achava que a vida era horrível. Eu chorava no banho. Quando eu estava lá, naquele meu primeiro ano de docência, achando que a vida era assim mesmo, eu me apaixonei por uma professora.

E - Interessante.

R - E aí essa paixão foi tão avassaladora, de uma forma tão ardente, tão forte, que me fez sair do armário, tipo, me chutou do armário porque eu precisava daquilo. Eu falo: “nossa, é isso que as pessoas sentem, é isso que minhas amigas sentiam na adolescência e eu não estava sentindo isso?”. Agora eu entendi porque as pessoas faziam maluquices, porque as pessoas saiam das casas por conta desse amor, dessa paixão. Então eu acabei me apaixonando e por isso... eu já tinha um filho na época, traí o meu marido que era na época, não casei no papel, mas era... morava junto com ele, e aí eu percebi que, na verdade, naquele momento, eu percebi que todas as vezes que eu me relacionava com ele eu era violentada. Eu não queria, então eu comecei a perceber a vida que eu estava levando e aí eu comecei a entender sobre a minha sexualidade, mas, claro, levou muito tempo depois dessa história.

E - Sim. São questões muito, muito pessoais, às vezes, mas que de algumas formas são semelhantes, elas transpassam assim, as nossas vidas. E como foi o momento em que você resolveu de fato abrir isso para o mundo que você, vamos dizer assim, socializou a tua descoberta de que você gostava de se relacionar com mulheres, como foi esse processo?

R - Então eu, na verdade, eu meio que fui expulsa do armário, porque o meu ex ele colocou... porque, a gente eu acho que quando alguém está apaixonado, ele fica meio que na cara, eu acho que acaba transparecendo, ele viu que eu estava diferente e ele colocou um espião no meu computador e viu eu conversando com essa professora, então ali ele já tinha pego, ele já tinha entendido que estava acontecendo alguma coisa e ele deu... ele surtou, ele contou para a mãe dele, contou para minha mãe. Ele contou para minhas irmãs, e todo mundo disse, inclusive ele, que eu estava com um demônio dentro do meu corpo

E - Nossa.

R - E que precisaria, aham, que eu precisaria ser exorcizada. Eu fui levada obrigada para São Paulo, em um templo, em um espaço, foi colocado no meio de roda de sal e coisarada, para que eu fosse limpa. Isso foi feito por ele, pela minha mãe e pela minha família. Então, quando eu percebi que não tinha jeito, que ninguém mais ia... como é que vou dizer? Me acolher dentro daquele espaço que eu me sentia segura porque eu não tinha amigos ele não deixava eu ter amigos, então eu me vi sozinha. Agora, e daí? Então ele ameaçou também essa professora, se ela chegasse perto de mim, ele ia acabar com a vida dela, passou o endereço dos pais dela, e ele começou... ele transformou a minha vida em um inferno, foram 2 anos, da escola para casa, da casa para a escola. E ele dizia: “eu vou lá na tua escola, vou fazer um escândalo”, ele sempre utilizava o meu espaço de trabalho como barganha.

E - Sim.

R - “Se tu não falar comigo, eu vou lá na tua escola, me atenda!” Então, foram 2 anos péssimos, foi horrível. E quem me ajudou a sair disso foi uma associação de Joinville, que eu morava em Joinville, toda essa história acontece em Joinville. Arco-Íris, não sei se tu chegou a conhecer.

E - Sim.

R - Foi a Associação Arco-Íris através de uma professora também, que se tornou uma grande amiga minha e foi a partir dali que eu comecei a me identificar, olha, nem sou bissexual, porque eles diziam que eu era bi, porque eu já tinha... então ali eu comecei a perceber: “opa, nem sou bissexual, eu sou lésbica mesmo, porque eu realmente não gosto de homens”. Então foi uma trajetória bem árdua, bem difícil para mim me entender e a minha família não aceitou, as pessoas que estavam ao meu redor, ninguém me aceitou, eu fui expulsa, excluída. Inclusive, meu filho tirado de mim, porque minha mãe falava: “ai, você trabalha agora, tanto. Você trabalha das 6 da manhã às 6 da noite”, porque realmente trabalhava 40 horas, “ele não pode ficar com você, ele vai ficar melhor aqui depois que você se organizar com as suas coisas, você busca ele”. Então, foi um período bem árduo até eu conseguir ficar com meu filho de volta.

E - Certo. E desculpa perguntar, quantos anos ele tem hoje?

R - Meu filho tem 12.

E - Certo. E como é a tua relação com ele? A tua sexualidade, como foi essa socialização para ele, partindo de ti?

R - O Miguel, ele volta a morar comigo em 2018, final de 2018 para 2019, onde eu literalmente roubei ele da minha mãe. Foi no final de ano que ela não quis deixar. É, eu fui buscar ele onde ele estava. Foi péssimo, foi uma história muito pesada. Quase deu polícia, coisurada, mas eu levei ele para Joinville. De Rio Negrinho para Joinville e aí nisso eu procurei uma advogada, tive o respaldo das minhas amigas, na minha rede de apoio. E eu trago Miguel, no início foi muito complicado para ele, por quê? Eu levei ele em uma terapeuta... eu fiz terapia por muitos anos, o que, meu Deus, me ajudou muito. Eu levei ele em uma terapeuta infantil logo que ele volta para Joinville para morar comigo, e essa terapeuta um dia me chama e diz que o meu filho está confuso porque eu escondi a sexualidade dele. Só que isso foi tão pesado pra mim que eu levei para minha terapeuta, daí aquele quando ela diz: "Cintia, o que ela fez foi extremamente errado. Me passa o nome dela que eu não vou indicar ninguém." Eu fiquei um pouco aliviada porque ela disse: "Jamais ela deveria, levar para você o que ela trabalha com o teu filho, porque o teu filho é paciente dela. E o sigilo médico paciente ficou aonde nisso tudo? E agora você criou na tua cabeça uma (para)nóia que talvez nem seja real, porque ele fez um desenho mostrando você e a tua namorada que era na época, não tem nada a ver. Pode ser que ele só esteja expressando o que ele está vendo, não quer dizer que ele veja já um casal, você tem que falar para o teu filho, a hora e como você se sente confortável". Então a partir disso, de todo esse fuzuê na minha cabeça que aconteceu, eu resolvi sentar com ele e conversar. Dizer que a tia era minha namorada e como ele se sentia sobre isso? Ele falou assim: "legal, o que tem para comer?". Bem típico de criança assim, sabe? Então ele sempre... no início eu sentia que ele tinha muito receio por conta da avó, porque ele era muito ligado à minha mãe, então ele sentia assim, parece que medo, de falar, o medo de se expressar ou desse julgamento. Então a gente foi conversando e daí hoje ele é uma criança extremamente aberta, um adolescente extremamente criativo e apreensivo, é uma criança que assim... eu não sei nem dizer, ele mudou muito. Desde o início que ele veio agora porque a gente trabalha muita coisa do amor, coisa do afeto, a coisa do respeito, da verdade, de falar o que está sentindo, então ele é muito aberto para isso e hoje ele se dá muito bem com a minha companheira.

E - Aham.

R - Com a minha esposa, se dão muito bem. Ele levou a aliança no nosso casamento, foi muito fofinho, muito, muito maravilhoso e a gente... e a partir do momento que eu trago meu filho, consigo fazer o resgate com a minha mãe.

E - Certo.

R - Inclusive, estava no meu casamento também. Muita gente não perdoa ela, mas eu falei: é a minha mãe, vou fazer o que, né? Não vou perdoar? Vou ter que..." tem algumas coisinhas para resolver? Tem, mas a gente vai lidando e trabalhando essas questões assim.

E - Claro, isso mesmo. E como foi a primeira namorada? Esse evento canônico que toda sapatão tem, como foi esse... vamos dizer assim, o momento que você falou: "é, realmente estou apaixonada, realmente vou namorar com essa pessoa." Como foi esse momento?

R - Foi difícil porque a minha primeira namorada não foi a pessoa que eu me apaixonei.

E - Certo.

R - Então assim eu fiquei 3 anos, 3 anos e meio, talvez 4, apaixonada por ela. Tentando esquecer, tentando, bola para frente, bola para frente, bola para frente e eu acabei me relacionando com outra pessoa, foi meio caótico no início porque tinha umas questões bem particulares que aconteceram mas eu ainda estava muito presa em coisas do passado quando eu estava com ela, então eu digo que a minha primeira namorada de verdade, de gostar, dessa coisa de paquera, foi com a minha esposa que está hoje, que é a Sara, que foi aquela coisa gostosa de se conhecer, de se apaixonar, de paquerar, foi com ela, foi o evento e que eu também conheci dentro de um coletivo, que é hoje ele voltou, que é Histeria, eu conheci ela lá e foi um muito importante na minha vida. Mas eu também não posso, eu também não apago meu antigo relacionamento, porque eu acho que eu aprendi muito, construí muito, foi muito importante para mim ver como que é tá dentro da comunidade, tantos anos de uma relação, então, foi importante também, mas essa coisa assim, de mais leve, de um início de relação tranquilo, sem nenhuma perturbação que foi lá com a primeira, com a segunda também. Para essa sim é um evento.

E - E agora falando um pouco mais do viés profissional mesmo. Por que fazer uma faculdade e se tornar professora? O que te motivou?

R - Inicialmente, eu não pensava em ser professora. Eu sempre fui movida por arte, o meu pai que na sua ausência toda, ele era um artista independente, então eu

cresci com cheiro da tinta, eu cresci, literalmente quase me sufoquei uma vez com tinta automotiva dentro do quarto, porque estava pintando, (inaudível) passar mal, então eu sempre fui movida, a minha paixão, a criatividade, essa coisa tudo, então me moveu a fazer faculdade de arte, eu passei também em moda, mas daí financeiro, tudo mais, conseguir bolsa, você é pra ser fazer licenciatura em arte, eu falei depois eu vejo o que eu vou fazer. Num processo ali da faculdade, no último ano, eu ainda não sabia o que ia fazer, e daí minha professora, que provavelmente você conheça, que é a Nadja.

E - Conheço.

R - Ela falou assim, Cintia, o teu potencial é muito bom. Você tirou 10 no teu TCC, tudo, coisa de docência, você tem que fazer um compromisso com a gente, você vai dar aula pelo menos um ano. Aí eu peguei aquilo, eu falei, então vou lecionar, vou dar aula, esse primeiro ano foi conturbado, por tudo que eu te contei ali antes, mas eu via na sala de aula um respiro de tudo, eu sempre me conectei muito com histórias, eu dava aula na periferia de Joinville, então comecei a me conectar muito com os alunos e comecei a perceber que eles me escutava, que no meio da aula de arte eles estavam realmente conseguindo se expressar. Eles estavam realmente conseguindo se conectar com as coisas, mesmo assim, tem o tráfico, tem não sei o que, meu mas a minha professora disse que eu posso outra coisa, que eu posso, que eu tenho potencial para outra coisa e tudo mais, então foi nisso que eu comecei a me envolver, daí no ano seguinte, eu passei no concurso em Joinville, então me concurrei e comecei a trabalhar em outra escola de periferia, do outro lado da cidade e de novo, começou acontecer a mesma coisa, dessa conexão, então eu digo assim, que não fui eu que escolhi a docência, foi a docência que me escolheu e hoje eu não posso e não tenho nem palavras pra dizer o quanto me pegou.

E - Eu acho que é muito bonito quando a gente encontra situações e histórias como essa, como a tua, de ter essa conexão tão forte com a docência, é lindo, é sem palavras assim. E em relação ao teu ambiente de trabalho, Tanto ali o primeiro quanto mais tarde, mais pra frente, nos outros ambientes, como é que foi essa reação frente a tua presença? Sentiu que mudou alguma coisa em relação a tua sexualidade? Como foi, como houve essa relação entre os professores, entre a gestão, administração da escola, como foi?

R - Eu percebi que na primeira escola que eu trabalhei, como já tinha muitas pessoas LGBTQs na escola, não vi grandes mudanças no comportamento comigo,

uma lida normal, tanto que os alunos faziam trabalhos com tema, então sempre foi bem aberto. Já na segunda escola que eu trabalhei, eu acho que foi o ano mais traumático como profissional da minha vida, eu acho que da minha carreira toda e minha carreira começou em 2013, então eu estou falando de 2014 que aconteceu isso, a gente tinha um projeto, em Joinville tem um projeto que é de uma empresa e a empresa faz o projeto dentro da escola, e dentro das temáticas dessa empresa, uma delas é sexualidade, então o professor pode trabalhar de qualquer forma e nessa escola que eu trabalhava, comecei o projeto com as turmas super aceitos, alunos amaram, estava todo mundo fazendo, até os alunos que tinham as questões deles, religiosas, estavam fazendo com essa pegada religiosa, sabe? Ai que Jesus não aceita mais que todo mundo tem que... exato, exato, a gente como professor não impõe nada, a gente dá ali e cada um vai desenvolver do jeito que acha melhor, e eu fui colocada dentro de uma sala pequenininha com a diretora, a vice-diretora, todo o corpo pedagógico, tipo auxiliar, todas aquelas pessoas que ficam ali na direção, trancaram a porta, tiraram a chave, só que alguma coisa dentro de mim falava para gravar aquela conversa e eu estava com meu celular no bolso, e aí ela colocou o meu estágio probatório na frente dela e disse: “se você não parar o projeto que você está fazendo hoje, eu vou colocar no seu estágio probatório nota baixa, por que homossexualismo é igual ao aborto, você não pode dizer que é normal”, essa é uma das frases que eu lembro, mas teve várias, vários, vários, então eles me coagiram de uma forma que eu nunca senti na minha vida, todo mundo falando ao meu redor, sabe, todas elas falando e eu ali no meio, com a minha vida ali na frente delas, que era o meu estágio probatório, então elas me coagiram, fizeram eu parar o projeto e a partir daquele momento, naquela escola eu nunca mais trabalhei nada na temática, mas eu fui até os meus alunos, falei para eles o que tinha acontecido, falei olha, a diretora mandou parar o projeto, inclusive eu falei vocês lembram que a gente conversou sobre homofobia? Então está acontecendo agora, é um momento histórico, eu falei para eles, estamos vivendo a história, ela mandou parar porque ela disse que não está dentro das crenças religiosas e que nem a sociedade não está pronta para esse tema, imagina se a nossa escola vai estar, então os alunos ficaram revoltados, mas todos eles falaram: “não professora, tudo bem, a gente traz os trabalhos prontos de casa e te entrega. só para finalizar”, e assim foi lindo, eles levaram uma trabalhos maravilhosos, eles me entregavam antes do portão da escola para não ter problema, então foi o caos, e aí eu fiquei com

muito medo, muito medo, eu fiquei muito coagida, passei o ano todo com medo e as outras escolas que eu que eu dei aula, porque daí saí daquela escola, consegui sair, conseguir pedir remoção, fui para outra escola e sempre fui muito bem tratada, até porque eu tinha muitos colegas daquela minha primeira escola que estava ali junto comigo, então toda minha vida docência ali, em Joinville, nessa outra escola foi muito tranquila, até porque minha vice diretora também era, então ela tinha esse...

E - Cuidado, né?

R - Esse olhar, assim como o professor que pegava meus planos de aula também era,, ele também tinha esse olhar sensível, nunca fui coagida ou a não ser tirando essa situação dessa determinada escola, e depois fiquei sabendo até que a diretora foi exonerada por outras coisas que ela também fazia dentro da escola. Não sei se tu quer que eu fale hoje, porque...

E - A gente pode conversar um pouco mais no sentido geral, e aí a gente deixa mais pro final para que você comente um pouco mais sobre atualidade, pode ser?

R - Uhum.

E - Perfeito. E como é que foi em relação aos professores? Eles sabiam, eles comentavam?

R - Sim e daí é sempre esse meio a meio, tinha algumas professoras que não sentavam perto de mim, que achavam que eu ia dar em cima delas, imagina, teve outras que inventaram que eu estava dando em cima delas, que foi uma situação que aconteceu dentro de uma das escolas e teve também aquelas que sempre ficavam questionando: " Aí aquela professora está com aquela camiseta", então, já chegaram a fazer ouvidoria, por conta de uma camiseta que eu estava usando, que na verdade, não era nem com relação a minha sexualidade e sim questões políticas, é só um ele não, só que a outra professora estava com ele sim, ninguém falou do ele sim para ela, mas do meu tiveram que falar, abriram ouvidoria e coisara pra mim, sendo que não tinha nada a ver. Enfim, era minha camiseta, então sempre teve pessoas que ficavam procurando coisinhas para questionar o meu trabalho, essa coisa de ficar se provando às vezes tinha que acontecer, aconteceu várias vezes no meu da minha carreira e eu tenho que provar que eu sou boa, se eu fosse hétero, eu não precisava ficar provando, mas como sou uma mulher lésbica, preta, então eu tenho que ficar provando que isso aqui está dentro da BNCC, que isso aqui tá dentro do currículo catarinense, então tinha que ficar todo o tempo, de Joinville que era na época, você tem que estar provando que você é uma boa professora, porque estão

sempre questionando alguns, sempre questionando quem você é por conta da sua sexualidade e porque eu nunca escondi, depois do momento que eu acho que eu consegui me livrar de tudo, eu nunca mais consegui esconder, se a pessoa chega e fala assim: “professora, você é lésbica?” Sou! Então sempre fui muito aberta, porque eles ficam sabendo, eles são curiosos, eles vão atrás, eles questionam, então eu nunca escondi de aluno ou de professor, pelo contrário, eu quero que fiquem sabendo mesmo que eu não quero esconder quem eu sou, nunca mais.

E - Sim, certo, e já teve algum comentário que algum aluno fez assim que te magoou, que te deixou chateada, algum comentário maldoso?

R - Olha, nunca nenhum aluno fez para mim, mas eu já fiz trabalhos, porque eu trabalho muito com arte conceitual, e teve uma arte que um aluno fez que falava que a comunidade LGBT é errada, tinha como se uma pessoa com uma bandeira na mão queimando, pesado assim, e quando eu vi aquilo, eu que sou muito ligada a linguagem, eu não aguentei, eu tive que sair, respirar um pouco por conta do trabalho, então eu sempre soube que em determinadas turmas ou com determinados alunos era complicado, não podia tocar no assunto porque sempre dava um jeito de botar nos trabalhos, então eles não falavam, mas expressava através da linguagem que eles iam me entregar, eles sabiam que isso me machucava, magoava de alguma forma.

E - Sim, e a respeito de comentários positivos, alguns de identificação ou alguma coisa nesse sentido, você já recebeu?

R - Muitos! Eu acho que mais positivos do que negativos, inclusive, tempos atrás eu recebi uma mensagem de uma aluna, na verdade eu sempre recebo mensagens depois, nunca o feedback vem no mesmo ano que eu estou dando aula para eles, normalmente vem depois, mas uma ex aluna minha, que hoje faz advocacia aí na univille, veio falar do quanto foi importante para ela as aulas e poder se expressar e se entender, e como isso foi importante para ela, óbvio que eu sempre choro, quando eu recebo esses feedbacks, porque nas minhas aulas nunca trabalham: ah vamos falar sobre LGBT hoje. Nunca, não é uma coisa... mas eu trabalho sobre auto conhecimento, auto confiança, quem é você no mundo, que ser você não é errado, existem vários tipos de pessoa, cor, jeito e sexualidade, então, falo nessa totalidade e vários alunos vem me falar: "professora, muito obrigada, você fez a diferença", nossa, muitos assim, recebo muitos feedbacks, inclusive eu chorei no último dia dos professores, porque uma aluna fez um textão para mim falando que ela e a

namorada foram minhas alunas e as duas estavam indo pra faculdade, porque elas sempre pensavam no que eu ficava brigando com eles, porque eu sempre falava vocês são capazes sim, quem disse que vocês não são capazes, “ó professora, mas a gente de periferia?” E daí? Você pode correr. Então das duas vieram um texto lindo falando que uma está indo fazer educação física e a outra está indo estudar outro curso que eu não lembro agora, mas porque tiveram esse empurrão, ela sempre lembrava do que eu falava, então, quando veio ali, eu fiquei nossa, chorei horrores, eu acho que é o que me move, esses feedbacks, e também de alunos em sala de aula foram poucos assim que conseguiram, que me viam como essa figura: “ela é lésbica e ela é professora, e ela tem uma vida. Eu também posso ser”, alguns vieram: “professora, eu não sei o que eu sou, mas talvez eu seja igual você” e eu falava assim:, ah, mas aí tu tem que ver, tu tem que entender o que que você sente, e sim, você pode ser, tá tudo bem, e tá tudo bem se você não for também, então pensa, reflita sobre... e eles viram um tempo depois, assim falar: “professora, eu sei agora o que eu sou, porque agora eu entendo, eu consigo me ver”, é muito gratificante assim ter esses momentos.

E - Sim, é realmente muito bonito ver isso nos nossos alunos. Em relação a tua prática docente, você enxerga que a sua sexualidade influencia na forma como você atua como docente?

R - Em certos momentos eu acredito que sim, por conta da minha história e eu não digo nem só a questão da sexualidade, eu digo a minha cor também, eu sou uma negra de pele clara, hoje eu consigo me ler assim, também foi um processo. Então, quando eu vejo tudo o que eu sofri, porque eu não sabia quem eu era, óbvio que isso vai afetar no modo como eu quero que os alunos consigam se enxergar, independente do que ele seja, mas sim, consigo enxergar quem eles são. Eu Acredito que deva ter uma influência, porque eu acho que eu não seria tão potente se eu não tivesse passado por as coisas que eu passei, e óbvio, quero alunos potentes, pessoas potentes quando crescerem, mas eles não precisam sofrer tudo que eu sofri, eles podem sim, com 15 anos, sabendo que eles são, com 13, com 12, eles podem se conhecer e esse espaço da arte é um espaço desse conhecimento. Então eu acredito que sim, tenho uma influência na minha docência.

E - Muito bem. Em relação às perspectivas um pouco mais futuras, a tendência será que é melhorar na sua opinião?

R - Difícil, é difícil porque por mais que a gente tenha um avanço com relação...hoje você pega uma BNCC, você pega os documentos base, você vê lá tudo o que você tem que trabalhar, só que tem muitos professores que não estão abertos a trabalhar a pluralidade, a trabalhar questões etnico-raciais ou essa percepção que o aluno se compreenda, tá muito preso ainda em questões muito eurocentradas, questões muito heteronormativa, e você começa ali na festa junina, parar para pensar ali na festa junina que os casais ou dos pequeninhos, “ai, fulaninha namorada do ciclaninho, que fofinho”, então, por mais que a gente tenha avanços significativos, de você hoje com 13 anos, você conseguir se identificar, ainda tem muito fundamentalismo dentro das escolas, forte assim, você vê que alunos sofrem ainda por conta dos pais que são extremamente religiosos ou de uma sociedade ainda muito preconceituosa, ainda a gente é um dos países que mais mata LGBTs no mundo, então acredito que tenha muito a evoluir ainda, por mais que a gente tenha crescido e a gente está hoje fora dos armários e a gente fala muito mais sobre, a gente se vê muito mais, a gente tem muito mais referências, há uns anos atrás, você nunca saberia que a tua professora é lésbica, então isso já é um avanço, mas eu quero mais avanço, a gente precisa avançar muito mais ainda e eu acho que, por exemplo, a tua pesquisa é bem potente com relação a isso, a estudar para que se cresça, se tenha um melhor entendimento para que a gente evolua, dentro dessa questão.

E - Sim, obrigada por considerar essa pesquisa nesse nível. E numa perspectiva em relação não só a educação, não só a docência, mas é no sentido de sociedade geral, será que a gente pode esperar uma mudança? Será que a gente pode ter como base para a mudança, a educação também? Será que é por aí o caminho?

R - Olha, numa questão social ampla, é como a educação, já subimos alguns degraus, mas descemos também outros, não é? E é sempre assim, esse vai e vem de questões, a gente sempre tem as coisas positivas, negativas, hoje a gente tem um governo que vai na direção do que a gente acredita, mas ao mesmo tempo, no mesmo dia tira direitos e vai completamente para outro lado, oposto, né? Porque é o toma lá dá cá pra agradar todo mundo e dentro das escolas a mesma coisa, dessa politicagem e tudo mais, mas a sociedade em si...é complicado responder, de que vai, eu quero muito que isso aconteça, imagina, eu quero, tô aí batalhando para o meu filho não precise se esconder, se ele escolher, escolher não, mas ele se perceber dentro de uma sexualidade da não tradicional, se ele for um homem gay,

ou se ele for bissexual, ou se ele se encontra como pessoa trans, eu quero que ele tenha uma sociedade mais segura para viver. Eu acho que sim a educação é uma base, porque se a gente tivesse essa educação desde pequenininho, as crianças não cresceriam tão violentas, mas eu acho que a educação também teria que mudar algumas coisas, porque eu como professora de arte, vou puxar pro meu agora, inclusive, é uma questão que eu penso muito, é que nós não temos conhecimento sobre nós mesmos, ninguém tem, se desde pequeno, talvez eu tivesse uma compreensão mais ampla do meu eu dentro da educação, porque dentro da educação não tem esse espaço, dentro dos pequeninhos lá vai ter matemática, português, inglês, geografia, arte, uma aulinha lá que você vai pintar, colorir, você não tem uma aula para refletir sobre quem você é, sobre o que você sente, sobre como você se sente sobre o mundo, sobre as coisas, você não tem isso, e se você conseguisse se perceber no mundo muito mais cedo, perceber o outro, será que a gente não teria uma construção mais sólida de educação para uma construção de um futuro melhor, será que se dentro da faculdade, dentro da formação dos professores, a gente não tivesse esse de ter um olhar mais sensível com relação a tudo, porque é muito amplo, você vai pegar ali a metodologia da educação, tu vai lá pá, pá, pá, lê, lê, lê, faz prova, sociologia, le, lê, lê, você não tem a prática, ninguém faz um seminário legal para interagir, para conversar, para dialogar, para trazer essas questões novas, é sempre o velho, velho, velho, vamos falar sobre o outro ou aquele, mas cadê as práticas da sala de aula para essa faculdade, essa intersecção, sabe, os professores que são professores universitários, estão muito tempo na universidade, tem que voltar pro chão da escola para saber como é que tá, tem que ter esse fluxo, eu acho que só assim que a gente vai conseguir de fato, em algum momento crescer, estamos evoluindo, sem ter essa “ai é difícil” como a gente está hoje, né? “Ai, não sei será que a educação, será que a família, será?”, então acho que tem tudo isso assim.

E - Sim, bom para gente ir finalizando, você se considera uma boa professora?

R - Ai, sim.

E - Por que?

R - Eu me considero uma boa professora, primeiro porque eu sou apaixonada, ó, já ficou emocionada, eu sou muito apaixonada por dar aula. Eu acho que eu...já tive burnout por ser professora, acho que é aquela coisa amar demais, se envolver demais, hoje eu dei um passo para trás, estou numa cidade pequena e eu consegui

resgatar essa minha paixão e hoje mesmo de manhã eu estava dando aula e a minha companheira falou: “Cintia, é muito bonito ver você depois de dar aula;”, porque brilham os meus olhos, é menina dos meus olhos, a arte, educação, para mim, é o que vai fazer realmente um impacto positivo na vida dos alunos. Então, eu me entrego e eu acho que eles sentem isso, eu acho que por isso que eles aprendem tanto, por isso que eles são tão envolvidos, porque eu me envolvo muito, eu sou apaixonada, eu acho que eu sou uma boa professora assim.

E - Que lindo, que fala linda a tua, me emocionei também, eu acho que...eu fico sem palavras, porque eu acho que é isso que a gente precisa mesmo, é realmente muito bonito, muito bonito. Para a gente finalizar aqui as perguntas, depois eu vou encerrar a gravação e daí eu quero conversar contigo um pouquinho a parte. Minha última pergunta para ti é o que você achou de contar um pouco dessa tua história? Como é que foi a experiência para você?

R - É sempre positivo, né? É olhar para nossa trajetória, porque às vezes a gente deixa de acreditar, e daí você olhar para tudo o que você passou e ver onde você chegou, tanto como profissional, como pessoa, é muito...eu acho que foi bem importante assim, até assim, por conta da minha paixão, eu quero voltar a estudar, eu preciso fazer um mestrado, os meus alunos, as minhas amigas me cobram: “Cintia, você precisa”, então foi importante pra mim fazer esse resgate, às vezes a gente esquece da onde a gente veio, que tudo que a gente passou, então foi bem positivo, bem importante assim, muito obrigada pelo convite.

E - Eu que agradeço a sua participação. Você quer falar mais alguma coisa para que fique registrado ou eu posso encerrar a gravação?

R - Eu acho que pode encerrar, é isso.

E - Tá certo, eu já vou encerrar aqui.

R - Eu só vou abrir a porta ali para minha companheira que ela tá chegando, senão vou deixar ela pra fora.

E - Tá certo.

(A gravação é encerrada pela entrevistadora após o consentimento da entrevistada. Após esse momento, há uma conversa entre a pesquisadora e a participante, onde agradecimentos pela participação são feitos e há um compartilhamento de experiências relacionadas à sala de aula. Por fim, a pesquisadora pede a entrevista que, se possível, ela indique uma próxima entrevistada para a pesquisa decorrer).

APÊNDICE J - Entrevista com Barbara Mariah Retzlaff Bublitz

ENTREVISTA CEDIDA À PESQUISA EM ANDAMENTO “‘UMA PROFESSORA COMO EU’: NARRATIVAS SÁFICAS EM SALAS DE AULA COMO PATRIMÔNIO CULTURAL”.

Entrevista com Barbara Mariah Retzlaff Bublitz em 17/02/2024. O encontro foi realizado *online* pela plataforma Microsoft Teams. Estavam presentes:

- Barbara Bublitz;
- Bianca Beatriz Lourenço Melatto.

Edições:

1. A transcrição foi realizada por Bianca Beatriz Lourenço Melatto;
2. Os símbolos utilizados representam:
 - a. E – Bianca Beatriz Lourenço Melatto;
 - b. R - Barbara Bublitz
 - c. (?) – Incerteza sobre a grafia.
3. Itálico: Contextos fora do desenvolvimento da entrevista;
4. Revisão feita por Bianca Beatriz Lourenço Melatto. Nesse momento, realizou-se uma limpeza dos cacoetes da fala, um acréscimo de palavras entre parênteses que ajudam no entendimento do contexto, e a formatação do texto. Foi optado por fazer algumas pequenas correções, especialmente nas palavras como: tá-está; pra-para, pro-para o, né-não é?, tava-estava, tavam-estavam, num-em um. Em alguns casos os cacoetes foram mantidos como o ‘né’ (em algumas ocasiões), ‘aí’, ‘é’, ou ‘daí’. Foram mantidas também as construções das frases e o estilo da oralidade.

Introdução

Antes de iniciar a gravação, a entrevistadora explica sobre os termos de doação e de esclarecimento sobre a entrevista. A entrevistada concorda em iniciar a gravação.

E - Vamos iniciar então. Primeiro, para começar, eu gostaria que você me

dissesse o seu nome completo, a data e o local de nascimento.

R - Meu nome é Barbara Mariah Retzlaff Bublitz. Eu nasci dia 13 de abril de 1992 e em Guaramirim, Santa Catarina.

E - Muito bem. E essa parte da tua infância, vamos começar por ela. Como era? Você tem irmãos?

R - Eu fui filha única até os 16 anos, aí com 16 anos, a minha mãe engravidou do meu irmão, mas antes disso, o meu pai tem outro... tinha, meu pai é falecido, e ele tem outros filhos em outra família. O meu pai e a minha mãe têm uma grande diferença de idade, então meus irmãos, por parte de pai, têm tipo, 50/60 anos já. E a gente não tem contato, eu tenho contato com um só que ajudava ele na velhice e tal. Na minha infância, eu tive alguns problemas com a minha mãe, com o pai, era meio conturbado nesse sentido, mas nem sei... é bastante coisa da infância, foi uma infância complicada.

E - Certo, vamos começar então por partes, como era a relação familiar? Como era a tua relação com teu pai? Como era a relação com a tua mãe? Com teu irmão depois?

R - A minha relação com a minha mãe era bem ruim, porque ela era muito jovem, quer dizer, eu vejo isso como jovem, ela me teve com 19 anos, então em contexto bem problemático, então ela era muito imatura. Ela tinha vários relacionamentos, ela tinha problemas com depressão, era difícil. E com o pai, era um pouco distante, mas ele estava sempre presente fisicamente, uma vez por dia, ele passava lá em casa, mas a gente não tinha uma boa relação, porque ele era mais velho e eu era uma criança, depois uma pré-adolescente, uma adolescente e ele não escutava direito. Então a nossa comunicação era muito ruim, aí depois que eu me tornei adulta, a gente se entendeu. E quem mais cuidava de mim, que eu tinha mais afeto, era minha avó. Minha avó, que estava aqui, que foi quem me cuidou bem, com proteção, com acolhimento e tal, porque com a mãe e com o pai era meio... tenso.

E - Uhum. Entendi. E como era essa sua vó? Como você descreveria ela e a relação que você tinha com ela?

R - A vó era muito calma, tranquila. As coisas não pareciam o fim do mundo para ela, então não sei, eu tinha... eu tenho a sensação de que foi ela que me guardou, que me protegia. Ela sempre cuidava de mim quando a mãe trabalhava, então também era meio diário o meu contato com ela, sabe? A mãe trabalhava em hospital, às vezes ela vinha tarde da noite para casa, e eu lembro desses momentos

com ela, sempre com carinho, ela fazia a comida para mim, me levava pra escola, buscava assim, às vezes o pai buscava, mas era ela que fazia esse trabalho.

E - Sim, entendi. E em relação às brincadeiras da tua infância, como você costumava brincar e se divertir?

R - Ai, eu brincava muito no mato, no quintal, eu tinha uma vizinha que cuidava de mim à tarde, ela cuidava de várias crianças do bairro. Então a gente brincava muito no jardim, subir em árvore, brincava no barro, era brincadeira que eu mais gostava. Andar de bicicleta, brincava com as meninas, assim com a galera que estava lá. Eu tinha uma amiga que era a minha melhor amiga e a gente brincava de tudo que é coisa de mato, coisa de bola, bicicleta, coisas assim.

E - Então as tuas brincadeiras eram mais brincadeiras da rua, não era muito brincadeiras dentro de casa

R - Não, só quando estava chovendo que a gente era obrigado a brincar dentro de casa, mas a gente não tinha... a gente gostava de brincar de fazer show, de cantar, mas era sempre movimento, sempre aterrorizando.

E - Sim, muito bem. E se você tivesse que escolher a brincadeira favorita, a que você mais gostava de brincar, qual seria ela?

R - Eu acho que o que eu mais gostava de fazer era subir em árvore. Era o que eu mais gostava

E - E você costumava brincar assim, subir em árvores sozinha, ou era mais assim junto com a galera?

R - Ai, não tinha graça sozinho, tinha que ser com meus amigos, sempre com a Ana, que é minha amiga, a gente sempre... às vezes tinha umas crianças, mas elas eram menores, daí não tinha muita graça para a gente, a gente tinha a mesma idade., a gente estudava junto, daí a gente gostava de subir em árvore, não tinha graça quando tinha criança muito mais velha, nem muito mais nova. Então a gente estava na mesma adrenalina, era brincar no mato que eu que eu mais gostava mesmo.

E - Uhum, e dentro de casa, como era a tua rotina? As tarefas que você tinha, as coisas que você fazia como rotina?

R - Eu ia para escola de manhã, aí eu almoçava na vó, e daí tinha um momento para brincar à tarde antes de ir para a dona Maria, que é minha vizinha, e daí eu brincava com coisas de montar assim, tipo lego e os brinquedos do Kinder Ovo, eu tinha um monte, daí eu montava coisas, construía cenários era bem... eu ia brincar e daí na dona Maria era mais brincar com as coisas do mundo, não tinha brinquedo

lá e daí eu voltava de certo, tomava banho, não sei. E a noite, às vezes eu desenhava. Eu gostava muito de desenhar, de pintar e tal, eu ficava com a avó até a minha mãe chegar.

E - Aham. Em relação às tarefas domésticas você não fazia muito assim na tua infância?

R - Não, ninguém fazia. A minha casa de certo... meu Deus. Ah, a mãe tinha uma diarista que às vezes ia limpar, só que a mãe não cozinhava, então não tinha coisa de cozinha. Se tinha, a gente lavava. E eu era muito desorganizada. Eu lembro que ela sempre brigava comigo por causa do guarda roupa. Tipo, era bem, bem desorganizado, estava sempre um fuzuê no meu quarto e ela brigava comigo por causa disso, mas aí tinha um rolê de às vezes eu limpar a casa, mas porque era só eu e ela. Mas eu era maiorzinha, já adolescente, aí eu fazia para agradar, mas não que ela obrigasse.

E - Entendi, em relação a tua juventude foi na mesma cidade ali onde você teve a sua infância?

R - Sim, foi na mesma cidade.

E - E como foi essa mudança de criança agora para adolescente com outras formas de se divertir?

R - Eu era uma criança ótima, muito confiante e feliz e tal, mas eu fui uma adolescente muito deprimida, porque daí começou a estourar todas as consequências da infância, das coisas mal resolvidas na infância, eclodiram tudo na adolescência, e eu era uma adolescente gorda, nossa, foi péssimo. Sempre fui uma criança gorda, gorda, gorda, assim de sofrer bullying, não só fora do padrão. Tipo num, enfim, e aí, isso tudo que foi construído ao longo da infância... eu fui uma adolescente que não gostava de sair porque eu tinha vergonha do corpo e tal, eu não gostava. Eu tinha uns amigos, e eu gostava de ir na casa dos meus amigos, mas eram poucos, não gostava de festas, eu ia, mas não era um lugar que eu me sentia feliz, confortável. Isso, sei lá, estou falando de 15/16 (anos). Eu gostava mais de ficar em casa, no computador eu tinha amigos na internet, depois a gente se conheceu pessoalmente e tal, mas era bem caseira, mas gostava de ficar virando a noite na internet que ainda usava internet discada, aí à noite era o momento.

E - E normalmente a tua diversão era mesmo ficar na internet conversando com seus amigos e mais o que?

R - Era o que eu mais gostava de fazer. Aí eu baixava filmes, videocliques, músicas. Eu tive uma fase bem... eu consumia muito conteúdo interessante nessa época, porque também não tinha tanto blogueiro, não tinha YouTube, a gente tinha na internet o que os artistas faziam, né? É interessante, eu não tinha nada para fazer, não gostava de sair, nenhuma roupa me cabia bem, eu era bem desconfortável com meu corpo, então eu apostei tudo na minha parte intelectual naquela época e era isso que eu gostava. Gostava de ler, virei esse tipo de adolescente, não gostava de festas.

E - Muito bem, e quando você começa a perceber alguma questão em relação a tua sexualidade?

R - Ai, desde criança, só que eu não sabia.

E - E como foi?

R - Eu não sabia, a gente não sabe, não é porque aquilo é uma homossexualidade e tal. Mas eu sentia que eu era apaixonada pelas minhas professoras, algumas, apaixonada, mas apaixonada de chorar assim. Eu ligava para casa porque daí na época... tinha uma professora que eu era apaixonada e ela deu para a gente o endereço para mandar carta, telefone, ela sugeria um contato com os alunos, na época, aí eu ligava para ela, foda que ela nunca estava em casa.

(Risos)

R - Ai, cara, mas eu era bem pequena, sei lá, na terceira série, bem pequenininha e foi isso, fui percebendo que eu gosto... que eu tinha essa atração, né? Daí depois com, sei lá, 11/12 (anos), que eu beijei o primeiro menino e o segundo, aí eu pensei: cara, mas acho que tem alguma coisa errada, que eu ainda não estou madura, porque eu não sinto absolutamente nenhuma atração e eu não sinto nada. Isso que as minhas amigas sentem, que elas iam ver os meninos jogando futebol: “nossa, que gostoso, que delícia”, eu olhava e: porra, tá, de certo um dia eu vou sentir isso, mas não é a hora.

(O gato da entrevistada aparece e Barbara comenta: Oi, meu amor, você também é lésbico? Entrevistada e entrevistadora riem, a entrevista segue)

R - E aí um dia eu fui para uma festinha... Daí eu comecei a ter ídolos mulheres, tipo com 14/13 (anos) por aí, cantoras e tal, e daí comecei com aquela coisa que as pessoas falam: “é só com ela, aí porque eu ficaria com ela? Porque ela é maravilhosa”, e daí eu comecei sentir essa coisa que as meninas sentiam, eu só que eu também não estava entendendo. Eu achava que era tipo uma emoção, porque o

ídolo é maravilhoso, é perfeito e tal. Daí um dia eu fui para uma festa e eu olhei para a cara de uma menina e eu senti aquela coisa de vontade de beijar alguém. Foi tipo: olha, caralho! Daí eu comecei a trabalhar com a ideia de que eu era bissexual, porque eu tinha ficado com meninos e eu amava os meus meninos, os que eu tinha ficado, só que eles eram muito meus amigos, hoje eu entendo o que faz muito sentido, eu amava eles de verdade, só que a gente achava que você ama o menino, logo você vai namorar aquele menino. Eu disse que não tinha nada a ver com isso, eles eram meus amigos e eram ótimos meninos, eles eram diferentes dos outros, não eram escrotos, machão, então faz muito sentido que eu gostasse deles porque eles prestavam minimamente e eram meus amigos. Mas enfim, aí depois não fiquei com essa menina porque ela estava... aí eu tinha umas amigas que ficavam com meninas já, aquelas amigas que já tinham ficado com meninos e que sentiam atração e tal, elas estavam com a sexualidade super desenvolvida e elas ficavam com todo mundo que estava vivo e se mexendo elas estavam beijando, então eu não vivia num contexto homofóbico entre amigos porque elas já beijavam gurias, só que elas hoje, inclusive, nem são bissexuais, nem nada assim, mas elas experimentaram, então, eu me sentia à vontade assim para para pensar na possibilidade. Aí um dia eu fiquei com uma gurria, e daí...

E - Isso foi adolescência?

R - Eu acho, é com 15 anos, daí eu fiquei com uma menina e eu entendi, tipo: *Wow*, então é isso? Foi mágico, e eu nem achava ela bonita, foi só para viver o negócio, imagina se eu fosse apaixonada por ela e se eu achasse ela gata, nossa, teria sido incrível, já foi incrível, sem nada disso aí. Dali em diante, eu comecei a, não sei, foi natural, fui me envolvendo com mulheres e só me apaixonava por mulheres, eu não sentia nada por homens e não sinto ainda, é uma coisa só que depois de adulto a gente começa a identificar coisas, achar uma pessoa bonita e admirar a beleza e dizer: meu, que charmoso. Não tem a ver com o desejo, assim como a amizade, o amor não tem a ver com desejo. Eu não sei, então eu estou bem tranquila, eu tenho tranquilidade para dizer, para botar o rótulo de lésbica, não sei do futuro, mas até até o momento.

E - E então esse processo de descoberta foi muito tranquilo assim para ti e a partir do momento que você entende isso, e aí você socializa, vai contar para sua família, vai contar para seus amigos, como é este momento da socialização?

R- Cara, eu fui muito privilegiada porque a minha mãe tinha muitos problemas, tipo ela era pirada e ela fodeu a minha cabeça, isso eu trabalho até hoje, só que ela não era conservadora, justamente porque ela não era conservadora, que ela tinha uma vida tão fora da curva assim e isso me causou muito estresse, mas ela nunca foi ruim para mim por causa disso, nunca. E a minha avó também não, e meu pai também não. Então foi assim, eu entendi daí primeiro, eu falei com os meus amigos, aí teve aquele ritual de sair do armário, eu escrevi um texto, mandei para eles, não lembro se foi pelo MSN, pelo e-mail, era uma coisa assim que os maias usavam aí foi tranquilo. Eles não deram bola: “tá bom, beleza”. Foi OK, ninguém se afastou de mim, nada, ninguém que eu amava. Aí um dia que eu estava ficando com essa menina na minha casa, a gente estava tipo, quase pelada, mas a gente não estava transando, a gente estava só dando uns amassos juvenis, mas aí a minha avó abriu a janela assim, tipo, a cortina da janela, aí ela olhou, ela: ah, tá bom, depois eu falo contigo”. Daí ela fechou. E ela descobriu assim, que eu...

(Risos)

E - Bem visual.

R - Foi péssimo, mas tudo bem. A minha avó é um amor, ela é perfeita. Aí ela também nunca... é que ela é espírita e o espiritismo, pelo menos ali, no centro deles tem outra visão sobre a questão do gênero, do sexo e tal, essa coisa de ter um espírito sem sexo ajuda muito a construir um dogma que não é tão preconceituoso, pelo menos ali eles discutem muito sobre isso, que a gente não tem... um espírito, não tem gênero e tal. E então foi tranquilo, o meu pai, ele era idoso, ele morreu em 2018, com 87 anos. E ele só percebeu porque eu tinha só namoradas, sempre tinha amigas que iam sempre em casa, que estavam sempre lá, que dormiram lá. Daí depois eu casei com uma mulher, fui morar com ela, aí ele percebeu assim. ele adorava ela, adorava, adorava, adorava, e daí ele falava para mim: “Só toma cuidado, filha. Não anda na rua de mão dada”, porque ele assistia muita TV, ele via casos de pessoas sendo espancadas, então ele falava essas coisas, às vezes, quando ele estava atacado, porque ele era muito safado, aí ele perguntava: “mas como é que vocês fazem as coisas?”. Daí eu: Pai, pelo amor de Deus, eu não vou te explicar, eu não vou.

E - Certo, engraçado, né? A gente passa por algumas situações que muitas vezes são semelhantes, então eu me identifico com vários pontos da tua história e fico rindo aqui, lembrando que a gente compartilha muita coisa semelhante, engraçado.

R - Com certeza, imagina.

E - E quer contar um pouquinho da tua primeira namorada? Aquele evento na vida de toda mulher que se relaciona com outra mulher?

R - É que teve uma primeira namoradinha que eu tive que foi muito rápido, foi essa menina que eu fiquei com 15 anos, mas a gente não teve um relacionamento assim sério. Então eu vou falar da segunda que foi, que ia lá em casa: mãe, essa é a minha namorada. Que a gente até passou perrengue total, que foi com 17 anos. Ah, foi muito massa, eu tive muita sorte com namoradas, eu só tive uma namorada escrota, mas a minha primeira namorada foi uma pessoa muito especial. A mãe dela era evangélica, então a gente namorava escondido. Mas eu ia toda hora, todo dia, todo minuto, todo segundo, e a filha dela era uma caminhoneira, mas tudo bem e aí não tinha nada a ver comigo, quando eu conheci ela, ela já era assim. Mas eu fui a primeira menina que ela ficou e é isso, foi legal. A gente ficou 4 anos juntas.

E - Nossa, bastante tempo.

R - É, daí toda a faculdade, ela estava comigo e tal daí quando eu terminei a faculdade, a gente terminou. Foi bem legal.

E - Foi bem tranquilo.

R - Foi guria. Eu acho que o que infernizava a relação era eu. Imagina, eu era muito doidinha e aprendendo a me relacionar, ela era ciumenta, nossa, eu devia ser insuportável, mas foi legal.

E - Pelo menos, pelo lado positivo, você já reconhece isso, né? Porque podia ser pior.

R - Sim, muita terapia.

E - E agora vamos falar um pouquinho mais da questão profissional.

R - Uhum.

E - O que motivou a tua escolha? A de ser professora?

R - Hm, eu sempre gostei muito de arte, desde criança, porque a minha avó sempre fez trabalhos manuais e coisas assim, desenha muito bem e pintava muito bem, só que ela ia para uma linha bem artesanato e tal, só que isso foi o que abriu as portas para mim, foi ali que eu descobri que eu consegui... que eu gostava de, naquele momento, desenhar e que eu era boa nisso. Foi ela que me inspirou e depois eu fui crescendo e fui descobrindo que eu gostava de arte mesmo, de arte conceitual, de arte. E gostava muito de compartilhar as coisas que eu aprendia assim, cresci na era do blog coisas assim, quantos anos você tem?

E - Eu tenho 24.

R - É, mas deve ter pego isso, né? Não sei.

E - Sim.

R - Então a gente tinha muito isso de criar blog, coisas e escrever. Eu curtia muito essa parte intelectual e eu curti a arte, então eu pensei e eu era bem... tinha uns ideais sociais, tive professores no ensino médio, que eram muito fudas do sindicato, que faziam propaganda da manifestação e a gente... é muito bom, uns 2, sabe muito bom, na época não tinha esse negócio de “escola sem partido”, essa viadagem, viadagem...

(Risos)

R - Não tinha essa viadagem, foi isso, daí eu decidi que seria professora e fiz uma licenciatura, foi isso.

E - Uhum, certo. E como você inicia na sala de aula?

R - Eu tive uma experiência ainda na faculdade, no segundo ano, no primeiro ano, não sei, muito no começo, eu tinha 19 anos, então foi no segundo ano e foi muito estranho. Foi muito ruim, porque eu era muito imatura, eu nem tinha terminado de estudar as coisas que eu precisava ensinar, eu estava no segundo ano, Deus, mas tudo bem. Aí depois eu me envolvi com outras coisas na faculdade, parei de dar aula e voltei quando eu terminei a faculdade. Nesse retorno, os primeiros anos também eu acho que foram uma bosta. Aí, depois de alguns anos de experiência que eu fui entender o que era escola e o que que funcionava e o que não funcionava, tomando muito no cu, porque também pouca gente ensina, pouca gente auxilia pelo menos no início, eu trabalhava no estado, aí a gente era muito largado assim: “vai fazer o teu aí, boa sorte” e eu comecei com ensino médio, tu precisa de bagagem. Toda profissão é assim. Eu preciso de... para ser o top, tem que ter vivência.

E - Sim.

R - Então foi isso.

E - E quais foram as maiores dificuldades do início, na tua visão?

R - Acho que aprender a lidar com tanta gente ao mesmo tempo e o que ensinar. O que ensinar, como ensinar é a parte mais difícil. Foi a mais difícil entender. O que eu queria ensinar, eles não estavam precisando... o que é importante para mim que as pessoas saibam, não é de fato que as pessoas precisam saber. Aí eu demorei para entender assim, que eu estava tentando, enfim... Isso foi mais difícil, a parte de ser

muito jovem e ser respeitada pelos alunos também era difícil, mas eu estava fora do meu controle.

E - E em relação aos outros professores? À parte administrativa da escola, eles sabiam sobre a tua sexualidade? Como foi? Isso foi uma questão para eles ou foi muito tranquilo também?

R - Não, foi bem... Quando eu comecei depois da faculdade, eu comecei numa escola e daí lá eu conheci a minha companheira. Ela era professora de história e a gente se conheceu na escola e a gente se envolveu. Mas nada de cabuloso, sabe, só que ela era casada, mas a gente não teve um caso, foi tipo assim: a gente era amiga e daí eu me apaixonei por ela e eu falei: óh, seguinte: estou apaixonada, tá? E daí ela falou: “poxa, eu também”. (Risos) Daí eu falei: tá, mas eu não quero ser amante de ninguém, se resolve e tal. Acho que deu uma semana, ela conversou com o cara, com o marido dela, que era professor também, que ela queria separar e tal, daí foi e a gente assumiu o relacionamento porque não tinha nada de errado. Só que aí o diretor chamou a gente para falar que estava tudo bem e não sei o quê, mas eles se meteram de uma forma que era para não ser homofóbico mas chegou a ser. Ele é casado com uma mulher que eu acho que já se envolveu com mulheres no passado. Eu não sei se ela é bissexual, se ela é lésbica, mas eu sei que ela é muito católica e ele também, e daí ele falou para a gente assim: “ah, porque a minha esposa, você sabe que ela também já foi sapatão, né? E eu que tirei ela dessa vida”, um negócio assim, daí eu fiquei tipo: Hmm, está tudo bem. “Mas está tudo bem para gente, tá?” Daí eu: tá, né? Mas esse cara, nossa, é muito pirado. Ele me assediou muito moralmente assim, tanto que eu saí dessa escola depois, não sei se era algo dele reprimido de homofobia ou se ele realmente não gostava de mim. Porque da minha companheira, Camila, ele adorava, tá? Ele adorava ela, mas ele me odiava.

R - Aí foi isso, não era uma homofobia, mas era.

E - Sim, e em relação na atualidade, agora, mudou alguma coisa? Na escola, onde você está trabalhando, se mudou o tipo de relacionamento que você tem ali com os professores, os gestores.

R - Cara, sabe que eu estava lembrando que quando eu comecei, a gente sofre, eu sofria muito assédio dos alunos, assédio assim, tipo assédio. E tinha uma guria, meu Deus, tá muito engraçado. Ela estava no terceiro ano e ela era muito sapatão, só que ela ainda não estava performando, sabe? Ela era dentro dela, eu acho que se pá até guri trans, eu não sei. E daí ela falava umas coisas tão engraçadas para mim,

de dar em cima, mas era tão engraçado que eu não sabia nem o que falar e daí eu acho que por ter essas personalidades na escola, as turmas não eram preconceituosas, porque tinha sempre esses indivíduos que, cara, ela era esquisita, sabe? Ela não apenas era homossexual, era uma criatura estranha. E aí eu lembrei disso agora, e depois encontrei ela e ela estava super masculinizada, rolou algo nela que foi... ela deve ter vergonha dessa época, porque ela era muito sem noção. Aí hoje em dia... eu levei muito tempo para me assumir na escola depois que eu mudei da rede estadual para a municipal, eu demorei muito, tinha muita questão com isso, de sair do armário no trabalho, mas depois eu entendi que não era por causa do trabalho, era por causa da minha companheira que eu já não queria mais aquela relação, daí assumir aquela relação significava outras coisas pra mim. Mas hoje em dia, tranquilo, se me perguntam se... tem muita gente que me conhece, que conhece a minha ex companheira, então é uma coisa normal, naturalizada. Se os alunos perguntam: “professora, você LGBT?”, eu digo: sim. Mas também não dou muita corda, porque é problemática, então eles falam que perguntam, eu respondo e acaba ali para não criar tabu, sabe?

E - Aham.

R - Mas para ninguém depois falar: “a professora Bárbara está falando sobre lésbicas”, então eu simplesmente respondo perguntas bem pontuais.

E - Sim, entendo. Em relação aos comentários dos alunos, já teve algum tipo de comentário ofensivo para ti?

R - Não ofensivo, não, nunca na minha frente, não. Pelo contrário, eu senti de identificação já vários: “professora, você...”, eles vêm perguntar, parece que eles têm um olhar assim: pelo amor de Deus, diz que sim! Eles vêm: “professora, você é hetero?” Daí eu falo: não. Eles perguntam coisas... eles perguntam tudo ao contrário, eles não vêm perguntar: “você é lésbica?”, eles perguntam: “professora, você é hétero?” E eles já têm um não, daí eles vão afunilando a pergunta até chegarem: “qual é o nome dela?”. Daí eu falo: gente, é demais, porque vocês vão *stalkear*, deixa quieto.

(Risos)

E - Sim, e teve algum comentário desses de identificação que te marcou mais? Que você lembra que foi muito marcante mesmo?

R - Eu lembro de um que é de uma guriazinha, que era muito tímida, muito quietinha e ela é acho que não binário assim

E - Aham.

R - Eu confesso que eu sou uma avó para essas nomenclaturas assim, eles estão me ensinando, na verdade, mas eu entendo do que se trata de longe assim. Entendo, entendo, aí ela veio me falar porque ela falava “ela”, falava o nome dela, Julia, então eu me permito falar ela. Aí ela: “professora, você é LGBT?” e daí eu: sim. Daí ela: “Ai que bom, graças a Deus” e ela voltou para a carteira assim depois ela voltou: “é porque eu também sou, sabe?” Daí ela começou a falar assim, muito empolgada, mas ela é muito quieta e deslocada da turma, foi muito bonitinho esse dia foi bonitinho, daí teve uma outra menina no passado também que veio: “professora, você é bissexual?” eles perguntam assim.

E - Sim.

R - Daí eu: não. Daí ela: “lésbica?”. Sim. Ai ela: “Ai!”. Eles ficam feliz.

(Risos)

R - Eu entendo, eles ficam felizes, daí ela: “ai, está bom. Eu também.”, e ela voltou para o lugar. *(Risos)* Bonitinho.

E - É muito, é muito interessante, o sentimento de alívio parece, né?

R - Aham.

E - Que eles têm quando isso acontece, né? Não sei.

R - Cara, eu não contava no começo, eu até mentia. Já cheguei a falar que eu tinha um marido e tal, mas depois que eu consegui de me desprender e falar, eu vi que é tão melhor, porque daí os que não são LGBT, eles estão cagando assim, eles não estão nem aí. Essa faixa etária, a menor parte eu percebo que é homofóbico, tem um e outro que é muito conservador na família mas que também não ofendem. Se fala, fala pelas costas, eu acho que até se nega de entender que eu sou LGBT, sabe? Que às vezes eles gostam da gente e se negam: “não, essa professora não, não, é mentira”. Mas é muito engraçado. Uma vez eu cheguei na escola no passado, na sala e a guria chegou, uma guria indignada: “professora...” umas 3 meninas, uma roda: “professora, você não sabe. A gente estava numa discussão na aula de português porque a professora botou o nome, ela botou a Pablllo Vittar no negócio, sabe? E daí tinha uma guria...”, vamos supor: eu estava aqui, daí as meninas vieram: “a fulana de tal falou que ela é contra, que isso é um pecado e não sei o que”. E elas estavam indignadas porque tinha uma menina homofóbica na sala que falou a sua opinião, a turma estava indignada: “Como pode? Porque não tem nada a ver.” E daí eu: Pois é, né, gente? Que coisa louca, mas vocês... está tudo bem para

vocês então? “Está sim”. Então está bom, vamos sentar, porque também não vou dar corda, a gente tem que pisar em ovos.

E - Sim.

R - Mas foi interessante.

E - Muito bem. E a gente está encaminhando assim já para a finalização das nossas perguntas aqui.

R - Uhum.

E - Mas eu quero saber se você acha que a forma como você se posiciona, em relação a tua sexualidade, tem algum tipo de impacto na tua prática docente?

R - Peraí, meu gato espirrou... Eu acho que sim, eu acho que sim, pelo fato de eu ser professora de arte, isso faz muito diferença. A prática pedagógica não. As estruturas da aula em si, mas a outra parte que está implícita no cotidiano e na lida com as diferenças e com a tolerância e com outro e com diálogo, aí sim, eu acho que é importante a parte mais humana da educação. Não que tenha uma parte não humana, mas essa parte do convívio, da interação, sim.

E - Tá, entendi. E agora, uma pergunta um pouco talvez difícil de responder tão praticamente, mas você se considera uma boa professora?

R - Sim, uhum, hoje sim. No presente, sim, ano passado não, esse ano sim, isso vai mudando conforme o quanto eu consigo me envolver, me engajar no trabalho.

E - Aham.

R - E tem épocas que as turmas não... que não acontece aquela conexão e você não consegue fazer as boas aulas que você quer. Então, tem anos que eu me considero uma boa professora e tem anos que não, ano passado não fui uma boa professora e esse ano acho que acho que está rolando legal, porque eu mudei de escola e daí tá bem interessante.

E - Bom, bom. E em relação à cidade, você acha que tem, na sociedade no geral e na cidade, você acha que tem uma perspectiva positiva para a comunidade LGBT? As coisas estão melhorando?

R - Eu vou te falar a minha leitura da sociedade vendo as crianças.

E - Ok

R - Acho que sim, mas agora, se eu olhar os pais das crianças, eu acho que não.

E - Tá.

R - Ou acho que sim, mas muito mais lento do que eu gostaria. Mas quando essas turminhas tiverem filhos, eu acho que o mundo vai ser mais tolerante, porque eles

são muito mais, muito mais tolerantes do que os pais, por exemplo, acho que é uma tendência, apesar de eu viver num lugar muito, muito, muito bolsonarista, que acho que só esse rótulo já explica muito do pensamento de uma sociedade. É uma cidade que valoriza muito o trabalho, o trabalho que eu digo industrial e então os valores são esses: da família heteronormativa e tudo mais. Eu acho que bem racista também. Então, considerando tudo isso, até acho que as coisas estão indo razoavelmente bem, poderia ser melhor, mas não dá pra esperar muito daqui não.

E - Tá, entendo. Bom e para a gente finalizar, eu queria saber qual foi a experiência de contar a tua história, como ficou isso para ti?

R - Cara, é bacana, penso... Eu sinto que é importante falar sobre isso, acho que por isso eu topei falar contigo. Porque acho que as pessoas tem que escrever sobre, e pensar a educação por esse viés, porque as pessoas, as professoras lésbicas existem, né? E não tem como isso não influenciar na nossa prática docente, porque a gente não é uma máquina ensinando, não tem como, o trabalho docente é um trabalho de uma pessoa, de outras pessoas, então eu acho que como pessoa que sofre uma opressão cotidiana, não sei, muda muito. A minha visão de mundo com certeza é diferente de uma mulher hétero e eu vou falar uma parada complicada, mas eu acho que a gente está mais preparado para lidar com a tolerância. É uma ideia que eu tenho, não é todo LGBT que estar, mas eu acho que é a pessoa que sofre algum tipo de opressão, que tem que cuidar para dar a mão na rua, que não anda em algumas ruas de mão dada com a companheira porque tem lugares que... eu acho que a gente vê o mundo com uma lente que só a gente vê.

E - Sim.

R - Eu acho que contar minha história é interessante, mas qualquer história de qualquer professora lésbica eu acho que seria importante. Acho que eu só falo por... represento um grupo de pessoas, mas eu conheço várias professoras, principalmente bissexuais, conheço bastante, acho que está difícil gostar de macho (*risos*), estou brincando!

E - Certo, muito bem, tu quer adicionar mais alguma coisa ou eu posso encerrar? Porque depois que eu encerro, ainda quero conversar contigo mas aí é fora das gravações.

R - Não, tudo tranquilo.

E - Posso encerrar então?

R - Pode

E - Encerrando aqui.

(A gravação é encerrada pela entrevistadora após o consentimento da entrevistada. Após esse momento, há uma conversa entre a pesquisadora e a participante, onde agradecimentos pela participação são feitos e há um compartilhamento de experiências relacionadas à sala de aula. Por fim, a pesquisadora indica que entrará em contato em breve com alguns resultados da pesquisa.)

APÊNDICE K - Entrevista com Gabriela Lennert Alves da Silva

ENTREVISTA CEDIDA À PESQUISA EM ANDAMENTO “‘UMA PROFESSORA COMO EU’: NARRATIVAS SÁFICAS EM SALAS DE AULA COMO PATRIMÔNIO CULTURAL”.

Entrevista com Gabriela Lennert Alves da Silva em 05/03/2024. O encontro foi realizado na Universidade da Região de Joinville - Univille. Estavam presentes:

- Gabriela Lennert;
- Bianca Beatriz Lourenço Melatto.

Edições:

1. A transcrição foi realizada por Bianca Beatriz Lourenço Melatto;
2. Os símbolos utilizados representam:
 - a. E – Bianca Beatriz Lourenço Melatto;
 - b. R - Gabriela Lennert
 - c. (?) – Incerteza sobre a grafia.
3. Itálico: Contextos fora do desenvolvimento da entrevista;
4. Revisão feita por Bianca Beatriz Lourenço Melatto. Nesse momento, realizou-se uma limpeza dos cacoetes da fala, um acréscimo de palavras entre parênteses que ajudam no entendimento do contexto, e a formatação do texto. Foi optado por fazer algumas pequenas correções, especialmente nas palavras como: tá-está; pra-para, pro-para o, né-não é?, tava-estava, tavam-estavam, num-em um. Em alguns casos os cacoetes foram mantidos como o ‘né’ (em algumas ocasiões), ‘aí’, ‘é’, ou ‘daí’. Foram mantidas também as construções das frases e o estilo da oralidade.

Introdução

Antes de iniciar a gravação, a entrevistadora explica sobre os termos de doação e de esclarecimento sobre a entrevista. A entrevistada concorda em iniciar a gravação.

E - Pronto. Para começar, eu queria que você disse seu nome completo, data e local de nascimento.

R - Meu nome é Gabriela Lennert Alves da Silva, 23 de maio de 1996, em Jaraguá do Sul, Santa Catarina, Brasil.

E - Muito bem. Vamos começar pela parte da tua infância. Como foi? Você tem irmãos? Quantos irmãos?

R - Eu tenho um irmão por parte de pai, por parte de mãe eu sou filha única. Esse irmão eu não tenho muito contato, tive ali na infância mas depois da adultez cada um seguiu o seu rumo, somos pessoas muito diferentes. Mas a infância foi bem tranquila, bem normal, bem caótica em alguns momentos, coisa de criança mas foi bem normal eu diria, tudo que é esperado de uma criança.

E - Muito bem. Se você tivesse que descrever o seu pai, como você descreveria ele?

R - Uma pessoa bem efusiva, uma pessoa efusiva porém com um lado bem doce, mas bem efusivo.

E - E a sua mãe?

R - Muito dedicada. Acho que por ser filha única da parte dela, eu criei um vínculo maior com ela do que com ele. Mas ela é mais mãe, fora os estereótipos de mãe.

E - Me descreve um pouco da tua infância. Como era o bairro, a rua onde você cresceu?

R - Eu cresci junto com a minha avó paterna, a gente morava todos juntos. Depois dos 9 anos, ela faleceu e aí a gente partilhou herança, tudo mais. A gente se mudou, a gente morava num bairro ali grande de Jaraguá até os 9 anos, uma infância bem corriqueira, criada pela avó e aí depois a gente sai dali, vai para um bairro mais para o interior que é mais perto também... ali eu acho que me formei, já nesse outro lugar, já estava maior e tal. Então foi nesse bairro que eu tenho mais lembranças frescas deste período.

E - Como você costumava brincar nessa época?

R - Na primeira parte da infância era muito sozinha porque era um bairro maior, uma rua principal, não tinha como brincar na rua. Nesse outro bairro, que era mais afastado, já brincava na rua. Então na primeira parte da infância foi mais solitária, bem criativa, uma criança que imaginava muitas coisas, brincava na árvore, subia, sempre com joelho ralado e na outra, já na pré-adolescência nesse outro bairro, já era mais jogar bola, jogar vôlei, futebol, mais perto da escola também, vivia muito. Foi nesse momento que eu acho que me veio o vínculo tão forte com a escola.

Estudava de manhã, fazia monitoria na biblioteca de tarde a semana inteira, fazia vôlei, fazia futebol, tudo que dava para fazer na escola eu queria estar fazendo.

E - E a tua brincadeira favorita, qual era que tu gostava de brincar?

R - Ah, agora eu vou ser bem sáfica. Eu gostava de brincar de Barbie.

E - Sério?

R - Real, era Barbie nesse primeiro momento, daí depois quando comecei a entender que jogar bola era legal também, daí foi jogar bola, Barbie, Polly, bonecas nesse lado.

E - E dentro de casa, como era a rotina? Costumava ter muitas atividades domésticas?

R - Como eu sou filha única de criação porque meu irmão nunca morou com a gente, morava com a mãe dele, e por ser mulher, menina, desde cedo aprendi a ajudar, a me virar, fazer as coisas, seja comida, seja limpeza de casa, estava sempre ali ajudando, sempre sendo proativa nesse sentido.

E - E nesse momento, tinha uma diferença: olha, você tem o teu momento de estudar, de fazer as coisas na escola e de casa?

R - Sim, minha mãe sempre foi muito regrada com isso, ela sempre cobrava bastante, teve um ano que eu fiquei quase em recuperação, naquela época tinha recuperação ainda, e só por eu quase ficar em recuperação, nossa, foi um trauma instaurado. Eu acho que por isso fui muito dedicada nos outros anos, para não chegar neste ponto, mas era bem criticada.

E - E um pouco mais na tua adolescência, na tua juventude, como era? Você morou na mesma cidade?

R - Morei ali, continuei naquele mesmo bairro, aí comecei a fazer estágio na Delegacia da cidade. Então estagiei lá por dois anos e meio, até na metade do ensino médio. Então já estudava à noite, já tinha uma rotina ali de trabalhadora, já conseguia perceber o mundo de outra forma. Daí relacionava o estágio com o estudo, estudo à noite, ajudar em casa na parte da manhã. Então, foi bem agitado os primeiros anos, mas sempre com a família ali do lado, os meus pais fizeram um ótimo papel nesse sentido de orientar e falar o quanto era importante saber dosar o tempo nesses dois lados, mas também festinha, essas coisas de adolescente, não seguia a risca, essas coisas que a adolescente faz.

E - Certo. E qual era a forma que tu usava para se divertir nesse período?

R - Ah, acho que muita rede social, era no início das redes sociais, do twitter, do tumblr, então passava muito tempo nesse meio. Eu acho que foi isso que eu consegui descobrir a minha sexualidade, descobrir eu acho que não é a palavra certa, porque sempre estava ali, sabe? Desde as brincadeiras lá da da infância, sempre está ali, mas se evidencia mais quando você vê que outras pessoas pensam como você pensa e sentem que nenhuma experiência única, né? A rede social trouxe isso porque até então, no meu grupo de amigos, eu fui a primeira a me assumir. Então isso foi um choque para as outras que se assumiram depois, mas que naquele primeiro momento rolou um estranhamento comigo. Sabe, a primeira lesbofobia assim, porque de cara, eu já me assumi lésbica, não passou nem pelo passo do bissexual que geralmente é, não, eu já sabia, não precisei nem experimentar para saber o que...pô, a gente tá falando isso há mais de 10 anos atrás, muito mais de 10 anos, uns 15 anos atrás, então fui a pioneira do meu grupo de amigas.

E - Mas é uma situação que muitas vezes ela é passageira, como você falou, outras depois vieram a descobrir a mesma coisa que você já estava falando há algum tempo atrás. E como é que foi assim perceber isso? Qual foi o momento que você falou: “é, eu acho que realmente...”?

R - Eu lembro da minha infância, uma frase da minha avó que ficou muito marcada para mim, que ela virou para minha mãe, que eu tinha falado assim, eu estava jogando bola com meu pai e a gente estava sentado, olhando e eu falei assim: espera aí que eu preciso tirar a água do joelho. Sei lá, 7, 8 anos, criança, sem saber o que era tirar água do joelho e daí a minha avó virou para minha mãe e falou, isso a avó paterna: “eu não quero nem estar viva quando essa menina crescer”, isso ali ficou marcado para mim, sabe? E a minha mãe uma leoa super protetora, enfim, e aí quando eu me descobri, eu não esperei muito tempo para contar para minha mãe, tanto é que ela me abraçou direto, ela falou que sempre soube, então para mim foi muito natural, não sofri o que, infelizmente, a maioria das mulheres lésbicas, pessoas LGBTQs né, sofrem em casa, que é a homofobia, a lesbofobia, eu não senti isso da minha família, o núcleo bruto ali, pai, mãe, mas os demais a gente sabe que teve mas nada escancarado, para mim foi um momento que eu me coloquei no mundo, eu acho que a partir do que a gente se aceita porque para mim, eu acho que não passei por nenhum período “nossa, eu estou em dúvida”, sempre foi muito natural dentro de mim, meu, quando era criança e sei lá, infância ali, imaginar casar,

que era algo muito comum, eu sempre me imaginava casando com uma menina, tipo as brincadeiras, eu sempre queria brincar com as meninas, mas porque eu achava os meninos muito chatos, sabe, de uma admiração feminina que eu não conseguia ter com os meninos, nem de gostar e se falava ali que gostava, mas era algo bem forçado para se encaixar ali, eu escolhi um menino que eu achava que era menos chato, menos babaquinha, para falar que tava gostando, mas não para...

E - Para fechar aquele padrão?

R - É, daí quando era para, por exemplo, ali 12, 13 anos, perder o bv, essas coisas, também não foi com o menino, e por mais que você tenha insistência ali das coleguinhas, não rolou desse jeito.

E - Uhum, sim. E em relação, fiquei curiosa, em relação à sua avó, ela chegou a ver esse processo?

R - Não, não, como eu falei, ela morreu quando eu tinha 9 anos. Mas ali os primeiros sinais ela viu, sabe, porque eu era uma...como a gente sabe que não existe brincadeira de menino e de menina, mas você subir na árvore, viver com o joelho ralado, gostar de jogar futebol, era uma coisa que ela já encarava como sendo de menino, e que eu fazia.

E - Sim, muito bem, e essa socialização de quando você descobriu “é isso mesmo, gosto de meninas”, você falou para sua família e disse que tranquilo, em relação ao grupo de amigos, como é que foi essa primeira reação que você já mencionou? Mas eu queria que você explicasse.

R - É porque eu me assumi ali, deixou pensar, eu gosto de me localizar também por datas, mas eu tinha uns 14 anos, porque até ali os 14 anos, acho que eu não sentia vontade de ficar com alguém, as coleguinhas já namoravam, mas eu não tinha essa vontade, porque o padrão era menina e menino, então, como eu fugia desse padrão, acabava não sentindo essa vontade, mas aí foi mais um passo na vida lésbica, que é se apaixonar pela melhor amiga, então foi nesse momento ali que eu joguei na roda: “ó tô gostando de você e tudo mais”, só que ela me acolheu muito bem essa amiga, não gerou um conflito, ela só conseguiu verbalizar que não era a mesma coisa que ela sentia naquele momento, porque daí depois que você implanta a sementinha, as pessoas também vão se questionando, ela também se questionou, mas hoje ela sabe que é hétero e tudo mais, mas naquele momento ela se questionou, e as outras amigas que viam pelo lado de fora, algumas entendiam que sim, eu já dei sinais, evidências e outras criticaram, sabe? E anos depois vieram se

assumir, hoje estão casada com mulheres, foram 2 amigas em específico, assim que estranharam mas depois, eu tinha junto comigo um amigo que foi meu amigo por muito tempo, que nessa fase ali que eu estava me descobrindo lésbica, ele estava se descobrindo um homem trans, é, então a gente caminhou juntos nessas novas descobertas ali.

E - Sim, muito bem. E como é que foi assim, o evento canônico na vida de toda mulher sáfica, a primeira namorada?

R - É, então eu não cheguei a namorar com essa amiga ali, a gente deu uns beijinhos, mas coisa de momento, primeiro relacionamento de colocar aliança no dedo, sabe aquela expectativa de adolescente? Foi com uma menina que eu conheci em Blumenau, jogando futebol, ela morava com a avó dela e aí quando os pais ela descobriram, chamaram ela pra morar de novo na casa deles, que era lá em Itanhaém, em São Paulo, então mais uma vez, mais um checkpoint aí, relacionamento a distância, que foi ali por um ano por aí, mas foi bem traumático, fui 3 vezes para lá, mas foi assim de...aquele trabalho, naquele estádio era tudo regadinho pra comprar passagem, pra alugar um hotel, alguma coisa assim, e ir pra lá, então foi bem sofrido, de os pais dela tiraram o celular dela e eu comprei um celular pra gente conversar, essas coisas assim, de colocar crédito no celular da outra e de ligar de madrugada e só poder falar de madrugada escondida. E pra mim foi muito ruim, porque eu tinha toda a liberdade que eu tinha, já trabalhava, já era assumida, já era bem acolhida, então eu sofria a homofobia, que não era diretamente pra mim, foi bem triste. Aí depois dessa primeira namorada, que eu gostei muito assim, foi muito forte mesmo.

E - Quantos anos isso?

R - Com 15, eu conheci ela com 15, 16. Nossa, depois dela, eu fiquei um ano sem sair com ninguém, sem olhar para o lado, eu acho que estava assim, primeira recuperação de fato, que foi uma ruptura muito forte, até porque eu nem via ela, então nem tinha porque eu sofri tanto, mas tu tava tão acostumada naquela rotina de relacionamento à distância que foi uma dor, tanto é que eu fiquei aquele período sem celular, para não sentir falta, estragou depois, e pensei meu, não precisa disso, nem vou usar, foi bem traumática essa primeira, sem falar de que ia se matar, essas coisas assim, muito traumática, de primeira experiência com antidepressivo foi por causa dessa relação e nossa, minha mãe me acolheu muito bem, sem a sustentação dela e desse amigo ali, eu não tinha conseguido, foi punk, foi o primeiro

relacionamento, sabe? A primeira experiência de tudo dentro de uma relação e imaturidade, somada imaturidade.

E - É uma equação que gera assim é como é que fala, um agravante, né? Acho que o fato de ter 15, 16 anos, estar descobrindo todas as primeiras experiências e ainda numa conotação dessa, acho que acaba ainda agravando a situação. Muito bem, partindo um pouco mais para o lado da tua formação, o que que te motivou a fazer uma licenciatura?

R - Primeiro, eu acho que não foi a licenciatura em si, sempre gostei muito do ambiente escolar, mas eu gostava muito de estudar, então eu pensava assim, meu, eu gosto das humanas, meu primeiro objetivo era fazer uma filosofia, passei em direito na UFSC, só que lá em Floripa, daí ficou muito inviável. Mas o que eu queria mesmo fazer era história, era uma disciplina que eu sempre gostei, a literatura que eu gostava de ler também, nesse período ali, lá na delegacia, a gente tinha contato com várias obras do acervo lá da delegacia mesmo, então foi ali que eu comecei a primeira trajetória acadêmica, de contato com as obras, então acho que é isso que me motivou para a história. A licenciatura veio de brinde, sabe quando você vai entrar...o pibid é que me fez ter a noção de licenciatura, por que foi no segundo ano ali da faculdade, até o primeiro ano eu estava meio é quero ser historiadora, será que é isso que eu quero, quero trabalhar em museu, o que eu quero, o que eu estou fazendo aqui, mas isso aí é experiência, né? Foi na prática ali que...

E - Como é que foi?

R - Então, abriu o edital para o segundo ano de pibid, eu tinha pibic também, tinha pibic com o professor Wilson, que era lá em Jaraguá, era sobre segunda guerra mundial, era o que me motivou também a entrar na graduação, esses temas de guerra, que depois que a gente tem contato, é a última coisa que a gente gosta. Então daí eu fiz ali no Faraco, Pasqualini Faraco, foi ali, eu fiz 2 anos ali, daí era vindo para cá de manhã, daí voltava para Jaraguá e depois voltava para cá, ou ficava o dia inteiro aqui, era bem puxado, mas foi uma experiência muito boa, de tanto de observação, porque daí você entra na sala de aula observando como estudante que é de graduação, que é totalmente diferente de você estar assistindo como aluna, você já se liga mais na didática do professor e que me mostrou que era isso dali que eu gostava, sabe, o pibid foi o que me...tanto é que eu tinha um pibic também, tinha pesquisa também, mas foi a área de lecionar.

E - De estar na docência. Bem, e como é que foi assim entrar em sala de aula como professora? Essa primeira experiência.

R - Tirando o estágio, né? vamos pensar na quando for regente em sala assim, né? Foi assustador porque era naquele tempo que dava para pegar disciplinas afins e eu peguei sociologia. Tudo bem que a gente tem essa transdisciplinaridade aqui na graduação, a gente lê outras obras sem ser da história, só que foi assustador, porque tinha que estudar de novo aquilo que eu ia aplicar e a diferença de idade era pouca assim, eu estava com 21 anos quando eu assumi, e foi uma turma de terceirão, a primeira turma, então, foi começar uma tatuar a primeira tatuagem no pé, aquela mais dolorida que tem. Mas foi dessa turma que eu tenho ex-alunos que agora são meus amigos até hoje, eles me receberam muito bem e era uma turma que era muito à frente do tempo deles, de pensamento, sabe? Então foi bem positivo e daí depois abriu mais aula naquela mesma escola, peguei história, peguei história para sexto ano, nossa, foi aonde eu me apaixonei por sexto ano que eu pensei, meu...é até hoje as turmas que eu mais gosto são sexto e sétimo, e foi bem positivo, foi ali “meu, o que eu estou fazendo aqui?” Não é aqui, é aqui que eu quero, antes de passar, eu não tinha feito a prova do estado, então fiquei, me formei e fiquei um ano sem trabalhar na área, trabalhei no comércio, então você sai do comércio, ir para tua área de estudo é uma o que vier é lucro, foi uma experiência boa, foi difícil, mas foi, foi legal.

E - Sim e se tu tivesse que me dizer assim, as dificuldades que tu enfrentou, elas estavam relacionadas ao que?

R - A condição, o primeiro momento ali de ser professora, a escola era muito longe da minha casa, não tinha carro, então levantar... saía de casa cinco e meia para ir para o terminal central, da central, ir para para escola, então foi bem perrengue nessa situação de transporte, saía de manhã e voltava bem de noite, porque daí conciliava manhã, tarde e noite, quanto mais conseguia colocar no mesmo dia, pra evitar o transporte, peguei quatro escolas naquele ano, foi bem...porque eu não tinha feito a prova, eu tava na chamada pública, era aquelas aulinhas, as excedentes, um pouquinho em cada lugar. Mas que foi muito legal, depois dessas escolas, eu voltei outros anos e sempre bem acolhida entre eles. Foi um perrengue a questão de locomoção e em relação às metodologias, acho que o primeiro ano a gente sofre muito para conseguir pensar em dinâmica de sala de aula, o tempo, todo o teu planejamento, às vezes a gente coloca, meu, colocava muitas coisas para

trabalhar em uma aula que não dava certo, primeiro ano foi de você aprender a lidar com a sala de aula.

E - Sim...

(Nesse momento, a entrevista é interrompida por uma moça que buscava informações sobre espaços da universidade)

E - Continuando.

R - Das dinâmicas de salas de aula, Do primeiro ano, muitas coisas, muito pouco tempo Pouco tempo é o salário bem baixo ainda, era aquele primeiro primeiro contato com o estado, mas tive muitas experiências positivas, foi um ano que eu viajei 2 vezes com a escola, essas dinâmicas de escola, a gente também vai pegando esses pontos positivos, fiz amizades que eu tenho até hoje do círculo de professores, que querendo ou não, quando a gente quer se unir, a gente consegue, foi bem positivo nesse sentido. De dificuldade mesmo vejo mais a questão burocrática das coisas, do que a vivência em sala de aula, porque a gente sabe que a realidade da graduação, quando vai pra sala de aula, a gente já tinha em mente isso, que é outra coisa, muitas vezes a gente romantiza demais

E - Sim, e normalmente é o que a gente enfrenta de dificuldade, não é aquilo que a faculdade te disse que seria essa dificuldade. E em relação aos professores, como é que foi esse contato com o primeiro contato com os colegas, né?

R - Sim, nesse eu naturalmente sou uma pessoa mais fechada assim quando eu não conheço as pessoas, é partindo essa questão de posicionamento político, sexualidade, essas coisas assim, eu evito conversar no meu local de trabalho, até porque a gente nunca sabe com quem que a gente está falando, então, até eu saber aonde que eu tô pisando, eu vou me mantendo mais fechada, mas depois as pessoas vão dando indícios também, e aí a gente consegue se abrir, são poucas pessoas no trabalho que sabem, não atualmente, mas ali nas outras escolas, aqueles que sabem quem eu sou, o que eu penso, acho que eu vou guardando, até porque uma coisa que eu sempre falo, meu trabalho é com os alunos, não é com com os professores, então o meu local de emancipação é dentro da sala de aula, não é na sala dos professores, até porque é muito difícil você mudar uma mentalidade de alguém que que acho que já sabe tudo, que é uma classe que tem esse pensamento, que não estão muitas vezes dispostas a aprender com o diferente, muito menos com os alunos.

E - Sim, com certeza. E em relação a essa socialização no ambiente de trabalho da tua sexualidade, quando que acontece?

R - Quando eles pedem para me seguir no Instagram, eu não sou uma pessoa que costumo usar muito Instagram, é só para olhar o dos outros, não o meu, mas aí, quando eles pedem para seguir no Instagram, daí eles já fica nítido, por conta do relacionamento e tal. Mas quando tem um outro professor que é gay ou lésbica, ou que dá essa abertura, que fala de uma forma natural, ou quando alguém pergunta, quando pergunta diretamente: “ah, como que é o nome do teu noivo? Como é o nome?”, eu falo: é noiva, é a Ana, eu vou nomeando...

E - Não mente.

R - Não minto, não abaixo, a bola em relação a isso, sabe? Mas não é algo que eu levante como causa principal e não resume quem eu sou, mas é uma parte muito importante que vai definir o que eu penso, como eu ajo, minhas condutas, mas não é somente isso.

E - Sim, claro E hoje em dia mudou alguma coisa em relação a isso?

R - Mudou, porque agora eu e a Ana, mais uma vez a gente viu um relacionamento à distância, por 7 anos, e no ano passado eu fiz prova para a cidade dela, que é no interior de Rio Negrinho, é o interior do interior, é uma região que tem, sei lá, não chega a dar mil habitantes, estou dando aula na escola que ela estudou a vida inteira, os professores que estão lá são professores que já deram aula para ela, então é uma coisa que não dá para evitar, até porque eu moro na rua da escola, a casa dela fica na rua da escola, então os alunos, eles sabem onde que eu estou morando, é uma coisa bem diferente para mim, porque nos últimos dois anos eu morei em Jaraguá e trabalhava em Massaranduba, os alunos não faziam ideia quem que era minha família, quem que era Ana, quem que era...agora não, agora é...

E - É o contato direto.

R - Agora não dá para você fugir menos ainda, até essa semana teve uma situação que teve uma aluna, sei lá, sétimo ano, novinha, que falou assim: “Ah, professora, você é a cunhada daquela moça que trabalha no posto de saúde, porque meu pai falou que você é cunhada dela”, que o pai falou, aí eu falei: “não, ela não é minha cunhada”, e daí eu pensei que ia morrer ali, né? Pensei, sétimo ano, não vamos... mal conheço eles, essa a imagem de mim eles estão criando ainda, né?

E - Muito cedo ainda.

R - Não tem um mês de aula ainda, daí ela pergunta: “Ah, então você é o que dela?” Daí eu falei: noiva. E ela ficou: “o quê?” Aí a outra menina do outro lado da sala, prestando atenção no assunto que não era nada a ver com ela, falou assim: “professora também sou”. Ainda bem que era num momento de uma atividade que eles estavam fazendo em dupla, a maioria da sala não ouviu, mas eu já me posicionei para o sétimo ano, a turma mais nova que eu tenho, aí o outro menino ouviu, ele ficou assim e daí continuou a pintar, sabe? Não gerou tanto estranhamento que eu achei que geraria.

E - Sim, menos mal, nesse aspecto.

R - Foi positivo, fiquei pensando depois, mas eu pensei “meu, o que é que eles vão fazer? Vão me punir por eu ser lésbica?” A gente fica pensando, eu nunca vivi uma lesbofobia diretamente, eu não sei nem como eu reagiria nessa vivência, porque é muito diferente, assédio dentro de um casal lésbico, a gente sofre em qualquer lugar que a gente vai praticamente, então não é uma lesbofobia, não é uma nesse estilo de violência, não sei como seria se fosse direto de pais de alunos, essas coisas.

E - E falando sobre isso, queria até perguntar se tu já ouviu algum tipo de comentário ofensivo a respeito disso vindo dos alunos?

R - Diretamente para mim não, nesse primeiro momento, às vezes eles não sabem, eles costumam fazer piadas machistas, homofóbicas entre eles, mas diretamente para mim, não. Só que eu pontuo muito que esse tipo de comentário não tem espaço na minha sala de aula, em qualquer nível de preconceito é uma coisa que eu sempre repreendo, eu sou muito anti-punitivismo, só que nesse caso, não tem como a gente abaixar a orelha e fingir que não ouviu, esse caso, racismo, machismo, homofobia, eu tento trazer para mim, é minha bandeira também, não tem como negar isso. Então, diretamente para mim, nunca ouvi, mas é entre eles, sim, e o que entre chamar uma menina, que ano passado tinha isso, que também a gente notava que era uma menina sáfica, e que ela sofria bastante dos colegas, só que ela ria, você vai rindo da piadinha, que no fundo não é piadinha e eu tive que levantar a voz com eles ali nesse sentido, aí dentro da minha sala de aula não vou rolar mais isso. Teve um outro momento, agora me veio, nessa mesma turma que um aluno falou, era alguma coisa sobre um casal lésbico ter filhos, ele falou alguma coisa: “Ah, e como que vai engravidar? Precisa de um pinto para engravidar”, essas coisas, repreendi também, aí o menino veio pedir desculpa depois aula, veio pedir desculpa para mim, falou que não queria me ofender, até porque era um aluno...aquele que

mais faz bagunça na sala, o capetinha da sala, mas que ele tinha uma identificação comigo porque eu tratava ele bem, é uma das coisas que eu já ouvi muito dos alunos que são mais rebeldes, porque é que eu trato eles bem? É uma coisa que eles não se identificam com os outros professores.

E - Muitas vezes não é o tratamento que eles recebem dos outros professores.

R - Acho que é nisso que ele tocou, porque ele já tinha sido meu aluno no ano anterior, ele tinha reprovado e tal, então ele já sabia de mim, pesou o que ele falou antes, naquele momento foi um ponto bem positivo para mim, olhei para ele com outros olhos, de você também consegue reconhecer que aquilo que você fez é errado.

E - E em relação ao administrativo, pai de aluno, alguém já falou alguma coisa assim?

R - Nunca, uma diretora uma vez, eu nem lembro que conteúdo, que situação que era, mas ela tinha falado alguma piada homofóbica na minha presença, lesbofóbica eu acho que foi, eu estou tentando puxar na memória o que era, mas eu não consigo lembrar, só sei que foi na sala dos dos professores, na mesa dos professores e ela sabia de mim porque tinha assessora dela, eu e a assessora tinha feito uma amizade, porque questões políticas, ideológicas, lá de 2018, então a gente se alinhou nesse sentido e a diretora fez a piada, depois a assessora foi corrigir ela, eu levantei na hora assim, nem sei o que era, se era piada, se era comentário, e depois a diretora me chamou, pediu desculpa, falou que não era nada diretamente para mim, que eu era um exemplo de professora...mas aí eu aproveitei pra...querendo ou não, a gente tem que sempre ensinar os outros a lidar com essas situações, não é simplesmente pedir desculpa, e a muitas vezes eu vejo que pessoas da nossa comunidade não querem ajudar a educar o outro nesse sentido, a gente prega por respeito, mas a gente também não ensina o nosso limite, como se retratar nessa situação e aí eu acabei relatando para ela como que ela deveria ter falado, porque é que o comentário dela foi errado, infelizmente eu não lembro o que que era aquele conteúdo, mas eu sei que naquele momento, eu fiquei muito raivosa, levantei e saí, não falei nada e daí depois que eu conversei com ela eu chorei, porque não era diretamente para mim, esse é que é o meu diferencial, não sofri diretamente, mas a dor, não sei se é igual, não tive essa experiência, mas dói muito, eu acredito que seja maior ainda.

E - Acho que é muito pela coisa da identificação, não é direcionada para você, mas você se identifica com quem ela direcionou, então acaba sendo para você.

R - Exato. E se eu não me engano, era sobre outro professor que era gay, ela fez algum comentário que bateu nessa questão. Mas até hoje eu sou amiga dessa diretora, ela tem outros posicionamentos agora, depois de tudo que aconteceu, ela acabou observando que o lado que ela estava, a causa que ela estava lutando, não era a certa, entre aspas.

E - E você já até comentou, mas eu queria que se tiver alguma outra oportunidade de tu explicar um pouco mais em relação a identificação, algum comentário que algum aluno chegou para você e falou: “nossa professora, como é bom ter você como professores”.

R - Muitos, muitos, muitos. É o que mais...dia que é dia do professor, os antigos alunos, é batata, é um LGBTQIAP+ que vem falar que é que reconhece a gente, em sala de aula, alguns assim que chamam para desabafar em relação a isso, eu acho que é o que mais pega, porque querendo ou não, quando a gente está corrigindo eles em sala de aula, isso também vai vai gerando essa identificação. Um aluno que estava sofrendo homofobia veio falar comigo, como que podia resolver, porque ele queria sair da sala e eu falei, eu orientei, que quando você sai, você também não está dando a oportunidade deles reconhecerem esse erro, também é uma violência contra você, então foi ponderando os dois lados, ele acabou permanecendo na sala por um tempo, depois mudou de turno, mas já foi uma identificação, alunas...já ganhei bolsa de estudo por conta de uma aluna que passou no vestibular lá em primeiro e podia presentear um professor, acabou me dando uma bolsa, também é uma aluna LGBT, então, querendo ou não, a gente atrai a identificação, eu acho que isso é uma das coisas mais positivas, tento sempre pensar, ser muitas vezes a pessoa que na nossa geração a gente não teve como se identificar com esses professores, não abertamente, porque assim, se um aluno pergunta, eu não vou gaguejar, não vou omitir, não vou, vivo com chave da bandeira LGBT, pô, camisa xadrez, teve até uma situação essa semana que lá onde eu trabalho tem escola do campo, aí tava lá na horta com as alunas, aí uns anos antes, a Ana joga bola, e eu tinha acompanhado ela no treino e tinha as alunas ali que treinavam junto com ela, daí veio essa aluna ali e fala: “professora, eu acho que eu já te conheço de algum lugar”, eu já lembrava delas, mas eu fiz a egípcia e aí uma hora uma outra pergunta: “professora, como que é o nome do seu noivo?” aí eu falei: “Ana” normal, assim

como eualaria pra uma pessoa que não fosse meu aluno, e aí: “Ah, eu lembrei, professora, você não veio assistir ela tal dia?” ok e daí uma outra que estava junto: “professora, eu ia fazer um comentário, mas eu acho que você vai tirar nota de mim se eu fizer esse comentário” aí eu: “não, fala aí” e ela: “Ah, eu sempre suspeitei, desde que eu te vi, eu suspeitei” aí eu falei: “olha, eu ficaria ofendida se você achasse o contrário”, aí elas também deram risada e rolou uma identificação, porque querendo ou não, a gente tem o nosso gaydar, eu acho muito problemático você definir se um aluno é gay ou não, mas querendo ou não, a forma que a gente se expressa é diferente, tem muitos ali que a gente...e uma delas eu acho que rolou essa identificação, e para eles é diferente, porque como eu falei, uma escola do interior, quando eu falei já na reunião dos professores ali no começo do ano, porque eu peguei já na primeira chamada, aí perguntavam onde que eu morava, daí eu falei o nome do meu sogro, e daí ela ficava assim pensando “qual das filhas será que é”, porque a Ana tem uma outra irmã e as duas ali tem trejeito sapatônicos, mas a outra é hétera, eu falei: “é a Ana”, aí elas: “Ah, uma família muito boa”. Como a Ana trabalha no posto de saúde, elas têm contato direto, querendo ou não, aí depois elas vieram e falaram: “nossa, a Ana era uma ótima aluna”, então, querendo ou não, acho que já veio...como ela tinha uma imagem positiva, acabou passando e foi bem tranquilo, porque ela, pelo que me conta também era das primeiras gerações a se assumir nesse local.

E - Por ser realmente uma região mais do interior.

R - É bem do interior. Eu estou falando 45 km de Rio Negrinho, sabe? Rio Negrinho já é uma cidade com uns 40 mil habitantes, interior do interior.

E - Sim, é realmente. Mas é bom que tenha sido uma relação positiva. De início positivo e as coisas têm a tendência a melhorar.

R - É, eu acredito, porque também são 7 anos que eu frequento ali, final de semana, feriado. No começo, a vizinha dela, meu Deus, endoidou, achava um absurdo os pais da Ana me aceitarem, eles são mais idosos, bem idosos, na verdade, tanto é que a gente optou por que a Ana é a filha mais nova, então o pai dela convidou a gente para morar ali com eles, para ficar com eles, e aí acabou acontecendo, mas os vizinhos no primeiro momento, foi nossa...

E - E em relação a tua identidade, a forma como você se posiciona, a tua sexualidade, isso tem algum impacto na tua prática docente?

R - Tem bastante, eu acho que a nossa visão de mundo, a seleção dos conteúdos e a corrente historiográfica que a gente apresenta, então é aquela...sempre nessas primeiras semanas de aula eu tenho que reforçar para os alunos que a história não é uma decoreba, que não é decorar nomes de pessoas, datas e sim, é um contexto, uma interpretação de mundo, de vida, eu deixo isso bem claro para eles e querendo ou não, essa reformulação do ensino médio, ela quebrou com essa linearidade da história, trouxe os conceitos para serem trabalhados, então nesse primeiro momento trabalhando esses conceitos, a gente já coloca a nossa visão, a nova revisão da história, sem ser positivista e tudo mais, trazendo mais para a parte crítica, isso influencia totalmente e eles observam isso, porque eu costumo trabalhar muito com música, com filme, então analisar esses tópicos com eles, eu acredito que foi uma ruptura muito grande, porque o professor que eles tinham era um professor que se aposentou e estava há anos ali, naquela história que a gente...

E - Positivismo, tradicional...

R - Tradicional, livro didático, leitura atrás de leitura, eles sentiram bastante a diferença, é uma turma do terceiro ano até falou: “nossa professora, você deve estar achando a gente muito devagar, mas aqui a gente nunca foi acostumado a estudar história desse jeito” e foram duas perguntas dissertativas que eu dei pra eles sabe? E eles não sabiam nem como por onde começar a escrever a resolução da questão e foi, acredito que isso influencia muito, muito, muito, até porque eu não tem como a gente trabalhar o revisionismo da história, e muitos acabam trabalhando ainda.

E - Sim, com certeza. Você mencionou que tem alguns alunos que despertam ali no teu olhar, que apitam assim, e qual é a sensação de reconhecer essas crianças e identificá-los em uma sala de aula?

R - Hoje eu vejo eles muito mais abertos, falando e se posicionando e deixando claro quem eles são ou quem eles estão se descobrindo, e eu vejo assim, nossa, eles têm uma diferença muito grande de quando eu estava no lugar deles, a gente tinha que se reprimir muito mais, e eles já não, eles já vêm com uma outra visão, muito críticos, extremamente, são as crianças mais críticas que têm, crianças e adolescentes, eu acho que essa é uma coisa que o mundo exige de nós, esse olhar que a gente tem e eu noto isso muito neles, nas minhas aulas eles são os mais participativos, eles são os mais comunicativos e o que estão ali realmente querendo fazer alguma coisa, e eu me sinto até feliz de ser essa referência muitas vezes, muitos já procuraram, como ano passado eu estava numa escola que eu já estava

há dois anos, então tinha uma maior identificação, um maior vínculo ali com eles, até quem não é LGBT tinha esse vínculo de poder conversar, ser também quem a gente não teve, eu acho que isso é um ponto bem marcante da minha docência. Esse ponto de referência, até porque a gente tem que carregar vários estereótipos, vários, vários, vários estereótipos e eu tenho que ser o mais reta nesse quesito de não deixar um planejamento atrasado, de não dar um ponto fora da curva, para não ter nada a ser levantado contra a minha integridade de docente. E é uma preocupação exagerada que a gente tem, porque quem é hétero não tem... muitas questões que às vezes a gente fala em sala de aula eu penso “meu, será que eu não falei demais? Será que amanhã eu vou chegar na escola vai dar um b.o?” nunca dá, mas aquela ansiedade, a gente sempre espera o pior, quer ver quando estava trabalhando idade média com sétimos anos, quando entra a questão de liberdade da mulher e aí mostra, sei lá, uma imagem de uma tortura, de uma bruxa sempre queimada, alguma coisa, uma mulher sendo queimada, a gente entra nas discussões, esse assunto sempre me pega, em relação “será que eu não falei demais” ou quando sou bem efusivo também nesse quesito, puxei no meu pai, sobre a ditadura militar, aí como é terceiro ano, ele já carrega... terceiro e nono ano, já carregam algumas falas, algumas visões de mundo, sempre espero pior, mas até então nunca deu.

E - Certo. Encaminhando mais agora para o final, quero saber na tua perspectiva, você se considera uma boa professora?

R - Eu tento sempre estar uma boa professora, eu prezo muito pela autocrítica, tem vezes que eu saio da sala, meio da sala que foi...descarta, apaga, vamos refazer de novo, eu me considero uma pessoa muito dedicada, se isso me faz ser uma boa professora, talvez sim, dedicada eu acho que é melhor do que boa.

E - E quais são as perspectivas que você enxerga para o LGBT no geral, assim na cidade?

R - Em questão de Rio Negrinho eu não tenho muito o que falar, porque agora que eu estou tendo a rotina de viver ali, mas posso falar por Jaraguá, eu vejo uma perspectiva muito boa, tem uma organização ali de movimentos LGBTQIAP+, umas reuniões semanais, acredito ter duas candidatas do meio, uma mulher trans e uma mulher lésbica, que vão se candidatar para a câmara de vereadores da cidade, então, para mim é uma perspectiva muito boa, a gente está ocupando mais, ano passado teve a parada LGBT ali na cidade, na via verde, reuniu muita gente, muitos alunos que eu reconheci e que depois voltando para a escola, depois daquele

período também rolou a identificação, eu acredito ser muito positiva ali em Jaraguá, por mais de ser uma cidade extremamente conservadora, muito, muito conservadora, só que felizmente, nenhum momento eu vi esse conservadorismo atingindo nesse campo da população LGBTQIAP+, eu não vejo assim, até porque a gente tem muitas pessoas do meio que são vinculadas à direita dentro da cidade, então é a democracia, esse jogo que se faz, é o conservadorismo se aplica em outros pontos, eu acho.

E - Justo. E para a gente finalizar, o que que você achou de contar a tua história? Como é que foi essa experiência?

R - Achei bem legal, achei bem importante, até porque a gente é uma pauta muito invisibilizada dentro da sigla, eu vejo que nós somos...vejo a pauta trans despontando, o que é fundamental, a pauta queer, também, mas nós lésbicas, a gente está sempre na base dessa pirâmide de discussão, a gente vê muito sobre a população gay, que durante muito tempo ficou como o centro das discussões, só que nós lésbicas ainda...eu acho que até quando a gente fala a palavra lésbica, eu adoro falar a palavra lésbica, eu sou eu lésbocentrei muito cedo, para mim eu me orgulho em falar lésbica, em falar sapatão e tudo mais. Só que quando as pessoas ouvem isso, elas esperam que você amenize aquilo que você é, uma parte de você ali, então eu não, quando a pessoa me pergunta, eu não faço rodeios sem falar que eu sou lésbica, não, eu sou uma mulher lésbica. E a gente precisa visibilizar isso e eu conheço poucas professoras lésbicas atuando, tenho contato com poucas, das outras áreas pouquíssimas, pouquíssimas, mais da história mesmo, as outras áreas eu vejo poucas pessoas.

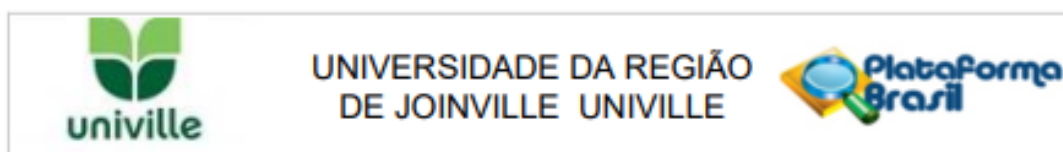
E - Muito bem, quer falar mais alguma coisa que fique registrado? Depois ainda quero conversar um pouquinho, mas fora das gravações.

R- Não, acho que está certo.

E - Fechou.

(A gravação é encerrada pela entrevistadora após o consentimento da entrevistada. Após esse momento, há uma conversa entre a pesquisadora e a participante, onde agradecimentos pela participação são feitos e há um compartilhamento de experiências relacionadas à sala de aula. Por fim, a pesquisadora indica que entrará em contato em breve com alguns resultados da pesquisa.)

ANEXO 1 - Parecer Consubstanciado nº 6.177.090 do Comitê de Ética em Pesquisa:



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: "Uma professora como eu": narrativas sáficas em salas de aula como patrimônio (em) comum.

Pesquisador: BIANCA BEATRIZ LOURENCO MELATTO

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 69968623.5.0000.5366

Instituição Proponente: FUNDAÇÃO EDUCACIONAL DA REGIÃO DE JOINVILLE

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.177.090

Apresentação do Projeto:

Conforme exposto no parecer substanciado nº 6.132.992, de 21/06/2023.

Objetivo da Pesquisa:

Conforme exposto no parecer substanciado nº 6.132.992, de 21/06/2023.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Conforme exposto no parecer substanciado nº 6.132.992, de 21/06/2023.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Conforme exposto no parecer substanciado nº 6.132.992, de 21/06/2023, no entanto, como resposta à pendência, na metodologia, a pesquisadora informou que a pesquisa será realizada na cidade de Joinville-SC.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Conforme exposto no parecer substanciado nº 6.132.992, de 21/06/2023, porém, a pesquisadora reenviou o TCLE com as modificações solicitadas. E, por fim, a folha de rosto inserida está completa.

Recomendações:

Ao finalizar a pesquisa, o (a) pesquisador (a) responsável deve enviar ao Comitê de Ética, por meio do sistema Plataforma Brasil, o Relatório Final (modelo de documento na página do CEP no site da Univille Universidade).

Endereço: Rua Paulo Malschitzki, nº 10. Bloco B, Sala 119. Campus Bom Retiro

Bairro: Zona Industrial

CEP: 89.219-710

UF: SC

Município: JOINVILLE

Telefone: (47)3461-9235

E-mail: comitetica@univille.br



UNIVERSIDADE DA REGIÃO
DE JOINVILLE UNIVILLE



Continuação do Parecer: 6.177.090

Segundo a Resolução 466/12, no item

XI- DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL

XI.2 - Cabe ao pesquisador:

d) Elaborar e apresentar o relatório final;

Modelo de relatório para download na página do CEP no site da Univille Universidade.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O projeto "Uma professora como eu": narrativas sáficas em salas de aula como patrimônio (em) comum.", de CAAE "69968623.5.0000.5366" teve sua(s) pendência(s) esclarecida(s) pelo(a) pesquisador(a) "BIANCA BEATRIZ LOURENCO MELATTO", de acordo com a Resolução CNS 466/12 e complementares, portanto, encontra-se APROVADO.

Informamos que após leitura do parecer, é imprescindível a leitura do item "O Parecer do CEP" na página do Comitê no site da Univille, pois os procedimentos seguintes, no que se refere ao enquadramento do protocolo, estão disponíveis na página. Segue o link de acesso <http://www.univille.edu.br/pt-BR/a-univille/proreitorias/prppg/setores/area-pesquisa/comite-etica-pesquisa/status-parecer/645062>

Considerações Finais a critério do CEP:

Diante do exposto, o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade da Região de Joinville - Univille, de acordo com as atribuições definidas na Res. CNS 466/12, manifesta-se pela aprovação do projeto de pesquisa proposto.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2141996.pdf	03/07/2023 19:32:26		Aceito
Outros	Carta_resposta_Bianca_2023.docx	03/07/2023 19:30:38	BIANCA BEATRIZ LOURENCO MELATTO	Aceito
Outros	Carta_resposta_Bianca_2023.pdf	03/07/2023	BIANCA BEATRIZ	Aceito

Endereço: Rua Paulo Malschitzki, nº 10. Bloco B, Sala 119. Campus Bom Retiro
Bairro: Zona Industrial **CEP:** 89.219-710
UF: SC **Município:** JOINVILLE
Telefone: (47)3461-9235 **E-mail:** comitetica@univille.br



UNIVERSIDADE DA REGIÃO
DE JOINVILLE UNIVILLE



Continuação do Parecer: 6.177.090

Outros	Carta_resposta_Bianca_2023.pdf	19:29:28	LOURENCO MELATTO	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoComiteBiancacorrigido.pdf	03/07/2023 19:23:01	BIANCA BEATRIZ LOURENCO MELATTO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLECORRIGIDOBIANCA.pdf	03/07/2023 19:17:19	BIANCA BEATRIZ LOURENCO MELATTO	Aceito
Folha de Rosto	folhaderostocorrigidabianca.pdf	03/07/2023 19:13:19	BIANCA BEATRIZ LOURENCO MELATTO	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

JOINVILLE, 12 de Julho de 2023

Assinado por:

Marcia Luciane Lange Silveira
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Paulo Malschitzki, n° 10. Bloco B, Sala 119. Campus Bom Retiro

Bairro: Zona Industrial

CEP: 89.219-710

UF: SC

Município: JOINVILLE

Telefone: (47)3461-9235

E-mail: comitetica@univille.br

ANEXO 2 - Termo de Autorização para Publicação de Teses e Dissertações:**Termo de Autorização para Publicação de Teses e Dissertações**

Na qualidade de titular dos direitos de autor da publicação, autorizo a Universidade da Região de Joinville (UNIVILLE) a disponibilizar em ambiente digital institucional, Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/IBICT) e/ou outras bases de dados científicas, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o texto integral da obra abaixo citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data: 16/09/2024.

1. Identificação do material bibliográfico: () Tese (X) Dissertação () Trabalho de Conclusão

2. Identificação da Tese ou Dissertação:

Autor: Bianca Beatriz Lourenço Melatto

Orientador: Raquel Alvarenga Sena Venera

Coorientador: Diego Finder Machado

Data de Defesa: 24/07/2024

Título: “Uma professora como eu”: narrativas sáficas em sala de aula como patrimônio cultural.

Instituição de Defesa: Univille - Joinville

3. Informação de acesso ao documento:

Pode ser liberado para publicação integral (X) Sim () Não

Havendo concordância com a publicação eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF da tese, dissertação ou relatório técnico.

Joinville, 16 de setembro de 2024

Assinatura do autor

Local/Data